ASSASSIN'S CREED®

IRMANDADE

OLIVER BOWDEN

Obras do autor publicadas pela Editora Record:

Série *Assassin's Creed:*
Renascença
Irmandade

OLIVER BOWDEN

ASSASSIN'S CREED

IRMANDADE

Tradução de
Edmo Suassuna

GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2012

Prólogo

Os eventos ocorridos nos incríveis quinze minutos anteriores — que poderiam ter sido quinze horas, ou até mesmo dias, de tão longos que pareceram — surgiram outra vez na mente de Ezio enquanto ele cambaleava, confuso, saindo da Câmara sob a Capela Sistina.

Embora a memória parecesse um sonho, Ezio se lembrou de ter visto nas profundezas da Câmara um enorme sarcófago, aparentemente feito de granito. Quando ele se aproximou, o sarcófago começou a brilhar, mas com uma luz convidativa.

Ele tocou a tampa, que se abriu como se fosse leve como uma pluma. De dentro veio uma luz amarela e cálida, e dali se ergueu uma figura cujas feições Ezio não conseguiu distinguir, embora soubesse que estava olhando para uma mulher. Sua estatura era anormal. Ela usava um capacete e trazia uma coruja no ombro direito.

A luz que a cercava o cegou.

— Saudações, profeta — disse ela, chamando-o pelo nome que tinha sido misteriosamente conferido a ele. — Tenho esperado por você há dez milhões de estações.

Ezio não se atreveu a olhá-la.

— Deixe-me ver a Maçã.

Humildemente Ezio a entregou.

— Ah. — A mão dela acariciou o ar sobre a Maçã, mas não a tocou. O objeto cintilava e pulsava. Os olhos da deusa atravessaram Ezio. — Precisamos conversar. — Ela inclinou a cabeça, como se estivesse refletindo sobre alguma coisa, e Ezio, levantando a dele, achou ter visto um traço de sorriso em seu rosto iridescente.

— Quem é você?

— Ah... tenho muitos nomes. Quando morri, era Minerva.

Ezio reconheceu o nome.

— Deusa da Sabedoria! A coruja em seu ombro. O capacete. É claro. — Ele curvou a cabeça.

— Nós já não existimos mais. Os deuses que seus antepassados adoraram, Juno, rainha dos deuses, e meu pai, Júpiter, o rei, que me trouxe à vida da própria testa. Eu era a filha, não de suas entranhas, mas de sua mente!

Ezio estava estupefato. Olhou para as estátuas alinhadas às paredes. Vênus. Mercúrio. Vulcano. Marte...

Houve um barulho como vidro se quebrando à distância ou como o som que uma estrela cadente faria: era a risada dela.

— Não, não deuses. Simplesmente viemos antes. Mesmo na época em que caminhávamos pelo mundo, a humanidade lutava para entender nossa existência. Éramos apenas mais avançados no tempo. — Ela fez uma pausa. — Mas, embora vocês talvez não nos compreendam, precisam compreender nosso aviso.

— Eu não entendo.

— Não se assuste. Desejo falar com você, mas também *por meio* de você. Você é o Escolhido deste tempo. O *Profeta*.

Ezio sentiu o calor de uma mãe envolver toda a sua exaustão.

Minerva ergueu os braços acima da cabeça e o teto da Câmara tornou-se o firmamento. O rosto cintilante assumiu uma expressão de infinita tristeza.

— Escute e veja.

Ezio mal podia suportar a memória: ele tinha visto a Terra inteira e os céus que a cercavam até a Via Láctea, a galáxia, e sua mente mal pôde compreender a visão. Ele viu um mundo, este mundo, destruído pelo Homem, e uma planície varrida pelo vento. Mas então ele viu pessoas — alquebradas, efêmeras, mas corajosas.

— Nós lhes demos o Éden — afirmou Minerva —, mas ele se tornou o inferno. O mundo ardeu até que nada restou além de cinzas. Mas nós os criamos à nossa própria imagem, e criamos vocês, não importa o que vocês fizeram, não importa quanta maldade cancerosa havia em vocês, por escolha, porque nós lhes demos escolha, para sobreviver! E nós reconstruímos tudo. Depois da devastação, reconstruímos o mundo e ele se tornou, depois de eras imensuráveis, o mundo que vocês conhecem e habitam. Nós nos empenhamos para que tal tragédia jamais voltasse a se repetir.

Ezio tornou a olhar o céu. Um horizonte. Nele, erguiam-se templos e formas, entalhes na pedra semelhantes a escrituras, bibliotecas cheias de pergaminhos, navios, cidades, música e dança. Viu silhuetas e formas de civilizações antigas que ele não conhecia, mas que reconheceu como sendo obras de seus semelhantes.

— Agora, porém, meu povo está morrendo — continuou Minerva. — E o tempo vai agir contra nós... A verdade será transformada em mito e lenda. Mas, Ezio, profeta e líder, embora você tenha a força física de um mero ser humano, sua vontade é como a nossa, e em você minhas palavras serão preservadas.

Ezio a olhava, em transe.

— Deixe também que minhas palavras tragam esperança — afirmou Minerva. — Mas você precisa agir rápido, pois o tempo é cada vez mais curto. Proteja-se contra os Borgia. Cuidado com a Cruz Templária.

A Câmara escureceu. Minerva e Ezio estavam sozinhos, banhados pelo brilho que se esvaía da luz cálida.

— Agora meu povo precisa deixar este mundo. Mas a Mensagem foi entregue. Depende de vocês agora. Não podemos fazer mais nada.

E então veio a escuridão e o silêncio, e a Câmara mais uma vez tornou-se uma sala subterrânea que não continha absolutamente nada.

E, ainda assim...

Ezio voltou a entrar na antecâmara, lançando um olhar para o corpo retorcido de Rodrigo Bórgia, o Espanhol, papa Alexandre VI, líder da facção dos Templários — ensanguentado em seus estertores finais. Ezio não conseguiu se convencer a dar o *coup de grâce*. O homem parecia estar morrendo por si mesmo. Pelo jeito, ele tinha se envenenado, sem dúvida com a mesma *cantarella*

que tinha dado a tantos de seus inimigos. Bem, deixe que ele encontre o próprio caminho para o Inferno. Ezio não lhe concederia a misericórdia de uma morte fácil.

Ele deixou para trás a escuridão da Capela Sistina e foi para a luz do sol. Ao chegar ao pórtico, Ezio viu que muitos de seus amigos e companheiros Assassinos — membros da Irmandade, ao lado de quem ele tinha vivido tantas aventuras e sobrevivido a tantos perigos — o aguardavam.

Parte Um

Não se pode definir como virtude a matança dos próprios concidadãos, a traição aos amigos e a demonstração de falta de lealdade, de piedade, de consciência e de ideal moral: essas práticas podem conquistar poder ao príncipe, nunca a glória.

— Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*

I

Ezio parou por um momento, atordoado e desorientado. Onde ele estava? Que lugar era aquele? Conforme lentamente recuperava os sentidos, viu seu tio Mario se separar do grupo de amigos Assassinos e se aproximar, tomando seu braço.

— Ezio, está tudo bem?

— Houve... houve uma luta... com o papa, com Rodrigo Bórgia. Eu o deixei morrendo.

Ezio tremia violentamente. Não conseguia se controlar. Teria sido real? Minutos antes — embora parecesse ter sido há uns cem anos — estivera envolvido em uma luta de vida e morte com o homem que mais odiava e temia, o líder dos Templários, a cruel organização empenhada em destruir o mundo que Ezio e os amigos da Irmandade dos Assassinos lutaram tão duramente para proteger.

Mas ele os tinha derrotado. Ezio tinha usado os grandes poderes da Maçã, um misterioso artefato, o sagrado Pedaço do Éden que lhe foi concedido pelos antigos deuses, para garantir que o investimento na humanidade não desaparecesse em meio ao derramamento de sangue e à iniquidade. E ele saiu vitorioso.

Ou não?

O que ele tinha dito? “Eu o deixei morrendo?” E, sem dúvida, Rodrigo Bórgia, o velho vilão que tinha conquistado o controle da Igreja e a governou

como papa, parecia de fato estar morrendo. Ele tinha tomado veneno.

Mas agora uma dúvida repugnante tinha se apoderado de Ezio. Ao demonstrar misericórdia, que residia no cerne do Credo dos Assassinos, e deveria, como ele sabia, ser concedida a todos, exceto àqueles cujas vidas colocariam em risco o resto da humanidade, teria sido ele, de fato, *fraco*?

Se fora, jamais demonstraria a própria dúvida, nem mesmo ao tio Mario, líder da Irmandade. Ele endireitou os ombros. Tinha deixado o velho morrendo por conta própria. Ezio o deixou com tempo suficiente para rezar. Não o tinha apunhalado no coração para se certificar de sua morte.

Um punho frio se fechou sobre o coração de Ezio enquanto uma voz clara disse em sua mente: *Você deveria tê-lo assassinado*.

Ezio se sacudiu para se livrar de seus demônios como um cachorro se livra da água depois de nadar. Mas seus pensamentos ainda se detinham na experiência mística que teve na estranha Câmara sob a Capela Sistina, no Vaticano. O prédio de onde ele tinha acabado de emergir, piscando sob a luz nada familiar do sol. Tudo ao seu redor parecia estranhamente calmo e normal. Os prédios do Vaticano estavam onde sempre estiveram, resplandecendo sob a luz brilhante. A memória de tudo que acabara de acontecer na Câmara voltou, e grandes ondas de recordações sobrecarregaram sua consciência. Tinha ocorrido uma visão, um encontro com uma estranha deusa — pois não havia outra forma de descrever a criatura —, que ele agora sabia se tratar de Minerva, a deusa romana da Sabedoria. Ela lhe mostrou tanto o passado distante quanto o futuro longínquo de tal modo que Ezio agora odiava a responsabilidade que o conhecimento recém-adquirido colocava em seus ombros.

E com quem ele poderia compartilhar esse conhecimento? Como poderia explicar *qualquer* parte daquilo? Tudo parecia tão irreal.

Só o que Ezio sabia com segurança após a experiência — ou melhor, provação — era que a luta ainda não tinha acabado. Talvez um dia houvesse o momento em que ele poderia voltar a Florença, sua cidade natal, e sossegar com seus livros, beber com os amigos no inverno e caçar com eles no outono, perseguir meninas na primavera e supervisionar as colheitas em suas propriedades no verão.

Mas esse dia não seria hoje.

No fundo do coração, Ezio sabia que os Templários e todo o mal que eles representavam ainda não estavam derrotados. Ao enfrentá-los, Ezio combatia um monstro com mais cabeças que a Hidra e, como aquela besta, que fora morta por ninguém menos que Hércules, podia ser tudo, menos imortal.

— Ezio!

A voz de seu tio soou severa, mas serviu para acordá-lo do devaneio que o dominara. Ele tinha de se recuperar e pensar com clareza.

Havia um incêndio furioso na cabeça de Ezio. Ele disse o próprio nome, para se assegurar de si mesmo. Eu sou Ezio Auditore, de Florença. Forte, um mestre das tradições dos Assassinos.

Ezio repassou os eventos: ele não sabia se tinha sonhado ou não. Os ensinamentos e as revelações da estranha deusa na Câmara tinham estremecido profundamente suas crenças e suposições. Era como se o próprio tempo tivesse sido posto de cabeça para baixo. Ao emergir da Capela Sistina, onde tinha deixado o maligno papa Alexandre VI *aparentemente* moribundo, Ezio semicerrou os olhos novamente diante da luz forte. Seus amigos Assassinos estavam ali reunidos, com os rostos sérios e marcados por uma feroz determinação.

O pensamento ainda o perseguia: *ele deveria ter matado Rodrigo — ter se assegurado de seu fim?* Ezio decidira não fazê-lo, e o homem parecera realmente determinado em tirar a própria vida, após fracassar na meta final.

Mas aquela voz cristalina ainda soava na mente de Ezio.

E mais: uma força surpreendente parecia atraí-lo de volta à capela — ele sentiu que havia alguma coisa incompleta.

Não Rodrigo. Não *apenas* Rodrigo. Embora Ezio fosse acabar com ele agora! Alguma *outra* coisa!

— O que houve? — indagou Mario.

— Preciso voltar — disse Ezio, percebendo novamente, com o estômago embrulhado, que o jogo *não* tinha acabado, e que a Maçã ainda não poderia deixar as suas mãos.

Assim que o pensamento o atingiu, Ezio foi tomado por um decisivo senso de urgência. Soltando-se dos braços protetores do tio, ele se apressou em voltar à escuridão. Mario, ordenando aos outros que ficassem onde estavam e se

mantivessem alertas, seguiu o sobrinho.

Ezio alcançou rapidamente o lugar onde tinha deixado o agonizante Rodrigo Bórgia, mas o homem não estava lá! Um manto papal ricamente decorado jazia em uma pilha no chão, manchado de sangue, mas seu dono tinha sumido. Novamente aquela mão, agora vestindo uma luva gélida de aço, se fechou sobre o coração de Ezio, parecendo esmagá-lo.

A passagem secreta para a Câmara estava, para todos os fins, fechada e quase invisível, mas quando Ezio se aproximou do ponto onde ele achava que ficava, ela se abriu suavemente com seu toque. Ele se virou para o tio e ficou surpreso ao ver o medo no rosto de Mario.

— O que há lá dentro? — perguntou o velho homem, esforçando-se para manter a voz firme.

— O Mistério — respondeu Ezio.

Deixando Mario na entrada da porta, ele seguiu pela passagem mal iluminada, esperando que não fosse tarde demais, e que Minerva tivesse previsto aquilo e o perdoasse. Com certeza Rodrigo não teria permissão para entrar ali. Mesmo assim, Ezio manteve preparada a lâmina oculta, que lhe fora legada pelo pai.

Dentro da Câmara, a grande figura *humana*, ainda que ao mesmo tempo de feições *sobre-humanas* — eram mesmo de uma estátua? —, segurava a cruz papal, também conhecida como Cajado.

Um dos Pedaços do Éden.

O Cajado estava aparentemente soldado à figura que o segurava, e, quando Ezio tentou soltá-lo, ela pareceu segurar com mais força e brilhar, assim como aconteceu com as inscrições rúnicas nas paredes da Câmara.

Ezio lembrara que, sem proteção, nenhuma mão humana deveria tocar a Maçã. As figuras então se viraram e afundaram no chão, deixando a Câmara completamente vazia, exceto pelo grande sarcófago e pelas estátuas que o cercavam.

Ezio deu um passo para trás, olhando rapidamente ao redor e hesitando antes de deixar aquele lugar. Ele sabia instintivamente que jamais voltaria ali. O que ele esperava? Que Minerva fosse se manifestar para ele novamente? Mas ela não

lhe dissera tudo que havia para dizer? Ou pelo menos tudo que seria seguro que ele soubesse? A Maçã lhe tinha sido confiada. Combinados à Maçã, os outros Pedaços do Éden teriam concedido a Rodrigo a supremacia que ele buscava, e Ezio compreendia, na plenitude de seus anos, que tamanho poder reunido seria perigoso demais nas mãos dos homens.

— Está tudo bem? — A voz de Mario, ainda extraordinariamente nervosa, flutuou até Ezio.

— Tudo bem — respondeu Ezio, voltando à luz com uma curiosa relutância.

Uma vez junto ao tio, Ezio lhe mostrou silenciosamente a Maçã.

— E o Cajado?

Ezio balançou a cabeça.

— Melhor que fique nos braços da Terra do que nas mãos dos homens — concluiu Mario, entendendo imediatamente. — Mas eu não preciso lhe dizer isso. Vamos lá! Não podemos nos demorar.

— Por que a pressa?

— Por tudo! Você acha que Rodrigo vai deixar que a gente simplesmente vá embora sem maiores problemas?

— Eu o deixei morrendo.

— Não é a mesma coisa que deixá-lo completamente morto, é? Vamos!

Então eles saíram da Câmara o mais rápido que puderam, e um vento frio pareceu segui-los.

2

— Onde estão os outros? — indagou Ezio, ainda espantado com as experiências recém-vividas enquanto cruzavam de volta a grande nave da Capela Sistina. Os Assassinos não estavam mais lá.

— Eu os dispensei. Paola voltou a Florença. Teodora e Antônio, a Veneza. Precisamos cobrir toda Itália. Os Templários estão enfraquecidos, mas não foram destruídos. Eles vão se reagrupar se nossa Irmandade dos Assassinos não for vigilante. Eternamente vigilante. O resto de nosso grupo partiu na frente e vai nos esperar no quartel-general em Monteriggioni.

— Eles estavam de guarda.

— De fato, estavam, mas perceberam que haviam cumprido o dever deles. Ezio, não há tempo a perder. Nós todos sabemos disso — afirmou Mario, com expressão séria.

— Eu deveria ter acabado com Rodrigo Bórgia.

— Ele feriu você na luta?

— Minha armadura me protegeu.

Mario deu um tapinha nas costas do sobrinho.

— Falei de modo muito precipitado agora há pouco. Acho que você fez bem ao decidir que não o mataria sem necessidade. Eu sempre aconselhei a moderação. Você achou que ele estava praticamente morto, e pela própria mão. Quem sabe? Talvez ele estivesse fingindo, ou de repente ele fracassou na hora de

se envenenar. De qualquer maneira, temos de lidar com a situação como ela é, e não desperdiçar energia ponderando aquilo que poderíamos ter feito. Afinal, nós mandamos você; um homem sozinho, contra um exército de Templários. Você fez mais do que a sua parte, Ezio. Temos de sair daqui. Temos trabalho a fazer, e a última coisa que precisamos é ser encurralados pelos guardas de Bórgia.

— Você não acreditaria nas coisas que eu vi, tio.

— Então me faça o favor de não morrer, para que eu possa ouvir sua história. Ouça: deixei alguns cavalos à espera um pouco depois da Praça São Pedro, fora do território do Vaticano. Quando chegarmos até eles, poderemos sair daqui em segurança.

— Os Bórgia vão tentar nos deter, imagino.

Mario abriu um grande sorriso.

— É claro que vão; e *eu* espero que os Bórgia lamentem a perda de muitos homens esta noite!

Na capela, Ezio e o tio se surpreenderam ao depararem com vários sacerdotes, que tinham voltado para terminar a missa interrompida pelo confronto de Ezio contra o papa, no qual os dois batalharam pelo controle dos Pedaços do Éden que tinham descoberto.

Os sacerdotes os interpelaram com raiva, cercando-os e bradando:

— *Che cosa fate qui*? O que estão fazendo aqui? — gritavam eles. — Vocês profanaram a santidade deste lugar sacro!

Outros acusavam:

— *Assassini*! Deus os fará pagar pelos seus crimes!

Enquanto Mario e Ezio empurravam e forçavam passagem pela multidão enfurecida, os sinos da basílica começaram a soar o alarme.

— Você condena aquilo que não entende! — disse Ezio a um sacerdote que tentava bloquear o caminho. A maciez do corpo do sujeito o repeliu, e ele o empurrou para o lado com o máximo de gentileza possível.

— Temos de ir, Ezio — urgiu Mario. — *Agora!*

— Ele é a voz do Demônio! — urrou outro sacerdote.

Ezio e Mario conseguiram alcançar o grande pátio da igreja. Lá eles foram confrontados por um mar de batinas vermelhas. Parecia que todo o Colégio de Cardeais estava ali reunido, confuso, mas ainda sob o domínio do papa

Alexandre VI, Rodrigo Bórgia, o capitão da Ordem dos Templários.

— Pois nós lutamos não contra carne e sangue — entoavam os cardeais. — Mas contra os principados, contra os poderes, contra os governantes das trevas deste mundo, contra a perversidade nos lugares altos. Portanto tomai a armadura completa de Deus e o escudo da Fé, com os quais podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno.

— O que houve com eles? — perguntou Ezio.

— Estão confusos. Buscam orientação — respondeu Mario, com severidade. — Vamos. Temos de sair antes que os guardas de Bórgia notem nossa presença. — Ele olhou de volta para o Vaticano. Armaduras cintilavam ao sol.

— Tarde demais. Lá vem eles. Depressa!

3

O mar vermelho formado pelas pomposas vestes dos cardeais se dividiu quando quatro guardas dos Bórgia abriram caminho, perseguindo Ezio e Mario. O pânico tomou conta da multidão assim que os cardeais começaram a gritar de medo e alarme, e Ezio e o tio se viram cercados por uma arena humana. Os cardeais, sem saber para onde fugir, tinham inadvertidamente formado uma barreira. Talvez a coragem deles tivesse sido reforçada de modo inconsciente pela chegada de guardas fortemente protegidos por couraças peitorais que reluziam ao sol. Os quatro guardas dos Bórgia desembainharam as espadas e entraram no círculo para enfrentar Ezio e Mario, que, por sua vez, empunhavam as próprias lâminas.

— Baixem as armas e rendam-se, Assassinos. Vocês estão cercados e em menor número! — gritou o líder, dando um passo à frente.

Antes que ele pudesse dizer mais uma palavra, Ezio saltou da postura defensiva, com a energia retornando ao corpo cansado. O líder dos guardas não teve tempo de reagir, pois não esperava que o oponente ousasse enfrentá-lo diante de chances tão inferiores. O braço de Ezio que mantinha a espada girou em um borrão, com a lâmina assoviando enquanto fendia o ar. O guarda tentou em vão aparar o golpe com a própria espada, mas Ezio se moveu rápido demais. A arma do Assassino atingiu o alvo com precisão infalível, abrindo um corte no pescoço exposto do adversário e lançando um filete largo de sangue. Os outros

três guardas ficaram parados, espantados com a velocidade do Assassino, três idiotas diante de um adversário tão habilidoso. Tal demora significou a morte para eles. A espada de Ezio mal tinha completado o primeiro arco letal quando ele ergueu a mão esquerda, fazendo o mecanismo da lâmina oculta clicar enquanto a arma mortífera surgiu da manga da camisa. Ela se cravou entre os olhos do segundo guarda antes que ele pudesse mover um músculo em defesa.

Enquanto isso, Mario, despercebido, deu dois passos para o lado, fechando o ângulo de ataque sobre os dois últimos guardas, cuja atenção estava fixada na demonstração de violência que se desenrolava diante deles. Mais dois passos e chegou perto o bastante para enfiar a espada por sob a couraça do guarda mais próximo, com a ponta penetrando de forma grotesca no torso do sujeito. O rosto do homem se contorceu em confusa agonia. O horror brilhou nos olhos do último guarda quando ele se virou para fugir — tarde demais. A lâmina de Ezio o golpeou no flanco direito enquanto a espada de Mario cortava sua coxa. O homem caiu de joelhos, gemendo, e Mario lhe deu um chute.

Os dois Assassinos olharam em volta. O sangue dos guardas se espalhava pelo chão pavimentado, manchando as bordas vermelhas das vestes dos cardeais.

— Vamos logo, antes que mais homens de Bórgia nos alcancem.

Eles brandiram as espadas para os cardeais aterrorizados, que fugiram rapidamente dos Assassinos, abrindo uma trilha que os levaria para fora do Vaticano. Ouviram cavalos se aproximando, certamente trazendo mais soldados. Os dois abriram caminho à força para sudeste, correndo o mais rápido possível pela praça, se afastando do Vaticano e indo na direção do Tibre. Os cavalos que Mario tinha preparado para a fuga estavam amarrados bem perto da Santa Sé. Mas primeiro tinham de se virar para enfrentar os guardas papais que os seguiam montados e se aproximavam rapidamente. O trovejar dos cascos ecoava nos paralelepípedos. Usando os alfanjes, Ezio e Mario conseguiram afastar os golpes de alabarda dos guardas.

Mario atingiu um guarda quando ele estava prestes a cravar a lança nas costas de Ezio.

— Nada mal para um velho — gritou Ezio, agradecido.

— Espero que você devolva o favor — respondeu Mario. — E pode deixar essa conversa de “velho” para lá!

— Eu não esqueci tudo que você me ensinou.

— Espero que não! Cuidado! — Ezio girou bem em tempo de cortar as pernas do cavalo de um guarda que chegou galopando e empunhando uma clava de aparência cruel.

— *Buona questa*! — gritou Mario. — Belo golpe!

Ezio saltou de lado, evitando mais dois perseguidores, e conseguiu derrubá-los das selas quando passaram, incapazes de parar a tempo. Mario, mais pesado e mais velho, preferiu ficar na posição que estava e golpear os inimigos antes de saltar. Mas, uma vez que alcançaram os limites da grande praça diante da catedral de São Pedro, os dois Assassinos rapidamente escalaram para a segurança dos telhados, subindo pelas paredes irregulares das casas, tão ágeis quanto lagartos, e então saíram correndo por cima das construções, saltando pelos vãos das ruas, que formavam verdadeiros canyons. Não era fácil, e Mario quase não conseguiu completar um dos saltos, sendo forçado a agarrar as calhas com os dedos quando um dos pulos foi curto demais. Muito ofegante, Ezio deu meia-volta para ajudar o tio a subir, puxando-o para cima bem quando as flechas das bestas disparadas pelos perseguidores zuniram inúteis em direção ao céu.

Porém avançavam muito mais rápido que os guardas, os quais, vestindo pesadas armaduras e desprovidos das habilidades dos Assassinos, tentavam em vão acompanhá-los correndo pelas ruas abaixo. Gradualmente, foram deixados para trás.

Mario e Ezio encerraram a fuga em um telhado com vista para uma pequena praça nos limites do Trastevere. Dois cavalos castanhos, grandes e bravios, estavam selados e prontos para partir, ao lado de uma estalagem de aparência humilde, em cuja placa se lia “A Raposa Adormecida”. Um corcunda vesgo com um bigodão vigiava os animais.

— Gianni! — sussurrou Mario.

O corcunda olhou para cima e imediatamente soltou as rédeas que amarravam os cavalos a um enorme anel de ferro na parede da estalagem. Mario logo pulou do telhado, aterrissando de cócoras, e em seguida saltou para a sela do cavalo maior e mais próximo. O animal relinchou e bateu o pé na terra, em uma tensa expectativa.

— Shh, Campione — disse Mario ao animal, e então se virou para o

parapeito onde Ezio ainda aguardava e gritou: —Vamos! O que está esperando?

— Só um minuto, *zio* — respondeu Ezio, virando-se para enfrentar dois guardas de Bórgia que tinham conseguido subir ao telhado com muito esforço e que agora apontavam pistolas engatilhadas de um tipo que Ezio, para sua surpresa, desconhecia. Onde diabos eles as tinham conseguido? Mas não havia tempo para perguntas. Ezio girou pelo ar contra eles, libertando a lâmina oculta e cortando elegantemente a jugular dos dois antes que pudessem atirar.

— Impressionante — comentou Mario, controlando o cavalo impaciente. — Agora mexa-se! *Cosa diavolo aspetti*?

Ezio se atirou do telhado e aterrissou perto do segundo cavalo, que estava sob o firme controle do corcunda, depois saltou do chão para a sela. O animal se empinou, agitado pelo súbito peso, mas Ezio o dominou imediatamente e o fez girar para seguir o tio, que já cavalgava veloz na direção do rio Tibre. Ao mesmo tempo, Gianni desapareceu estalagem adentro e um destacamento de cavalaria de Bórgia surgiu virando a esquina e avançando sobre a praça. Cravando os calcanhares no flanco do cavalo, Ezio disparou atrás do tio, e os dois avançaram em grande velocidade pelas ruas destruídas de Roma em direção ao rio lento e imundo. Às suas costas podiam ouvir os gritos dos guardas montados amaldiçoando os fugitivos, enquanto Mario e Ezio galopavam pelo labirinto de ruas antigas, lentamente deixando-os para trás.

Quando alcançaram a ilha Tiberina, cruzaram o rio por uma ponte instável que tremeu sob os cascos dos cavalos, e então deram meia-volta, seguindo para o norte pela rua principal. Esta levava para fora da cidadezinha esquálida que já fora a capital do mundo civilizado. Não pararam até irem longe e se assegurarem de que estavam fora do alcance dos perseguidores.

Perto do vilarejo de Settebagni, à sombra de um imenso olmo ao lado da estrada poeirenta que acompanhava o rio, frearam os cavalos e pararam para recuperar o fôlego.

— Essa foi por pouco, tio.

O velho deu de ombros e sorriu, um tanto dolorosamente. Do alforje, Mario tirou um odre de vinho tinto grosseiro e entregou-o ao sobrinho.

— Tome — falou, lentamente recuperando o fôlego. — Vai ser bom para você.

Ezio bebeu e fez uma careta.

— Onde arranjou isso?

— É o melhor que podem servir na Raposa Adormecida — respondeu Mario, com um largo sorriso. — Mas, quando estivermos de volta a Monteriggioni, você encontrará um melhor.

Ezio, sorrindo também, devolveu o odre ao tio. Mas então seu rosto assumiu uma expressão perturbada.

— O que o incomoda? — perguntou Mario, em tom mais gentil.

Lentamente, Ezio retirou a Maçã da bolsa onde a tinha guardado.

— Isto. O que eu vou fazer com isto?

Mario parecia sério.

— É uma responsabilidade bem pesada. Mas é uma que você terá que assumir sozinho.

— E como?

— O que o seu coração lhe diz?

— Ele me diz que eu deveria me livrar dela. Mas meu cérebro...

— Ela lhe foi confiada... por quaisquer que sejam os poderes que você encontrou na Câmara — disse Mario, solenemente. — Eles não a devolveriam aos mortais se não tivessem um propósito determinado para ela.

— Mas é um risco muito grande. Se ela cair nas mãos erradas de novo... — Ezio lançou um olhar preocupado para o rio moroso que fluía ali perto. Mario o observou com expectativa.

Ezio levantou a Maçã com a mão direita enluvada. Mas ainda assim hesitou. Ele sabia que não poderia jogar fora tamanho tesouro, e as palavras do tio o tinham convencido. Certamente Minerva não teria permitido que ele tivesse pegado a Maçã de volta sem motivo.

— A decisão deve ser apenas sua — afirmou Mario. — Mas, se você se sentir infeliz em ter a custódia dela agora, pode *me* entregar para que eu tome conta. Pode pegá-la de volta quando sua mente estiver mais calma.

Ezio ainda hesitava, mas então os dois ouviram, ao longe, o som forte dos cascos batendo no chão e o latido dos cães.

— Os bastardos não desistem fácil — disse Mario entre dentes cerrados. — Vamos, me dê o artefato.

Ezio suspirou, mas recolocou a Maçã na bolsa de couro e a jogou para Mario, que a guardou rapidamente no alforje da sela.

— E agora — disse Mario —, temos de obrigar esses pangarés a entrar no rio e fazê-los nadar até o outro lado. Isso fará os malditos cães perderem nosso rastro, e, mesmo que os guardas sejam inteligentes o suficiente para atravessar o Tibre também, vamos despistá-los naqueles bosques ali. Vamos. Já quero estar em Monteriggioni a esta hora amanhã.

— E com que disposição acha que vamos ter de cavalgar?

Mario cravou os calcanhares nos flancos do cavalo e o animal empinou, com espuma nos cantos da boca.

— Muita, muita mesmo — respondeu. — Porque, de agora em diante, não teremos de lidar apenas com Rodrigo. Os filhos estão com ele; Cesare e Lucrécia.

— E eles são...?

— As pessoas mais perigosas que você vai conhecer na vida.

4

Era a tarde do dia seguinte quando o vilarejo murado de Monteriggioni apareceu no horizonte sobre a colina, coroado pela *rocca* de Mario. Eles tinham viajado mais rápido do que esperavam e agora reduziam o passo para poupar os cavalos.

—... e então Minerva me falou do sol — continuou Ezio. — Ela me falou de um desastre que aconteceu há muito tempo e predisse que outro ainda estava por vir...

— Mas ainda vai demorar um bom tempo, *vero*? — retrucou Mario. — Então não precisamos nos preocupar com isso.

— *Si* — concordou Ezio. — Eu me pergunto quanto trabalho ainda teremos pela frente. — Fez uma pausa, reflexivo. — Talvez acabe em breve.

— E isso seria assim tão ruim?

Ezio estava a ponto de responder quando foi interrompido pelo som de uma explosão; um tiro de canhão, vindo da cidade. Ele sacou a espada, erguendo-se na sela para olhar o topo das muralhas.

— Não se preocupe — exclamou Mario, rindo animadamente. — São apenas exercícios. Melhoramos nosso arsenal e instalamos novos canhões no alto das muralhas. Temos sessões diárias de treinamento.

— Bom, espero que não estejam mirando em nós.

— Não se preocupe — repetiu Mario. — Admito que os homens ainda precisam melhorar a pontaria, mas são espertos o suficiente para não atirar no

chefe!

Pouco tempo depois, cavalgaram pelos portões principais da cidade e pela ampla rua principal, que levava à cidadela. Com a passagem deles, o povo se reuniu ao longo da rua, olhando para Ezio com uma mistura de respeito, admiração e afeto.

— Bem-vindo de volta, Ezio! — gritou uma mulher.

— *Grazie, madonna*. — Ezio sorriu de volta, inclinando a cabeça de leve.

— Três vivas para Ezio! — Soou a voz de uma criança.

— *Buon giorno, fratellino* — respondeu o Assassino. Virando-se para Mario, comentou: — Como é bom voltar para casa.

— Acho que eles estão mais felizes em ver você do que a mim — disse Mario, sorrindo enquanto falava. De fato, uma bela porção daquela euforia, especialmente da parte dos mais velhos, era para ele.

— Estou ansioso para ver a velha morada da família — comentou Ezio. — Já faz muito tempo.

— De fato, e há duas pessoas ansiosas para ver você também.

— Quem?

— Você não consegue adivinhar? Não pode ter ficado tão ocupado com os deveres para com a Irmandade.

— É claro, minha mãe e minha irmã! Como elas estão?

— Bem. Sua irmã ficou muito infeliz quando o marido dela morreu, mas o tempo cura quase tudo, e acho que ela está bem melhor agora. Na verdade, ela está bem ali.

Eles tinham chegado ao pátio da residência fortificada de Mario e, enquanto desciam dos cavalos, a irmã de Ezio, Claudia, apareceu no alto da escadaria de mármore que levava à entrada principal. Assim que os viu, ela desceu correndo e se atirou nos braços de Ezio.

— Irmão! — gritou ela, enquanto o abraçava. — Você voltar para casa é o melhor presente de aniversário que eu poderia ter desejado!

— Claudia, minha querida — respondeu Ezio, abraçando-a com força. — É bom estar de volta. Como vai nossa mãe?

— Bem, graças a Deus. Está louca para ver você. Anda ansiosíssima desde que recebemos notícia do seu retorno. E sua fama chegou antes mesmo de você!

— Vamos entrar — sugeriu Mario.

— Há mais alguém que ficará feliz em vê-lo — Claudia continuou, tomando o braço do irmão e o acompanhando escadaria acima. — A Condessa de Forlì.

— Caterina? Aqui? — Ezio tentou conter a empolgação na voz.

— Não sabíamos bem quando você chegaria. Ela e mamãe estão com a abadessa, mas estarão de volta ao pôr do sol.

— Negócios primeiro — interrompeu Mario, sabiamente. — Vou convocar uma reunião do Conselho da Irmandade aqui, hoje à noite. Eu sei que Maquiavel está especialmente interessado em falar com você.

— Está acabado, então? — perguntou Claudia, com o olhar fixo no irmão. — O Espanhol está morto mesmo?

A expressão nos olhos cinzentos de Ezio se endureceu.

— Explicarei tudo na reunião desta noite — respondeu ele.

— Muito bem — concordou Claudia, mas seus olhos pareceram perturbados quando ela saiu.

— E, por favor, transmita minhas saudações à condessa quando ela chegar — pediu Ezio. — Falarei com ela e com nossa mãe esta noite. Mas antes tenho assuntos a resolver com Mario que não podem esperar.

Assim que ficaram sozinhos, o tom de Mario ficou sério.

— Você precisa se preparar bem para esta noite, Ezio. Maquiavel chegará ao pôr do sol e sei que terá muitas perguntas a lhe fazer. Vamos debater as questões agora, e eu aconselho que você depois dê uma volta... Não fará mal se você der uma olhada em como anda a nossa cidade.

Depois de uma conversa muito séria com Mario no escritório dele, Ezio voltou a Monteriggioni. A questão do papa ter sobrevivido era um fardo muito pesado, e Ezio queria se distrair um pouco. Mario sugeriu que ele fosse ao alfaiate comprar novas roupas para substituir as que ele ainda usava, sujas da viagem. Foi, portanto, a primeira coisa que Ezio fez e, ao chegar, encontrou o alfaiate sentado de pernas cruzadas diante da bancada de trabalho, costurando uma capa brocada de um rico verde esmeralda.

Ezio gostava do alfaiate, um camarada de boa índole apenas um pouco mais velho do que ele. O alfaiate o cumprimentou calorosamente.

— A que devo a honra? — perguntou.

— Acho que estou precisando muito de roupas novas — respondeu Ezio, um tanto pesaroso. — Diga-me o que você acha, e seja sincero!

— Mesmo que não fosse meu trabalho vender roupas, *signore*, eu diria que um novo traje faria do senhor um novo homem.

— Pensei a mesma coisa! Ótimo!

— Vou medir o senhor agora, e então poderá escolher as cores que preferir.

Ezio se submeteu ao trabalho atento do alfaiate e escolheu um veludo cinza-escuro discreto para o gibão, com calças de lã combinando.

— Tem como ficarem prontas hoje à noite?

O alfaiate sorriu.

— Não se o *signore* quiser que fiquem bem-feitas. Mas podemos fazer uma prova mais ou menos amanhã ao meio-dia.

— Muito bem — concordou Ezio, torcendo para que não fosse decidido na reunião à noite que ele teria de deixar Monteriggioni naquele mesmo instante.

Ele estava atravessando a praça principal quando percebeu uma mulher atraente atrapalhada com uma grande caixa de flores vermelhas e amarelas, claramente pesada demais para que ela a levantasse. Naquela hora do dia, havia pouca gente por perto, e Ezio sempre teve dificuldades em resistir a uma dama em apuros.

— Eu posso lhe ajudar? — perguntou ele, se aproximando. Ela sorriu.

— Sim, você é bem o homem de que eu preciso. Meu jardineiro deveria ter buscado as flores para mim, mas a mulher dele está doente, então ele teve de voltar para casa. Como eu teria de passar por aqui de qualquer maneira, eu disse que as pegaria, mas a caixa é pesada demais para mim. Você acha que poderia...?

— É claro. — Ezio se abaixou e colocou a caixa sobre o ombro. — Tantas flores! Você é uma mulher de sorte.

— Ainda mais agora, que encontrei você.

Não restava dúvida de que ela estava flertando com ele.

— Você poderia ter pedido ao seu marido que a buscasse, ou a um dos seus empregados — comentou ele.

— Só tenho mais outra empregada, e ela é mais fraca do que eu — respondeu a mulher. — E marido eu não tenho.

— Entendo.

— Encomendei as flores para o aniversário de Claudia Auditore — disse a mulher, olhando para ele.

— Parece que será divertido.

— Com certeza. — Ela fez uma pausa. — De fato, se você quiser me ajudar mais um pouco, estou procurando alguém de classe para me acompanhar à festa.

— Você acha que eu tenho classe suficiente?

Ela estava ficando mais ousada.

— Sim! Ninguém mais nesta cidade anda com a mesma postura que você. Tenho certeza de que o irmão de Claudia, o próprio Ezio, ficaria impressionado.

Ezio sorriu.

— Você me lisonjeia. Mas o que você sabe sobre esse tal Ezio?

— Claudia, que é minha amiga íntima, acha que ele é o máximo. Mas ele raramente a visita e, pelo que eu percebi, é bem distante.

Ezio decidiu que era hora de abrir o jogo.

— É verdade... infelizmente, andei muito... distante.

A mulher ficou espantada.

— Ah, não! *Você* é Ezio! Não acredito. Claudia realmente disse que aguardavam por você. A festa era para ser uma surpresa para ela. Prometa que não lhe dirá nada.

— É melhor você me dizer o seu nome, afinal.

— Ah, é claro. Sou Angelina Ceresa. Agora prometa!

— E o que você fará para que eu me mantenha calado?

Ela o olhou com uma expressão maliciosa.

— Ah, tenho certeza de que posso pensar em várias coisas.

— Estou louco para ouvir quais seriam.

Chegaram à casa de Angelina, onde a empregada idosa abriu a porta. Ezio colocou a caixa de flores em um banco de pedra no pátio, então se virou para Angelina e sorriu.

— Agora você vai me contar?

— Mais tarde.

— E por que não agora?

— *Signore*, eu lhe garanto que a espera valerá a pena.

Mal sabiam eles que os eventos surpreenderiam ambos, e eles não se encontrariam de novo.

Ezio se despediu e, vendo que o dia estava terminando, partiu em direção à cidadela. Quando se aproximou dos estábulos, percebeu uma criança, uma menininha, vagando pelas ruas, aparentemente sozinha. Estava a ponto de falar com ela quando foi interrompido por gritos frenéticos e pelo trovejar dos cascos de um cavalo. Mais rápido do que um pensamento, Ezio agarrou a criança e a levou para a segurança de um umbral de porta. Ele agiu bem a tempo. Um poderoso cavalo de guerra virou a esquina galopando, completamente paramentado, mas sem cavaleiro. Em uma perseguição bem menos veloz, veio o mestre de estábulos de Mario, um senhor de idade chamado Federico, a quem Ezio reconheceu.

— *Torna qui, maledetto cavallo!* — gritou Federico, inutilmente, para o animal que sumiu adiante. Vendo Ezio, pediu:

— O senhor poderia me ajudar, por favor? É o corcel favorito do seu tio. Eu estava pronto para tirar a sela e tratar dele quando alguma coisa o assustou. Ele é muito nervoso.

— Não se preocupe, vou tentar trazê-lo de volta.

— Obrigado, obrigado. — Federico enxugou a testa. — Estou ficando velho demais para isso.

— Não se preocupe. Fique aqui e tome conta da criança. Acho que ela está perdida.

— Certamente.

Ezio saiu correndo atrás do cavalo, encontrando-o sem dificuldade. O animal tinha se acalmado e estava pastando o feno carregado em uma carroça parada. Ele se assustou um pouco quando Ezio se aproximou, mas então o reconheceu e não fugiu mais. O Assassino pousou a mão reconfortante no pescoço do animal e o acariciou de modo tranquilizador antes de pegar a rédea e guiá-lo de volta por onde tinham vindo.

No caminho, Ezio teve mais uma oportunidade de fazer uma boa ação. Encontrou uma jovem, frenética de ansiedade, que calhou de ser a mãe da menina perdida. Ezio explicou o que tinha acontecido, tomando o cuidado de minimizar o perigo que a menininha tinha realmente corrido. Quando ele contou

onde tinha deixado a menina, a mulher saiu correndo na frente, chamando o nome da filha — Sophia! Sophia! —, e então Ezio ouviu o grito em resposta — *Mamma*! Minutos depois ele se reuniu ao grupo e entregou as rédeas a Federico, que, agradecendo novamente, pediu-lhe que não contasse nada a Mario. Ezio prometeu silêncio, e Federico conduziu o cavalo de volta ao estábulo.

A mãe ainda o esperava, com a criança. Ezio se virou para elas e sorriu.

— Ela quer agradecer — informou a mãe.

— Obrigada — disse Sophia, obediente, olhando Ezio com um ar de espanto e temor.

— Fique sempre com a sua mãe — respondeu Ezio, gentil. — Não a deixe mais sozinha assim, *capisci?*

A garotinha concordou com a cabeça, em silêncio.

— Estaríamos todos perdidos sem o senhor e sua família tomando conta de nós, *signore* — afirmou a mãe.

— Fazemos o que está a nosso alcance — respondeu Ezio, mas seus pensamentos estavam perturbados quando entrou na cidadela. Mesmo que tivesse bastante segurança de que seria capaz de se defender, não estava empolgado com ter de encontrar Maquiavel.

Ainda restava algum tempo antes da reunião, e Ezio resolveu subir ao topo das muralhas para conferir os novos canhões, tanto para afastar os pensamentos sombrios sobre que rumo o encontro tomaria quanto para saciar a curiosidade natural. Mario estava muito orgulhoso com esses armamentos que tinha instalado. Havia vários, lindamente decorados em bronze, cada um com uma pilha organizada de balas ao lado da roda. Os canhões maiores tinham canos com três metros de comprimento, e Mario tinha dito que pesavam cerca de nove toneladas. Mas havia também peças menores, as colubrinas, mais fáceis de manusear, intercaladas com os maiores. Nas torres que pontilhavam as muralhas estavam os canhões conhecidos como sacres, montados em armações de ferro fundido, e falconetes leves em carrinhos de madeira.

Ezio se aproximou de um grupo de canhoneiros reunidos ao redor de um dos canhões maiores.

— Que belas feras — elogiou, passando a mão em um elaborado entalhe

decorativo que rodeava o furo do pavio.

— São belas, de fato, *messer* Ezio — disse o líder do grupo, um sargento durão de quem Ezio se recordava da primeira visita a Monteriggioni, quando era mais jovem.

— Ouvi vocês treinando mais cedo. Posso tentar disparar um destes?

— O senhor poderia, certamente, mas estávamos atirando com um dos canhões menores hoje cedo. Os grandalhões são novos em folha. Parece que não aprendemos a carregá-los ainda, e o mestre-armeiro que deveria instalá-los foi embora.

— Você colocou homens à procura dele?

— Sim, senhor, mas não tivemos sorte até agora.

— Eu vou dar uma olhada também. Afinal, essas coisas não estão aqui para enfeitar, e nunca se sabe quando vamos precisar delas.

Ezio prosseguiu, continuando o circuito das muralhas. Ele mal tinha andado vinte ou trinta metros quando ouviu um grunhido barulhento vindo de uma cabana de madeira que tinha sido construída no topo de uma das torres. Perto dela havia uma caixa de ferramentas, e quando o Assassino se aproximou, os grunhidos se tornaram roncos.

Estava escuro e quente dentro da cabana, e cheirava espantosamente a vinho rançoso. Conforme os olhos se acostumaram à penumbra, Ezio logo distinguiu a silhueta de um homem grande em mangas de camisa não muito limpas, esparramado em uma pilha de palha. Ezio cutucou o homem com o pé, mas conseguiu apenas fazer com que ele engasgasse, semiacordado, e então se virasse para a parede.

— *Salve, messere* — disse Ezio, sacudindo o homem de novo, com menos delicadeza dessa vez, usando o bico da bota.

O homem virou a cabeça para Ezio e abriu um dos olhos.

— O que foi, amigo?

— Precisamos que você instale os novos canhões nas muralhas.

— Hoje não, companheiro. Amanhã.

— Você está bêbado demais para fazer seu trabalho? Não acho que o capitão Mario ficará muito feliz se souber disso.

— Chega de trabalho por hoje.

— Mas nem está tão tarde. Você sabe que horas são?

— Não. Nem dou a mínima. Faço canhão, não relógio.

Ezio se agachou para conversar com o homem, que por sua vez tinha se sentado e agraciava Ezio com um vendaval de bafo forte de alho e vinho Montalcino barato, enquanto arrotava de forma abundante. Ezio se levantou.

— Precisamos dos canhões prontos para serem disparados, e precisamos disso agora — disse Ezio. — Você quer que eu encontre alguém mais capaz que você?

O homem se levantou rapidamente.

— Não tão rápido, amigo. Nenhum outro homem vai botar as mãos nas minhas armas. — Ele se apoiou em Ezio enquanto recuperava o fôlego. — Você não entende... alguns desses soldados não têm o menor respeito pela artilharia. Coisas modernas para esse bando, é claro, eu admito, mas, veja bem. Eles esperam que um canhão funcione como por mágica, simples assim! Como se não fizesse sentido tentar extrair o melhor desempenho das armas.

— Podemos conversar enquanto andamos? — perguntou Ezio. — O tempo não para e nos espera, sabe?

— Veja bem — continuou o mestre-armeiro. — Essas coisas que temos aqui são armamentos de primeira classe. Nada além do melhor para o capitão Mario, mas eles ainda são muito simples. Botei as mãos em um desenho francês para uma arma de mão. Eles a chamam de “matadora de ferro forjado”. Muito espertos. Pense bem: um canhão de mão. É o futuro, camarada.

Então eles alcançaram o grupo reunido em volta do canhão.

— Pode cancelar a busca — anunciou Ezio, animado. — Aqui está ele.

O sargento olhou o armeiro de cima a baixo.

— E ele dá conta do serviço?

— Posso estar com as roupas meio surradas e gastas — retorquiu o armeiro —, mas sou um homem de coração pacífico. Nestes tempos, preciso encorajar o guerreiro adormecido dentro de mim para permanecer vivo. Portanto, beber é o meu dever. — Ele empurrou o sargento para fora do caminho. — Vamos ver o que temos aqui...

Depois de examinar o canhão por alguns momentos, entretanto, ele se virou para os soldados.

— O que vocês andaram fazendo? Andaram mexendo neles, não é? Graças a Deus que não dispararam nenhum deles, poderiam ter matado todo mundo. Não estão prontos ainda. Temos de fazer uma boa limpeza nos canos primeiro.

— Talvez nós nem precisemos mais de canhões, com você por perto — comentou o sargento. — É só você baforar nos inimigos!

Mas o armeiro estava ocupado com uma vara de limpeza e chumaços de algodão áspero e oleoso. Depois que acabou, ele se levantou, ajeitando as costas doloridas.

— Pronto, está resolvido — anunciou, virando-se para Ezio e continuando. — Bote esses camaradas para carregar o canhão... pelo menos isso eles sabem fazer, Deus sabe que levaram uma eternidade para aprender... E então pode disparar. Olhe lá no morro. Montamos alguns alvos por lá, nivelados com o canhão. Comece mirando em algo na mesma altura, assim, se o canhão explodir, pelo menos não levará a sua cabeça junto.

— Parece bem seguro — disse Ezio.

— Pode tentar, *messere*. Aqui está o pavio.

Ezio tocou o pavio aceso no furo. Por um longo momento nada aconteceu, e então ele saltou para trás quando o canhão pulou e rugiu. Ao verificar os alvos, Ezio viu que a bala acertou um deles.

— Muito bem — cumprimentou o armeiro. — *Perfetto*! Pelo menos uma pessoa aqui sabe atirar, além de mim.

Ezio mandou os homens recarregarem e então disparou de novo. Mas dessa vez errou.

— Não se pode vencer todas — disse o armeiro. — Volte ao amanhecer. Vamos praticar de novo, e você terá uma chance de treinar sua mira.

— Eu voltarei — concordou Ezio, sem saber que ele só dispararia um canhão novamente em uma batalha de verdade.

5

Quando Ezio entrou no grande vão da cidadela de Mario, as sombras da noite já estavam se espalhando, e os servos acendiam tochas e velas para dispersar as trevas. O clima sombrio combinava com o humor cada vez mais soturno de Ezio, conforme a hora da reunião se aproximava.

Estava tão imerso nos próprios pensamentos que inicialmente não percebeu a pessoa parada perto da enorme lareira, a silhueta pequena, mas forte, reduzida pela proximidade das enormes cariátides que ladeavam a chaminé. Então levou um susto quando a mulher se aproximou, tocando-lhe o braço. Ezio imediatamente a reconheceu, e o semblante dele se suavizou em uma expressão de puro prazer.

— *Buona sera*, Ezio — disse ela. Um tanto mais tímida do que o normal, ele pensou.

— *Buona sera*, Caterina — respondeu ele, curvando-se para a condessa de Forlì. A antiga intimidade tinha ficado no passado, embora nenhum dos dois a tivesse esquecido. E, quando ela tocou o braço dele, os dois sentiram a química do momento, pensou Ezio. — Claudia me contou que você estava aqui, e eu estava ansioso para vê-la. Mas... — hesitou Ezio. — Monteriggioni é longe de Forlì e...

— Não fique você pensando que eu vim de tão longe só por sua causa — retrucou ela com um traço da antiga rispidez, mesmo que ele pudesse ver por seu

sorriso que ela não estava falando tão sério. Foi então que ele percebeu que ainda se sentia atraído por aquela mulher ferozmente independente e perigosa.

— Estou sempre disposto a servi-la, *madonna*, de qualquer maneira que eu possa — afirmou Ezio, com absoluta sinceridade.

— Algumas maneiras são mais difíceis do que outras — retrucou ela, com uma nota de dureza na voz.

— O que houve?

— Não é uma questão simples — continuou Caterina Sforza. — Vim em busca de uma aliança.

— Conte-me mais.

— Temo que o seu trabalho ainda não esteja encerrado, Ezio. Os exércitos papais estão marchando em Forlì. Meus domínios são pequenos, mas, felizmente, ou infelizmente para mim, ficam em uma área de extrema importância estratégica para quem os controlar.

— E você deseja minha ajuda?

— Minhas tropas sozinhas serão insuficientes. Seus *condottieri* seriam um grande reforço à minha causa.

— É um assunto que terei de discutir com Mario.

— Ele não vai recusar.

— Eu também não negaria uma proposta sua.

— Ao me ajudar, vocês não estariam apenas me fazendo uma boa ação, mas enfrentando as forças do mal contra as quais nós sempre estivemos unidos.

Enquanto eles falavam, Mario apareceu.

— Ezio, *contessa*, estamos reunidos e esperando por vocês — disse ele, com o rosto excepcionalmente sério.

— Vamos conversar mais sobre isso — assegurou Ezio. — Tenho de participar de uma reunião que meu tio convocou. Terei de me explicar, eu acho. Mas, depois, vamos marcar de nos vermos.

— A reunião também me diz respeito — disse Caterina. — Vamos entrar?

6

O aposento era muito familiar a Ezio. Ali, na parede interna agora exposta, as páginas do Grande Códex estavam ordenadas. A escrivaninha geralmente coberta por mapas estava limpa e, ao seu redor, sentados em rígidas cadeiras de espaldar reto, estavam os membros da Irmandade dos Assassinos que se reuniam em Monteriggioni, além dos membros da família Auditore que estavam inteirados da causa. Mario sentou atrás da escrivaninha, e em uma das pontas estava um homem reservado, vestido com cores escuras e de aparência ainda jovem apesar das profundas rugas de expressão marcadas na testa, alguém que tinha se tornado um dos associados mais próximos de Ezio, mas também um de seus críticos mais incansáveis: Nicolau Maquiavel. Os dois homens se cumprimentaram com um aceno discreto de cabeça enquanto Ezio ia falar com Claudia e com a mãe, Maria Auditore, matriarca da família desde a morte do pai. Maria abraçou com força o único filho sobrevivente, como se a própria vida dependesse disso. Então, a mãe fitou-o com olhos brilhantes depois que ele se afastou e se sentou ao lado de Caterina, diante de Maquiavel, que, por sua vez, se levantou, olhando de forma questionadora para o Assassino. Claramente, não haveria nenhum prólogo pouco direto à questão do momento.

— Primeiro, talvez eu lhe deva um pedido de desculpas — começou Maquiavel. — Eu não estava presente na Câmara, e assuntos urgentes me levaram a Florença antes que eu pudesse analisar corretamente o que se passou

lá dentro. Mario nos apresentou a versão dele, mas só a sua é completa.

Ezio se levantou e falou de modo simples e direto.

— Entrei no Vaticano e me deparei com Rodrigo Bórgia, papa Alexandre VI, e o confrontei. Ele possuía um dos Pedaços do Éden, o Cajado, e o usou contra mim. Consegui derrotá-lo e, usando os poderes combinados da Maçã e do Cajado, obtive acesso à Câmara Secreta, deixando-o do lado de fora. Ele estava desesperado e me implorou que eu o matasse, mas eu não o fiz. — Ezio fez uma pausa.

— E então, o que aconteceu? — perguntou Maquiavel, enquanto os outros observavam em silêncio.

— Dentro da Câmara havia muitas coisas estranhas, coisas com as quais nem podemos sonhar em nosso mundo. — Visivelmente comovido, Ezio se obrigou a continuar em tons neutros. — Uma visão da deusa Minerva surgiu diante de mim. Ela falou de uma terrível tragédia que recairia sobre a humanidade, em algum tempo futuro. Mas também falou de templos perdidos que podem, quando encontrados, nos levar a algum tipo de redenção e nos ajudar. Ela pareceu invocar um espectro, que tinha algum laço estreito comigo, mas que conexão seria essa, eu não sei dizer. Após o aviso e as previsões, ela sumiu. Saí e vi o papa agonizando, ou assim achei. Ele parecia ter tomado veneno. Depois algo me compeliu a voltar. Eu peguei a Maçã, mas o Cajado, que pode ter sido outro Pedaço do Éden, foi engolido pela terra. Estou feliz porque a Maçã, que entreguei à custódia de Mario, mesmo sozinha, já é mais do que eu gostaria de ter para ser responsável.

— Incrível! — gritou Caterina.

— Mal posso imaginar tais maravilhas — acrescentou Claudia.

— Então, a Câmara não continha a terrível arma que temíamos, ou, pelo menos, os Templários não ganharam o controle dela. Isso pelo menos é uma boa notícia — declarou Maquiavel, neutro.

— E quanto à deusa, Minerva? — indagou Claudia. — Ela lhe pareceu... como nós?

— A aparência dela era humana, e também sobre-humana — contou Ezio. — Suas palavras provaram que ela pertencia a uma raça muito mais antiga e grandiosa do que a nossa. O resto de seu povo morreu há muitos séculos. Ela

esteve esperando por aquele momento por um longo tempo. Eu queria ter palavras para descrever a magia que ela executou.

— E o que são esses templos que ela mencionou? — perguntou Mario.

— Eu não sei.

— Ela disse que deveríamos procurar por eles? Como saber o que procurar?

— Talvez devêssemos... Talvez a busca nos mostre o caminho.

— A busca tem de ser realizada — afirmou Maquiavel de forma sucinta. — Mas primeiro temos de abrir o caminho até ela. Fale-nos do papa. Você disse que ele não morreu?

— Quando eu voltei, a veste dele estava no chão da capela. Ele, no entanto, tinha desaparecido.

— E ele fez alguma promessa? Demonstrou arrependimento?

— Nem um nem outro. Estava determinado a conquistar o Poder. Quando viu que não iria alcançá-lo, desabou.

— E você o deixou morrendo.

— Não seria eu a matá-lo.

— Você deveria tê-lo feito.

— Não estou aqui para debater o passado. Tomei a decisão certa. Agora temos de discutir o futuro. O que teremos de fazer.

— O que teremos de fazer se tornou ainda mais urgente graças ao seu fracasso em eliminar o líder dos Templários quando teve a chance. — Maquiavel ofegou e então relaxou um pouco. — Muito bem, Ezio. Você sabe que todos nós o temos na mais alta estima. Não teríamos de maneira alguma chegado tão longe assim sem seus vinte anos de devoção à Irmandade dos Assassinos e ao nosso Credo. E uma parte de mim aplaude você por não ter matado quando considerou que seria desnecessário fazê-lo. Isso também está de acordo com nosso código de honra. Mas você cometeu um erro de julgamento, meu amigo, e isso significa que temos uma tarefa imediata e perigosa à nossa frente. — Ele fez uma pausa, examinando todos os presentes com olhos de águia. — Nossos espiões em Roma relatam que Rodrigo é, de fato, uma ameaça menor. Ele está pelo menos com o espírito um tanto abatido. Há um ditado que afirma que é menos perigoso lutar com a cria do leão do que com o velho leão moribundo. Mas, no caso de Bórgia, as posições foram trocadas. O filho de Rodrigo, Cesare, é o homem que vamos

enfrentar de agora em diante. Armado com a vasta fortuna que Bórgia reuniu por métodos justos ou imundos, na sua maioria imundos — Maquiavel se permitiu um sorriso irônico —, ele comanda um grande exército de tropas altamente treinadas e, com ele, aspira conquistar toda a Itália, a península inteira, e não pretende parar nas fronteiras do reino de Nápoles.

— Ele não ousaria... jamais conseguiria fazê-lo! — rugiu Mario.

— Cesare ousaria e conseguiria — repreendeu Maquiavel. — É malévolo até o fundo da alma, e é um Templário tão dedicado quanto o pai, o papa, jamais foi, mas é também um excelente e completamente impiedoso soldado. Sempre quis ser soldado, mesmo quando o pai fez dele o cardeal de Valência quando tinha apenas 17 anos. Mas também sabemos que ele renunciou ao cargo, o primeiro cardeal a fazê-lo em toda a história da Igreja. Os Bórgia tratam nossa terra e o Vaticano como se fossem seu feudo particular. Agora o plano de Cesare é esmagar o norte primeiro, para subjugar Romagna e isolar Veneza. Também pretende extirpar e destruir todos nós, os Assassinos restantes, já que Cesare sabe que, no fim, somos os únicos capazes de detê-lo. *Aut Cesar, aut Nihil*, esse é o lema dele, "ou você está comigo, ou está morto". E saibam que esse louco acredita mesmo nisso.

— Meu tio mencionou uma irmã — comentou Ezio.

Maquiavel se virou para ele.

— Sim, Lucrécia. Ela e Cesare são... como posso dizer? Muito próximos. Uma família muito unida; quando não estão ocupados matando os outros irmãos e irmãs, maridos e esposas que lhes forem inconvenientes, estão... copulando.

Maria Auditore não pôde conter um grito de repulsa.

— Temos de nos aproximar com todo o cuidado necessário para abordar um ninho de víboras — concluiu Maquiavel. — E Deus sabe onde e quando eles atacarão em seguida.

Ele fez uma pausa e bebeu meio copo de vinho.

— E agora, Mario, eu deixo vocês. Ezio, logo nos reencontraremos, tenho certeza.

— Você já está de partida?

— O tempo é essencial, bom Mario. Cavalgo para Roma esta noite. Adeus.

A sala ficou em silêncio após a partida de Maquiavel. Depois de uma longa

pausa, Ezio comentou, amargo:

— Ele me culpa por não ter matado Rodrigo quando tive a chance. — Ezio olhou em volta. — Todos vocês me culpam!

— Qualquer um de nós poderia ter tomado a mesma decisão que você — respondeu sua mãe. — Você tinha certeza de que ele estava morrendo.

Mario se aproximou e passou o braço sobre os ombros do sobrinho.

— Maquiavel reconhece o seu valor, todos nós reconhecemos. E mesmo com o papa fora do caminho, ainda assim teríamos de lidar com a cria dele...

— Mas, se eu tivesse cortado a cabeça, poderia o corpo ter sobrevivido?

— Temos de lidar com a situação real, meu bom Ezio, não com a situação que poderia ter sido. — Mario lhe deu uns tapas nas costas. — E, agora, teremos um dia bem movimentado amanhã. Sugiro que a gente vá jantar e se prepare para dormir cedo!

O olhar de Caterina se encontrou com o de Ezio. Ele teria imaginado, ou havia mesmo uma centelha do velho desejo ali? Ezio deu de ombros mentalmente. Talvez estivesse apenas imaginando.

7

Ezio comeu pouco, apenas *pollo ripieno* com legumes grelhados, e tomou o *chianti* misturado com água. Houve pouca conversa durante o jantar, e ele respondeu à sequência de perguntas da mãe de forma educada, mas lacônica. Depois de toda a tensão que se acumulou com a espera pela reunião, e que agora tinha se dissipado, Ezio estava muito cansado. Mal tivera chance de descansar desde que deixara Roma, e agora parecia que ainda levaria um bom tempo até que pudesse realizar a muito antiga ambição de passar algum tempo na velha casa de Florença, lendo e caminhando pelas colinas irregulares das cercanias.

Assim que pôde fazê-lo sem parecer rude, Ezio pediu licença a todos e partiu para o quarto, um aposento grande, silencioso e pouco iluminado em um dos andares superiores, com vista para o campo, em vez de para a cidade. Ao chegar lá e dispensar o servo, Ezio se permitiu abrir mão do jeito austero que sustentara durante o dia, e o próprio corpo se abateu, com ombros caídos e um andar mais suave. Seus movimentos se tornaram lentos e deliberados, atravessando o quarto até a banheira que tinha sido preparada pelo servo. Quando se aproximou, chutou as botas, despiu-se e parou por um momento, nu, com as roupas emboladas nas mãos, diante de um espelho de corpo inteiro que ficava ao lado da banheira de cobre. Ezio encarou o reflexo com olhos cansados. Onde tinham ido parar aquelas longas quatro décadas? Ele se endireitou. Estava mais velho, até mesmo mais forte, e certamente mais sábio, mas não podia negar a profunda

fadiga que sentia.

Ezio jogou as roupas na cama. Debaixo dela, em um baú de olmo trancado, estavam as armas secretas do códex que Leonardo da Vinci construíra para ele. Ezio iria verificar as armas bem cedo no dia seguinte, depois do conselho de guerra que tinha marcado com o tio. A lâmina oculta original jamais saía do braço dele, a não ser quando ficava nu, e então estava sempre ao alcance da mão. Ele sempre a usava, tinha se tornado parte do corpo.

Com um suspiro de alívio, Ezio entrou no banho. Imerso até o pescoço em água quente, inspirando o vapor suavemente perfumado, fechou os olhos e soltou um longo e lento suspiro de alívio. Paz, afinal. E era melhor ele aproveitar bem as poucas horas pacíficas que lhe seriam concedidas.

Ele cochilou e começou a sonhar quando o mais suave dos ruídos, a porta sendo aberta e fechada atrás da pesada tapeçaria, o fez acordar, alerta como um animal selvagem. Silenciosamente, a mão de Ezio buscou a lâmina e, com um gesto muito familiar, prendeu-a ao pulso. Depois, em um movimento leve, ele se levantou e ficou de pé na banheira, pronto para agir e olhando na direção da porta.

— Bem — disse Caterina, sorrindo ao se aproximar —, você certamente não diminuiu nem um pouco com o passar dos anos.

— Você leva vantagem sobre mim, *contessa* — sorria Ezio. — Você está completamente vestida.

— Espero que possamos fazer algo para mudar isso. Mas estou esperando.

— Esperando o quê?

— Que você me diga que não precisa mesmo ver pessoalmente. Que você me diga que, mesmo sem ver meu corpo nu, você tem certeza de que a natureza foi tão gentil comigo quanto foi com você, e talvez até mais. — Seu sorriso se abriu diante da confusão de Ezio. — Mas eu me lembro bem de que você nunca foi tão bom com elogios quanto era em livrar o mundo dos Templários.

— Venha cá!

Ezio a puxou para si, soltando o cinto da saia de Caterina enquanto os dedos dela primeiro voaram até a braçadeira da lâmina, soltando-a, e depois para os cordões do espartilho. Segundos depois, ela estava com ele na banheira, seus lábios colados e braços e pernas entrelaçados.

Eles não demoraram no banho, logo saíram e secaram-se um ao outro com as ásperas toalhas de linho deixadas pelo servo. Caterina tinha trazido um frasco de óleo de massagem perfumado e o tirou de um bolso do vestido.

— Agora, deite-se na cama — disse ela. — Quero garantir que você estará pronto para mim.

— Certamente você pode ver que eu estou.

— Então me satisfaça. E satisfaça a você.

Ezio sorriu. Aquilo era melhor do que o sono. O sono podia esperar.

O sono, Ezio descobriu, foi obrigado a esperar três horas, até que, finalmente, Caterina se enroscou em seus braços. Ela adormeceu antes dele, que ficou observando-a por um tempo. Sem dúvida a natureza tinha sido generosa com ela. O corpo esguio embora curvilíneo, com quadris estreitos, ombros largos e seios pequenos mas perfeitos, de fato ainda parecia aquele de uma jovem de 20 anos. Os cabelos ruivos finos e delicados que fizeram cócegas no peito de Ezio quando ela se deitou sobre ele ainda tinham aquele mesmo perfume que o enlouquecera há tantos anos. Uma ou duas vezes, no meio da madrugada, ele acordou e percebeu que ela tinha rolado para longe dele e, quando Ezio a trouxe de volta para seus braços, ela se aninhou com um pequeno suspiro de prazer e fechou a mão no antebraço dele, mas não acordou. Ezio se perguntou mais tarde se essa não tinha sido a melhor noite de amor da vida dele.

Eles dormiram até tarde, é claro, mas Ezio não estava interessado em dispensar mais momentos de amor em troca de treinos de canhão, mesmo que uma parte de sua mente o condenasse pela escolha. Enquanto isso, era possível ouvir ao longe os sons de marcha — homens barulhentos em ritmo acelerado — e gritos de ordens, seguidos do estrondo de um canhão.

— Prática de artilharia com os novos canhões — explicou Ezio, quando Caterina parou e o olhou com curiosidade. — Manobras. Mario é um capitão exigente.

As pesadas cortinas com grandes bordados cobriam as janelas e impediam que quase toda luz entrasse, e assim o quarto permanecia confortável na penumbra. Nenhum servo foi incomodá-los. Logo, os gemidos de prazer de Caterina abafaram qualquer outro ruído. As mãos de Ezio apertaram suas nádegas fortes, e ela o puxava com urgência para dentro de si, quando o ato de

amor foi interrompido por algo mais do que um simples rugido de canhão.

Subitamente, a paz e a suavidade do quarto foram interrompidas. As janelas explodiram com um poderoso rugido, levando parte da parede externa de pedra junto, no que uma enorme bala de canhão penetrou o quarto e pousou, incandescente, a centímetros da cama. O piso cedeu um pouco sob o peso do projétil.

Ezio tinha se jogado protetora e instintivamente sobre Caterina ao primeiro sinal de perigo e, naquele momento, os amantes se transformaram em colegas e profissionais. Afinal, se quisessem continuar sendo amantes, teriam de sobreviver primeiro.

Saltaram da cama, vestindo-se rapidamente. Ezio percebeu que, além do delicioso frasco de óleo, Caterina tinha escondido uma adaga muito útil, com fio serrilhado, debaixo das saias.

— Que droga é essa? — gritou Ezio.

— Vá e encontre Mario — disse Caterina, apressada.

Outra bala de canhão atingiu o quarto, estilhaçando as vigas acima da cama recentemente desocupada e quebrando-a em pedaços.

— Minhas tropas estão no pátio principal — disse Caterina. — Vou encontrá-las e contornar os fundos da cidadela para ver se conseguimos flanquear os invasores. Informe a Mario da minha decisão.

— Obrigado — disse Ezio. — Fique fora de vista.

— Pena que não tenho tempo para me trocar — disse ela, rindo. — Da próxima vez será melhor se marcarmos em um *albergo*, hein?

— Acho melhor garantirmos que *haverá* uma próxima vez — retrucou Ezio, rindo também, mas de forma tensa, enquanto afivelava o cinto com a espada.

— Pode apostar! *Arrivederci*! — gritou Caterina, correndo do quarto sem se esquecer de soprar um beijo para ele.

Ezio olhou para a cama arruinada. As armas do códex — a lâmina dupla, a lâmina envenenada e a pistola — estavam todas enterradas debaixo da cama, muito provavelmente destruídas. Pelo menos ele ainda tinha a lâmina oculta. Mesmo *in extremis*, Ezio jamais a esqueceria. A última herança do pai assassinado.

8

Ezio não fazia ideia de que horas eram, mas a experiência dizia a ele que os ataques geralmente começavam ao amanhecer, quando as vítimas ainda estavam confusas, esfregando o sono dos olhos. Ele teve sorte porque o treinamento que recebeu, mesmo já tendo alcançado seus 40 anos, tinha dado a ele a agilidade e a atenção de um gato selvagem.

Uma vez do lado de fora, sobre as ameias, ele esquadrinhou a paisagem ao redor. A cidade abaixo dele estava em chamas em muitos quarteirões. Ele viu a alfaiataria queimando, bem como a casa de Angelina. A pobre Claudia não teria mais uma festa de aniversário naquela noite.

Ezio se abaixou para escapar de outra bala de canhão que atingiu as muralhas. Pelo amor de Deus, o que eram as armas que os inimigos tinham trazido? Como conseguiam recarregar e atirar tão rápido? Quem estaria por trás disso?

Por entre a fumaça e a poeira, Ezio viu Mario se aproximando e se esquivando dos destroços de um prédio que caía. Ezio saltou das muralhas, aterrissando agachado, e correu até o tio.

— Tio! *Che diavolo...*?

Mario cuspiu.

— Eles nos pegaram de surpresa. São os Bórgia!

— *Fottere!*

— Subestimamos Cesare. Eles devem ter marchado para o leste durante a noite.

— O que devemos fazer?

— O mais importante é evacuar a cidade; levar os que ainda estão vivos. Temos de conter os invasores até que o povo esteja a salvo. Se tomarem a cidade com as pessoas ainda aqui dentro, matarão todos: para os Bórgia, os habitantes de Monteriggioni são Assassinos ou colaboradores dos Assassinos.

— Conheço a rota de fuga. Deixe comigo.

— Bom homem. Vou reunir os defensores e dar uma lição em nossos inimigos. — Mario fez uma pausa. — Bem, vamos enfrentar os invasores primeiro. Vá comandar os canhões nas muralhas.

— E você?

— Vou liderar um ataque frontal. Levar a batalha aos bastardos.

— Caterina vai tentar flanquear os Bórgia com as tropas dela.

— Ótimo, então teremos uma chance. Agora vamos!

— Espere!

— O que houve?

Ezio baixou o tom de voz.

— Onde está a Maçã? — Ezio não contou ao tio que as armas do códex tinham sido destruídas por um dos primeiros bombardeios. Intimamente, ele rezou para que, por algum milagre, cruzasse novamente o caminho de Leonardo, pois Ezio não duvidava que o mestre de todas as artes e ciências o ajudaria a reconstruí-las, caso fosse necessário. Enquanto isso, ele ainda tinha a lâmina oculta, e era um mestre no uso das armas convencionais.

— A Maçã está segura — garantiu Mario. — Agora vá. E se perceber que os Bórgia parecem estar a ponto de ultrapassar as muralhas, cuide da evacuação da cidade. Entendeu?

— *Si, zio mio*.

Mario pôs as mãos nos ombros do sobrinho e o fitou com seriedade por um longo momento.

— Nosso destino está apenas parcialmente em nossas mãos. Só podemos controlar as coisas até certo ponto. Mas nunca, *nunca* se esqueça disso, sobrinho: o que quer que aconteça hoje a você ou a mim, um pardal nunca perde uma pena

que não seja tocada pelo dedo de Deus.

— Eu entendo, *capitano*.

Houve um instante de silêncio entre os dois, e então Mario estendeu a mão.

— *Insieme per la vittoria!*

Ezio tomou a mão do tio e a apertou com força.

— *Insieme!*

Quando Mario se virou para ir, Ezio gritou:

— *Capitano*, tome cuidado!

Mario concordou com determinação.

— Farei o melhor que puder! E você, pegue meu melhor cavalo e vá para as muralhas externas o mais rápido possível! — Ele sacou a espada e, reunindo os homens com um grande grito de guerra, correu para enfrentar os inimigos.

Ezio observou brevemente o tio e depois correu para o estábulo, onde encontrou à espera o velho cavalariço cujo corcel em fuga Ezio tinha recuperado no dia anterior. O imenso cavalo castanho estava selado e pronto.

— *Maestro* Mario já tinha enviado ordens — explicou o velho. — Posso não ser mais um garoto, mas ninguém poderia me acusar de ser ineficiente. *Ma attenzione!* Esse cavalo é cheio de vontade!

— Eu o controlei ontem, ele me conhecerá hoje.

— É verdade. *Buona fortuna.* Todos nós dependemos de você!

Ezio saltou para a sela e guiou o cavalo ansioso na direção das muralhas externas.

Cavalgou pela já devastada cidade. O alfaiate jazia morto e mutilado diante da loja. Que mal ele fizera a alguém? E Angelina estava chorando diante da casa queimada, por que não mostrar piedade a ela?

Guerra. Era assim. Brutal e cruel. Malévola e infantil. Um nó se formou na garganta de Ezio.

Liberdade, misericórdia e amor. Essas eram as únicas coisas pelas quais valia a pena lutar e matar. E esses eram os principais elementos do Credo dos Assassinos. Da Irmandade.

Ao cavalgar, deparou-se com cenas terrivelmente desoladoras. Devastação e caos o cercavam enquanto o cavalo o levava pela cidade em chamas.

— Meus filhos! Onde estão meus filhos?! — berrava uma jovem mãe no

momento em que Ezio passava, sem ter qualquer ajuda.

— Junte o que puder e vamos dar o fora daqui! — gritou um homem.

— Merda, minha perna! O tiro me arrancou a perna! — urrava um cidadão.

— Como vamos escapar? — perguntavam muitas pessoas, correndo em pânico.

— Cadê minha mãe? *Mamma! Mamma!* — soou a voz de uma criança.

Ezio teve de endurecer o coração. Não poderia resgatar cada um, não havia tempo. Porém, se ele organizasse as defesas de modo apropriado, mais pessoas poderiam ser salvas.

— *Aiuto! Aiuto!* — gritou uma adolescente, cercada por soldados dos Bórgia à medida que a derrubavam.

Com raiva, Ezio seguiu em frente. Ele os mataria. Mataria a todos, se fosse possível. Quem era esse impiedoso Cesare Bórgia? Poderia ser pior que o papa? Poderia existir um Templário ainda mais cruel?

— Água! Água! Tragam água! — pedia um homem, desesperado. — Tudo está queimando!

— Onde você está, ah, Deus! Onde você está, Marcello? — rogou uma mulher.

Ezio continuou cavalgando, com a expressão séria. Mas os pedidos de socorro ainda ecoavam nos ouvidos.

— *Comè usciamo di qui?*

— Corram! Corram! — soaram vozes mais altas do que o som do bombardeio.

Havia gritos e soluços, pedidos desesperados por socorro e por um meio de fugir da cidade destroçada, conforme os cruéis soldados dos Bórgia disparavam uma salva atrás da outra.

Por favor, Deus, não permita que eles ultrapassem as muralhas antes que nossas próprias armas tenham sido postas em ação, pensou Ezio. E, por mais que ele pudesse ouvir as explosões provocadas pelos tiros dos sacres e falconetes contra os invasores, ainda não tinha escutado o rugido dos grandes canhões que tinha visto no dia anterior, os únicos capazes de esmagar as enormes torres de madeira que os soldados dos Bórgia empurravam em direção às muralhas da cidade.

Ezio atiçou o cavalo rampa acima até as muralhas, e saltou ao chegar ao local onde tinha deixado o armeiro bêbado junto ao canhão de três metros. Lá estava ele, completamente sóbrio dessa vez, mandando os artilheiros apontarem o canhão contra a torre que os invasores, altamente treinados, continuavam, lenta mas implacavelmente, a empurrar. Ezio podia ver que o topo da torre estava no mesmo nível das ameias no alto das muralhas.

— Malditos! — murmurou Ezio.

Mas como alguém poderia ter previsto a velocidade e — ele teria de admitir até para si mesmo— a perfeição estratégica do ataque?

— Fogo! — berrou o grisalho sargento veterano que estava no comando do primeiro grande canhão. A poderosa arma rufou e saltou para trás, mas a bala passou longe do alvo, arrancando apenas um pouco de madeira de um dos cantos do telhado da torre de cerco.

— Tentem acertar a maldita torre, seus imbecis! — gritou o sargento.

— Senhor, precisamos de mais munição!

— Então desça até o depósito, e ande logo com isso! Olhe! Eles estão atacando o portão!

O outro canhão urrou e cuspiu fogo. Ezio ficou feliz em ver um grupo de soldados inimigos sendo esmagados em um mar de sangue e ossos.

— Recarregar! — ordenou o sargento. — Disparem novamente ao meu comando.

— Esperem até que a torre esteja mais perto — instruiu Ezio. — Então, mirem na base. Isso fará a estrutura inteira desabar. Nossos besteiros acabarão com qualquer sobrevivente.

— Sim, senhor!

O armeiro se aproximou.

— Você aprende as táticas rapidamente — disse ele a Ezio.

— É instinto.

— Bons instintos valem mais do que cem homens no campo — retrucou o armeiro. — Mas você faltou ao treino desta manhã. Não há desculpa para isso!

— E quanto a você? — disse Ezio.

— Vamos lá. — O armeiro sorriu. — Temos outro destes cobrindo o flanco esquerdo, e o comandante da equipe de artilheiros deles morreu. Com uma

flecha de besta no meio da testa. Morto antes de cair no chão. Você assume o comando. Já estou ocupado demais aqui garantindo que nenhum desses canhões rache ou aqueça demais.

— Está bem.

— Mas preste muita atenção quando mirar. As tropas da sua namorada estão lá fora lutando contra os Bórgia. Não queremos que eles morram.

— Que namorada?

O armeiro piscou.

— Faça-me um favor, Ezio. Esta cidade é muito pequena.

Ezio foi até o segundo grande canhão. Um artilheiro passava uma esponja molhada no cano para resfriá-lo, enquanto outro soldado recarregava a arma, empurrando a pólvora e a bola de ferro de 25 quilos bocarra abaixo. Um terceiro homem preparava o pavio, acendendo as duas pontas para que não houvesse atrasos se uma delas apagasse na hora do disparo.

— Vamos lá! — disse Ezio ao alcançá-los.

— *Signore*!

Ezio examinou o campo além da muralha. A grama verde estava manchada de sangue, e os mortos jaziam por entre os ramalhetes de trigo. Ele podia ver o amarelo, preto e azul dos uniformes dos homens de Caterina intercalados com as túnicas em tons de amarelo e vermelho dos Bórgia, cujo emblema era um touro negro de cabeça baixa em um campo de milho dourado, servindo muito bem como alvo.

— Usem algumas das armas menores para derrubar os soldados. Mandem mirar no preto-e-dourado dos inimigos — ordenou Ezio. — E vamos apontar este canhão contra aquela torre ali. Está chegando perto demais, e temos de destruí-la!

Os artilheiros viraram o canhão e baixaram o cano para que mirasse na base da torre que se aproximava, agora a menos de 50 metros das muralhas.

Ezio estava ocupado orientando a mira quando um sacre próximo foi atingido. O canhonete explodiu, lançando bronze incandescente para todos os lados. O canhoneiro de Ezio, a centímetros dele, teve a cabeça e os ombros decepados pelos estilhaços. Os braços do sujeito caíram no chão, e os restos do corpo logo os seguiram, jorrando sangue como uma fonte. O cheiro pungente de

carne queimada encheu o nariz de Ezio quando ele saltou para tomar o lugar do canhoneiro.

— Mantenham a calma! — gritou ele para o resto da equipe. Ezio estreitou os olhos ao usar a mira do canhão. — Firme agora... e... *fogo*!

O canhão trovejou enquanto Ezio saltava para o lado e assistia ao impacto da bala contra a base da torre. Teria sido esse único tiro suficiente? A torre balançou forte, pareceu se endireitar, e então, por Deus!, desabou no solo, aparentemente em câmera lenta, jogando para campo aberto alguns dos homens que carregava e esmagando outros. Os gritos das mulas feridas que estiveram puxando a torre se somaram à cacofonia de pânico e morte presente em todas as batalhas. Ezio observou enquanto as tropas de Caterina logo avançaram para executar os soldados dos Bórgia que sobreviveram à queda. A própria Caterina os liderava, com a couraça peitoral prateada reluzindo sob a fria luz do sol. Ela cravou a espada no olho de um capitão dos Bórgia, atingindo o cérebro. O corpo do sujeito estremeceu por um longo momento, preso à ponta da espada, com as mãos, automática e inutilmente, na agonia da morte, tentando agarrar a lâmina e arrancá-la.

Mas não houve tempo para se regozijar com o triunfo, ou para um merecido descanso. Ao olhar do alto das muralhas, Ezio viu que as tropas dos Bórgia traziam imensos aríetes até o portão principal e, ao mesmo tempo, ouviu o grito de aviso de Caterina. Vamos mandar mil soldados para Forlì para ajudá-la contra esse bastardo do Cesare, Ezio prometeu a si mesmo.

— Se eles entrarem, todos nós seremos assassinados — afirmou alguém, e quando Ezio se virou, se deparou com o velho sargento. Ele tinha perdido o capacete e sangrava por causa de um horrível ferimento na cabeça.

— Temos de tirar as pessoas daqui. Agora.

— Muitas já conseguiram partir. Mas aquelas mais necessitadas estão presas.

— Cuidarei disso — afirmou Ezio, lembrando o que o tio havia dito. — Assuma o controle aqui, Ruggiero. Veja! Ali! Uma das torres alcançou as muralhas! Os inimigos estão assaltando as defesas! Mande alguns de nossos homens até lá, antes que eles nos dominem.

— Sim, senhor!

E então o sargento se foi, gritando ordens, comandando um pelotão que se

reuniu rapidamente. Segundos depois, ele e seus soldados estavam engajados em um combate corpo a corpo contra os violentos mercenários dos Bórgia.

Ezio desceu até a cidade de espada na mão e abrindo caminho à força por entre os inimigos que se aproximavam. Ele rapidamente organizou um grupo de homens de Caterina que tinham sido forçados a bater em retirada para a cidade quando a maré da batalha se virou em favor dos Bórgia. Com a ajuda dos soldados, fez o possível para reunir os habitantes vulneráveis remanescentes e guiá-los até estarem na relativa segurança da cidadela. Quando completou a tarefa, Caterina juntou-se a ele.

— Quais são as notícias? — perguntou Ezio.

— Péssimas — respondeu ela. — Eles derrubaram o portão principal. Estão entrando na cidade.

— Então não temos um minuto a perder. Temos de recuar para a cidadela.

— Vou reunir o restante dos meus homens.

— Volte logo. Você viu Mario?

— Ele estava lutando lá fora.

— E os outros?

— Sua mãe e irmã já estão na cidadela. Estão guiando os cidadãos por um túnel de fuga que leva para o norte, além das muralhas, para um lugar seguro.

— Ótimo, tenho de ir encontrá-las. Junte-se a nós o mais rápido que puder. Temos de recuar.

— Matem todos! — gritou um sargento dos Bórgia ao virar uma esquina liderando uma pequena tropa.

Todos traziam espadas ensanguentadas erguidas, e um homem brandia uma lança, em cuja ponta estava cravada a cabeça de uma mulher. Ezio engoliu em seco ao reconhecer o rosto. Era Angelina. Com um rugido, ele se lançou contra os soldados dos Bórgia. Seis contra um não era nada para ele. Cortando e apunhalando, em segundos ele estava de pé no meio de um círculo de homens mutilados e moribundos, ofegante pelo esforço físico.

Ezio recuperou os sentidos e o controle. Caterina tinha sumido. Limpando o sangue, o suor e a fuligem do rosto, ele voltou para a cidadela, mandando os homens que a guardavam abrir as portas apenas para Mario e Caterina. Ezio foi até o alto da torre interna e olhou para baixo, para a cidade incendiada.

Além do crepitar das chamas e dos gemidos isolados dos feridos e moribundos, as coisas estavam quietas demais.

9

Mas não por muito tempo. Bem quando Ezio estava verificando se os canhões nas muralhas estavam corretamente alinhados e carregados, uma imensa explosão jogou os pesados portões de madeira da cidadela para os lados, atirando os guardas no pátio, abaixo de onde Ezio estava, e matando muitos deles.

Quando a fumaça e a poeira se dissiparam, Ezio percebeu um grupo de pessoas na entrada. Tio Mario parecia liderá-las, mas obviamente havia algo muito errado. O rosto dele estava acinzentado e pálido, e parecia ser muito mais velho do que os seus 62 anos. Seus olhos fixaram-se nos de Ezio quando o sobrinho saltou das ameias para enfrentar a nova ameaça. Mario caiu de joelhos e em seguida com o rosto no chão. Tentou se levantar, mas uma longa e fina espada de estoque, uma *bilbao*, se projetava por entre suas omoplatas. O jovem atrás dele o empurrou de volta para o chão com a ponta da bota preta, e um fio de sangue começou a escorrer no canto da boca do velho.

O jovem estava vestido de preto e uma máscara negra cobria parte do rosto maligno. Ezio reconheceu as pústulas da "nova doença" na pele do homem. Ele estremeceu por dentro. Não havia dúvida sobre a identidade do inimigo.

Ao lado do homem de preto havia dois outros, ambos de meia-idade, e uma bela loura com lábios cruéis. Outro homem, também de preto, estava separado do grupo, um pouco mais para o lado, com um alfanje ensanguentado na mão

direita. A outra mão segurava uma corrente atada a uma coleira pesada no pescoço de Caterina Sforza, que estava amarrada e amordaçada. Os olhos da condessa queimavam de raiva e resistência. O coração de Ezio quase parou — ele não podia acreditar que naquela manhã estiveram juntos novamente e que agora ela tinha sido capturada pelo desprezível líder dos Bórgia. Como isso podia estar acontecendo? Seus olhos se encontraram com os dela por um instante do outro lado do pátio, enviando-lhe uma promessa de que ela não continuaria prisioneira por muito tempo.

Sem tempo para tentar entender o que acontecia ao redor, o instinto guerreiro de Ezio assumiu o controle. Ele tinha de agir naquele instante ou perderia tudo. Ezio deu um passo à frente, fechando os olhos e se deixando cair da muralha, com a capa esvoaçando no seu rastro; foi um Salto de Fé até o pátio abaixo. Com a graça conquistada pela experiência, ele aterrissou de pé, erguendo-se para enfrentar os inimigos com uma determinação gélida estampada no rosto.

O armeiro se aproximou cambaleante, com a perna ferida, e parou ao lado de Ezio.

— Quem são esses aí? — sussurrou ele.

— Ah — disse o homem de preto —, não nos apresentamos. Que negligência a nossa. Mas é claro que eu conheço você, Ezio Auditore, ou pelo menos a sua reputação. Que prazer. Finalmente poderei remover a maior pedra no meu caminho. Depois do seu querido tio, é claro.

— Afaste-se dele, Cesare!

Uma sobrancelha foi erguida e os olhos escuros flamejaram no rosto belo mas maculado.

— Ah, que honra você ter adivinhado meu nome corretamente. Mas permita-me apresentar-lhe minha irmã, Lucrécia. — Ele se virou e abraçou a loura de uma forma nada fraternal enquanto ela apertava-lhe o braço e o beijava perigosamente perto da boca. — E os meus companheiros: Juan Bórgia, primo, amigo e banqueiro; meu caro aliado francês, general Octavien de Valois, e por fim, mas não menos importante, meu indispensável braço direito, Micheletto da Corella. O que seria de mim sem meus amigos?

— E o dinheiro do seu pai.

— Péssima piada, amigo.

Enquanto Cesare falava, suas tropas entraram na cidadela como fantasmas. Ezio não podia fazer nada para detê-las enquanto seus próprios homens, em esmagadora desvantagem numérica, eram rapidamente dominados e desarmados.

— Mas sou um bom soldado, e parte da diversão é escolher apoio eficiente — continuou Cesare. — Tenho de admitir que não achava que vocês fossem ser tão facilmente derrotados. Mas, é claro, vocês não estão ficando mais jovens, estão?

— Vou matar você — disse Ezio, calmamente. — Vou varrer você e os seus da face da Terra.

— Não hoje, de forma alguma — retrucou Cesare, sorrindo. — Ah, e olhe só o que eu achei, cortesia do seu tio.

Cesare meteu a mão coberta com uma luva em uma bolsa presa ao cinto e retirou, para horror de Ezio, a Maçã!

— Brinquedinho muito útil — disse Cesare com um sorriso fino. — Leonardo da Vinci, meu novo conselheiro militar, me contou que já sabe muitas coisas sobre ela, então eu espero que ele me ensine mais, o que tenho certeza de que fará se quiser manter a cabeça sobre os ombros. Artistas! Podemos comprar dez por um centavo, você certamente concordará.

Lucrécia soltou uma risadinha insensível.

Ezio olhou para o velho amigo, mas Da Vinci se recusou a encontrar seu olhar. No chão, Mario estremeceu e gemeu. Cesare forçou seu rosto contra o chão com a bota e pegou uma arma. Era um novo projeto, Ezio reconheceu imediatamente, lamentando mais uma vez a destruição de quase todas as suas armas do códex no ataque inicial.

— Não é uma pistola de fecho de mecha — comentou o armeiro com severidade.

— É um fecho de roda — explicou Cesare. — Você claramente não é um idiota — acrescentou, virando-se para o armeiro. — É um desenho muito mais previsível e eficiente do que as pistolas anteriores. Leonardo a inventou para mim. Rápida de recarregar também. Você gostaria de uma demonstração?

— Certamente! — respondeu o armeiro, deixando o interesse profissional superar o instinto.

— Não seja por isso — retrucou Cesare, levantando a arma e matando o

armeiro com um tiro. — Recarregue, por favor — comandou Cesare, entregando a pistola ao general Valois e tirando outra igual do cinto. — Houve tanto derramamento de sangue — continuou ele — que é angustiante pensar que ainda será necessário continuar com a limpeza. Paciência. Ezio, gostaria que você recebesse isto com o espírito que me motiva: da minha família para a sua.

Abaixando-se um pouco e colocando um dos pés no meio das costas de Mario, Cesare puxou a espada *bilbao*, deixando o sangue correr livre. Os olhos de Mario se arregalaram de dor enquanto ele lutava instintivamente para se arrastar na direção do sobrinho.

Cesare se inclinou para a frente e disparou a pistola à queima-roupa na nuca de Mario, cujo crânio se despedaçou.

— Não! — gritou Ezio, enquanto a lembrança do assassinato brutal do pai e dos irmãos lhe surgiu na mente. — Não! — Ezio se lançou contra Cesare, completamente tomado pela agonia da perda. O corpo de Mario se esparramou no chão.

Quando Ezio saltou para a frente, o general Octavien, tendo recarregado a primeira arma, lhe deu um tiro no ombro. Ezio cambaleou para trás, engasgando, e o mundo escureceu.

10

Quando Ezio acordou, a maré da batalha havia mudado novamente e os homens de Bórgia estavam sendo perseguidos do lado de fora da cidadela. Ele percebeu que estava sendo arrastado para um local seguro quando os soldados que haviam retomado o *rocca* fecharam o portão quebrado com uma barricada, reuniram os cidadãos remanescentes de Monteriggioni para o lado de dentro dos muros e começaram a organizar a fuga para as regiões vizinhas. Não havia como saber com certeza quanto tempo poderiam resistir aos ataques dos Bórgia, cuja força parecia ilimitada.

Ezio recebeu todas essas informações de um sargento grisalho, enquanto se recuperava.

— Não se mexa, *signore*.

— Onde eu estou?

— Em uma maca. Estamos levando você para o Santuário. Para o salão interno sagrado. Ninguém conseguirá chegar até lá.

— Coloquem-me no chão. Eu consigo andar!

— Precisamos cuidar do seu ferimento.

Ezio, ignorando-o, deu a ordem aos maqueiros. Mas ao se levantar, o mundo pareceu girar rapidamente.

— Eu não posso lutar desse jeito.

— Oh, Deus, lá vem eles novamente — gritou o sargento ao ver a torre de

cerco chocar-se contra as ameias superiores da cidadela, desembarcando mais uma leva de tropas recém-chegadas dos Bórgia.

Ezio virou-se na direção deles, a cabeça voltando devagar ao normal, o autocontrole superando a dor lancinante do tiro que levara. Mas o ferimento em seu ombro era de tal proporção que o impossibilitava de levantar a espada. Os *condottieri* dos Assassinos rapidamente o cercaram e repeliram os homens de Cesare. Eles conseguiram bater em retirada com poucas baixas, mas assim que chegaram ao vasto interior do castelo, Claudia gritou de uma das portas, ansiosa para saber sobre seu irmão. Ao dar o primeiro passo para fora, um capitão de Bórgia correu na direção dela, empunhando uma espada ensanguentada. Ezio viu a cena horrorizado, mas foi capaz de recuperar a compostura e gritar ordens a seus homens. Dois combatentes dos Assassinos correram na direção da irmã de Ezio, mas tiveram tempo apenas de se interpor entre ela e a espada assassina do homem dos Bórgia. Faíscas saíram do contato entre as três espadas quando os dois Assassinos levantaram suas guardas simultaneamente para aparar o golpe fatal. Claudia caiu para trás no chão, com a boca aberta em um grito sem som. O mais forte dos Assassinos, o sargento, empurrou a lâmina do inimigo para cima, prendendo o cabo da espada com as mãos enquanto o outro cravava a espada com precisão no peito do capitão. Claudia recuperou a calma e se levantou devagar. Agora a salvo sob a guarda dos Assassinos, ela correu na direção de Ezio, arrancando uma tira de tecido da saia para colocar sobre o ferimento no ombro dele. O tecido branco tingiu-se de vermelho rapidamente.

— Merda! Não se arrisque desse jeito! — disse Ezio, agradecendo ao sargento ao mesmo tempo em que seus homens repeliam os inimigos, derrubando alguns do alto do castelo enquanto outros fugiam.

— Precisamos levá-lo para dentro do Santuário — gritou Claudia. — Vamos!

Ezio então permitiu que o carregassem outra vez. Havia perdido muito sangue. Enquanto isso, os cidadãos restantes que ainda não haviam conseguido escapar se aglomeravam em torno deles. Monteriggioni já estava deserta, completamente controlada pelas forças dos Bórgia. Somente a cidadela permanecia nas mãos dos Assassinos.

Finalmente alcançaram o objetivo: a fortificada sala cavernosa abaixo da muralha norte do castelo, ligada ao prédio principal por uma passagem secreta

na biblioteca de Mario. Mas chegaram no último instante. Um de seus homens, um ladrão veneziano chamado Paganino, sob o controle de Antonio de Magianis, já estava fechando a porta secreta para a escadaria quando o último dos fugitivos adentrou.

— Nós pensamos que você estivesse morto, *ser* Ezio! — gritou ele.

— Ainda não foi dessa vez — respondeu Ezio de modo seco.

— Eu não sei o que fazer. Onde vai dar esta passagem?

— No norte, além das muralhas.

— Então é verdade. Sempre pensamos que fosse uma lenda.

— Bem, agora você sabe a verdade — disse Ezio, olhando para o homem e se perguntando se, no calor do momento, havia revelado informações demais a alguém que pouco conhecia. Ele ordenou ao sargento que fechasse a porta, mas no último instante, Paganino passou por ela, de volta para o prédio principal.

— Aonde você vai?

— Eu preciso ajudar os defensores. Não se preocupe, eu os guiarei até aqui.

— Vou pregar essa porta. Se não vier agora, ficará por conta própria.

— Eu darei um jeito, senhor. Eu sempre dou.

— Então vá com Deus. Preciso garantir a segurança dessas pessoas.

Ezio observou a multidão agrupada no Santuário. Na penumbra, conseguiu reconhecer não só o rosto de sua irmã Claudia, mas também o de sua mãe. Ele respirou aliviado por um momento.

— Não podemos perder tempo — disse ele ao povo enquanto travava a porta com uma enorme barra de ferro.

11

Imediatamente, a mãe e a irmã de Ezio cuidaram do ferimento e depois o enfaixaram de modo apropriado, fazendo com que ele conseguisse ficar de pé. Então, Ezio instruiu o sargento a girar a alavanca oculta integrada que ficava na estátua do Mestre Assassino Leonius, ao lado de uma enorme chaminé no meio da parede norte do Santuário. A porta secreta se abriu, revelando um corredor pelo qual as pessoas poderiam escapar com segurança para o campo, saindo quase um quilômetro além dos limites da cidade.

Claudia e Maria ficaram ao lado da entrada, organizando a passagem dos outros cidadãos. O sargento foi à frente do grupo com um pelotão, levando tochas para guiar e proteger os refugiados durante a fuga.

— *Rápido!* — insistia Ezio com os cidadãos conforme entravam no túnel escuro. — Não entrem em pânico! Andem rápido, mas não corram! Não queremos que haja um tumulto aí dentro.

— E quanto a nós? E quanto a Mario? — perguntou a mãe a Ezio.

— Mario... como eu posso dizer isso a você? Mario foi assassinado. Eu quero que você e Claudia sigam para casa em Florença.

— Mario morreu? — lamentou Maria.

— O que há em Florença para nós? — perguntou Claudia.

Ezio abriu as mãos.

— Nossa casa. Lorenzo de Médici e seu filho ficaram responsáveis por

restaurar a mansão Auditore para nós, e a palavra deles é muito valiosa. Agora a cidade está sob o controle de *vostra signoria* novamente e eu sei que o governador Soderini cuida bem dela. Vão para casa. Fiquem sob os cuidados de Paola e Annetta. Eu me juntarei a vocês assim que puder.

— Você tem certeza? As notícias que ouvi de nossa velha casa são muito diferentes. *Messere* Soderini não chegou a tempo de salvá-la. De qualquer modo, queremos ficar com você. Para ajudá-lo.

Os últimos cidadãos já estavam entrando no túnel escuro e, enquanto o faziam, um tremendo estouro e o som de batidas ressoaram na porta que separava o Santuário da parte externa.

— O que foi isso?

— São as tropas dos Bórgia! Rápido! Apressem-se!

Ele botou a família para dentro do túnel depois dos últimos cidadãos e ficou na retaguarda com alguns poucos soldados sobreviventes dos Assassinos.

O caminho pelo túnel era difícil e, quando estavam na metade do caminho, Ezio ouviu o barulho dos homens dos Bórgia entrando pela porta do Santuário. Logo estariam no túnel. Ezio ordenou que todos à frente se apressassem, gritando aos retardatários para andarem mais depressa. Então, ele ouviu a marcha dos soldados armados correndo pelo túnel atrás deles. Enquanto o grupo passava correndo por um portão que delimitava uma das partes da passagem, Ezio segurou uma alavanca na parede ao lado da porta. E, assim que o último dos fugitivos passou, ele a puxou com força, fazendo descer uma porta levadiça. Quando a porta desceu, o primeiro dos perseguidores alcançou o grupo, exatamente a tempo de ser esmagado no chão pela pesada estrutura de ferro. Os gritos de agonia do homem ecoaram pela passagem. Ezio já havia seguido em frente, sabendo que tinha conseguido um tempo precioso para que seu povo pudesse escapar.

Depois do intervalo de tempo de apenas alguns minutos, mas que pareceu ser de horas, a passagem começou a mudar de inclinação, ficando mais nivelada e subindo suavemente. O ar começou a parecer mais fresco. Estavam quase do lado de fora. Nesse exato momento, todos ouviram o pesado estrondo de tiros de canhão. Os Bórgia finalmente abriram todo seu poder de fogo contra a cidadela,

em um ato final de profanação. A passagem tremeu e pequenas nuvens de poeira caíram do teto. Um som que parecia gelo rachando podia ser ouvido, bem baixo a princípio, e então cada vez mais alto.

— *Dio, ti prego, salvaci*. O teto está caindo! — gritou uma das mulheres do grupo.

Os outros começaram a gritar à medida que o medo de serem enterrados vivos dominou a multidão.

De repente, o teto começou a se abrir e uma torrente de terra e cascalho começou a desabar. Os fugitivos correram mais rápido para tentar escapar da pedra que desabava, mas Claudia reagiu tarde demais, desaparecendo em meio a uma nuvem de poeira. Ezio virou-se assustado, ouvindo sua irmã gritar, mas sem conseguir vê-la.

— Claudia! — gritou ele em pânico.

— Ezio! — Veio a resposta.

E, quando a poeira começou a baixar, a irmã de Ezio caminhou cuidadosamente por entre os destroços.

— Graças a Deus está bem. Caiu alguma coisa em você? — perguntou ele.

— Não, estou bem. A nossa mãe está bem?

— Eu estou — respondeu Maria.

Eles bateram a poeira das roupas, agradecendo a Deus por terem sobrevivido até ali, e caminharam pela última parte do túnel. Finalmente chegaram a céu aberto. Nunca a grama e a terra tiveram um cheiro tão bom.

A saída do túnel era separada do campo por uma série de pontes de cordas penduradas sobre as ravinas. Elas foram concebidas dessa forma por Mario como parte de um plano de fuga magistral. Monteriggioni em si sobreviveria à profanação dos Bórgia. Depois que eles a tivessem saqueado, não teriam mais nenhum interesse. Ezio voltaria na hora certa para reconstruí-la. Ela seria de novo a grande fortaleza dos Assassinos. Para Ezio isso era uma certeza. E seria ainda mais do que isso. Seria um monumento ao seu nobre tio, assassinado impiedosamente, Ezio prometeu a si mesmo.

Ele já havia aturado desgraças suficientes em relação a sua família, frutos de pura vilania.

Ezio planejava cortar as pontes depois que as cruzassem, mas os velhos e

feridos ainda estavam passando e ele podia ouvir o som de seus perseguidores se aproximando bem rápido. Ele estava incapacitado de carregar alguém nas costas, mas conseguiu apoiar uma mulher, cuja perna estava sem movimentos, em seu ombro bom, e os dois cruzaram devagar a primeira ponte, que balançou perigosamente com o peso.

— Vamos! — gritava, apressando a retaguarda que já estava lutando contra os soldados dos Bórgia.

Ele esperou na extremidade da ponte até que o último de seus homens passasse. Todos conseguiram cruzá-la, mas dois soldados dos Bórgia também passaram. Ezio entrou no caminho deles e, usando o braço bom para empunhar a espada, enfrentou os inimigos. Mesmo debilitado pelo ferimento, Ezio era mais do que capaz de enfrentar os oponentes. Sua espada aparava as espadas dos dois homens com uma velocidade impressionante, enfrentando ambas de uma vez só. Com um passo para o lado, agachou-se desviando de um golpe violento de um dos homens e usou a arma dele para cortar o joelho do soldado, exatamente na fenda da armadura. O homem cambaleou, com a perna esquerda inutilizada. O outro atacante investiu contra ele, achando que Ezio estaria desequilibrado, mas ele rolou para o lado, e a lâmina atingiu apenas as pedras no chão, mandando estilhaços para o fundo da ravina. O homem estremeceu com a vibração da lâmina contra as pedras, causando um choque nos ossos da mão e do braço. Ezio aproveitou a chance, levantou-se e o golpeou por cima do braço abaixado do inimigo, acertando-o no rosto. O homem caiu, e em um movimento contínuo Ezio cortou as cordas que seguravam a ponte. Elas se partiram no mesmo instante. A tensão fez com que as cordas se debatessem violentamente contra as encostas da ravina. A ponte se desfez e os homens de Bórgia que haviam começado a cruzá-la caíram gritando no abismo.

Ao se virar, Ezio avistou Cesare do outro lado da ravina. Perto dele estava Caterina, ainda acorrentada, e sendo controlada por Lucrécia, que trazia um semblante perturbador. Juan Bórgia, Micheletto, pálido como a morte, e o francês suado, general Octavien, estavam ao seu lado. Leonardo não parecia estar em parte alguma; mas como ele poderia ter se aliado àquela gente? Com certeza alguma ameaça muito séria foi feita a ele. Ezio não podia acreditar que Leo se rebaixaria tanto assim voluntariamente.

Cesare balançava alguma coisa para Ezio.
— A sua será a próxima! — gritava ele, furioso.
Ezio percebeu que era a cabeça do tio.

12

Só havia um lugar para onde Ezio poderia ir agora. O caminho das tropas de Cesare havia sido bloqueado e eles levariam dias para dar a volta na ravina e alcançar os sobreviventes dos Assassinos. Ele dirigiu os refugiados para cidades fora do controle dos Bórgia, ao menos até o momento — Siena, San Gimignano, Pisa, Lucca, Pistoia e Florença —, onde encontrariam abrigo. Tentou também fixar a ideia de retornar a Florença na cabeça da mãe e da irmã, independente do destino da Villa Auditore e apesar de todas as memórias tristes que o lugar trazia, além do fato de todos estarem extremamente compelidos a vingar a morte de Mario.

Ezio seguiria para Roma, aonde, ele sabia, Cesare iria para se reagrupar. Talvez ele, com toda sua arrogância, pensasse que Ezio estava vencido, ou até morto na estrada, apodrecendo. Se fosse o caso, seria melhor ainda para o Assassino. Mas outro assunto perturbava Ezio. Com a morte de Mario, a Irmandade perdera seu líder. Maquiavel era uma força poderosa dentre os membros e, naquele momento, não parecia ser amigo de Ezio. Esse era um problema que precisava ser resolvido.

Parte do gado também havia escapado junto com os sobreviventes da cidade, e dentre os animais estava o enorme cavalo de guerra castanho de Mario. Ezio montava o corcel, conduzido pelo velho mestre de estábulos, que conseguiu salvá-lo apesar de, infelizmente, ter perdido a maior parte dos animais para os

Bórgia.

Enquanto controlava as rédeas do animal, Ezio se despediu da mãe e da irmã.

— Você precisa mesmo ir a Roma? — perguntou Maria.

— Mãe, o único modo de ganharmos esta guerra é levando-a ao nosso inimigo.

— Mas como você pensa em sobreviver sozinho contra as forças dos Bórgia?

— Eu não sou o único inimigo deles. Além disso, Maquiavel já está lá. Preciso fazer as pazes com ele para trabalharmos juntos.

— Cesare está com a Maçã — disse Claudia, séria.

— Então vamos rezar para que ele não aprenda a usar os poderes dela — disse Ezio, apesar das dúvidas que sentia em seu coração.

Leonardo estava servindo a Cesare agora, e Ezio tinha pleno conhecimento da capacidade intelectual do antigo amigo. Se Leonardo ensinasse a Cesare os segredos da Maçã; ou pior, se Rodrigo conseguisse pegá-la de volta…

Ele sacudiu a cabeça para se livrar desses pensamentos. A hora de enfrentar os problemas envolvendo a Maçã chegaria no momento certo.

— Você ainda não está bem para cavalgar. Roma fica a vários quilômetros ao sul daqui. Não é melhor descansar por um ou dois dias? — perguntou Claudia.

— Os Bórgia não descansarão e o espírito cruel dos Templários está ao lado deles — respondeu Ezio secamente. — Nenhum de nós poderá descansar em paz até que o poder deles tenha sido destruído.

— Mas e se isso nunca acontecer?

— Não podemos nunca desistir de lutar. No minuto em que isso acontecer, tudo estará perdido.

— *È vero*. — Os ombros de sua irmã baixaram, mas então ela endireitou-os novamente. — A luta *nunca* pode cessar — disse ela, com firmeza.

— Até a morte — disse Ezio.

— Até a morte.

— Tome cuidado na estrada.

— Tome cuidado na estrada.

Ezio recurvou-se na sela e beijou carinhosamente a mãe e a irmã antes de virar o cavalo para o sul. Sua cabeça latejava de dor pelo ferimento e pelos esforços da batalha. Mas doíam ainda mais seu coração e sua alma pela morte de

Mario e pela captura de Caterina. Estremeceu só de pensar nela nas garras perversas da família Bórgia. Ele conhecia muito bem o destino que a aguardava nas mãos deles. Ezio teria de dar conta das tropas dos Bórgia, mas seu coração dizia que, agora que Cesare havia conquistado seu objetivo principal, a fortaleza dos Assassinos, ele iria para casa. Havia também a questão da segurança de Caterina, mas Ezio sabia que se havia uma pessoa que não desistiria sem lutar, essa pessoa era ela.

O mais importante era extirpar o mal que estava infectando a Itália o mais rápido possível, antes que se espalhasse por todo o país.

Ele cravou os calcanhares com força nas ancas do cavalo e galopou para o sul pela estrada de terra.

Sua cabeça doía pela exaustão, mas a força de vontade o mantinha vivo. Ele jurou não descansar até chegar à capital arruinada de seu país sitiado. Havia muitos quilômetros pela frente antes que pudesse dormir.

13

Como ele tinha sido estúpido por cavalgar por tanto tempo ferido — parando apenas para o animal descansar. Um cavalo de posta teria sido uma escolha mais sensata, mas o corcel castanho, Campione, era sua última ligação com Mario.

Onde Ezio estava? Ele se lembrava de um subúrbio arruinado e sujo. E, se erguendo dele, uma arcada de pedra amarela imponente, um portal que outrora adentrava as muralhas de uma cidade majestosa.

Seu impulso foi encontrar Maquiavel, para consertar o erro que cometera por não se certificar de que Rodrigo Bórgia estava morto.

Mas, por Deus, ele estava exausto.

Ezio se deitou em um colchão de palha. Conseguia sentir o cheiro do feno seco, com um toque de cocô de vaca.

Onde estava?

A imagem de Caterina apareceu como um raio em sua memória. Ela precisava ser libertada. Eles tinham de ficar juntos.

Mas talvez fosse a hora de ele se libertar *dela* também, apesar de parte de seu coração dizer que isso não era o que ele realmente queria. Como poderia confiar nela? Como poderia um homem comum entender os delicados labirintos da mente feminina? Infelizmente, a tortura do amor não se tornava menos dolorosa com a idade.

Será que ela o estava usando?

Ezio sempre manteve com exclusividade uma parte de seu coração, um *sanctum sanctorum*, que era fechado até mesmo para os amigos mais íntimos, a mãe (que sabia de sua existência e a respeitava), a irmã e para os entes falecidos, o pai e os irmãos.

Teria Caterina conseguido entrar? Ele não foi capaz de impedir a morte do pai e dos irmãos e, por Deus, ele fez o melhor que pôde para proteger Maria e Claudia.

Caterina era capaz de se cuidar sozinha; ela era um livro que se mantinha fechado. Mas, ainda assim... ainda assim, era o que ele mais desejava ler.

“Eu amo você!”, gritava seu coração a Caterina, a despeito dele mesmo. Ele finalmente encontrou a mulher de seus sonhos, naquela altura da vida. Mas o dever, disse a si mesmo, vinha primeiro; e Caterina... Caterina nunca revelou suas verdadeiras intenções. Seus enigmáticos olhos castanhos, seu sorriso, o modo como ela conseguia tocá-lo com facilidade com aquelas mãos habilidosas. Quase lá. Quase lá. Mas também havia o silêncio penetrante de seus cabelos, que sempre cheiravam a rosas e baunilha…

Como ele poderia confiar nela se, mesmo quando deitava a cabeça no colo dela depois de fazerem amor, ele ainda não se sentia seguro o suficiente?

Não! A Irmandade. A Irmandade. A Irmandade! Sua missão e seu destino.

Eu estou morto, disse Ezio a si mesmo. Já estou morto por dentro, mas farei o que precisa ser feito.

O sonho se desfez e seus olhos se abriram lentamente. Ele viu um corpo feminino vindo em sua direção; era uma mulher mais velha com um grande decote. A túnica que usava se abria como o Mar Vermelho.

Ezio sentou-se rapidamente. Sua ferida estava corretamente enfaixada e a dor era tão suave que poderia até ser ignorada. Ao olhar em volta, viu-se em um pequeno quarto com paredes de pedra de acabamento precário. Cortinas de chita tampavam pequenas janelas e, em um dos cantos, um fogão de ferro estava aceso, suas brasas provendo a única iluminação do lugar. A porta se fechou, mas a pessoa que estava com ele no quarto acendeu uma vela.

Uma mulher de meia-idade que aparentava ser uma camponesa se ajoelhou ao seu lado e entrou em seu raio de visão. Seu rosto parecia gentil enquanto

cuidava do ferimento dele, arrumando o emplastro e a bandagem.

Estava muito inflamado! Ezio se contorceu de dor.

— *Calmatevi* — disse a mulher. — A dor passará logo.

— Onde está meu cavalo? Onde está Campione?

— Ele está a salvo. Descansando. Deus sabe como ele merece. Estava sangrando pela boca. Um cavalo bom como aquele. O que você estava tentando fazer com ele?

A mulher colocou no chão a bacia d'água que segurava e ficou esperando.

— Onde eu estou?

— Em Roma, meu querido. *Messere* Maquiavel encontrou você desmaiado em sua sela, seu cavalo espumando, e os trouxe para cá. E não se preocupe, ele pagou a mim e ao meu marido muito bem para cuidarmos de você e de seu cavalo. Além de um extra pela nossa discrição. Você conhece *messere* Maquiavel, tentar enganar o homem é um risco tolo. Enfim, nós já prestamos esse tipo de serviço para a sua organização no passado.

— Ele deixou algum recado?

— Ah, sim. Você deve encontrar com ele assim que estiver melhor, no Mausoléu de Augusto. Sabe onde fica?

— É uma das ruínas, não é?

— Isso mesmo. Apesar de que não é muito mais ruína do que o resto dessa cidade horrível hoje. E pensar que um dia foi o centro do mundo! Olhe para ela agora, menor do que Florença, metade do tamanho de Veneza. Mas, ao menos, temos uma vantagem — disse ela, rindo.

— E qual é?

— Somente cinquenta mil pobres almas vivem nessa pilha de ruínas que um dia se chamou orgulhosamente Roma; e sete mil delas são prostitutas. Isso deve ser um recorde! — continuou rindo. — Não é à toa que todo mundo por aqui está infectado com a Nova Doença. Não vá para a cama com ninguém aqui — acrescentou ela —, se não quiser morrer de varíola. Até os cardeais contraíram, e dizem por aí que o próprio papa e seu filho estão contaminados.

Ezio se lembrava de Roma como se fosse um sonho. Agora era um lugar bizarro, com muralhas ancestrais apodrecidas, criadas para abrigar uma população de um

milhão de pessoas. A maior parte do território estava sendo usada pelos camponeses para o cultivo agrário.

Ele também se lembrava das ruínas do que um dia fora o Grande Fórum, hoje servindo de abrigo para cabras e ovelhas. O povo saqueara as antigas estátuas de mármore que ficavam espalhadas pelos jardins para construir pocilgas ou triturar a cal. E em contraste com as moradias humildes e ruas imundas, os novos prédios do papa Sisto IV e do papa Alexandre VI se agigantavam obscenamente, como bolos de casamento em uma mesa onde não havia mais do que pão dormido.

O engrandecimento da Igreja se confirmava, retornando a Roma depois do exílio papal em Avignon. O papa, a figura mais importante do mundo inteiro, ofuscando não só os reis, mas o próprio Sacro Imperador Romano Maximiliano, tinha novamente um lugar em Roma.

E não fora o papa Alexandre VI que dividiu, com sua imensa sabedoria, o continente sul das Novas Américas entre os países colonizadores Portugal e Espanha pelo Tratado de Tordesilhas em 1494? Foi no mesmo ano em que a Nova Doença invadiu Nápoles, na Itália. Eles a chamavam de doença francesa; *morbus gallicus.* Mas todos sabiam que ela tinha vindo do Novo Mundo com Colombo e seus marinheiros genoveses. Era uma doença bem desagradável. Os rostos e corpos dos doentes se enchiam de bolhas e feridas até um ponto que, nos estágios mais avançados, os rostos deles ficavam deformados e irreconhecíveis.

Em Roma, os mais pobres sobreviviam à base de cevada e bacon, quando conseguiam bacon. E as ruas imundas espalhavam o tifo, a cólera e a Peste Negra. Quanto aos cidadãos, havia alguns muito ricos, obviamente, mas a maioria parecia gado e vivia em condições similares a ele.

O que era um contraste com a opulência dourada do Vaticano! A grande cidade de Roma tinha se tornado um monte de lixo histórico. Ao caminhar pelos becos sujos que eram chamados de ruas, nos quais cães selvagens e lobos viviam soltos, Ezio se lembrava das igrejas, que agora caíam aos pedaços, e os palácios desertos apodrecendo o lembravam da provável devastação da casa de sua própria família em Florença.

— Eu preciso me levantar. Preciso encontrar *messere* Maquiavel! — disse Ezio desesperadamente, arrancando as visões de sua mente.

— Tudo a seu tempo — respondeu a cuidadora. — Ele deixou novos trajes para você. Vista-se quando estiver pronto.

Ezio ficou de pé e sentiu a cabeça viajar. Ele se sacudiu para voltar a si, depois vestiu o traje que Maquiavel tinha deixado para ele — novo e feito de linho, com um capuz de lã suave ao tato que tinha a ponta parecida com um bico de águia. Havia luvas macias e resistentes e botas feitas de couro espanhol. Ele se vestiu, lutando contra a dor causada pelo esforço, e quando estava pronto, a mulher o guiou até a varanda. Ezio percebeu que não estava em uma choupana minúscula, mas nas ruínas do que fora um dia um grande palácio. Eles provavelmente estavam no *piano nobile*. Respirou fundo ao ver as ruínas da cidade à sua frente. Um rato subiu audaciosamente em seus pés e logo foi chutado.

— Ah, *Roma* — disse ele, ironicamente.

— O que sobrou dela — respondeu a mulher, rindo com sarcasmo.

— Obrigado, *madonna*. A quem eu devo…?

— Eu sou a *contessa* Margherita deghli Campi — disse ela, e na luz fraca ele pôde ver os traços finos de um rosto que foi muito belo um dia. — Ou o que sobrou dela.

— *Contessa* — disse Ezio, tentando esconder a tristeza na voz enquanto se curvava para cumprimentá-la.

— Lá está o *mausoleo* — respondeu ela, sorrindo e apontando. — É lá que vocês devem se encontrar.

— Eu não consigo enxergar.

— Fica naquela direção. Infelizmente não é possível enxergá-lo do meu *palazzo*.

Ezio apertou os olhos na escuridão.

— Será que é possível enxergar da torre daquela igreja?

Ela olhou para ele.

— Santo Stefano? Sim. Mas ela é só uma ruína. As escadas para a torre desabaram.

Ezio se preparou. Precisava chegar ao ponto de encontro o mais rápido possível e em segurança. Não queria ser atrasado por mendigos, ladrões e prostitutas que infestavam as ruas dia e noite.

— Isso não será problema — disse ele. — *Vi ringrazio di tutto quello che avete fatto per me, buona contessa. Addio*.

— Você é mais do que bem-vindo — respondeu ela, com um sorriso tímido. — Mas tem certeza de que está bem o suficiente para ir tão cedo? Acho que você deveria ir a um médico. Eu lhe recomendaria um, mas não posso mais pagar por essas coisas. Eu limpei e enfaixei seu ferimento, mas não sou nenhuma especialista.

— Os Templários não vão esperar a minha recuperação e nem eu posso — respondeu ele. — Obrigado novamente, e adeus.

— Vá com Deus.

Ele saltou da varanda para a rua, estremecendo com o impacto, e disparou pela quadra dominada pelas ruínas do palácio na direção da igreja. Por duas vezes ele perdeu a torre de vista e teve de refazer o caminho. Por três vezes ele foi cercado por mendigos leprosos e uma vez enfrentou um lobo, que se embrenhou por uma viela com o que parecia ser uma criança morta em sua boca. Mas enfim, ele encontrou a igreja. Ela estava lacrada com tábuas, e os santos esculpidos em calcário, que adornavam o portal, estavam deformados pela falta de manutenção. Ele não tinha certeza se poderia confiar nas pedras apodrecidas, mas não tinha opção. Precisava escalar.

Ele conseguiu chegar ao topo, apesar de ter perdido a pegada várias vezes e de até ter ficado pendurado pelas pontas dos dedos, após a queda do apoio de Seus Pés. Mas ele ainda era um homem forte e conseguiu se segurar e seguir em frente até chegar ao topo da torre. O domo do mausoléu brilhava palidamente ao luar a vários quarteirões de distância. Era hora de ir até lá e esperar por Maquiavel.

Ezio ajustou as lâminas ocultas, a espada e a adaga. Estava prestes a dar um Salto de Fé e cair em uma carruagem de feno abaixo quando sentiu uma pontada de dor intensa no ferimento que o fez se contorcer.

— A *contessa* fizera um bom curativo, mas ela tinha razão, preciso ir a um médico — disse para si mesmo.

Ele desceu escalando dolorosamente até a rua. Não tinha ideia de onde encontrar um médico, então foi até uma estalagem, onde conseguiu a informação por dois ducados, que também lhe compraram um odre com folhas sujas de

Rhamnus glandulosa, que foi útil para aplacar a dor.

Já era tarde quando ele chegou ao consultório do médico. Bateu várias vezes à porta antes que uma resposta abafada pudesse ser ouvida. Uma fresta se abriu e um homem gordo e barbudo de cerca de 60 anos, usando óculos grossos, apareceu. Ele estava muito malvestido e Ezio sentiu o bafo de bebida. Um dos olhos do homem parecia maior do que o outro.

— O que você quer? — disse o homem.

— Você é o *dottore* Antonio?

— E se for…?

— Eu preciso da sua ajuda.

— Está tarde — disse o doutor, mas os olhos dele se dirigiram para o ferimento no ombro de Ezio e ele pareceu ficar mais amigável, porém, ainda cauteloso. — Vai custar mais caro.

— Não estou em posição de negociar.

— Tudo bem, entre.

O médico abriu a corrente que prendia a porta e o deixou entrar. Passando pelo corredor, Ezio reparou em uma série de potes de cobre e frascos de vidro nas prateleiras com morcegos, lagartos, ratos e cobras secas.

O médico o levou até uma sala interna com uma escrivaninha enorme, bagunçada com papéis, uma cama estreita em um canto, um armário aberto que continha mais frascos e uma maleta de couro, também aberta, contendo uma série de bisturis e pequenas serras.

Ao perceber o modo como Ezio observava, o médico soltou uma pequena gargalhada.

— Nós *medici* somos apenas mecânicos metidos — disse ele. — Deite-se na cama e vamos dar uma olhada. Mas, antes, são três ducados adiantados.

Ezio entregou o dinheiro a ele.

O médico desenfaixou o ferimento e começou a empurrá-lo e pressioná-lo até que Ezio quase desmaiou de dor.

— Fique quieto! — reclamou o médico. Ele apalpou mais um pouco o ferimento, jogou sobre ele um líquido pungente, esfregou-o com um pedaço de algodão, preparou bandagens limpas e amarrou-as com firmeza.

— Um homem da sua idade não pode se recuperar de um ferimento como

esse com remédios. — O médico revirou o armário e pegou um frasco com alguma coisa que parecia espessa e pegajosa. — Mas isso aqui pode aliviar a sua dor. Não beba tudo de uma vez. Aliás, são mais três ducados. E não se preocupe. Você vai ficar bom com o tempo.

— *Grazie, dottore*.

— Quatro em cada cinco médicos sugerem sanguessugas, mas elas provavelmente não vão ajudar nesse tipo de ferimento. O que foi isso? Se não fossem tão raros, eu diria que foi um tiro de arma de fogo. Volte aqui se precisar. Ou posso recomendar alguns colegas na cidade.

— Eles custam tanto quanto você?

Dr. Antonio riu com desdém.

— Meu caro senhor, eu lhe dei um bom desconto.

Ezio caminhou até a rua. Uma chuva fina começou a cair e as ruas começavam a ficar enlameadas.

— "Um homem da sua idade"— balbuciou Ezio. — *Che sobbalzo*!

Ele voltou até a estalagem, onde tinha visto quartos para alugar. Ficaria lá, comeria algo e iria para o mausoléu pela manhã. Então precisaria apenas esperar pelo companheiro assassino. Maquiavel poderia ter ao menos combinado um horário com a *contessa*. Mas Ezio sabia bem da mania de Maquiavel por segurança. Sem dúvida apareceria no local combinado em intervalos regulares todos os dias. Ezio não precisaria esperar muito.

Ele refez seu caminho pelas ruas e vielas deploráveis, escondendo-se nas sombras das portas sempre que via uma patrulha dos Bórgia, facilmente reconhecível pelo símbolo do touro em disparada no peitoral de suas armaduras .

Já era meia-noite quando chegou novamente à estalagem. Ele tomou um gole do líquido negro do frasco dado pelo médico. Era saboroso. Depois, bateu à porta com o cabo da espada.

14

No dia seguinte, Ezio saiu cedo da estalagem. Seu ferimento dificultava os movimentos, mas a dor estava mais branda e agora podia usar melhor o braço. Antes de partir, praticou alguns golpes com a lâmina oculta e percebeu que poderia usá-la sem dificuldades, assim como a espada e a adaga convencionais. Era como se nunca tivesse sido atingido.

Não tendo certeza se os Bórgia e os Templários sabiam que ele havia escapado da batalha de Monteriggioni, e percebendo o grande número de soldados com armas de fogo e vestidos com as cores dos Bórgia, ele fez um caminho alternativo para o Mausoléu de Augustus. O sol já estava alto quando ele chegou lá.

Não havia quase ninguém ao redor e, após verificar a área e se certificar de que nenhum guarda vigiava o local, Ezio se aproximou com cautela do prédio, entrando pela porta antiga para o interior sombrio.

Enquanto seus olhos se acostumavam à escuridão, ele pôde discernir uma figura vestida de preto, encostada na parede de pedra, parada como uma estátua. Ele olhou para os lados para verificar se havia algum lugar onde se esconder antes que a figura o percebesse, mas além dos tufos de grama entre as pedras quebradas da antiga ruína romana, não havia mais nada. Decidiu optar pela segunda melhor opção e começou a se mover rápido, mas de modo silencioso, pelos corredores escuros do mausoléu.

Era tarde demais. Quem quer que fosse, provavelmente o avistou assim que ele entrou pela porta, iluminado pela luz do exterior, e correu em sua direção. Com a aproximação, reconheceu a figura como sendo Maquiavel, que fazia sinal de silêncio, colocando um dedo nos lábios enquanto se aproximava. Em um gesto discreto, mandou que Ezio o seguisse e começou a caminhar para o interior, uma área mais escura da tumba do antigo imperador romano, construída há quase um milênio e meio.

Por fim, ele parou e se virou.

— Shh — disse ele, esperando e ouvindo atentamente.

— O que...?

— Fale baixo. Muito baixo — sussurrou Maquiavel, ouvindo quieto.

Por fim, ele relaxou.

— Tudo bem — disse ele. — Não há ninguém.

— O que você quer dizer?

— Cesare Bórgia tem olhos em toda parte. — Maquiavel relaxou um pouco. — Estou feliz em vê-lo aqui.

— Mas você deixou roupas para mim com a *contessa*…

— Ela tinha ordens de vigiar a sua chegada a Roma. — Maquiavel sorriu. — Ah, eu sabia que você viria para cá. Logo que tivesse garantido a segurança da sua mãe e irmã. Afinal, elas são tudo que resta da família Auditore.

— Eu não gosto do seu tom — disse Ezio com um leve desdém.

Maquiavel abriu um pequeno sorriso.

— Não temos tempo para diplomacias, meu caro colega. Eu sei que você sente culpa pela perda da sua família, mesmo não tendo responsabilidade nenhuma pela grande traição. — Ele fez uma pausa. — As notícias sobre o ataque a Monteriggioni já se espalharam pela cidade. Alguns de nós tínhamos certeza de que você havia morrido lá. Eu deixei as roupas com nossa leal amiga, pois sabia que você não ia simplesmente morrer em uma hora tão crucial!

— Então você ainda tem fé em mim?

Maquiavel deu de ombros.

— Você foi estúpido. Uma vez. Porque seus instintos básicos lhe disseram para ser piedoso e confiar. Esses são bons instintos. Mas agora é hora de atacar, e atacar para valer. Vamos torcer para que os Templários nunca descubram que

você está vivo.

— Mas eles já devem saber.

— Não necessariamente. Meus espiões me disseram que houve muita confusão.

Ezio parou para pensar.

— Nossos inimigos em breve saberão que estou vivo, e muito. Quantos precisamos combater?

— Ah, Ezio, a boa notícia é que estreitamos o campo de batalha. Matamos muitos Templários na Itália e em várias outras terras além das fronteiras. A má notícia é que os Templários e a família Bórgia agora são uma organização só. E vão lutar como um leão acuado.

— Fale mais.

— Nós estamos muito isolados aqui. Precisamos nos perder na multidão no centro da cidade. Vamos a uma tourada.

— Tourada?

— Cesare é um exímio toureiro. Afinal, ele é espanhol. Na verdade, não espanhol, mas catalão. E isso pode ser vantajoso para nós um dia.

— Como?

— O rei e a rainha da Espanha querem unificar o país. Eles são de Aragão e Castela. Os catalães são uma pedra no sapato deles, apesar de serem uma nação muito poderosa. Venha, com cuidado. Precisamos usar nossas habilidades para nos misturarmos, como Paola ensinou a você tempos atrás em Veneza. Espero que você não as tenha esquecido!

— Pode me testar.

Eles caminharam juntos pelas ruas da cidade imperial arruinada, mantendo-se nas sombras onde elas existiam ou entrando e saindo de multidões como peixes se misturando em cardumes. Finalmente chegaram à arena de tourada, escolheram assentos no lado mais caro e lotado, onde havia sombra, e assistiram durante uma hora enquanto Cesare e seus muitos ajudantes matavam três touros poderosos. Ezio observou as técnicas de luta de Cesare: ele usava os bandarilheiros e picadores para ferir e cansar o animal antes de dar o *coup de grâce* pessoalmente, com pose e exibição. Mas eram inquestionáveis a coragem e a habilidade dele durante o macabro ritual de morte, apesar do fato de ter

quatro matadores iniciantes para ajudá-lo. Ezio olhou por cima do ombro para o camarote do presidente da luta e reconheceu o rosto severo, mas extremamente belo da irmã de Cesare, Lucrécia. Seria só imaginação ou ele a vira morder os próprios lábios com tanta força que sangrou?

De qualquer forma, ele aprendeu bastante sobre como Cesare se comportaria em um campo de batalha, e o quanto ele seria confiável em qualquer outro tipo de combate.

Havia guardas dos Bórgia observando o povo em toda parte, bem como nas ruas, e todos estavam com as novas armas de fogo de aparência letal.

— Leonardo… — disse ele de modo involuntário, pensando no velho amigo.

Maquiavel olhou para ele.

— Leonardo foi forçado a trabalhar para Cesare sob pena de morte; e teria sido uma morte extremamente dolorosa. É um detalhe... um detalhe terrível, mas apenas um detalhe. O fato é que ele não está com seu novo mestre por vontade própria. Ele sabe que aquele homem nunca terá inteligência ou habilidade para operar a Maçã. Ou ao menos eu espero que não. Precisamos ter paciência. Nós a tomaremos de volta e resgataremos Leonardo junto.

— Eu queria ter toda essa certeza.

Maquiavel suspirou.

— Talvez seja mais sábio ter suas dúvidas — disse ele, por fim.

— A Espanha dominou a Itália — disse Ezio.

— Valência dominou o Vaticano — respondeu Maquiavel. — E podemos mudar isso. Temos aliados no Colégio de Cardeais, alguns poderosos inclusive. Eles não são todos cãezinhos fiéis. E Cesare, apesar de toda a arrogância, depende do dinheiro do pai dele, Rodrigo. — Ele olhou para Ezio com um olhar incisivo. — É por isso que você deveria ter dado um jeito naquele papa intrometido.

— Eu não fazia ideia.

— A culpa é tão minha quanto sua. Eu deveria ter lhe dito. Mas como você mesmo disse, devemos nos preocupar com o presente e não com o passado.

— Amém.

— Amém.

— Mas como poderemos bancar tudo isso? — perguntou Ezio, enquanto

mais um touro tombava aos pés de Cesare e sua espada impiedosa.

— O *papa* Alexandre é uma mistura estranha — respondeu Maquiavel. — Ele é um grande administrador e já fez coisas boas para a Igreja, mas a parte má dele sempre se sobrepôs à boa. Ele foi o tesoureiro do Vaticano por anos e encontrou muitas maneiras de juntar dinheiro. A experiência foi muito boa para ele. Ele vende postos de cardeais, criando dezenas de homens que certamente ficarão ao lado dele. Ele deu inclusive perdão a assassinos que seriam enforcados, desde que tivessem dinheiro para pagar por isso.

— Como ele justifica isso?

— Muito simples. Ele prega que é melhor para um pecador viver para se arrepender do que morrer e se livrar da dor.

Ezio não pôde controlar a risada, apesar de ter sido uma risada melancólica. Sua mente viajou para as celebrações do ano de 1500, o Grande Ano da Metade do Milênio. É verdade que havia muitos flagelados rondando o país à espera do Juízo Final, além do monge louco Savonarola, que conseguiu controlar a Maçã brevemente, e que havia sido derrotado por ele mesmo em Florença. Naquela época, não foram todos enganados pela superstição?

Mil e quinhentos foi um grande ano de jubileu. Ezio se lembrou dos milhares de peregrinos esperançosos que tinham ido até a Santa Sé, vindos de todas as partes do mundo. O ano foi celebrado até naqueles pequenos postos avançados do outro lado do grande mar a oeste, nas Novas Terras, que foram descobertas por Colombo e alguns anos depois tiveram sua existência confirmada por Américo Vespúcio. Muito dinheiro entrou em Roma por meio dos fiéis que traziam indulgências para redimir seus pecados, esperando o retorno de Cristo à Terra para julgar os vivos e os mortos. Também foi a época em que Cesare começou a campanha para subjugar as cidades-estado de Romagna e em que o rei da França tomou Milão, justificando suas ações com a alegação de que era o herdeiro legítimo, bisneto de Gian Galeazzo Visconti.

O papa transformou seu filho Cesare em capitão-general dos exércitos papais e *gonfaloniere* da Sacra Igreja Romana em uma grande cerimônia na manhã do quarto domingo da Quaresma. Cesare foi recebido por rapazes em togas de seda e quatro mil soldados usando sua farda pessoal. Seu triunfo parecia completo: no ano anterior, em maio, ele se casou com Charlotte d’Albret, irmã de João, rei dos

Navarros, e o rei Luís da França — de quem os Bórgia eram aliados — deu-lhe o título de duque de Valência. Já tendo sido cardeal de Valência não é de admirar que o povo lhe tenha dado o apelido de Valentino.

Agora a víbora tinha chegado ao ápice de seu poder.

Como Ezio poderia derrotá-lo?

Ele dividiu os pensamentos com Maquiavel.

— No fim, usaremos a própria vanglória deles para derrubá-los — disse Nicolau. — Eles têm um calcanhar de Aquiles. Todos têm. E eu sei qual é o deles.

— E qual é? — perguntou Ezio, assustado.

— Eu não preciso dizer o nome dela. Cuidado — continuou Maquiavel, mas depois mudou de assunto e prosseguiu —, lembra-se das orgias?

— Elas continuam?

— Certamente continuam. E como Rodrigo, eu me recuso a chamá-lo de papa, as adora! E você tem de admitir, ele tem 70 anos de idade. — Maquiavel riu de modo irônico e depois ficou sério novamente. — Os Bórgia se afogarão sob o peso da própria autoindulgência.

Ezio se lembrava bem das orgias. Ele testemunhou uma. Houve um jantar, com cinquenta das melhores prostitutas da cidade, oferecido pelo papa em seu apartamento exageradamente decorado ao estilo de Nero. Elas gostam de ser chamadas de cortesãs, mas não passam de prostitutas. Quando o jantar, ou deveria ser chamado de comilança?, terminou, as mulheres dançaram com os servos do evento. A princípio estavam vestidas, mas depois foram tirando as roupas. Os candelabros que estavam sobre as mesas foram colocados no chão de mármore e os convidados mais nobres assavam castanhas sobre eles. As prostitutas então engatinhavam pelo chão, como se fossem gado, com os traseiros para o ar, catando as castanhas. Depois, todos se juntavam. Ezio lembra-se com desgosto de como Rodrigo, Cesare e Lucrécia observavam tudo. No fim, vários presentes eram distribuídos: mantos de seda, botas de couro fino — da Espanha, claro —, chapéus de veludo incrustados de diamantes, anéis, braceletes, bolsas de brocado contendo cem ducados cada uma, adagas, consolos de prata; tudo que se possa imaginar, para os homens que fizessem sexo o maior número de vezes com as prostitutas que rastejavam. E a família Bórgia era quem

julgava.

Os dois assassinos saíram da tourada e se misturaram à multidão que lotava as ruas no início da noite.

— Siga-me — disse Maquiavel com um tom diferente na voz. — Agora que você teve a chance de ver o seu principal oponente em ação, é uma boa ideia comprar qualquer equipamento que lhe falte. E tome cuidado para não chamar atenção.

— E eu já chamei alguma vez? — Ezio se viu mais uma vez sendo incomodado pelos comentários do jovem. Maquiavel não era o líder da Irmandade. Depois da morte de Mario, ninguém era. E esse problema precisaria ser resolvido. — De qualquer modo, eu tenho a minha lâmina oculta.

— E os guardas têm armas de fogo. Essas coisas que Leonardo criou para eles, e você sabe como ele não consegue controlar o próprio gênio, são rápidas de recarregar como você viu, além de possuírem canos revestidos de uma forma especial que fazem o tiro sair com mais precisão.

— Eu encontrarei Leonardo e falarei com ele.

— Você pode precisar matá-lo.

— Ele vale mais vivo do que morto. Você mesmo disse que ele não está trabalhando com eles por vontade própria.

— Eu disse que isso é o que eu espero. — Maquiavel parou. — Tome. Aqui está algum dinheiro.

— *Grazie* — disse Ezio, ao pegar a bolsa.

— Enquanto estiver me devendo, seja racional.

— Eu serei assim que começar a lhe ver sendo também.

Ezio deixou o amigo e se encaminhou para a quadra dos armeiros, onde poderia comprar um novo peitoral, braceletes de aço, uma adaga e uma espada de melhor qualidade e mais balanceada do que as que ele possuía. Sentia falta, sobretudo, da antiga braçadeira do códex, feita de um metal secreto, que o protegeu de tantos golpes que poderiam ter sido fatais. Mas agora era muito tarde para lamentar isso. Ele teria de confiar em suas habilidades e em seu treinamento. Ninguém, nem por acidente, poderia tirar isso dele.

Ele voltou a encontrar Maquiavel, que o esperava na estalagem conforme

haviam combinado.

Encontrou-o mal-humorado.

— *Bene* — disse Maquiavel. — Agora você já pode sobreviver a sua jornada de volta para *Firenze*.

— Talvez. Mas eu não vou voltar para Florença.

— Não?

— Talvez você devesse. Lá é o seu lugar. Eu não tenho mais uma casa lá.

Maquiavel abriu as mãos.

— É verdade que sua antiga casa foi destruída. Eu não queria lhe contar. Mas sua mãe e sua irmã estão a salvo lá. É uma cidade protegida dos Bórgia. Meu mestre, Piero Soderini, protege o lugar muito bem. Você pode recuperar a sua posição lá.

Ezio estremeceu ao ter confirmado seu maior medo. Então, ele se recompôs e disse:

— Eu ficarei aqui. Você mesmo disse, não haverá paz enquanto não derrubarmos a família Bórgia inteira e os Templários que os servem.

— Que discurso corajoso! E depois do que aconteceu com Monteriggioni.

— Isso é injusto, Nicolau. Como eu poderia saber que eles me descobririam tão rápido? Que eles matariam Mario?

Maquiavel falou com seriedade, segurando Ezio pelos ombros.

— Olhe, Ezio, aconteça o que acontecer, precisamos nos preparar com cuidado. Não podemos agir com raiva. Estamos lutando contra *scorpioni*; pior, contra serpentes! Elas são capazes de se enrolar no seu pescoço e picar as suas bolas em um movimento só. Elas não sabem o que é certo e o que é errado. Só sabem o que têm de fazer! Rodrigo se cercou de cobras e matadores. Até a filha dele, Lucrécia, foi transformada em uma arma fabulosa, e ela sabe tudo que há para saber sobre a arte do envenenamento. — Ele fez uma pausa. — No entanto, ela não é nada em comparação a Cesare!

— Ele outra vez.

— Ele é ambicioso, implacável e cruel além do que você possa imaginar. As leis dos homens não significam nada para ele. Ele matou o próprio irmão, o duque de Gândia, para chegar ao poder absoluto. Nada vai detê-lo.

— Eu vou acabar com ele.

— Só se você for racional. Ele tem a Maçã, não se esqueça disso. O céu que nos proteja se ele realmente aprender a usá-la.

A mente de Ezio se projetou nervosamente para Leonardo, que conhecia a Maçã bem demais…

— Ele não conhece perigo nem cansaço — continuou Maquiavel. — Aqueles que não caíram pela espada de Cesare se juntaram às suas fileiras. As poderosas famílias Orsini e Colonna já se ajoelharam aos pés dele, e o rei Luís da França está ao lado dele. — Maquiavel fez outra pausa, pensativo. — Mas ao menos o rei Luís só será aliado dele enquanto lhe for útil…

— Você superestima o homem!

Maquiavel parecia não tê-lo ouvido. Estava perdido em seus próprios pensamentos.

— O que ele pretende fazer com todo esse poder? Com todo esse dinheiro? O que o incentiva?… Isso eu ainda não sei. Mas, Ezio — disse ele, olhando fixamente para o amigo —, Cesare de fato pretende tomar toda a *Itália*, e do jeito que as coisas vão, ele vai conseguir.

Ezio hesitou, chocado.

— Isso é… eu estou ouvindo *admiração* na sua voz?

O rosto de Maquiavel estava impassível.

— Ele sabe como conseguir o que quer. Uma virtude muito rara no mundo de hoje. E ele é o tipo de homem que poderia fazer o mundo se dobrar às próprias vontades.

— O que você quer dizer exatamente?

— Apenas isso: as pessoas precisam de alguém para admirar, ou até adorar. Pode ser Deus ou Cristo, mas melhor ainda seria alguém que pode ser visto, não uma imagem. Rodrigo, Cesare, até mesmo um grande ator ou cantor, desde que estejam bem-vestidos e tenham fé em si mesmos. O resto segue de maneira lógica. — Maquiavel bebeu um pouco de vinho. — É parte de nós, não interessa a mim, a você ou ao Leonardo, mas há pessoas por aí que têm a ambição de serem seguidas e elas são as mais perigosas. — Ele terminou de beber. — Por sorte, elas também podem ser manipuladas por pessoas como eu.

— Ou destruídas por pessoas como eu.

Sentaram-se em silêncio por um longo momento.

— Quem será o líder da Irmandade agora que Mario está morto? — perguntou Ezio.

— É uma boa pergunta! Estamos desorganizados e há poucos candidatos. É um assunto importante, é claro, mas a escolha será feita. Enquanto isso, vamos. Temos um trabalho a fazer.

— Vamos levar cavalos? Mesmo que metade dela esteja em ruínas, Roma ainda é uma cidade bem grande — sugeriu Ezio.

— Falar é fácil. Cesare está cada vez mais perto de dominar completamente a região de Romagna, e os Bórgia estão cada vez mais poderosos. Eles tomaram as melhores partes da cidade para si. Estamos em um *rione*, um distrito dos Bórgia agora. Não vamos conseguir cavalos nestes estábulos.

— Então a vontade dos Bórgia é a única lei por aqui agora?

— Ezio, o que você está insinuando? Que eu aprovo isso?

— Não se faça de burro comigo, Nicolau.

— Eu não me faço de burro com ninguém. Você tem um plano?

— Vamos improvisar.

Eles foram até a área dos estábulos, onde era possível alugar cavalos. No caminho Ezio percebeu que as ruas estavam ladeadas por lojas fechadas que, em circunstâncias normais, estariam funcionando. O que estava acontecendo? Realmente, quanto mais eles se aproximavam dos estábulos, mais numerosos e ameaçadores eram os guardas de amarelo e vermelho. Ezio notou que Maquiavel estava cada vez mais preocupado.

Não demorou muito para que o caminho deles fosse bloqueado por um musculoso sargento, seguido por mais ou menos uma dúzia de brutamontes uniformizados.

— O que o traz a estas bandas, amigo? — perguntou ele a Ezio.

— Hora de improvisar? — sussurrou Maquiavel.

— Queremos alugar cavalos — respondeu Ezio calmamente.

O sargento soltou uma gargalhada.

— Aqui é que não vai ser, amigo. Siga seu caminho — apontou ele na direção de onde eles tinham vindo.

— Não é permitido?

— Não.

— Por quê?

O sargento desembainhou a espada e os outros guardas o imitaram. Ele tocou o pescoço de Ezio com a ponta da espada e pressionou de leve, fazendo surgir uma gota de sangue.

— Você sabe o que a curiosidade fez ao gato, não sabe? Agora cai fora!

Com um movimento quase imperceptível, Ezio usou a lâmina oculta para cortar os tendões do pulso que segurava a espada, que caiu inútil no chão. Com um enorme grito o sargento se curvou, agarrando a ferida. Ao mesmo tempo, Maquiavel saltou para a frente e atingiu horizontalmente os três guardas mais próximos em um movimento largo. Todos os três cambalearam para trás, surpresos com a audácia daqueles dois homens.

Ezio rapidamente recolheu a lâmina oculta e em um único movimento ágil desembainhou a espada e a adaga. As armas estavam livres e posicionadas bem a tempo de cortar os dois primeiros atacantes, que, recuperando a compostura, tinham avançado para vingar o sargento. Nenhum dos homens dos Bórgia era hábil o suficiente para enfrentar Ezio ou Maquiavel — o treinamento dos Assassinos era de uma classe completamente diferente. Mesmo assim, os dois amigos estavam em número muito inferior, o que equilibrava um pouco as chances. Entretanto, a ferocidade inesperada do ataque lhes deu uma vantagem quase insuperável.

Tomados quase completamente de surpresa, e desacostumados com situações negativas, os 12 homens logo foram despachados. Mas a comoção tinha chamado atenção, e mais soldados chegaram, e então mais outros, e eram mais de duas dúzias, no total. Maquiavel e Ezio quase foram superados pela simples desvantagem numérica, e pelo esforço de enfrentar tantos inimigos de uma só vez. Os floreios estilísticos dos quais os dois eram capazes foram deixados de lado em troca de uma forma de esgrima muito mais rápida e eficiente: a vitória em três segundos, bastando um único golpe. Os dois homens resistiram bravamente, com a determinação marcada no rosto, e logo todos os inimigos tinham fugido ou jaziam feridos, moribundos ou mortos aos pés dos Assassinos.

— É melhor nos apressarmos — afirmou Maquiavel, ofegante. — Não vamos ganhar acesso aos estábulos só porque despachamos alguns capangas dos

Bórgia de volta ao Criador. O povo continua amedrontado. É por isso que muitos não abriram as lojas.

— Você tem razão — concordou Ezio. — Precisamos mandar um sinal para eles. Espere aqui!

Havia um fogo aceso em um braseiro próximo. Ezio catou um tição e escalou a parede do estábulo, onde uma bandeira dos Bórgia, com o touro negro no campo dourado, esvoaçava à brisa leve. Ezio a incendiou e, enquanto o pano queimava, uma ou duas portas de loja se abriram cautelosamente, assim como os portões dos estábulos.

— Assim é melhor! — gritou Ezio, se virando para falar à pequena multidão que se reunira. — Não temam os Bórgia! Não sejam os servos deles! Os dias dessa corja estão contados, e a hora da justiça se aproxima!

Mais pessoas se aproximaram, festejando.

— Eles voltarão — afirmou Maquiavel.

— Sim, voltarão, mas nós mostramos a essas pessoas que eles não são os tiranos todo-poderosos que imaginavam ser.

Ezio saltou da parede para o pátio do estábulo, onde Maquiavel se reuniu a ele. Rapidamente, escolheram duas montarias fortes e as selaram.

— Nós vamos voltar — prometeu Ezio ao chefe dos cavalariços. — Talvez vocês devessem limpar o lugar, agora que ele pertence novamente a vocês, como é de direito.

— Nós o faremos, meu senhor — respondeu o homem, que ainda parecia temeroso.

— Não se preocupe. Eles não vão machucar vocês, agora que vocês os viram sendo derrotados.

— E por que o senhor crê nisso?

— Eles precisam de vocês. Não podem continuar sem vocês. Basta mostrar que não se acovardarão ou não serão manipulados pela força e eles terão de implorar pela sua ajuda.

— Eles vão nos enforcar, ou coisa pior!

— Vocês preferem passar o resto das suas vidas sob o jugo deles? Enfrentem-nos. Os Bórgia terão de ouvir pedidos razoáveis. Nem mesmo os tiranos podem sobreviver se um número suficiente de pessoas se recusar a

obedecê-los.

Maquiavel, já montado, tirou um caderninho preto e começou a escrever nele, sorrindo distraidamente para si mesmo. Ezio montou o próprio cavalo.

— Achei que você tinha dito que estávamos com pressa — comentou Ezio.

— E estamos. Mas eu estava anotando o que você disse.

— Espero que isso seja um comentário elogioso.

— Ah, sim, muito elogioso. Mas vamos logo!

“Você é um mestre em abrir ferimentos, Ezio — continuou Maquiavel enquanto cavalgavam. — Mas você também saberia como fechá-los?

— Pretendo curar a doença que habita no coração da nossa sociedade, e não ficar apenas perdendo tempo com os sintomas.

— Palavras corajosas. Mas você não precisa discutir comigo, estamos do mesmo lado, não se esqueça. Estou apenas colocando outro ponto de vista.

— Isso é um teste? — Ezio estava desconfiado. — Bem, vamos falar abertamente então. Eu acredito que a morte de Rodrigo Bórgia não teria resolvido o nosso problema.

— É mesmo?

— Bem, olhe só para essa cidade. Roma é o epicentro do poder dos Templários e dos Bórgia. O que eu acabei de dizer ao cavalariço continua valendo. Matar Rodrigo não mudará as coisas. Corte a cabeça de um homem e ele morrerá, claro. Mas estamos lidando com uma Hidra.

— Entendo o que você quer dizer, como o monstro de sete cabeças que Hércules teve de matar. E mesmo assim as cabeças continuavam crescendo de volta até que ele aprendeu o truque necessário para detê-las.

— Exatamente.

— Então você sugere que nós apelemos ao povo?

— Talvez. O que mais fazer?

— Perdoe-me, Ezio, mas o povo é volúvel. Depender dele é como construir um castelo de areia.

— Discordo, Nicolau. Nossa crença na humanidade certamente está no cerne do Credo dos Assassinos.

— E isso é algo que você pretende colocar em teste?

Ezio estava a ponto de responder quando em um instante um jovem ladrão

passou correndo ao lado deles e, com a faca, cortou rápida e seguramente os cadarços de couro que prendiam a bolsa de dinheiro de Ezio ao cinto.

— Mas que...? — gritou Ezio.

Maquiavel riu.

— Ele deve ser do seu círculo interno. Olhe só como corre! Talvez você o tenha treinado! Vá! Recupere o que foi roubado. Precisamos daquele dinheiro! Nós nos encontraremos no Campidoglio no monte Capitolino!

Ezio virou o cavalo e saiu galopando atrás do ladrão. O sujeito correu por becos estreitos demais para o cavalo, e Ezio teve de dar a volta, preocupado em deixar a presa escapar. Porém, ele também estava ciente do triste fato de que não conseguiria alcançar o homem mais jovem a pé. Era quase como se o ladrão tivesse mesmo passado pelo treinamento dos Assassinos. Mas como isso poderia ter acontecido?

Finalmente Ezio encurralou o jovem em um beco sem saída e o empurrou contra a parede dos fundos com o corpo do cavalo, prendendo-o.

— Devolva — comandou Ezio com frieza, desembainhando a espada.

O homem ainda parecia determinado a fugir, mas quando percebeu quão desesperadora era a situação em que tinha se metido, ele se resignou, deixando o corpo relaxar e erguendo a mão com a bolsa sem dizer nada. Ezio tomou o dinheiro de volta e guardou a bolsa em um lugar seguro. Ao fazê-lo, deixou o cavalo se mexer um pouco, e em um piscar de olhos o ladrão escalou a parede com velocidade extraordinária e desapareceu do outro lado.

— Ei, volte aqui, eu ainda não terminei com você! — gritou Ezio, mas tudo que recebeu como resposta foi o som de alguém correndo para longe.

Suspirando e ignorando a pequena multidão que tinha se reunido, ele guiou o cavalo na direção do monte Capitolino.

Estava anoitecendo quando Ezio reencontrou Maquiavel.

— Conseguiu recuperar o dinheiro das mãos do nosso amigo?

— Consegui.

— Uma pequena vitória.

— Elas se acumulam — retrucou Ezio. — E, com o tempo e muito trabalho, teremos mais algumas.

— Vamos torcer para que isso aconteça antes que Cesare nos encontre e destrua outra vez. Ele quase conseguiu permanentemente em Monteriggioni. Agora, vamos continuar — disse Maquiavel, incitando o cavalo.

— Aonde vamos?

— Ao Coliseu. Temos um encontro marcado com um contato meu, Vinicio.

— E?

— Ele ficou de me trazer uma coisa. Vamos lá!

Enquanto eles cavalgavam pela cidade na direção do Coliseu, Maquiavel fez comentários irônicos sobre os vários novos prédios erguidos pelo papa Alexandre VI durante sua administração.

— Olhe todas essas fachadas, mascaradas como prédios do governo. Rodrigo mantém este lugar funcionando de uma forma muito inteligente. Assim ele engana os seus amigos, “o povo”, com muita facilidade.

— Quando é que você se tornou tão cínico?

Maquiavel sorriu.

— Eu não estou sendo nem um pouco cínico. Estou apenas descrevendo a *Roma* que existe hoje! Mas você está certo, Ezio, talvez eu esteja um pouco amargurado, um pouco negativo demais. Talvez nem tudo esteja perdido. A boa notícia é que temos aliados na cidade. Você os conhecerá. E o Colégio dos Cardeais não está completamente dominado por Rodrigo, apesar dos esforços dele. Mas são muito precárias...

— O que são precárias?

— Nossas chances de sucesso final.

— Só nos resta tentar. Desistir é o caminho garantido da derrota.

— E quem falou em desistir?

Eles cavalgaram em silêncio e chegaram à enorme ruína soturna do Coliseu. Para Ezio, o lugar ainda estava coberto pela sombra dos horrores dos jogos que tinham acontecido ali há milhares de anos. A atenção do Assassino logo se voltou a um grupo de soldados dos Bórgia com um mensageiro papal. De espadas em punho e brandindo ameaçadoramente as alabardas, além das tochas vermelhas, eles estavam intimidando um pequeno homem.

— *Merda!* — exclamou Maquiavel em voz baixa. — Aquele é Vinicio. Eles chegaram primeiro.

De modo silencioso, os dois frearam os cavalos, se aproximando do grupo tão discretamente quanto possível, de modo a maximizar o elemento surpresa. Ao chegar mais perto, ouviram trechos da conversa.

— O que você tem aí? — perguntava um dos guardas.

— Nada.

— Tentando roubar correspondência oficial do Vaticano, é?

— *Perdonatemi, signore*, o senhor deve estar enganado.

— Não há engano algum, ladrãozinho — retrucou outro guarda, espetando o homem com a alabarda.

— Para quem você está trabalhando, *ladro?*

— Ninguém.

— Ótimo, então ninguém vai se importar com o que acontecer com você.

— Já ouvi bastante — afirmou Maquiavel. — Temos de salvar Vinicio e a carta que ele carrega.

— Carta?

— Vamos lá!

Maquiavel cravou os calcanhares nos flancos da montaria, e o cavalo, surpreso, disparou em um galope enquanto Maquiavel segurava as rédeas com força. O animal empinou, chutando loucamente com as patas dianteiras e acertando o guarda mais próximo direto na têmpora, fazendo o capacete afundar para dentro do crânio. O homem caiu como uma pedra. Enquanto isso, Maquiavel tinha girado para a direita, se abaixando bem para fora da sela. Golpeando para baixo, ele acertou violentamente o ombro do guarda que ameaçava Vinicio, que largou a alabarda e caiu com a dor no ombro. Ezio esporeou o próprio cavalo, galopando por entre dois outros guardas e usando o pomo da espada para bater com força letal na cabeça do primeiro homem. Depois, acertou os olhos do segundo com a parte achatada da lâmina. Restava mais um guarda que, distraído pelo ataque, não percebeu quando Vinicio agarrou o cabo da alabarda e o puxou para a frente. A adaga de Vinicio esperava pelo guarda, perfurando-lhe a garganta. O sujeito caiu com um gorgolejar enquanto o sangue fluía para os pulmões. Mais uma vez, o elemento surpresa deu a vantagem aos Assassinos. Os soldados dos Bórgia claramente não estavam acostumados a enfrentar tamanha resistência ao abusar dos cidadãos. Vinicio não

perdeu tempo e indicou com um gesto a rua principal que levava para fora da praça central. Um cavalo podia ser visto se afastando da praça, levando um homem que incitava o animal a correr mais.

— Dê-me a carta. Vamos logo com isso! — exigiu Maquiavel.

— Mas não está comigo, está com ele — gritou Vinicio, apontando para o cavalo em fuga. — Eles a tomaram de mim.

— Vá atrás dele! — ordenou Maquiavel a Ezio. — Custe o que custar, pegue a carta e leve para mim na *Terme di Diocleziano* até a meia-noite. Estarei esperando.

Ezio saiu em perseguição.

Dessa vez foi mais fácil do que pegar o ladrão. O cavalo de Ezio era melhor do que o do mensageiro, e o sujeito não era um lutador. O Assassino o puxou do cavalo com facilidade. Ele não queria matar o mensageiro, mas não poderia deixá-lo ir e soar o alarme.

— *Requiescat in pace* — murmurou enquanto cortava a garganta do homem.

Ezio guardou a carta fechada na bolsa do cinto e fez uma corda de reboque com a rédea do cavalo do mensageiro para que pudesse levá-lo com ele. Depois subiu novamente em sua própria montaria e partiu para as ruínas das Termas de Diocleciano.

Estava quase completamente escuro, exceto pelas ocasionais tochas em candeeiros nas paredes. Para chegar às termas, Ezio tinha de cruzar um considerável pedaço de terras ermas e, no meio do caminho, seu cavalo empinou e relinchou de medo. O outro cavalo fez o mesmo e Ezio teve de acalmá-los. Então ele ouviu um som horripilante, como o uivo de lobos, mas não igual, provavelmente ainda pior. Parecia mais com vozes humanas imitando os animais. Ele girou o cavalo nas trevas, soltando a corda de reboque que tinha feito. Uma vez livre, o cavalo do mensageiro se virou e galopou para a escuridão. Ezio esperava que o animal encontrasse o caminho de volta para casa.

Ele não teve muito tempo para pensar nisso ao alcançar as termas desertas. Maquiavel não tinha chegado ainda, certamente estava metido em alguma de suas missões misteriosas na cidade, mas então...

Saídas de pequenos montes e das touceiras de grama que cresciam nas ruínas da antiga cidade romana, surgiram silhuetas, cercando-o. Pessoas de aparência

selvagem, praticamente desprovidas de qualquer humanidade. Erguiam-se eretas, mas tinham longas orelhas, focinhos, garras e rabos, e estavam cobertas de pelagem cinzenta. Os olhos pareciam cintilar em vermelho. Ezio respirou fundo. O que seriam aquelas criaturas diabólicas? Seus olhos percorreram as ruínas. Ele estava cercado de pelo menos uma dúzia daqueles homens-lobo. Ezio sacou a espada novamente. Aquele dia não era um dos melhores.

Com rosnados e uivos de lobo, as criaturas se lançaram contra Ezio. Quando se aproximaram, Ezio percebeu que eram de fato homens como ele, mas aparentemente loucos, como se estivessem em alguma forma de transe sagrado. Empunhavam longas e afiadas garras de aço costuradas firmemente nas pontas de luvas grossas, e com elas atacaram suas pernas e os flancos do cavalo, tentando derrubá-lo.

Ezio conseguiu mantê-los afastados com a espada. Como os disfarces não tinham nenhuma camada de metal ou qualquer outra proteção por baixo das peles de lobo, ele conseguiu feri-los com a lâmina afiada da espada. Cortou fora o braço de um deles na altura do cotovelo, e o ferido fugiu, berrando horrivelmente em meio às trevas. As estranhas criaturas pareciam ser mais agressivas do que habilidosas, e suas garras não eram páreo para a ponta cortante da espada. Ezio avançou rapidamente, rachando o crânio de mais um e perfurando o olho esquerdo de um terceiro. Os dois homens-lobos caíram ali mesmo, mortalmente feridos pelos ataques de Ezio. Então os outros homens-lobos começaram a reconsiderar a hipótese de continuar o ataque, e alguns deles sumiram nas trevas ou nas cavernas formadas pelas ruínas ao redor das termas. Ezio os perseguiu, rasgando fundo a coxa de um dos supostos atacantes e pisoteando outro sob os cascos do cavalo. Ao ultrapassar o sexto inimigo, Ezio se inclinou para baixo e, virando-se para trás, abriu o estômago do sujeito que, tendo as tripas derramadas no chão, tropeçou sobre elas e morreu.

Finalmente, tudo ficou em silêncio.

Ezio acalmou o cavalo e ficou de pé nos estribos, forçando os olhos afiados a penetrar as trevas e os ouvidos a captar sinais que os olhos não poderiam ver. Ele concluiu que podia ouvir o ruído de alguém ofegando não muito longe, mesmo que nada fosse visível. Ezio fez o cavalo andar e avançou silenciosamente na direção do barulho.

Parecia vir das trevas de uma caverna rasa, formada por um arco desabado e recoberta de vinhas e mato. Após desmontar e amarrar o cavalo de modo firme a um toco de árvore, ele esfregou terra na lâmina da espada, para que ela não brilhasse e revelasse sua posição. Ezio avançou com cuidado. Pensou por um instante ter visto o tremeluzir de uma chama nas profundezas da caverna.

Quando Ezio entrou na caverna, morcegos o sobrevoaram e saíram para a noite. O lugar fedia com suas fezes. Insetos invisíveis e outras criaturas rastejavam e fugiam dele. Ezio os xingou pelo barulho que faziam, tão alto quanto um trovão para ele, mas a emboscada, se é que havia alguma, não veio.

Então ele viu a chama de novo e ouviu o que jurava ser um leve choramingar. Ezio percebeu que a caverna não era tão rasa quanto o arco tinha sugerido, e que o corredor se curvava suavemente, se estreitando e levando para trevas ainda mais profundas. Ao seguir a curva, os lampejos da chama que Ezio vira antes se combinavam em uma pequena fogueira, em cuja luz ele pôde ver um vulto encurvado.

O ar estava um pouco mais fresco ali. Certamente havia algum respiro no teto que Ezio não conseguia ver. Por esse motivo o fogo conseguia arder. Ezio ficou imóvel e observou.

Choramingando, a criatura estendeu a mão esquerda imunda e esquelética e pegou a ponta de uma barra de ferro que estava metida no fogo. A outra ponta estava incandescente e vermelha, e, tremendo, a criatura se preparou e tocou o ferro quente no toco sangrento do braço direito, sufocando um berro em uma tentativa de cauterizar a ferida.

Era o homem-lobo que Ezio tinha mutilado.

Durante o instante em que a atenção do homem-lobo estava voltada exclusivamente à dor e à tarefa que realizava, Ezio se lançou para a frente. Foi quase tarde demais, pois a criatura era rápida e chegou perto de escapar, mas o punho de Ezio se fechou em volta do braço bom do homem. Foi difícil, pois o braço seboso estava escorregadio, e o fedor que a criatura soltou ao se mover era quase insuportável, mas Ezio segurou firme. Recuperando o fôlego e chutando a barra de ferro para longe, Ezio perguntou:

— O que diabos é você?

— Urgh — foi tudo que o homem respondeu. Ezio lhe acertou um tapa

violento na cabeça com a outra mão, ainda vestindo uma luva de cota de malha. O sangue espirrou perto do olho esquerdo do homem, que gemeu de dor.

— O que é você? Fale!

— Ergh. — A boca aberta exibia um conjunto de dentes partidos e cinzentos, e o fedor que emanava dela fazia o bafo de uma prostituta embriagada parecer perfume.

— Fale! — Ezio encostou a ponta da espada no cotoco e girou. Ele não tinha tempo a perder com aquele destroço de ser humano. Estava preocupado com o cavalo.

— Aargh! — Dessa vez um grito de dor. Então uma voz grosseira, quase incompreensível, emergiu dos grunhidos inarticulados, falando bom italiano.

— Sou um seguidor da *Secta Luporum*.

— A Seita dos Lobos? Que merda é essa?

— Você descobrirá. O que você fez hoje...

— Ah, cale-se. — Apertando mais forte, Ezio atiçou o fogo para fortalecer a luz e olhou em volta. Ele viu agora que estava em um tipo de câmara com um domo, talvez escavada deliberadamente. Havia muito pouco nela além de um par de cadeiras e uma mesa grosseira com um punhado de papéis com uma pedra em cima.

— Meus irmãos logo voltarão e... então...

Ezio o arrastou até a mesa, apontando os papéis com a espada.

— E isso? O que são esses papéis?

O homem olhou para ele e cuspiu. Ezio colocou a ponta da espada perto do cotoco ensanguentado novamente.

— Não! — uivou o homem. — De novo não!

— Então fale — Ezio olhou os papéis. Chegaria um momento em que ele teria de baixar a espada, por mais rápido que fosse, para pegar as folhas de papel. Alguns dos escritos estavam em italiano, outros em latim, e havia outros símbolos, que pareciam escrita, mas ele não conseguia decifrar.

Ezio ouviu um ruído, vindo do corredor. Os olhos do homem-lobo brilharam.

— Nossos segredos... — afirmou ele.

No mesmo instante mais dois homens-lobos saltaram para o aposento, rugindo e cutilando o ar com as garras de aço. O prisioneiro de Ezio se libertou e

teria se juntado a eles se o Assassino não tivesse separado sua cabeça do corpo, lançando-a rolando no chão até os companheiros. Ezio correu para o outro lado da mesa, agarrando os papéis, e atirou a mesa contra os inimigos.

A luz do fogo diminuiu. A fogueira precisava ser atiçada de novo, precisava de mais lenha. Ezio fez um esforço para ver os dois últimos homens-lobos, que pareciam sombras cinzentas na sala. Ezio recuou para as trevas, guardou os papéis na túnica e esperou.

Os homens-lobos podiam ter a força dos loucos, mas certamente não eram nem um pouco habilidosos, exceto talvez na arte de assustar pessoas. Eles certamente não sabiam se calar ou se mover em silêncio. Usando os ouvidos mais do que os olhos, Ezio conseguiu circundar a sala, encostado na parede, até ficar atrás deles, enquanto eles ainda achavam que o Assassino estava em algum lugar na escuridão adiante.

Não havia tempo a perder. Ezio embainhou a espada, liberou a lâmina oculta, aproximou-se de um deles silenciosamente como um lobo de verdade e, segurando-o com firmeza por trás, lhe cortou a garganta. O homem morreu rápido e de modo silencioso, e Ezio baixou o corpo no chão com cuidado. Considerou a hipótese de capturar o outro, mas não havia tempo para interrogatórios. Poderia haver mais deles, e Ezio não sabia se teria força para lutar mais. Ele conseguia sentir o pânico do outro homem, e teve certeza disso quando o sujeito abandonou a imitação de lobo e chamou, ansioso nas trevas.

— Sandro?

Foi muito fácil então localizá-lo, e novamente a garganta exposta foi o alvo escolhido por Ezio. Mas, dessa vez, o homem se virou, atacando freneticamente o ar com as garras. Ele podia ver Ezio, mas lembrou que as criaturas não usavam cota de malha sob as fantasias. Ezio recolheu a lâmina oculta e com a adaga, maior e menos sutil, que tinha a vantagem de uma lâmina serrilhada, abriu o peito do homem. O coração e os pulmões expostos cintilaram à luz moribunda quando o último homem-lobo caiu com o rosto na fogueira. O cheiro de carne e cabelos queimados ameaçou derrubar Ezio quase imediatamente, mas ele saltou para trás e fugiu o mais rápido que pôde, subjugando o pânico e alcançando o ar dócil da noite.

Uma vez fora da caverna, Ezio viu que os homens-lobos não tinham tocado

no cavalo. Talvez tivessem tanta certeza de que tinham prendido Ezio que não se deram ao trabalho de matar o animal ou espantá-lo dali. Ezio desamarrou o cavalo e percebeu que estava tremendo demais para montar. Em vez disso ele tomou as rédeas e guiou o animal de volta às Termas de Diocleciano. Era bom que Maquiavel estivesse lá, e estivesse bem armado. Por Deus, se ao menos Ezio ainda tivesse a pistola do códex! Ou uma daquelas armas que Leonardo tinha criado para o novo mestre. Mas Ezio tinha de fato a satisfação de saber que ainda podia vencer as lutas usando a inteligência e o treinamento; duas coisas que não poderiam ser tomadas dele até o dia que o pegassem e o torturassem até a morte.

Ezio permaneceu completamente alerta na curta jornada de volta às termas, e percebeu que se assustava com sombras, coisa que jamais teria acontecido quando era mais jovem. A ideia de alcançar as termas em segurança não lhe trouxe conforto algum. E se lá houvesse mais uma emboscada esperando por ele? E se as criaturas tivessem surpreendido Maquiavel? Será que Maquiavel estava ciente da existência da *Secta Luporum*?

A quem ou a que Maquiavel era leal, afinal?

Ezio chegou sem problemas à sombria e vasta ruína, um memorial a uma era perdida na qual a Itália tinha dominado o mundo. Não havia sinal de vida que ele pudesse ver, mas então Maquiavel apareceu saindo detrás de uma oliveira e cumprimentou Ezio com seriedade.

— Por que se atrasou?

— Eu cheguei aqui primeiro. Mas então... algo me distraiu. — Ezio olhou o companheiro sem se abalar.

— O que você quer dizer?

— Um grupo de palhaços fantasiados. Parece familiar?

O olhar de Maquiavel era aguçado.

— Fantasiados de lobos?

— Quer dizer que ouviu falar neles?

— Sim.

— Então por que sugeriu que nos encontrássemos aqui?

— Você está insinuando que...?

— O que mais eu poderia pensar?

— Caro Ezio. — Maquiavel deu um passo à frente. — Eu lhe garanto, pela santidade do nosso Credo, que não fazia ideia de que eles estariam aqui. — Ele fez uma pausa. — Mas você tem razão. Eu busquei um ponto de encontro isolado, sem perceber que eles também poderiam ter feito o mesmo.

— E se eles foram avisados?

— Se você estiver duvidando da minha honra...

Ezio fez um gesto impaciente.

— Ah, deixe para lá — interrompeu. — Já temos problemas demais sem brigarmos um com o outro.

Na verdade, Ezio sabia que teria de confiar em Maquiavel por enquanto. E, até agora, não teve motivo para não fazê-lo. Mas no futuro manteria as cartas perto do peito.

— Quem são eles? O quê são eles?

— A Seita dos Lobos. Às vezes se autodenominam Seguidores de Rômulo.

— Não seria melhor sairmos daqui? Consegui pegar alguns papéis deles, e eles podem voltar para buscar o que roubei.

— Primeiro, diga-me se conseguiu a carta e me conte rapidamente o que mais lhe aconteceu. Está com uma aparência de quem participou de várias guerras — comentou Maquiavel.

Depois do relato de Ezio, o amigo sorriu.

— Duvido que voltem esta noite. Somos dois homens armados e treinados, e parece que você lhes deu uma bela surra. Mas isso por si só irá enfurecer Cesare. Veja bem, por mais que não exista muita evidência, acreditamos que essas criaturas estão sob o comando dos Bórgia. Eles são um bando de falsos pagãos que andam aterrorizando a cidade há meses.

— Para quê?

Maquiavel estendeu as mãos.

— Fins políticos. Propaganda. A ideia é encorajar as pessoas a se colocarem sob a proteção papal e, em troca, oferecer certo grau de lealdade.

— Que conveniente. Mas, mesmo assim, não seria melhor sair logo daqui? — Ezio estava súbita e obviamente cansado. Estava dolorido até a alma.

— Eles não voltarão mais esta noite. Sem querer diminuir sua proeza, Ezio, mas os homens-lobos não são lutadores, nem mesmo matadores. Os Bórgia os

usam como intermediários de confiança, mas o trabalho principal deles é assustar. São pobres almas iludidas que sofreram lavagem cerebral dos Bórgia e agora trabalham para eles. Acreditam que os novos mestres os ajudarão a reconstruir a Roma antiga, desde a origem. Os fundadores de Roma foram Rômulo e Remo, que mamaram em uma loba quando bebês.

— Eu me lembro da lenda.

— Para os homens-lobos, pobres criaturas, não é lenda. Mas eles são uma ferramenta perigosa nas mãos dos Bórgia. — Maquiavel fez uma pausa rápida. — Agora, a carta! E os papéis que você pegou no covil dos homens-lobos. Muito bem feito, aliás.

— Isso se eles forem úteis.

— Veremos. Entregue-me a carta.

— Aqui está ela.

Apressadamente, Maquiavel rompeu o selo e desdobrou o pergaminho.

— *Cazzo* — murmurou. — Está criptografada.

— Como assim?

— Esta aqui era para estar em texto normal. Vinicio é, quer dizer, era um dos meus espiões infiltrados dentre os Bórgia. Ele me disse que boas fontes o informaram que a carta estaria em escrita normal. Idiota! Eles estão transmitindo informações em código. Sem a folha de cifra, não temos nada.

— Talvez os papéis que eu peguei possam ajudar.

Maquiavel sorriu.

— Por Deus, Ezio, às vezes eu agradeço por estarmos do mesmo lado. Vamos dar uma olhada.

Rapidamente ele folheou os papéis que Ezio tinha conseguido e a expressão de preocupação se aliviou.

— Ajudou?

— Acho que... talvez... — Ele leu mais um pouco, com o cenho franzido novamente. — Sim! Por Deus, sim! Acho que conseguimos! — Ele deu um tapa no ombro de Ezio e riu.

Ezio riu também.

— Viu? Às vezes a lógica não é a única maneira de se ganhar uma guerra. A sorte pode participar também. *Andiamo!* Você disse que temos aliados na cidade.

Vamos lá, leve-me até eles!

— Siga-me.

15

— E quanto ao cavalo? — perguntou Ezio.

— Solte-o. Ele vai encontrar o caminho de volta ao estábulo.

— Não posso abandoná-lo.

— Mas precisa. Vamos voltar à cidade. Se ele voltar conosco, saberão que você retornou. E se encontrarem o cavalo aqui, com sorte pensarão que você ainda está vagando por esta área e farão a busca por aqui mesmo.

Ezio obedeceu de forma relutante, e Maquiavel o conduziu até uma escadaria oculta de pedra que levava ao subsolo. No final dos degraus havia uma tocha acesa, que Maquiavel pegou.

— Onde estamos? — indagou Ezio.

— Esse caminho leva a um sistema ancestral de túneis que se espalham por sob a cidade. Seu pai os descobriu e eles se mantiveram como um segredo dos Assassinos desde então. Podemos usar essa rota para evitar os guardas que estiverem nos procurando, porque você pode ter certeza de que os homens-lobos que escaparam vão soar o alarme. Os túneis são grandes porque antigamente eram usados para transporte de cargas e tropas, e são bem construídos também, como tudo naquela época. Mas muitas das saídas dentro da cidade desmoronaram e estão bloqueadas, então temos de escolher o caminho cuidadosamente. Mantenha-se próximo. Seria fatal se você se perdesse aqui embaixo.

Caminharam por duas horas pelo labirinto que parecia ser infinito. Ezio eventualmente espiava túneis laterais, entradas bloqueadas, estranhos baixos-relevos de deuses esquecidos sobre arcadas e escadarias ocasionais levando para cima, algumas para a escuridão, outras, menos frequentes, revelando um raio de luz no alto. Finalmente, Maquiavel, que tinha mantido um passo constante mas apressado o tempo todo, parou diante de um dos lances de degraus.

— Chegamos — anunciou. — Vou primeiro, é quase alvorada e precisamos ser cuidadosos. — Ele sumiu escada acima.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, durante a qual Ezio chegou a se perguntar se teria sido abandonado, ele ouviu um sussurro.

— Tudo certo — disse Maquiavel.

Apesar do cansaço, Ezio correu pelos degraus, feliz em sentir o ar fresco novamente. Tinha visto, naquela noite, o bastante de cavernas e túneis para o resto da vida.

Ele emergiu de algum tipo de bueiro em uma sala ampla, grande o suficiente para ter sido algum tipo de armazém um dia.

— Onde estamos?

— Em uma ilha no rio Tibre. Foi usada como depósito durante anos. Ninguém mais vem aqui, exceto nós.

— Nós?

— Nossa Irmandade. Este é, se preferir, nosso esconderijo em Roma.

Um jovem forte e confiante se levantou de um banco ao lado de uma mesa coberta de papéis e dos restos de uma refeição e veio saudá-los. O tom dele era receptivo e amistoso.

— Nicolau! *Ben trovato!* — Ele se virou para Ezio. — E você deve ser o famoso Ezio! Bem-vindo! — Ele tomou a mão de Ezio e a apertou calorosamente. — Fabio Orsini, ao seu serviço. Ouvi do meu primo muitas coisas boas sobre você, ele é um velho amigo seu: Bartolomeo d'Alviano.

Ezio sorriu ao ouvir o nome.

— Um bravo guerreiro.

— Foi Fabio quem descobriu este lugar — afirmou Maquiavel.

— Temos todas as conveniências aqui — comentou Fabio. — E do lado de fora está tudo tão coberto por hera e outras coisas que nem dá para saber que isto

existe.

— É bom ter você do nosso lado.

— Minha família levou alguns duros golpes dos Bórgia recentemente, e meu objetivo é devolver os favores e restaurar nosso patrimônio — Fabio olhou em volta com desconfiança. — É claro, isto aqui pode parecer meio pobre a você, depois das suas acomodações na Toscana.

— Aqui está perfeito.

Fabio sorriu.

— *Bene*, agora que vocês chegaram, preciso pedir licença e deixá-los imediatamente.

— Quais são seus planos? — perguntou Maquiavel.

A expressão de Fabio ficou mais séria.

— Sigo para iniciar preparativos em Romagna. Hoje Cesare está no controle das minhas terras e dos meus homens, mas logo, eu espero, seremos livres novamente.

— *Buona fortuna*!

— *Grazie*!

— *Arrivederci*!

— *Arrivederci*!

E, com um aceno amistoso, Fabio se foi.

Maquiavel abriu um espaço na mesa e desenrolou a carta criptografada e a página decodificadora dos homens-lobos.

— Preciso cuidar disso — afirmou. — Você deve estar exausto. Há comida e vinho ali, além de água romana boa e limpa. Recupere-se enquanto eu trabalho, pois ainda há muito a ser feito.

— Fabio é um desses aliados de quem você falou?

— De fato. E há outros. Um deles é realmente muito importante.

— E quem é ele? Ou ela? — indagou Ezio, pensando a contragosto em Caterina Sforza.

Ele não conseguia tirá-la da cabeça, pois ainda era prisioneira dos Bórgia, e a prioridade pessoal do Assassino era libertá-la. Porém estaria Caterina jogando com ele? Ezio não conseguia se livrar de nem um grão de dúvida. Mas Caterina era um espírito livre, que não pertencia a ele. Só que Ezio não gostava da ideia

de ser manipulado como um tolo. E nem queria ser usado.

Maquiavel hesitou, como se já tivesse falado demais, mas então revelou:

— É o cardeal Giuliano della Rovere. Ele competiu pelo posto de papa com Rodrigo e perdeu, mas ainda é um homem poderoso, com amigos poderosos. Ele tem conexões potencialmente fortes com os franceses, mas está esperando a hora certa. Sabe que o rei Luís está apenas usando os Bórgia enquanto isso lhe for conveniente. Acima de tudo, o cardeal odeia os Bórgia profundamente. Você sabe quantos espanhóis os Bórgia instalaram em posições de poder? Corremos o risco de vê-los controlando a Itália.

— Então o cardeal é o homem certo. Quando poderei encontrá-lo?

— A hora ainda não chegou. Coma enquanto eu trabalho.

Ezio ficou grato pela hora de descanso, mas percebeu que a fome e até mesmo a sede, pelo menos a sede por vinho, tinham-no abandonado. Agradecido, bebeu água e mordiscou uma coxa de galinha, enquanto observava Maquiavel trabalhando nos papéis que tinha diante de si.

— Está funcionando? — perguntou depois de um bom tempo.

— Shhh!

O sol já tinha alcançado as torres das igrejas de Roma quando Maquiavel pousou a pena e pegou a folha de papel na qual estivera escrevendo.

— Está pronto.

Ezio aguardou com expectativa.

— São instruções para os homens-lobos — revelou Maquiavel. — Afirma que os Bórgia vão oferecer o pagamento habitual e ordena que os homens-lobos ataquem, ou seja, criem distrações aterrorizantes, em várias partes da cidade que ainda não estão sob o completo controle dos Bórgia. Os ataques precisam ser sincronizados com a aparição “afortunada” de um padre dos Bórgia, que usará os poderes da Igreja para “banir” os atacantes.

— O que você propõe?

— Se você concordar, Ezio, sugiro que comecemos a planejar nosso próprio ataque aos Bórgia. Continuar o bom trabalho que você iniciou nos estábulos.

Ezio hesitou.

— Você acredita que estamos prontos para tal ataque?

— *Sì*.

— Eu gostaria de saber onde os Bórgia estão mantendo Caterina Sforza prisioneira. Ela seria uma aliada poderosa.

Maquiavel pareceu confuso.

— Se ela for prisioneira deles, deve estar no Castelo Sant'Angelo. Eles o transformaram em uma fortaleza. — Maquiavel fez uma pausa. — É pena que eles controlem a Maçã. Ah, Ezio, como você foi deixar isso acontecer?

— Você não estava em Monteriggioni. — Foi a vez de Ezio fazer uma pausa, após um silêncio furioso. — Nós *realmente* sabemos o que nossos inimigos andam fazendo? Temos pelo menos uma rede de espiões em Roma?

— Praticamente nenhuma. A maioria dos nossos mercenários, como Fabio, estão ocupados batalhando contra as forças de Cesare. E os franceses ainda o apoiam.

Ezio se lembrou do general francês em Monteriggioni, Octavien.

— E o que nós temos? — perguntou.

— Uma única fonte sólida. Temos garotas trabalhando em um bordel. Lugarzinho de alta classe frequentado por cardeais e outros cidadãos romanos importantes, mas há um problema. A madame que instalamos lá é preguiçosa e parece gostar de dar festas pela diversão, em vez de usá-las para recolher informações.

— E quanto aos ladrões da cidade? — inquiriu Ezio, pensando no hábil ladrão que quase lhe custara todo o dinheiro.

— Bem, *sì*, mas eles se recusam a falar conosco.

— Por quê?

Maquiavel deu de ombros.

— Não faço ideia.

Ezio se levantou.

— É melhor você me dizer como sair daqui.

— Aonde você vai?

— Fazer alguns amigos!

— Posso lhe perguntar quais?

— Acho que, nesse momento, é melhor deixar esse assunto comigo.

16

O sol já se punha quando Ezio encontrou a sede da Guilda dos Ladrões de Roma. Ele passou um longo dia fazendo perguntas de modo discreto em tavernas, ganhando olhares desconfiados e respostas enganosas, até que, finalmente, os rumores se espalharam de que não havia problema em deixar que ele soubesse do local secreto. Um garoto com roupas esfarrapadas o levou até um bairro pobre por um labirinto de becos e o deixou diante de uma porta, então desapareceu imediatamente pelo caminho de onde viera.

O lugar não era grande coisa: uma estalagem grande, com aparência decadente, com um letreiro meio torto que exibia uma raposa, adormecida ou morta. As janelas estavam cobertas com venezianas caindo aos pedaços e a madeira precisava ser pintada. Aquela era a mesma Estalagem da Raposa Adormecida que ele e Mario tinham visitado uma semana antes.

A porta estava trancada, o que era estranho para uma estalagem. Ezio bateu com força, em vão.

Então foi surpreendido por uma voz vinda de trás de si, falando baixinho. Ezio girou. Ele não costumava deixar que alguém se aproximasse assim, em silêncio, às suas costas. Tinha de garantir que isso nunca mais aconteceria.

Felizmente a voz era amistosa, mesmo que reservada.

— Ezio.

O homem que falou saiu de detrás de uma árvore. Ezio o reconheceu

imediatamente: era o velho aliado Gilberto, La Volpe — A Raposa —, que fora o líder dos ladrões em Florença na aliança com os Assassinos alguns anos antes.

— La Volpe! O que você está fazendo aqui?

Gilberto sorriu enquanto eles se abraçavam.

— Por que não estou em Florença, você quer dizer? Bem, é uma resposta simples. O líder dos ladrões daqui morreu e eles me elegeram. Achei que era a hora de uma mudança de ares, e meu velho assistente, Corradin, estava pronto para assumir o comando lá em casa. Além disso — ele baixou a voz conspirativamente —, no momento atual, Roma me apresenta um pouco mais de... desafio, digamos assim?

— Isso me parece um motivo mais do que bom. Vamos entrar?

— É claro.

La Volpe bateu à porta, obviamente em código, pois a porta se abriu quase que de imediato, revelando um pátio espaçoso, com mesas e bancos espalhados, como era de se esperar em uma estalagem, mas ainda assim bem humilde. Um punhado de pessoas, homens e mulheres, movia-se ocupadamente, entrando e saindo de portas que levavam do pátio à estalagem propriamente dita.

— Não parece grande coisa, né? — disse La Volpe, indicando um banco a Ezio e pedindo vinho.

— Francamente...

— É boa o bastante. E tenho planos. Mas o que o traz aqui? — La Volpe ergueu a mão. — Espere! Não diga. Eu acho que sei a resposta.

— Você geralmente sabe.

— Você quer colocar meus ladrões para trabalhar como espiões para você.

— Exatamente — respondeu Ezio, se inclinando para a frente ansioso. — Você se juntará a mim?

La Volpe ergueu o copo em um brinde silencioso e bebeu um pouco do vinho que tinha sido trazido, antes de responder, secamente.

— Não.

Ezio ficou surpreso.

— O quê? Por que não?

— Porque isso servirá aos interesses de Nicolau Maquiavel. Não, muito obrigado. Aquele sujeito é um traidor da nossa Irmandade.

Isso não foi muito surpreendente, mesmo que Ezio não estivesse muito convencido disso.

— Essa é uma alegação muito séria, vinda de um ladrão. Você tem alguma prova?

La Volpe parecia amargurado.

— Ele foi um embaixador da corte papal, sabia? E viajou como convidado pessoal do próprio Cesare.

— Ele fez tudo isso a nosso serviço.

— Será mesmo? Eu também sei que ele abandonou vocês logo antes do ataque a Monteriggioni.

Ezio fez um gesto de irritação.

— Pura coincidência. Olhe, Gilberto, Maquiavel pode não agradar a todos, mas ele *é* um Assassino, *não* um traidor.

La Volpe encarou Ezio com uma expressão determinada.

— Não estou convencido.

Neste ponto da conversa, um ladrão, que Ezio reconheceu como aquele que lhe roubou a bolsa, se aproximou e sussurrou no ouvido de La Volpe. O líder dos ladrões se levantou enquanto o outro se afastou. Ezio, pressentindo problemas, se levantou também.

— Peço desculpas pelo comportamento de Benito ontem — disse La Volpe. — Ele não sabia quem você era. Mas o viu cavalgando com Maquiavel.

— Que se dane o Benito. O que está acontecendo?

— Ah, Benito me trouxe notícias. Maquiavel vai se encontrar com alguém no Trastevere muito em breve. Vou lá verificar o que está acontecendo. Quer ir comigo?

— Mostre o caminho.

— Vamos usar uma das velhas rotas: os telhados. É mais difícil aqui do que era em Florença. Você acha que dá conta?

— É só me mostrar o caminho.

Foi um caminho difícil. Os telhados de Roma eram mais espaçados do que em Florença, e muitos estavam ruindo, dificultando o equilíbrio. Mais de uma vez, Ezio derrubou uma telha solta na rua. Mas havia poucas pessoas fora de casa, e

os ladrões avançavam tão rápido que já estavam fora de vista quando algum guarda dos Bórgia aparecia para averiguar. Finalmente chegaram à praça do mercado, com barracas fechadas, exceto uma ou duas bem iluminadas que vendiam vinho e atraíam algum público. Ezio e La Volpe pararam em um telhado com vista para a praça, se escondendo atrás de chaminés, e observaram.

Logo depois, o próprio Maquiavel entrou na praça, não sem antes olhar em volta com cuidado. Ezio observou atentamente quando outro homem, com o escudo dos Bórgia bordado no manto, se aproximou de Maquiavel e, de modo discreto, lhe entregou um bilhete antes de se afastar, quase sem diminuir o passo. Maquiavel também continuou andando, saindo da praça.

— O que você acha disso? — perguntou La Volpe a Ezio.

— Eu sigo Maquiavel, você segue o outro — retrucou Ezio, irritado.

Mas naquele momento uma briga irrompeu em uma das barracas de vinho. Eles ouviram gritos enfurecidos e viram o relampejar de armas.

— Ah, merda! São alguns dos meus homens. Eles arrumaram briga com um guarda dos Bórgia — gritou La Volpe.

Ezio viu de relance que Maquiavel escapou por uma rua que levava ao Tibre e então sumiu. Tarde demais para segui-lo agora. O Assassino voltou a atenção à briga. O guarda dos Bórgia jazia prostrado no chão. A maioria dos ladrões tinha se espalhado, escalando as paredes até a segurança dos telhados, mas um deles, um jovem mal saído da infância, estava caído gemendo no chão, com o braço esguichando sangue de uma ferida.

— Socorro! Socorro! Meu filho foi ferido! — soou uma voz angustiada.

— Reconheço essa voz — comentou La Volpe com uma careta. — É Trimalchio. — Ele olhou atentamente para o ladrão ferido. — E aquele é Claudio, seu filho mais novo!

Enquanto isso, guardas dos Bórgia com armas de fogo apareceram nos parapeitos de dois telhados, de ambos os lados da parede mais distante do mercado, e estavam mirando.

— Vão atirar nele! — falou Ezio com urgência.

— Rápido então! Eu cuido do grupo da esquerda e você do da direita.

Havia três guardas de cada lado. Avançando invisíveis como sombras, mas velozes como panteras, Ezio e La Volpe circundaram pelos dois lados da praça.

Ezio viu três artilheiros erguendo as armas e mirando no rapaz caído. Ele disparou ao longo do cume do telhado, com os pés mal tocando as telhas, e com um salto imenso se lançou sobre os três artilheiros. O salto foi alto o suficiente para que conseguisse derrubar completamente o artilheiro do meio com o calcanhar, acertando-o bem na nuca. Em um único movimento, Ezio aterrissou de pé, se agachou para absorver o impacto do pouso e então endireitou os joelhos, estendendo os braços para os lados. Os dois artilheiros restantes caíram naquele instante: uma adaga perfurava o olho direito de um deles pelo lado, com a lâmina penetrando fundo no crânio. O outro artilheiro foi assassinado pela ponta finíssima da lâmina oculta de Ezio, que tinha entrado pela orelha, de onde o líquido escuro e viscoso escorria até o pescoço. Ezio olhou para o outro lado e viu que La Volpe tinha derrubado os oponentes dele com similar eficiência. Depois daquele minuto de massacre silencioso, todos os guardas com armas de fogo estavam mortos. Mas houve um novo perigo quando um pelotão de alabardeiros investiu na praça, com armas em riste e correndo contra o pobre Claudio. As pessoas nas barracas de vinho se afastaram.

— Claudio! Saia daí! — gritou La Volpe.

— Não consigo! Dói... demais...

— Aguente firme! — gritou Ezio, que estava um pouco mais perto de onde o garoto jazia caído. — Estou indo!

Ezio saltou do telhado, aparando a queda na cobertura de lona de uma das barracas do mercado, e logo estava ao lado do rapaz. Rapidamente, checou o ferimento, que parecia mais sério do que era.

— Levante-se! — ordenou.

— Não consigo! — Claudio estava claramente em pânico. — Eles vão me matar!

— Olha, você consegue andar, não consegue? — O rapaz fez que sim com a cabeça. — Então você também consegue correr. Preste atenção, siga-me. Faça exatamente o que eu fizer. Temos de nos esconder dos guardas.

Ezio botou o rapaz de pé e foi até a barraca de vinho mais próxima. Ao alcançá-la, rapidamente se misturou à multidão de bebedores nervosos e se surpreendeu ao ver com que facilidade Claudio fez o mesmo. Eles passaram discretamente por dentro da barraca até a parede mais próxima, enquanto do

outro lado alguns dos alabardeiros tentavam empurrar e abrir caminho por entre as pessoas. Bem a tempo, Ezio e Claudio chegaram a um beco que levava para fora da praça. La Volpe e Trimalchio esperavam por eles.

— Imaginamos que vocês viriam para cá — comentou La Volpe enquanto o pai abraçava o filho. — Vamos logo! — Ele exortou os dois. — Não temos tempo a perder! Voltem à sede rapidamente e peçam a Teresina que cuide da ferida. Vão!

— E você fique fora de vista por um tempo, *intesi*? — acrescentou Ezio a Claudio.

— *Molte grazie, messere* — agradeceu Trimalchio, partindo abraçado ao filho, guiando-o, mas também admoestando: — *Corri*!

— Você está encrencado agora — comentou La Volpe, depois que eles alcançaram a segurança de uma praça vazia. — Especialmente depois disso. Já vi pôsteres com o seu rosto depois da confusão nos estábulos.

— Nenhum de Maquiavel?

La Volpe balançou a cabeça.

— Não, mas é bem possível que eles não o tenham visto bem. Poucas pessoas sabem o quão bom ele é com uma espada.

— Mas você não acredita nisso.

La Volpe balançou a cabeça outra vez.

— E o que fazer quanto aos cartazes de “procurado”?

— Não se preocupe, meus rapazes já estão rasgando todos.

— Ainda bem que alguns deles são disciplinados e não ficam começando brigas inúteis com soldados dos Bórgia.

— Olhe, Ezio, há uma tensão na cidade que você ainda não vivenciou.

— É mesmo? — Ezio ainda não tinha contado ao amigo o episódio com os homens-lobos.

— Quanto aos arautos, alguns ducados para cada um deles deve ser o bastante para que calem a boca — continuou La Volpe.

— Ou... eu poderia eliminar as testemunhas.

— Isso não é necessário — respondeu La Volpe, mais tranquilo. — Você sabe como “desaparecer”. Mas seja muito cuidadoso, Ezio. Os Bórgia têm muitos outros inimigos além de você, mas nenhum deles é tão irritante. Eles não

vão descansar enquanto seu cadáver não estiver pendurado nos ganchos do Castelo Sant'Angelo.

— Eles terão de me pegar primeiro.

— Fique alerta.

Eles voltaram à Guilda dos Ladrões por uma rota longa e complicada, e ao chegar encontraram Claudio e o pai sãos e salvos. Teresina estava enfaixando o ferimento do rapaz, mas após estancar o sangramento, descobriram que não era nada além de um corte fundo no músculo do braço, muito doloroso embora não fosse sério, e o próprio Claudio já estava muito mais animado.

— Mas que noite — comentou La Volpe, cansado, enquanto tomavam uma taça de trebbiano e comiam um prato de salame barato.

— Eu que o diga. Seria melhor se eu não tivesse de enfrentar tantos deles.

— Vai ser difícil escaparmos disso enquanto a luta continuar.

— Escute, Gilberto — começou Ezio. — Eu sei o que nós vimos, mas tenho certeza de que você não tem nada o que temer de Maquiavel. Você conhece os métodos dele.

La Volpe encarou Ezio sem emoção.

— Sim, muito tortuosos. — Ele fez uma pausa. — Mas tenho de lhe agradecer por ter salvado a vida de Claudio. Se você acredita que Maquiavel permanece leal à Irmandade, então estou inclinado a confiar no seu julgamento.

— E como fico com os seus ladrões? Vocês me ajudarão?

— Eu lhe disse que tenho planos para este lugar — respondeu La Volpe, pensativo. — Agora que, aparentemente, nós dois estamos trabalhando juntos outra vez, gostaria de saber o que você acha também.

— Estamos trabalhando juntos, então?

La Volpe sorriu.

— Parece que sim. Mas ainda vou ficar de olho no seu amigo de roupas pretas.

— Bem, não fará mal. Só não faça nada impensado.

La Volpe ignorou o comentário.

— Bem, me diga, o que você acha que deveríamos fazer com este lugar?

Ezio considerou a pergunta.

— Temos de garantir que os Bórgia ficarão afastados a todo custo. Talvez pudéssemos transformar isto em uma estalagem funcional.

— Gosto da ideia.

— Vai dar um trabalhão: pintura nova, reforma do telhado, uma nova placa...

— Tenho muitos homens. Sob o seu comando...

— Então vamos conseguir.

Seguiu-se um mês de descanso, ou pelo menos semidescanso, para Ezio. Ele se ocupou da tarefa de reformar a sede dos ladrões, com a ajuda de muitas mãos bem-dispostas. Os ladrões contavam com muitas habilidades diferentes, já que muitos deles eram artesãos que tinham perdido o trabalho porque se recusaram a se curvar para os Bórgia. No fim daquele período o lugar tinha sido transformado. A pintura era brilhante, as janelas estavam limpas e equipadas com venezianas novas. O telhado não era mais precário e a nova placa da estalagem exibia uma jovem raposa macho ainda dormindo, mas certamente não morta. O animal dava a impressão de que, se acordado, seria capaz de dar conta de cinquenta galinhas em um galinheiro com um golpe só. As portas duplas reluziam nas novas dobradiças e estavam abertas, revelando um pátio imaculado.

Ezio, que tinha partido para uma missão em Siena durante a última semana de trabalho, ficou satisfeito com o resultado final ao chegar. O lugar já estava pronto e funcionando.

— Mantive o nome — disse La Volpe. — Eu gosto dele. *La Volpe Addormentata*. Não sei por quê.

— Vamos torcer para que o nome provoque uma falsa sensação de segurança no inimigo — brincou Ezio, sorrindo.

— Pelo menos essa atividade toda não atraiu nenhuma atenção indesejada. E estamos tocando os negócios como uma estalagem de verdade. Temos até um cassino. Ideia minha. Acabou se mostrando uma ótima fonte de renda, pois garantimos que os guardas dos Bórgia que são nossos clientes percam sempre!

— E onde...? — inquiriu Ezio, baixando a voz.

— Ah, por aqui. — La Volpe guiou Ezio até a ala oeste da estalagem, passando por uma porta marcada com as palavras *Uffizi — Privato*, onde dois ladrões montavam guarda muito discretamente.

Eles passaram por um corredor que levava a um conjunto de salas atrás de portas pesadas. As paredes estavam cobertas com mapas de Roma, e as mesas e escrivaninhas cheias de pilhas de papéis organizadas nas quais homens e mulheres já estavam trabalhando, mesmo sendo ainda muito cedo.

— É aqui que fazemos nossos negócios de verdade — afirmou La Volpe.

— Parece muito eficiente.

— Uma das vantagens de se trabalhar com ladrões... pelo menos com os bons ladrões, é que são pensadores independentes e gostam de um pouco de competição, mesmo entre si.

— Eu me lembro.

— Você provavelmente poderia mostrar uma coisa ou duas a eles, se participasse do negócio.

— Ah, eu vou participar.

— Mas não seria seguro você ficar aqui — argumentou La Volpe. — Nem para você, nem para nós. Mas venha nos visitar sempre que quiser... E com frequência.

— Eu o farei. — Ezio pensou nas próprias acomodações solitárias... solitárias mas confortáveis e muito discretas. Ele não ficaria feliz em nenhum outro lugar. Concentrou-se nas questões importantes. — Agora que estamos organizados, a coisa mais importante é localizar a Maçã. Precisamos recuperá-la.

— *Va bene.*

— Sabemos que está com os Bórgia, mas, apesar dos nossos melhores esforços, não descobrimos onde exatamente a estão guardando. Até agora, pelo menos, eles parecem não tê-la usado. Acredito que ainda estejam estudando o artefato, e não chegaram a lugar algum.

— Será que procuraram... um especialista no assunto?

— Ah, tenho certeza que sim. Mas ele pode estar fingindo ser menos inteligente do que realmente é, ou pelo menos é o que eu espero. Vamos torcer para que os Bórgia não percam a paciência com ele.

La Volpe sorriu.

— Não vou insistir. Mas, enquanto isso, saiba que já temos gente vasculhando Roma em busca da Maçã.

— Eles a esconderam bem. Muito bem. Talvez até mesmo um do outro. Há

um traço rebelde cada vez mais forte no jovem Cesare, e o pai não gosta disso.

— E para que mais servem os ladrões, além de farejar coisas valiosas e muito bem escondidas?

— *Molto bene*. E agora eu preciso ir.

— Uma saideira antes?

— Não, tenho muito a fazer. Mas nos veremos em breve.

— E para onde eu mando os meus relatórios?

Ezio pensou e respondeu:

— Ao ponto de encontro da Irmandade dos Assassinos, na Ilha Tiberina.

17

Ezio decidiu que já era a hora de procurar o velho amigo Bartolomeo d'Alviano, primo de Fabio Orsini. Eles tinham lutado ombro a ombro com os Orsini contra as forças papais em 1496 e Bartolomeo tinha voltado recentemente de uma temporada de serviço mercenário na Espanha.

Bartolomeo era um dos maiores dos *condottieri* e um velho companheiro de armas de Ezio. Apesar dos modos ocasionalmente idiotas e de uma tendência a ataques de raiva e depressão, ele também era um homem de lealdade e integridade inquebrantáveis. Tais qualidades faziam dele um dos pilares da Irmandade... assim como o ódio infinito que nutria pela seita dos Templários.

Mas como Ezio poderia encontrá-lo agora? Bem, ele logo saberia. Tinha descoberto que Bartolomeo acabara de voltar da guerra e estava no quartel de seu exército particular, nos subúrbios de Roma. O quartel era bem fora da cidade, a nordeste no campo, mas não muito distante de uma das torres fortificadas que os Bórgia tinham erigido em vários pontos chave ao redor da cidade. No entanto, os Bórgia eram espertos demais para se meter com Bartolomeo, pelo menos não antes de eles se sentirem poderosos o suficiente para esmagá-lo como o inseto que eles o consideravam. E o poder deles, Ezio sabia bem, crescia a cada dia.

Ele chegou logo após a hora do *pranzo*. O sol tinha passado do ápice, e o dia estava muito quente, mesmo que o desconforto fosse mitigado por uma brisa

ocidental. Ao alcançar o enorme portão na alta paliçada que cercava o quartel, Ezio bateu forte com o punho.

Uma vigia encaixada no portão se abriu e Ezio sentiu um olhar o avaliando. Depois a vigia foi fechada e ele ouviu uma conversa abafada e curta. A vigia se abriu novamente, seguida de um alegre riso barítono e, após muitas trancas serem desfeitas, o portão se abriu. Um homem grande, um pouco mais jovem do que Ezio, estava ali parado de braços abertos, com as roupas militares simples um pouco menos bagunçadas do que o normal.

— Ezio Auditore! Seu filho da mãe! Entre! Entre! Eu mato você se não entrar!

— Bartolomeo!

Os dois velhos amigos se abraçaram calorosamente, e então atravessaram a praça do quartel em direção aos aposentos de Bartolomeo.

— Venha! Venha! — Bartolomeo incitou com sua empolgação costumeira. — Quero que você conheça alguém.

Eles chegaram em uma longa sala de teto baixo, bem iluminada por grandes janelas que se abriam para o pátio interno. Era um aposento que claramente servia de sala de estar e de jantar, muito espaçoso e arejado. Mas havia algo que não era nada característico de Bartolomeo nele. Cortinas limpas nas janelas. Uma toalha bordada na mesa, que já tinha sido limpa dos restos do almoço. Havia quadros nas paredes. Até mesmo uma estante de livros. E Bianca, a grande e amada espada de Bartolomeo, não estava à vista. Acima de tudo, o lugar estava inacreditavelmente arrumado.

— Espere aqui — disse Bartolomeo, estalando os dedos para pedir vinho a um servo. Ele estava claramente muito empolgado. — Agora adivinhe quem eu quero lhe apresentar.

Ezio olhou em volta pela sala.

— Bem, eu já conheci Bianca...

Bartolomeo fez um gesto de impaciência.

— Não, não! Ela está na sala dos mapas, onde mora hoje em dia. Tente de novo!

— Bem — continuou Ezio, astuto —, poderia ser... a sua esposa?

Bartolomeo pareceu tão decepcionado que Ezio quase lamentou ter feito um

palpite tão acurado. Não que isso tivesse sido difícil, mas logo o grandalhão se animou e continuou falando.

— Ela é preciosa! Você não acreditaria! — Bartolomeo se virou e berrou na direção dos aposentos interiores. — Pantasilea! Pantasilea!

O servo reapareceu com uma bandeja contendo doces, uma jarra de vinho e cálices.

— Onde está ela? — inquiriu Bartolomeo.

— Você já olhou atrás da mesa? — perguntou Ezio, brincalhão.

Foi então que Pantasilea apareceu, descendo uma escadaria que corria ao longo da parede oeste da sala.

— Aí está ela!

Ezio se levantou para recebê-la e se curvou.

— Auditore, Ezio.

— Baglioni, Pantasilea, agora Baglioni d'Alviano.

Ela ainda era jovem, vinte e tantos anos, Ezio calculou. Julgando pelo sobrenome, era de uma família nobre, e o vestido, mesmo modesto, era bonito e de bom gosto. O rosto, emoldurado pelos cabelos louros delicados, era oval, com o nariz de ponta arrebitada como uma flor e lábios generosos e bem-humorados, assim como os olhos inteligentes, que eram de um castanho escuro profundo. Eles eram convidativos quando ela olhava para você, porém parecia não lhe revelar tudo de si. Era alta, batendo no ombro de Bartolomeo, com ombros bem largos e quadris bem estreitos, braços longos e esguios e pernas torneadas. Bartolomeo claramente tinha encontrado um tesouro. Ezio esperava que ele conseguisse mantê-la.

— *Lieta di conoscervi* — cumprimentou Pantasilea.

— *Altrettanto a lei*.

Pantasilea olhou de um para o outro.

— Teremos tempo de sermos propriamente apresentados em outra ocasião — afirmou ela a Ezio, com o ar de uma mulher que não estava deixando os homens para que eles cuidassem dos negócios, mas que estava indo cuidar dos próprios assuntos.

— Fique um pouco, *tesora mia*.

— Não, Bartô, você sabe que eu tenho de ir ver o escrivão. Ele sempre

embola todas as contas não sei como. E há algo errado com o suprimento de água. Tenho de cuidar disso também. — Para Ezio ela disse: — *Ora, mi scusi, ma...*

— *Con piacere.*

Sorrindo para os dois, ela subiu as escadas e desapareceu.

— O que você achou? — perguntou Bartolomeo.

— Estou encantado, verdadeiramente. — Ezio foi sincero. E também notou como o amigo se conteve na presença dela. Ele imaginou que os xingamentos deviam ser raros com Pantasilea por perto. E se perguntou o que será que ela viu no marido, mas, afinal, Ezio não a conhecia de verdade.

— Acho que ela faria qualquer coisa por mim.

— Onde você a conheceu?

— Essa é uma conversa para outra hora. — Bartolomeo pegou a jarra e os dois cálices e pôs a mão livre ao redor dos ombros de Ezio. — Estou muito feliz que você tenha vindo. Acabei de voltar de uma campanha, como você já deve saber, e assim que ouvi que você estava em Roma, decidi que iria mandar homens para te localizar. Sei que você gosta de manter seu alojamento em segredo, e eu não o culpo, especialmente não neste ninho de víboras. Mas, felizmente, você veio me ver primeiro, o que é ótimo, porque quero conversar sobre guerra. Vamos à sala de mapas.

— Sei que Cesare está aliado aos franceses — comentou Ezio. — Como vai a luta contra eles?

— *Bene*. As companhias que deixei por lá, que lutarão sob o comando de Fabio, estão se virando bem. E tenho mais homens para treinar aqui.

Ezio ponderou isso.

— Maquiavel pareceu pensar que as coisas estariam mais... difíceis.

Bartolomeo deu de ombros.

— Bem, você conhece Maquiavel. Ele...

Eles foram interrompidos pela chegada de um dos sargentos de Bartolomeo. Pantasilea veio junto. O homem estava em pânico, mas ela estava calma.

— *Capitano* — disse o sargento. — Precisamos de sua ajuda agora. Os Bórgia lançaram um ataque.

— O quê? Não esperava por isso tão cedo! Com licença, Ezio. —

Bartolomeo então gritou para Pantasilea: — Jogue-me Bianca!

A mulher imediatamente atirou a grande espada para ele e, afivelando-a à bainha, Bartolomeo se atirou para fora da sala, seguindo o sargento. Ezio se levantou para segui-lo, mas Pantasilea o conteve, segurando-lhe o braço com força.

— Espere! — disse ela.

— O que houve?

Ela parecia profundamente preocupada.

— Ezio, permita-me ir direto ao ponto. A luta não vai muito bem. Nem aqui nem em Romagna. Fomos atacados pelos dois lados. Os Bórgia estão em um flanco, os franceses do general Octavien, no outro. Mas saiba de uma coisa: a posição dos Bórgia é fraca. Se nós os derrotarmos, poderemos concentrar nossas forças no front francês. Tomar a torre nos ajudaria muito. Se alguém pudesse dar a volta...

Ezio inclinou a cabeça.

— Então acho que sei um jeito de ajudar. Suas informações foram valiosas. *Mille grazie, madonna d'Alviano.*

Ela sorriu.

— É o mínimo que uma esposa pode fazer pelo marido.

18

Os Bórgia lançaram um ataque surpresa contra o quartel, escolhendo a hora da *siesta* para fazê-lo. Os homens de Bartolomeo os tinham rechaçado usando armas tradicionais, mas conforme empurraram os inimigos de volta à torre, Ezio viu cada vez mais artilheiros de Cesare se reunindo nas ameias, todos equipados com as novas armas de fogo do tipo fecho de roda, que eles estavam mirando na multidão de *condottieri* abaixo.

Ezio contornou o combate corpo a corpo, conseguindo evitar qualquer confronto com as tropas dos Bórgia. Ele deu a volta na torre, chegando aos fundos. Como já esperava, a atenção de todos estava concentrada na batalha que ocorria na frente. Ele escalou as paredes externas, encontrando facilmente pontos de apoio nas pedras grosseiramente cinzeladas. Os homens de Bartolomeo estavam armados com bestas, e havia alguns com armas de fecho de mecha, para longo alcance, mas eles não poderiam resistir ao fogo mortal das sofisticadas armas novas.

Ezio chegou ao topo, a uns 12 metros do solo, em menos de trinta segundos. Ele se levantou sobre o parapeito traseiro, com os tendões no limite, e silenciosamente se abaixou no telhado da torre. Ele se esgueirou por trás dos mosqueteiros, aproximando-se dos inimigos com passos silenciosos e deliberados. Sem fazer qualquer ruído, sacou a adaga e liberou a lâmina oculta. Parou detrás dos artilheiros e, em um frenesi súbito de movimento, despachou

quatro inimigos com as duas lâminas. Foi só então que os mosqueteiros dos Bórgia perceberam que o inimigo estava entre eles. Ezio viu um dos homens virar a arma de fogo carregada e pronta para disparar em sua direção. O sujeito estava a quase cinco metros de distância, então Ezio simplesmente lançou a adaga no ar. A lâmina girou três vezes antes de se cravar entre os olhos do homem com um baque terrível. O soldado caiu, mas, ao fazê-lo, pressionou o gatilho do mosquete. Felizmente para Ezio, o cano não apontava mais para o alvo. A bala foi para a direita, acertando o companheiro ao lado, atravessando-lhe o pomo de adão e penetrando o ombro do homem atrás dele. Os dois caíram, deixando apenas três mosqueteiros dos Bórgia no teto da torre. Sem esperar, Ezio saltou para o lado, dando um tapa na cara do soldado mais próximo com tanta força que este caiu para trás por sobre as ameias. Ezio pegou o mosquete pelo cano enquanto o sujeito caía e golpeou com ele, acertando a coronha na cara do soldado seguinte, que seguiu o colega na queda com um grito agonizante. O último soldado ergueu as mãos para se render, tarde demais, pois a lâmina oculta do Assassino já penetrara por entre as costelas.

Ezio pegou outro mosquete e desceu as escadas correndo até o andar inferior. Havia quatro soldados ali, disparando por fendas estreitas nas paredes grossas. Ezio pressionou o gatilho, segurando o mosquete à altura do quadril. O mosqueteiro mais distante caiu com o impacto do tiro, seu peito explodindo em vermelho. Dando dois passos à frente, o Assassino brandiu o mosquete como uma clava, com o cano para cima desta vez, acertando o joelho de outro soldado, que desabou. Um dos dois últimos homens tinha se virado o suficiente para tentar um tiro. Ezio instintivamente rolou para a frente, sentindo o ar abrasador quando a bala passou muito perto do rosto dele e acertou a parede atrás. O impulso de Ezio o fez se chocar contra o mosqueteiro, que foi jogado para trás e rachou a cabeça na parede de pedra. O último homem também se virou para enfrentar a ameaça inesperada. Ele olhou para baixo quando Ezio saltou do chão, mas apenas por um instante, pois logo a lâmina oculta foi cravada sob a mandíbula do homem.

O soldado cujo joelho Ezio destruiu se moveu para pegar a própria adaga. Ezio simplesmente chutou a têmpora do homem e se virou, ignorando o inimigo, para olhar a batalha abaixo. A peleja estava se transformando em uma fuga. Sem

ter mais todo aquele poder de fogo brutal ao lado deles, os soldados dos Bórgia recuaram rápido e logo fugiram, abandonando a torre aos *condottieri*.

Ezio desceu a escada até o portão principal da torre, encontrando um punhado de guardas que resistiram bravamente antes de sucumbir à sua espada. Após se assegurar de que a torre estava livre de homens dos Bórgia, Ezio abriu os portões e foi se encontrar com Bartolomeo. A batalha tinha acabado, e Pantasilea tinha se reunido ao marido.

— Ezio! Muito bem! Juntos, nós botamos aqueles *luridi codardi* para correr de volta para a mamãe!

— É verdade! — Ezio trocou um sorriso secreto e conspiratório com Pantasilea, pois o conselho sensato dela tinha vencido a batalha tanto quanto qualquer espada.

— Essas novas armas de fogo... — comentou Bartolomeo. — Conseguimos capturar algumas, mas ainda estamos tentando entender como são usadas. — Ele sorriu. — De qualquer maneira, agora que os cães do papa fugiram, vou poder convocar mais homens para lutar ao nosso lado. Mas, primeiro, e especialmente agora depois dessa batalha, quero reforçar nosso quartel.

— Ótima ideia, mas quem vai fazer isso?

Bartolomeo balançou a cabeça.

— Não sou muito bom com essas coisas. Você recebeu educação, por que não aprova o projeto?

— Você conseguiu um projeto já desenhado?

— Sim! Contratei os serviços de um jovem particularmente brilhante. Florentino como você. Chama-se Michelangelo Buonarroti.

— Nunca ouvi falar nele, mas *va bene*. Em troca eu preciso saber de todos os movimentos de Cesare e Rodrigo. Será que alguns de seus homens podem espioná-los para mim?

— Se há uma coisa que eu logo terei de sobra são homens. Pelo menos, tenho o suficiente para lhe dar uma mão de obra decente para o trabalho de reconstrução e um punhado de batedores para vigiar os Bórgia para você.

— Excelente!

Ezio sabia muito bem que Maquiavel tinha posicionado espiões, mas que também costumava jogar com as cartas bem escondidas, ao contrário de

Bartolomeo. Maquiavel era uma sala fechada, Bartolomeo era o céu aberto. E, por mais que Ezio não compartilhasse das suspeitas de La Volpe, que ao menos esperava terem diminuído um pouco, não havia mal nenhum em ter um plano B.

Ele passou o mês seguinte supervisionando o reforço do quartel, reparando o dano feito no ataque, construindo torres de vigia mais altas e mais fortes, e substituindo as paliçadas por muralhas de pedra. Quando o trabalho se encerrou, ele e Bartolomeo fizeram uma inspeção completa.

— Não está uma beleza? — perguntou Bartolomeo, orgulhoso.

— Muito impressionante, de fato.

— E a melhor notícia é que a cada dia que passa, mais e mais homens se juntam a nós. É claro, eu encorajo a competição entre eles. É bom para o moral, e é bom para o treinamento também, para quando eles forem lutar de verdade. — Bartolomeo mostrou a Ezio um grande quadro de madeira com o escudo dele no topo, montado em um cavalete. — Como você pode ver, este quadro mostra o ranking com nossos melhores guerreiros. Quanto melhor você for, mais alto você fica na escala.

— E onde estou eu?

Bartolomeo olhou para Ezio e acenou para o ar acima do quadro.

— Em algum lugar aqui em cima, eu acho!

Um *condottieri* veio informar ao comandante que um dos melhores homens dele, Gian, tinha iniciado um combate competitivo no pátio de marcha.

— Se você quiser se mostrar, temos lutas de treino também. Agora, com licença, apostei dinheiro nesse garoto! — Rindo, ele se afastou.

Ezio foi até a nova e melhorada sala de mapas. A luz natural era melhor, e a sala tinha sido ampliada para acomodar mesas e cavaletes maiores. Ezio estava estudando um mapa de Romagna quando Pantasilea se aproximou.

— Onde está Bartolomeo? — perguntou ela.

— Na luta.

Pantasilea suspirou.

— Ele tem uma visão de mundo tão agressiva. Eu, entretanto, penso que a estratégia é igualmente importante, você não concorda?

— Concordo.

— Vou lhe mostrar uma coisa.

Pantasilea levou Ezio até uma larga varanda com vista para um pátio interno do quartel. Em um dos lados havia um grande pombal novo, carregado de aves.

— Esses são pombos-correio — explicou Pantasilea. — Cada um deles, enviado por Nicolau Maquiavel na cidade, agora me traz o nome de um agente dos Bórgia em Roma. Os Bórgia se fartaram com o Jubileu do ano 1500. Muito dinheiro trazido por peregrinos ansiosos, dispostos a comprar absolvição. E quem não pagou foi roubado.

Ezio a fitou com seriedade.

— Mas seus muitos ataques criaram problemas sérios para os Bórgia — continuou Pantasilea. — Os espiões deles vasculham a cidade, buscando nossos aliados e os expondo sempre que podem. Maquiavel descobriu os nomes de alguns deles, e esses ele também manda frequentemente para mim pelos pombos. Enquanto isso, Rodrigo acrescentou ainda mais novos membros à Cúria em uma tentativa de manter o equilíbrio de poder dentre os cardeais. Como você sabe, ele tem décadas de experiência na política do Vaticano.

— De fato, isso ele tem.

— Você precisa levar esses nomes consigo quando voltar a Roma. Eles lhe serão úteis.

— Estou pasmo de admiração, *madonna*.

— Cace essas pessoas, elimine-as se possível, e todos nós vamos respirar mais aliviados.

— Tenho de voltar a Roma sem atraso. E lhe direi algo que me faz respirar mais aliviado.

— O quê?

— O que você acaba de me revelar prova sem dúvida que Maquiavel é um de nós. — Mas então Ezio hesitou. — Mesmo assim...

— O que foi?

— Tenho um arranjo similar com Bartolomeo. Dê-me uma semana, e então peça a ele que vá se encontrar comigo na Ilha Tiberina. Ele conhece o lugar, e ouso crer que você também. Diga-lhe que leve o que descobriu sobre Rodrigo e Cesare.

— Você ainda duvida de Maquiavel?

— Não, mas tenho certeza de que você irá concordar que é melhor confirmar

toda informação que se recebe, ainda mais em tempos como esses.

Uma sombra pareceu passar no rosto dela, mas então Pantasilea sorriu e respondeu:

— Ele estará lá.

19

De volta a Roma, Ezio fez sua primeira parada no bordel mencionado por Maquiavel como outra fonte de informações. Talvez alguns dos nomes que ele estava enviando para Pantasilea por meio de pombos-correios viessem de lá. Ezio precisava descobrir como as garotas conseguiam as informações, e decidiu ir até lá sem revelar sua identidade. Se elas soubessem quem ele era, talvez lhe oferecessem apenas as informações que elas achavam que ele queria ouvir.

Chegou ao endereço e leu a placa: Rosa in Fiore. Não restavam dúvidas de que aquele era o lugar, porém, não parecia o tipo de casa que os Bórgia frequentassem normalmente. A não ser que fossem lá para visitar os pobres. Certamente nem se comparava ao estabelecimento de Paola em Florença, ao menos pelo lado de fora. Entretanto, o estabelecimento de Paola também mantinha uma fachada discreta. Ele bateu hesitante na porta.

Ela foi aberta imediatamente por uma jovem muito atraente, cheia de curvas, com mais ou menos 18 anos. Usava um vestido de seda com aparência desgastada.

A moça lhe deu um sorriso profissional.

— Bem-vindo, estranho! Bem-vindo ao Rosa in Fiore.

— *Salve* — disse ele enquanto adentrava. A sala de recepção era certamente melhor do que o exterior, mas, ainda assim, tinha um ar de abandono.

— O que você gostaria de fazer hoje? — perguntou a moça.

— A Srta. poderia chamar a sua chefe para mim?

Os olhos da garota se apertaram.

— *Madonna* Solari não está.

— Entendo.

Ele parou por um momento, incerto do que fazer.

— Você sabe onde ela está?

— Ela saiu.

A garota estava visivelmente menos amistosa.

Ezio ofereceu seu sorriso mais charmoso, mas ele já não era um garoto e percebeu que não conseguiria ter nenhum efeito sobre a moça. Ela concluiu que ele deveria ser algum tipo de oficial. Droga! Bem, se ele quisesse se aprofundar mais, teria de fingir ser um cliente. E se fingir significasse, de fato, virar um cliente, então ele o faria.

Havia acabado de decidir seu curso de ação quando a porta se abriu repentinamente e outra moça entrou, com o cabelo bagunçado e o vestido amarrotado. Estava em prantos

— *Aiuto! Aiuto!* — gritou ela, desesperada. — *madonna* Solari... — choramingou, incapaz de falar.

— O que aconteceu, Lucia? Componha-se. O que você está fazendo de volta tão cedo? Pensei que tivesse saído com a *madonna* e alguns clientes.

— Aqueles homens não eram clientes, Agnella! Eles... eles disseram que estavam nos levando a um lugar que conheciam perto do rio Tibre, mas havia um barco aportado lá. Eles começaram a nos bater e sacaram as facas. Levaram a *madonna* Solari a bordo e a acorrentaram.

— Lucia! *Dio mio!* Como você conseguiu escapar? — Agnella abraçou a amiga e levou-a até um sofá encostado na parede. Pegou um lenço e passou suavemente no inchaço vermelho que estava começando a aparecer no rosto de Lucia.

— Eles me deixaram voltar, me enviaram de volta com uma mensagem. São mercadores de escravos, Agnella! Eles disseram que só a libertarão se nós pudermos comprá-la de volta! Do contrário, eles a matarão.

— Quanto eles querem? — perguntou Ezio.

— Mil ducados.

— E quanto tempo eles deram?

— Eles esperarão por uma hora.

— Então ainda temos tempo. Esperem aqui! Eu vou resgatá-la.

Cazzo, pensou Ezio. *A situação é ruim. Eu preciso falar com aquela mulher.*

— Onde eles estão exatamente?

— Em um píer, *messere*. Perto da Ilha Tiberina. Você conhece o lugar?

— Conheço muito bem.

Ezio correu. Não haveria tempo de ir ao banco de Chigi e nenhuma das três filiais ficava no caminho, portanto, ele precisou apelar para um agiota, que barganhou duramente, mas acabou emprestando a quantidade de dinheiro necessária para inteirar mil ducados, com o dinheiro que Ezio já levava. Com o dinheiro em mãos, mas determinado a não entregar nem um centavo se pudesse evitar, ele jurou para si mesmo cobrar os juros que teria de pagar ao agiota dos desgraçados que levaram justamente a pessoa com quem ele mais precisava falar. Alugou um cavalo e cavalgou apressadamente pelas ruas em direção ao rio Tibre, assustando a todos que nelas estavam àquela hora.

Ele encontrou, sem dificuldade, o barco — quase um pequeno navio —, desmontou e correu até o fim do píer onde ele estava ancorado, gritando o nome de *madonna* Solari.

Mas os bandidos estavam preparados. Já havia dois homens no convés, mirando pistolas na direção dele. Os olhos de Ezio se apertaram. Pistolas? Nas mãos de simples bandidos?

— Nem mais um passo.

Ezio deu um passo para trás, mas manteve o dedo no gatilho de sua lâmina oculta.

— Trouxe a porra do dinheiro, cara?

Ele mostrou a bolsa de dinheiro lentamente com a outra mão.

— Ótimo. Agora vamos ver se o capitão está de bom humor e *não* corta a garganta dela.

— Capitão?! Quem diabos você pensa que é? Traga a mulher para fora! Agora!

O ódio na voz de Ezio assustou o comerciante de escravos que tinha falado. Ele se virou lentamente e chamou alguém no porão, que com certeza ouviu toda

a conversa, já que dois homens subiram a rampa vindos de baixo, empurrando uma mulher de mais ou menos 35 anos. A maquiagem estava toda borrada tanto pelas lágrimas quanto pelos maus-tratos. Havia marcas de feridas no rosto, nos ombros e nos seios, que ficaram expostos onde o vestido lilás fora rasgado. Havia sangue na parte de baixo do vestido e ela estava agrilhoada nos pés e nas mãos.

— Aqui está o pequeno tesouro — zombou o mercador que havia falado primeiro.

Ezio respirou fundo. Eles estavam em uma curva isolada do rio, mas ele podia enxergar a Ilha Tiberina a cinquenta metros de distância. Se ao menos pudesse se comunicar com os amigos... Mas se eles ouvissem alguma coisa, apenas presumiriam ser um bando de marinheiros bêbados e, Deus sabe, havia bastante deles nas margens do rio hoje em dia. Se Ezio elevasse a voz para pedir ajuda, La Solari seria morta imediatamente e ele também, a não ser que os atiradores fossem muito ruins, pois a distância era mínima.

No momento em que os olhos desesperados da mulher encontraram Ezio, um terceiro homem, vestido com os restos esfarrapados do que um dia foi uma casaca de capitão, subiu a escada. Ele olhou para Ezio e para o saco de dinheiro.

— Jogue para cá — disse ele, com uma voz dura.

— Ela primeiro. E tire os grilhões.

— Você é surdo, seu idiota? Jogue. O. Maldito. Dinheiro!

Ezio se moveu involuntariamente na direção dele. As armas foram erguidas no mesmo instante, o capitão sacou um alfanje e os outros dois seguraram a mulher com mais força, fazendo-a gemer de dor.

— Nem mais um passo! Se chegar perto, ela morre!

Ezio parou, mas não recuou. Mediu a distância de onde ele estava para o convés com os olhos. Os dedos dele tremiam sobre o gatilho da lâmina oculta.

— Eu estou com o dinheiro todo aqui — disse ele, balançando a bolsa e dando mais um passo enquanto os homens estavam distraídos olhando para ela.

— Fique onde está! Não me teste. Se você chegar mais perto, eu mato a mulher!

— Se fizer isso, perderá o dinheiro.

— Ah, é? Há cinco de nós e você é um só. Nem pense que é capaz de pisar

no meu convés sem virar uma peneira de balas.

— Liberem ela primeiro!

— Qual é o seu problema? Você é demente? Ninguém se aproxima desse maldito barco! A não ser que você queira que essa *puttana* morra!

— *Messere! Aiutateme!* — choramingou a mulher.

— Cale essa boca, sua vadia! — rosnou um dos homens que a seguravam, enquanto a acertava no rosto com o cabo da adaga.

— Tudo bem! — gritou Ezio, ao ver o sangue escorrendo do rosto da mulher. — Já chega. Soltem ela. Agora!

E ele jogou a bolsa de dinheiro aos pés do "capitão".

— Agora melhorou — disse o comerciante de escravos. — Vamos concluir a negociação.

Antes que Ezio pudesse reagir, o capitão colocou a lâmina no pescoço da mulher e cortou a garganta dela profundamente, quase arrancando a cabeça.

— Se quiser reclamar, fale com *messere* Cesare — zombou o homem enquanto o corpo caía no convés em uma poça de sangue. Quase imperceptivelmente, ele gesticulou para os dois homens armados.

Ezio sabia o que ia acontecer e estava preparado. Rápido como um relâmpago, ele desviou dos dois tiros e, no mesmo movimento, saltou no ar e acionou a lâmina oculta. Caiu sobre um dos homens que seguravam a prisioneira, esfaqueando-o pelo olho esquerdo e penetrando até o cérebro. Antes que o homem caísse ao chão, Ezio, desviando de um golpe certeiro do capitão, cravou a lâmina na barriga do segundo homem que guardava a mulher, bem baixo, se movendo enquanto penetrava. A lâmina não foi projetada para cortar e entortou um pouco, rasgando em vez de cortar. Mas isso não fez diferença.

Agora ele precisava dar conta dos atiradores. Como era de se esperar, tentavam desesperadamente recarregar. Mas o pânico os havia deixado desajeitados. Ezio recolheu rapidamente a lâmina e desembainhou a adaga pesada. A luta acontecia em um alcance muito curto para permitir o uso de espada. Além disso, ele precisava da lâmina pesada e serrilhada da adaga. Com um movimento, decepou a mão que segurava a arma de um dos homens e depois cravou a adaga em sua costela. Mas ainda não tinha acabado, pois o outro atirador, vindo por trás, acertou a cabeça dele com o cabo da pistola. Por sorte, o

golpe não foi preciso e Ezio, sacudindo a cabeça, virou-se e conseguiu cravar a adaga no coração do atacante, que já estava preparado para tentar outro golpe e, ao levantar o braço, deixou o peito exposto.

Ezio olhou em volta. Onde estava o capitão?

Ele enxergou o homem correndo desajeitadamente pela margem do rio, levando a bolsa de dinheiro. *Um idiota*, pensou Ezio, *ele devia ter pegado o cavalo*. *Pânico novamente*. Ezio correu atrás do homem, alcançando-o com facilidade, porque a bolsa de dinheiro estava pesada demais. O Assassino segurou o capitão pelo cabelo e chutou as pernas dele, forçando-o a ficar de joelhos com a cabeça para trás.

— Agora você vai provar seu próprio remédio — disse, e fez com o capitão exatamente o mesmo que ele havia feito à mulher.

Ezio pegou o saco de dinheiro e deixou o corpo cair no chão para apodrecer. Voltou ao barco catando as moedas que haviam caído pelo caminho. Um dos homens, que estava ferido, gemia caído no convés. Ezio o ignorou e desceu ao porão, para revistar a cabine. Encontrou rapidamente um pequeno cofre, que abriu com facilidade usando a adaga ensanguentada. Estava repleto de diamantes.

— Isso vai servir — disse Ezio para si mesmo, segurando o baú debaixo do braço e voltando para o convés.

Ele colocou o saco de dinheiro e o cofre com os diamantes nos alforjes de seu cavalo e guardou também as duas pistolas. Depois, caminhou de volta até o homem ferido, quase escorregando na poça de sangue que se formava. Ele se agachou e cortou um dos tendões de aquiles do homem, com a mão sobre a boca dele para abafar o grito. Isso provavelmente o atrasaria, de uma vez por todas.

Colocou a boca perto do ouvido dele e sussurrou.

— Se você sobreviver — disse ele — e voltar até aquele saco de estrume bexiguento que você chama de mestre, diga a ele que isso aqui foi feito com os cumprimentos de Ezio Auditore. Se não sobreviver, *requiescat in pace.*

20

Ezio não retornou ao bordel imediatamente. Já era tarde. Ele devolveu o cavalo, comprou uma sacola do rapaz da estrebaria por algumas moedas e guardou o espólio e o dinheiro nela. Jogou-a por cima do ombro e caminhou até o agiota, que ficou surpreso e desapontado ao vê-lo de volta tão cedo. Ezio pagou ao homem o que devia e caminhou até o alojamento, tomando o cuidado de se misturar com as pessoas ao ver guardas dos Bórgia.

Ao chegar lá, pediu água para se banhar, tirou a roupa e, cansado, se lavou, desejando que Caterina aparecesse mais uma vez à sua porta para surpreendê-lo. Mas dessa vez, ninguém o interrompeu. Trocou as roupas por outras novas e enfiou as que estivera vestindo em um saco, pois ficaram arruinadas pelo dia de trabalho. Haveria tempo para se livrar delas mais tarde. Limpou as pistolas e as guardou na bolsa. Pensou em ficar com elas, mas eram pesadas e incômodas, então decidiu entregá-las a Bartolomeo. A maioria dos diamantes iria para Bartolomeo também, mas, após examiná-los, escolheu cinco dos melhores e maiores e guardou-os consigo. Assim, não precisaria ficar procurando dinheiro caso precisasse novamente.

Todo o resto iria para La Volpe, para ser enviado ao quartel. Se não se pode confiar em um ladrão amistoso, em quem mais se poderia confiar?

Ezio estava pronto para sair novamente. Já tinha jogado a sacola sobre o ombro e posto a mão na maçaneta quando sentiu o cansaço bater. Estava cansado

de matar. Cansado da ganância e da sede de poder, cansado da miséria que tudo aquilo gerava.

Estava quase cansado da própria luta.

Tirou a mão da maçaneta e deixou a sacola cair sobre a cama. Trancou a porta e tirou novamente a roupa. Soprou a vela e desabou na cama. Teve tempo apenas de lembrar-se de abraçar a sacola e protegê-la antes de dormir.

Ezio sabia que seu descanso não duraria muito.

Na Raposa Adormecida, Ezio entregou a sacola com instruções precisas. Não era de seu feitio delegar esse tipo de trabalho, mas, em Roma, era necessário. Os relatos que os espiões de La Volpe trouxeram foram poucos, mas os resultados coincidiram exatamente com os que Maquiavel havia enviado por pombo-correio a Pantasilea, o que praticamente excluiu quaisquer dúvidas remanescentes sobre seu amigo. Apesar disso, podia ver que La Volpe mantinha reservas. Era compreensível. Maquiavel poderia ser visto como um homem distante e frio. Apesar dos dois serem compatriotas florentinos, e Florença não ter nenhuma estima por Roma, especialmente pelos Bórgia, parecia que La Volpe, a despeito de todas as evidências, ainda tinha dúvidas.

— Pode chamar de intuição. — Foi tudo que o homem disse ao ser questionado por Ezio.

Não havia notícias sobre a Maçã, exceto de que ela ainda estava em poder dos Bórgia. Mas não se sabia se estaria com Rodrigo ou com Cesare. Rodrigo conhecia bem o potencial dela, mas parecia improvável a Ezio que ele fosse revelar o que sabia ao filho, dada a tensão atual entre eles. Já Cesare era a última pessoa vista em posse dela, mas não havia sinais de que a teria usado. Ezio rezou para que a pessoa que tinha recebido a Maçã para estudo, se é que isso aconteceu mesmo, estivesse perplexa com seus mistérios ou os estivesse escondendo de seu mestre.

Maquiavel estava desaparecido. Mesmo no esconderijo dos Assassinos na Ilha Tiberina não havia notícias. A única informação que Ezio conseguiu foi a de que ele estava “fora”, mas não havia notícias de que estivesse em Florença. Baldassare Castiglione e Pietro Bembo, dois jovens amigos que estavam temporariamente em Roma e tomavam conta do esconderijo, eram totalmente

confiáveis e já haviam se tornado membros da Irmandade, pois um deles tinha conexões com Cesare e o outro com Lucrécia. Era uma pena que eles precisassem voltar para Mântua e Veneza respectivamente. Ezio se consolou com o fato de que eles ainda poderiam ser úteis mesmo em suas cidades natais.

Satisfeito por ter feito tudo que podia naquele lugar, Ezio voltou a pensar no Rosa in Fiore.

Dessa vez, quando chegou ao bordel, as portas estavam abertas. O lugar parecia mais arejado e claro. Ele lembrava o nome das garotas que conheceu na visita anterior e, após dar os nomes às mulheres mais velhas e sofisticadas que o atenderam, dessa vez protegidas por dois jovens, educados e fortes guardas, foi levado ao pátio interno. Foi lhe dito que poderia encontrar as garotas lá.

O pátio interno era um jardim de rosas, cercado por enormes paredes de tijolos vermelhos. Uma pérgula quase escondida sob as exuberantes flores corria por uma das paredes, e no centro havia uma pequena fonte rodeada por banquinhos brancos de mármore. As garotas que ele procurava estavam com um grupo de moças, conversando com duas mulheres mais velhas que estavam de costas para ele. Mas, quando Ezio se aproximou, as duas se viraram.

Estava decidido a se apresentar, tentaria uma abordagem diferente dessa vez, quando veio a surpresa.

— Mãe! Claudia! O que vocês estão fazendo aqui?

— Esperando por você. Antes de partir, *ser* Maquiavel nos disse que poderíamos encontrá-lo aqui.

— Onde ele está? Vocês o viram em Florença?

— Não.

— Mas o que estão fazendo aqui em Roma? — repetiu ele, estupefato. Estava chocado e ansioso. — Florença foi atacada?

— Não, o motivo não é esse, mas os boatos eram verdadeiros. Nosso *palazzo* foi destruído. Não nos resta nada lá.

— E, ainda que não estivesse em ruínas, eu nunca poderia voltar ao *rocca* de Mário em Monteriggioni — comentou Claudia.

Ezio olhou para ela e concordou. Ele sabia que uma região isolada como Monteriggioni era desconfortável para uma mulher como ela, mas seu coração estava cheio de dúvidas.

— Por isso tivemos de vir para cá. Conseguimos uma casa em Roma. Nosso lugar é ao seu lado — afirmou Maria.

Vários pensamentos passaram pela mente de Ezio. No fundo do coração, apesar de não poder admitir conscientemente, ele ainda pensava que poderia ter impedido a morte de seu pai e seu irmão. Ele havia falhado com eles. Maria e Claudia eram tudo que restava de sua família. Será que não falharia com elas também? Não queria que elas dependessem dele.

Ezio atraía o perigo. Se elas estivessem por perto, não atrairia o perigo para sua mãe e irmã também? Não queria ter a vida delas nas mãos. Seria melhor se elas fossem para Florença, onde tinham amigos, onde sua segurança, em uma cidade sob o controle de Piero Soderini, seria assegurada.

— Ezio — insistiu Claudia, interrompendo os pensamentos dele —, nós queremos ajudá-lo.

— Eu queria mantê-las a salvo enviando-as a *Firenze*. — Ezio tentou ocultar a impaciência na voz, mas percebeu que sua irritação era clara.

Maria e Claudia olharam em choque e, apesar da mãe ter relevado rapidamente, Claudia havia ficado ofendida e magoada. Teria ela adivinhado seus pensamentos?

Por sorte, eles foram interrompidos por Agnella e Lucia.

— *Messere*, com licença, estamos ansiosas. Ainda não sabemos o que aconteceu com *madonna* Solari. Você sabe o que aconteceu com ela?

Ezio ainda estava pensando em Claudia e no jeito como ela olhou para ele, mas sua atenção se voltou para a pergunta. Cesare deve ter feito um ótimo trabalho para encobrir tudo. Por outro lado, corpos eram encontrados no Tibre quase todos os dias, e alguns eram encontrados vários dias depois de mortos.

— Ela está morta — disse ele abruptamente.

— O quê? — gritou Lucia

— *Merda* — disse Agnella, sucinta.

A notícia se espalhou rápido entre as garotas.

— O que faremos agora? — perguntou uma delas.

— Teremos de fechar? — indagou outra.

Ezio deduziu a fonte da ansiedade delas. Sob o comando de *Madonna* Solari, por mais ineficiente que Maquiavel a considerasse, as garotas coletavam

informações para os Assassinos. Sem proteção e, como sugeria a morte de Solari, com Cesare suspeitando das atividades do Rosa in Fiore, que futuro elas teriam? Por outro lado, se ele achasse que existiam *outras* espiãs além de Solari no lugar, já não teria atacado?

Essa era a resposta. Ainda havia esperança.

— Vocês não podem fechar — disse ele —, eu preciso da ajuda de vocês.

— Mas *messere*, sem alguém para administrar as coisas, não podemos continuar.

Uma voz perto dele disse, decididamente:

— Eu administro.

Era Claudia.

Ezio virou-se para ela e disse:

— *Aqui* não é o seu lugar, irmã!

— Eu sei administrar um negócio — respondeu ela, continuando em seguida. — Eu administrei as propriedades do tio Mario por vários anos.

— Mas isso é diferente!

A mãe deles interveio, com voz calma.

— Que escolha você tem, Ezio? Precisa arrumar alguém rápido, evidentemente, e sabe que pode confiar na sua irmã.

Ezio viu a lógica da escolha, mas isso significaria colocar Claudia na linha de frente, exatamente no lugar onde ele não queria que ela estivesse. Ele a encarou, e ela retornou o olhar de forma desafiadora.

— Se quiser fazer isso, Claudia, estará por conta própria. Não terá proteção especial da minha parte.

— Eu tenho vivido perfeitamente bem sem ela por vinte anos — retrucou ela de modo seco.

— Muito bem — concordou Ezio, com frieza. — Mãos à obra, então. Primeiro, eu quero este lugar totalmente limpo, redecorado e melhorado de todas as formas possíveis. Até este jardim precisa ser refeito. Quero que este lugar se torne o melhor estabelecimento da cidade. E Deus sabe quanta concorrência nós temos. Quero as garotas limpas. Essa tal Nova Doença, que ninguém conhece muito bem, tem se espalhado realmente rápido em cidades portuárias e nas maiores cidades, então, acho que vocês sabem o que isso quer dizer.

— Nós faremos tudo o que disse — respondeu Claudia friamente.

— É melhor mesmo. E mais uma coisa. Enquanto estiverem trabalhando, preciso que suas cortesãs descubram a localização de Caterina Sforza — continuou ele, com o rosto imutável.

— Pode contar conosco.

— Você está no meio da guerra agora, Claudia. Se cometer qualquer erro, virão atrás da sua cabeça.

— Posso me cuidar, irmão.

— Espero que sim — esbravejou Ezio, dando meia-volta.

21

Ezio ficou ocupado pelas semanas seguintes, consolidando as forças restantes da Irmandade em Roma e decidindo como poderia usar as informações iniciais obtidas por La Volpe e nos relatórios recebidos de Bartolomeo. Ele não se dava ao luxo de acreditar que a maré estava se virando contra os Bórgia, mas esse poderia ser o começo do fim. Porém, ele se lembrou de um antigo adágio sobre como era mais fácil controlar um leão jovem do que se aproximar de um mais velho e experiente. E, contradizendo o seu otimismo cauteloso, havia o fato de que o controle de Cesare sobre Romagna estava cada vez mais forte e de que os franceses dominavam Milão. Além disso, os franceses não haviam suspendido seu suporte ao comandante papal. Anos antes, o cardeal de *San Pietro in Vincula*, Giuliano della Rovere, o grande inimigo do papa, tentou voltar os franceses contra os Bórgia e derrubar Alexandre de seu trono, mas Alexandre foi mais esperto do que ele. Como poderia Ezio triunfar onde della Rovere havia falhado? Pelo menos, ninguém envenenou o cardeal. Ele era poderoso demais para isso. E continuava sendo o ás na manga de Ezio.

Ele havia finalmente decidido, em segredo, que sua missão deveria ser encorajar a Irmandade a realocar o quartel-general permanentemente para Roma. Lá era o centro dos negócios — e da corrupção — do mundo. Que outro lugar seria melhor, agora que Monteriggioni não era mais uma opção viável? Também tinha planos para um sistema de distribuição dos fundos da Irmandade como

recompensa a missões bem-sucedidas cumpridas por Assassinos. Aqueles diamantes que recolheu dos comerciantes de escravos seriam uma ótima adição aos fundos de campanha.

Um dia…

Mas “um dia” ainda estava muito longe. A Irmandade ainda não havia escolhido um novo líder, apesar do senso comum e por virtude de suas ações, ele e Maquiavel terem se tornado seus líderes temporários. Mas eram apenas temporários. Nada havia sido ratificado por um conselho formal.

E Caterina continuava em sua mente.

Ele permitiu que Claudia supervisionasse a renovação do Rosa in Fiore sem nenhuma interferência. Deixou que ela nadasse ou afundasse por conta da própria autoconfiança. Não seria culpa dele se ela fracassasse. Mas o bordel era um ponto importante na rede de informações dele, e Ezio acabou admitindo para si mesmo que, se não tinha nenhuma confiança na capacidade da irmã, deveria ter cobrado mais dela desde o começo. Agora era hora de colocar o trabalho de Claudia — o que ela havia conseguido — à prova.

Ao chegar ao Rosa in Fiore, ele ficou tão surpreso quanto satisfeito. O lugar tinha se tornado tão bem-sucedido quanto suas outras transformações na cidade e no quartel de Bartolomeo, apesar de Ezio ser modesto e realista o suficiente para não levar todo o crédito por nenhuma delas. Mas ele escondeu seu contentamento ao observar os suntuosos cômodos cobertos por tapeçarias, almofadas de seda macias e com garrafas de vinho branco resfriadas com gelo — um luxo extremamente caro.

As moças pareciam damas, não prostitutas, e a julgar pelos seus modos, alguém certamente as ensinou grande refinamento. Quanto à clientela, pôde supor que os negócios iam muito bem e, apesar de ter certas reservas quanto à natureza da clientela antes, agora não havia dúvidas. Ao olhar ao redor no salão central, pôde ver pelo menos uma dúzia de cardeais e senadores, assim como vários membros da Câmara Apostólica e outros oficiais da Cúria.

Todos felizes, relaxados e sem suspeitar de nada. Pelo menos era o que ele esperava. Mas a prova final estaria na qualidade das informações obtidas daquele bando de porcos corruptos pelas cortesãs de Claudia.

Ezio viu sua irmã, vestida castamente para seu alívio, falando de forma

carinhosa (pelo menos a seu ver) com Ascanio Sforza, o ex-vice-chanceler da Cúria, outra vez em Roma após sua breve desgraça, tentando comprar seu retorno às graças papais. Quando Claudia viu Ezio, sua expressão mudou. Ela pediu licença ao cardeal e caminhou na direção do irmão, com um sorriso frágil no rosto.

— Bem-vindo ao Rosa in Fiore, irmão — disse ela.

— Obrigado — respondeu ele sem sorrir.

— Como você pode ver, é o bordel mais popular de Roma.

— Corrupção ainda é corrupção, por mais bem vestida que esteja.

Ela mordeu o lábio.

— Nós fizemos um bom trabalho. E não se esqueça da razão pela qual este lugar *realmente* existe.

— Sim — respondeu ele. — O dinheiro da Irmandade parece ter sido muito bem investido.

— Não é só isso. Venha ao meu escritório.

Para a surpresa de Ezio, Maria estava lá, cuidando da papelada com alguns contadores. Mãe e filho se cumprimentaram discretamente.

— Eu quero lhe mostrar isso — disse Claudia, pegando um livro. — Aqui está uma lista de todas as habilidades que ensinei às minhas meninas.

— *Suas* meninas? — Ezio não conseguiu conter o sarcasmo na voz. A irmã dele estava se adaptando a isso tão bem quanto um pato se adapta à água.

— Por que não? Dê uma olhada. — Ela agora falava mais severa.

Ele folheou o livro.

— Você não está ensinando muito a elas.

— Acha que faria melhor? — retrucou ela, sarcasticamente.

— *Nessun problema* — falou Ezio, desagradável.

Percebendo problemas, Maria abandonou os contadores e se dirigiu a eles.

— Ezio, os Bórgia tornam a vida das garotas de Claudia bem difícil. Elas não se metem em confusão, mas é difícil evitar suspeitas. Há várias coisas que você poderia fazer para ajudá-las…

— Manterei isso em mente, preciso fazer uma avaliação delas primeiro. — Ezio se virou novamente para Claudia. — Mais alguma coisa?

— Não. — Ela fez uma pausa e disse: — Ezio...

— Sim?

— Nada.

Ezio se virou para ir embora. Por fim, disse:

— Você encontrou Caterina?

— Estamos trabalhando nisso — respondeu Claudia friamente.

— Fico feliz em saber. *Bene*. Venha me encontrar na Ilha Tiberina no instante em que descobrir o local exato do cativeiro dela. — Ele inclinou a cabeça para ouvir o som da alegria vindo do salão principal. — Com toda essa clientela, não deve ser *tão* difícil.

E com isso ele partiu.

Já na rua, ele se sentiu mal pelo jeito como as tratou. Elas estavam fazendo um ótimo trabalho. Mas será que Claudia seria capaz de se manter sozinha?

Intimamente, Ezio encolheu os ombros. Mais uma vez, ele percebeu que a verdadeira fonte de sua fúria era a própria ansiedade sobre o fato de ser capaz de proteger seus entes queridos. Precisava delas, ele sabia, mas estava consciente de que o temor pela segurança das duas o tornava vulnerável.

22

A tão aguardada reunião de Ezio com Maquiavel finalmente aconteceu na Ilha Tiberina, logo depois da conversa no bordel. Ezio permaneceu reservado no início. Não gostava quando algum dos Irmãos desaparecia sem dizer para onde, mas ele acreditava, no fundo do coração, que deveria abrir uma exceção para Maquiavel. E de fato, a Irmandade era uma associação de indivíduos livres de mente e espírito, agindo juntos não por coerção ou obediência, mas por interesses comuns. Ele não tinha direito algum de controlar nenhum deles.

Sério e determinado, apertou a mão de seu antigo amigo. Maquiavel evitou o calor de um abraço.

— Precisamos conversar — disse Ezio.

— Certamente que sim. — Maquiavel olhou para ele. — Creio que você esteja sabendo do meu pequeno acordo com Pantasilea?

— Sim.

— Muito bom. Aquela mulher tem mais senso de estratégia no dedo mindinho do que o marido dela tem no corpo inteiro. Não que ele não seja o melhor homem possível na sua própria especialidade. — Ele fez uma pausa.— Eu consegui adquirir algo de grande valor de um de meus contatos. Agora temos uma lista com o nome dos nove principais templários recrutados por Cesare para aterrorizar Roma.

— Basta me dizer como encontrar todos eles.

Maquiavel ponderou.

— Sugiro que procure por sinais de confusão em qualquer um dos distritos da cidade. Fale com as pessoas. Talvez descubra cidadãos dispostos a lhe indicar o caminho certo.

— Você conseguiu essa informação com um oficial dos Bórgia?

— Sim — disse Maquiavel cautelosamente, após uma breve pausa. — Como você sabe?

Ezio, pensando no encontro que ele e La Volpe tinham testemunhando no mercado, ponderou que aquele poderia não ter sido o primeiro. Maquiavel deve ter investido bastante naquele contato depois daquele dia.

— Palpite de sorte — respondeu. — *Grazie*.

— Olhe. Claudia, Bartolomeo e La Volpe estão esperando por você na sala interna. — Ele fez uma pausa. — Isso *foi* um palpite de sorte.

— *Virtù*, caro Nicolau, só isso — retrucou Ezio, andando na frente.

— Virtude? — repetiu Maquiavel para si mesmo, seguindo Ezio.

Os companheiros da Irmandade estavam esperando quando ele entrou no santuário interno do esconderijo. Seus rostos estavam sombrios.

— *Buona sera* — disse Ezio, indo direto ao assunto. — O que vocês descobriram?

Bartolomeo foi o primeiro a falar.

— Descobrimos que aquele *bastardo* do Cesare está agora no Castel Sant'Angelo, com o papa.

La Volpe continuou:

— E meus espiões confirmaram que a Maçã foi mesmo entregue a alguém para ser estudada secretamente. Estou trabalhando para descobrir a identidade dessa pessoa.

— Não podemos deduzir?

— Deduções não nos servem de nada. Precisamos saber *com certeza*.

— Eu tenho notícias de Caterina Sforza — revelou Claudia. — Ela será levada à prisão do castelo na próxima semana, na quinta-feira ao cair da noite.

O coração de Ezio parou involuntariamente ao ouvir aquela notícia. Mas todos os relatos eram bons.

— *Bene* — comentou Maquiavel. — Então é para o castelo que iremos.

Roma irá se recuperar rapidamente depois que Cesare e Rodrigo morrerem.

Ezio levantou a mão.

— Eu só o farei se a oportunidade correta de assassinar os dois surgir.

Maquiavel ficou irritado.

— Não repita o erro que cometeu na Câmara. Você precisa matá-los dessa vez.

— Eu concordo com Nicolau — afirmou Bartolomeo. — Não devemos esperar.

— Bartolomeo está certo — concordou La Volpe.

— Eles devem pagar pela morte de Mario — disse Claudia.

Ezio os acalmou, dizendo:

— Não se preocupem, meus amigos. Eles morrerão. Vocês têm a minha palavra.

23

No dia marcado para a transferência de Caterina para o Castel Sant'Angelo, Ezio e Maquiavel se juntaram à multidão que se reuniu diante de uma bela carruagem, com as cortinas fechadas por persianas e o símbolo dos Bórgia na porta. Os guardas em torno da carruagem mantinham as pessoas afastadas, como era de se imaginar, pois o humor do povo não era de um entusiasmo unânime. Um dos cocheiros saltou de seu banco e deu a volta na carruagem rapidamente para abrir a porta lateral, puxou os degraus e ficou preparado para ajudar os ocupantes a descerem.

Depois de um breve momento, a primeira figura surgiu, usando um vestido longo azul-escuro com um corpete. Ezio reconheceu imediatamente a belíssima loira com lábios cruéis. Ele a havia visto na batalha de Monteriggioni e mais recentemente durante uma tourada, mas era um rosto do qual nunca esqueceria. Lucrécia Bórgia. Ela desceu, cheia de decoro, mas o perdeu quando puxou com força alguma coisa ou alguém de dentro da carruagem.

Ela arrastou Caterina Sforza para fora pelo cabelo e a jogou ao chão. Suja e acorrentada, usando um vestido marrom desgastado, Caterina ainda tinha uma presença e um espírito maior do que a sua captora jamais teria. Maquiavel precisou segurar os braços de Ezio quando ele começou a avançar automaticamente. Ezio já havia presenciado o sofrimento de pessoas amadas vezes demais. Mas agora era o momento de ter autocontrole. Uma tentativa de

resgate ali seria falha na certa.

Lucrécia, com um pé sobre a vítima prostrada, começou a falar:

— *Salve, cittadini de Roma*! Contemplem esta exuberante visão. Caterina Sforza, a prostituta de Forlì! Por muito tempo ela nos desafiou! Agora, finalmente, está no lugar que merece!

Houve pouca reação do povo e, aproveitando o silêncio, Caterina levantou a cabeça e gritou:

— Rá! Ninguém se rebaixa mais do que Lucrécia Bórgia. Quem lhe mandou fazer isso? Seu irmão? Seu pai? Talvez um pouco dos dois? Talvez ao mesmo tempo, até? Afinal, vocês todos vivem no mesmo antro!

— *Chiudi la bocca!* — gritou Lucrécia, chutando-a. — Ninguém fala mal dos Bórgia!

Ela se abaixou, puxou Caterina até deixá-la de joelhos e lhe deu um tapa fortíssimo, derrubando-a na lama outra vez. Depois, levantou a cabeça orgulhosa e disse:

— O mesmo acontecerá com qualquer um, *qualquer um,* que ousar nos desafiar.

Lucrécia gesticulou para os guardas, que seguraram Caterina, colocaram-na de pé e a arrastaram na direção dos portões do castelo. Ainda assim, Caterina conseguiu gritar:

— Bom povo de Roma, seja forte. A vez de vocês chegará! Vocês se libertarão deste jugo, eu prometo!

Quando ela desapareceu e Lucrécia entrou de volta na carruagem para segui-la, Maquiavel se virou para Ezio.

— Bem, a *contessa* parece não ter perdido a presença de espírito.

Ezio sentiu um desalento enorme.

— Eles vão torturá-la.

— É uma pena que Forlì tenha caído. Mas nós a recuperaremos. E resgataremos Caterina também. Agora precisamos nos concentrar. Você está aqui agora para matar Cesare e Rodrigo.

— Caterina é uma aliada poderosa, uma de nós. Se conseguirmos ajudá-la agora, enquanto está fraca, ela nos ajudará quando precisarmos.

— Talvez. Mas você precisa matar Cesare e Rodrigo primeiro.

A multidão começou a se dispersar e, além das sentinelas no portão, os guardas dos Bórgia entraram no Castel. Em pouco tempo, só sobraram Maquiavel e Ezio, parados nas sombras.

— Deixe-me sozinho, Nicolau — rogou Ezio, conforme a sombra aumentava. — Eu tenho um trabalho a fazer.

Ele olhou para cima, para as paredes inclinadas da antiga estrutura circular, o mausoléu do imperador Adriano, com mais de mil anos, que havia se tornado uma fortaleza inacessível. As poucas janelas ficavam muito altas e as paredes eram muito inclinadas. Era conectada à Basílica de São Pedro por um corredor de pedra fortificado. Havia sido a grande fortaleza papal por duzentos anos.

Ezio estudou as paredes. Nada era completamente impenetrável. Pela luz das tochas que tremulavam nos candeeiros ao cair da noite, os olhos dele começaram a perceber pequenas reentrâncias, fissuras, imperfeições que, por menores que fossem, lhe permitiriam escalar. Depois de planejar a rota, ele pulou como um gato, agarrando o primeiro apoio, se concentrando nos dedos e nas pontas dos pés, controlando a respiração. Depois, vagarosamente, começou a escalar a parede, mantendo-se o mais distante possível da luz das tochas.

No meio da subida, encontrou uma abertura, uma janela de pedra sem vidro, sob a qual, no lado de dentro, ficava uma passarela para guardas. Ele olhou para os dois lados e viu que estava deserta. Silenciosamente, Ezio se apoiou e olhou para baixo, para o outro lado da passarela, onde identificou rapidamente um estábulo. Quatro homens andavam por lá e ele reconheceu todos. Cesare estava tendo uma espécie de conferência com três de seus principais tenentes: o general francês Octavien de Valois, o associado mais próximo de Cesare, Juan de Bórgia Lanzol de Romaní e um homem magro vestido de preto, com uma cicatriz horrível no rosto, Micheletto da Corella, o braço direito de Cesare e seu assassino mais confiável.

— Esqueçam o papa. Vocês respondem somente a mim. Roma é o pilar que sustenta todo o nosso empreendimento. A cidade não pode vacilar. O que quer dizer que vocês também não podem!

— E quanto ao Vaticano? — perguntou Octavien.

— O que tem ele? Não passa de um clube de velhos cansados — respondeu Cesare desdenhoso. — Joguem o jogo dos cardeais por enquanto, em breve não

teremos mais nenhuma necessidade deles.

Ao dizer isso, ele passou pela porta que saía do estábulo, deixando os outros três sozinhos.

— Bem, parece que ele deixou Roma para administrarmos — comentou Juan algum tempo depois.

— Então a cidade está em boas mãos — respondeu Micheletto.

Ezio escutou mais um pouco, mas nada mais relevante foi dito. Ao menos, nada que ele já não soubesse. Então, continuou a escalar a parede externa, em sua missão de localizar Caterina. Ele viu luzes em outra janela, dessa vez envidraçada, mas aberta aos ares da noite e com um peitoril externo no qual era possível se apoiar parcialmente. Ao fazê-lo, olhou cautelosamente pela abertura e viu um corredor iluminado por velas, com paredes de madeira simples. Lá estava Lucrécia, sentada em um banco forrado, escrevendo em um diário. De tempos em tempos ela erguia o olhar, como se estivesse esperando alguém.

Alguns minutos depois, Cesare entrou por uma porta oposta e correu até a irmã.

— Lucrécia — disse ele, e a beijou de uma maneira nada fraternal.

Depois de se cumprimentarem, ele tirou as mãos dela do próprio pescoço e, ainda segurando-as, olhou-a nos olhos e disse:

— Eu espero que você esteja sendo gentil com a nossa convidada.

Lucrécia fez cara de ódio.

— Aquela boca maldita!... Eu adoraria costurá-la.

Cesare sorriu.

— E eu prefiro bem aberta.

— É mesmo?

Ignorando a zombaria dela, ele continuou:

— Você falou com nosso pai sobre os fundos solicitados pelo meu banqueiro?

— O papa está no Vaticano agora, mas ele pode precisar ser convencido quando voltar. Assim como o banqueiro dele. E você sabe como Agostino Chigi é cauteloso.

Cesare riu por um instante.

— Bom, ele certamente não ficou rico sendo descuidado. Mas isso não será

um problema, não é mesmo?

Lucrécia colocou os braços ao redor do pescoço do irmão novamente, se esfregando contra o corpo dele.

— Não, mas eu fico tão sozinha sem você aqui. Temos passado tão pouco tempo juntos hoje em dia, agora que você vive ocupado com suas *outras* conquistas.

Cesare a segurou com força contra ele.

— Não se preocupe, minha linda. Em breve, assim que eu assegurar o trono da Itália, farei de você a minha rainha. E essa solidão será coisa do passado.

Ela se afastou um pouco e olhou para ele.

— Mal posso esperar.

Ele passou as mãos pelos belos cabelos loiros dela e disse:

— Comporte-se enquanto eu estiver fora.

Então, depois de mais um beijo demorado, Cesare deixou a irmã e saiu pela mesma porta por onde entrou. Ela, triste, caminhou na direção oposta.

Onde Cesare iria? Será que sairia logo em seguida? Pelo discurso de despedida, parecia provável. Agilmente Ezio manobrou pela parede circular de modo a observar o portão de entrada do castelo.

E foi na hora certa. Enquanto ele observava, o portão estava sendo aberto em meio aos gritos dos soldados:

— Atenção! O capitão-general está partindo para Urbino!

E, logo depois, Cesare apareceu em um cavalo negro acompanhado por um pequeno grupo.

— *Buona fortuna, padrone* Cesare! — gritou um dos oficiais da guarda.

Ezio observou seu arqui-inimigo cavalgando noite adentro. *Foi uma visita muito rápida*, pensou ele. *E não houve nenhuma chance de matá-lo. Nicolau ficará muito desapontado.*

24

Ezio voltou sua atenção à tarefa da vez: encontrar Caterina. Bem no alto, no lado oeste do castelo, ele notou uma pequena janela, escavada bem funda na parede. Uma luz tênue emanava dela. Decidiu ir até lá. Ao chegar, percebeu que não havia um parapeito onde pudesse descansar, encontrando somente uma trave estreita sobre a janela onde poderia se segurar com força com uma das mãos.

Ele espiou a sala. Estava vazia, com apenas uma tocha queimando na parede. Parecia ser uma sala de guardas, portanto Ezio deduziu que provavelmente estava no caminho certo.

Mais adiante, na mesma altura, havia outra janela similar. Ezio foi até lá e olhou através das grades, não vendo motivo nenhum para que a janela fosse gradeada. Ninguém que fosse magro o suficiente para passar pela janela seria capaz de descer os 45 metros de parede até o chão e cruzar o campo aberto até o rio e a possível segurança. A luz era ainda mais tênue ali, mas Ezio pode ver imediatamente que se tratava de uma cela.

Então ele respirou fundo ao observar. Lá estava Caterina, ainda acorrentada! Estava sentada em um banco rústico encostado em uma das paredes, mas Ezio não conseguia ver se ela estava atada a ele. Caterina estava cabisbaixa e ele não viu se estava acordada ou dormindo.

Independente disso, ela levantou abruptamente a cabeça ao ouvir o barulho forte de batidas na porta.

— Abram a porta! — Ezio ouviu Lucrécia gritar.

Um dos dois guardas do lado de fora, que estavam tirando uma soneca, obedeceu prontamente.

— Sim, *altezza*! Imediatamente, *altezza*.

Uma vez dentro da cela, seguida por um dos guardas, Lucrécia não perdeu tempo. Pela conversa que Ezio ouviu era possível deduzir o motivo de sua fúria: ciúmes. Lucrécia achava que Caterina e Cesare haviam se tornado amantes. Ezio não podia acreditar que fosse verdade. O mero pensamento de Caterina sendo profanada por um monstro daqueles era algo que sua mente se recusava a conceber.

Lucrécia atravessou a cela rapidamente e puxou Caterina pelos cabelos até que ela ficasse de pé, ficando as duas com o rosto bem próximo.

— Sua vadia! Como foi sua viagem de Forlì para Roma? Você viajou na carruagem pessoal de Cesare? O que vocês fizeram?

Caterina olhou-a nos olhos e disse:

— Você é patética, Lucrécia. Ainda mais do que eu pensava, se acha que eu sou como você.

Enfurecida, Lucrécia jogou a mulher no chão.

— Sobre o que vocês falaram? Sobre os planos dele para Nápoles? Você... gostou?

Limpando o sangue do rosto, Caterina disse:

— Eu realmente não lembro.

A insolência quieta de Caterina levou Lucrécia a um estado de fúria cega. Empurrando o guarda, ela pegou uma barra de ferro que servia para travar a porta e bateu com força nas costas de Caterina.

— Acho que você vai se lembrar disso!

Dessa vez, Caterina gritou, em dor intensa. Lucrécia ficou observando, satisfeita.

— Muito bom. Agora você está onde merece, finalmente!

Ela jogou a barra de ferro no chão e saiu rapidamente da cela. O guarda a seguiu e a porta foi fechada com força. Ezio percebeu que havia uma grade nela também.

— Tranque a porta e me dê a chave — ordenou Lucrécia do lado de fora.

Ouviu-se um barulho de metal enquanto a porta era trancada e o barulho da corrente com a chave sendo entregue.

— Aqui está, *altezza*.

A voz do homem tremia.

— Bom. Agora prestem atenção. Se eu voltar aqui e encontrar vocês dormindo mais uma vez, serão açoitados. Cem chibatadas cada um. Entendido?

— Sim, *altezza*.

Ezio ouviu os passos de Lucrécia se afastando. Ele pensou. A melhor maneira de chegar até a cela seria por cima.

Escalou até chegar à outra abertura, que dava para uma passarela da guarda. Desta vez, havia sentinelas a postos, mas eram apenas dois guardas fazendo a ronda juntos. Ele calculou cinco minutos para que eles completassem o circuito e esperou até que passassem por ele, entrando novamente depois disso.

Bem abaixado, Ezio seguiu os guardas à distância e alcançou uma porta que se abria para uma escada de descida. Ele sabia que havia escalado dois andares acima de onde a cela de Caterina estava, então desceu dois lances de escada e saiu em um corredor similar àquele onde Cesare se encontrou com Lucrécia. Mas, dessa vez, as paredes eram de pedra, não de madeira. Ezio partiu na direção da cela de Caterina sem encontrar ninguém, mas passando por várias portas pesadas gradeadas que pareciam ser celas. Seguindo pelo corredor que ia se curvando, acompanhando o formato do castelo, ele ouviu vozes e reconheceu o sotaque piemontês do guarda que falou com Lucrécia.

— Este lugar não é pra mim — reclamou ele. — Você ouviu o jeito como ela falou comigo? Eu só queria voltar à maldita Turim.

Ezio se inclinou para a frente. Os guardas estavam olhando a porta quando Caterina apareceu na grade. Ela viu Ezio atrás deles por um momento, antes de ele se esconder nas sombras.

— Ah, minhas costas — gemeu ela aos guardas. — Vocês poderiam me dar um pouco de água?

Havia uma jarra de água na mesa próxima a porta à qual os guardas estavam sentados antes. Um deles pegou a jarra e levou-a para perto da grade.

— Mais alguma coisa, princesa? — perguntou ele sarcasticamente.

O guarda de Turim deu uma risada irônica.

— Por favor, tenham piedade — rogou ela. — Se vocês abrirem a porta, posso lhes mostrar uma coisa que vai valer a pena.

Os guardas ficaram sérios imediatamente.

— Não há necessidade, c*ontessa*. Nós temos nossas ordens. Tome.

O guarda destrancou a abertura e passou a jarra para Caterina através dela. Depois a fechou.

— Já era hora de nos renderem, não é? — comentou o guarda piemontês.

— Sim, Luigi e Stefano já deviam ter chegado.

Eles se entreolharam.

— Você acha que aquela vadia da Lucrécia vai voltar aqui por agora?

— Acho que não.

— Então por que não vamos até a sala dos guardas para ver o que está acontecendo?

— Boa ideia. Só vai levar uns minutos mesmo.

Ezio os viu desaparecer na curva da parede e foi até a grade.

— Ezio — sussurrou Caterina. — Que diabos está fazendo aqui?

— Visitando meu alfaiate... O que você acha?

— Pelo amor de Deus, Ezio, você acha que isso é hora para piadas?

— Eu vou tirar você daqui. Hoje.

— Se você fizer isso, Cesare vai caçá-lo como um cão.

— Eu acho que ele já está fazendo isso. Mas os homens dele não parecem tão fanáticos, a julgar por esses dois. Você sabe se eles têm outra chave?

— Creio que não. Os guardas entregaram a chave à Lucrécia. Ela me fez uma visita.

— Eu sei, eu vi.

— E por que você não a impediu?

— Eu estava do lado de fora da janela.

— Lá *fora*? Você é louco?

— Não, só atlético. Se Lucrécia está com a única chave que existe, é melhor eu ir pegá-la. Sabe onde ela está?

Caterina pensou por um momento.

— Eu a ouvi dizer que seu quarto fica no topo do castelo.

— Ótimo. A chave já é minha! Fique aqui até eu voltar.

Caterina olhou para ele com cara de deboche e mostrou as correntes e a porta.

— Aonde você acha que eu *posso* ir? — disse ela com um sorriso seco.

25

Ezio já estava acostumado aos contornos das paredes externas do Castel Sant'Angelo e descobriu que, quanto mais alto ele escalava, mais fácil era encontrar lugares onde se segurar. Sua capa esvoaçava com a brisa, e logo ele alcançou o parapeito mais alto, se erguendo silenciosamente sobre ele.

A queda do outro lado foi curta, um metro e meio até uma passarela estreita de tijolos, com uma escadaria de descida, dividida em lances, que levava a um jardim no telhado, com uma pequena construção de pedra bem no centro, um andar de altura e o teto plano. Tinha janelas largas, portanto não era uma fortificação extra, e a luz de muitas velas resplandecia lá dentro. O interior era suntuosamente decorado com extremo bom gosto.

A passarela estava deserta, mas o jardim não. Lucrécia estava sentada em um banco sob os galhos de uma grande árvore, de mãos dadas com um belo rapaz que Ezio reconheceu como sendo um dos maiores atores românticos de Roma, Pietro Benintendi. Cesare não ficaria muito satisfeito em saber disso! Ezio, pouco mais do que uma sombra, se esgueirou pela passarela, chegando o mais perto possível do casal. A lua o ajudava, pois concedia não só luz, mas também algumas sombras bem localizadas. Ele parou e ouviu.

— Eu a amo tanto que meu desejo é cantar o meu amor aos céus! — disse Pietro ardentemente.

Lucrécia o calou.

— Por favor! Você deve sussurrar só para si mesmo. Se Cesare descobrisse, eu não sei nem o que aconteceria.

— Mas você é livre, não é? É claro que eu ouvi falar de seu falecido marido e eu sinto muito, mas...

— Cale a boca, seu idiota! — Os olhos de Lucrécia brilharam. — Você não sabe que Cesare mandou matar o duque de Bisceglie? Meu marido foi estrangulado.

— O quê?

— Essa é a verdade.

— O que aconteceu?

— Eu amava meu marido e Cesare ficou com ciúmes. Alfonso era um homem muito bonito e Cesare tinha consciência das mudanças que a Nova Doença lhe causou ao rosto, e Deus sabe que foram muito suaves. Ele mandou seus homens emboscarem Alfonso e espancarem-no. Pensou que serviria como um aviso. Mas Alfonso não era um frouxo. Ele atacou de volta. Enquanto ainda estava se recuperando do ataque de Cesare, mandou seus próprios homens retaliarem. Cesare teve sorte de escapar do destino de San Sebastiano! Então, com todo o ódio de seu coração, ele mandou Micheletto da Corella entrar no quarto de Alfonso, onde ele ainda se recuperava, e estrangulá-lo.

— Não é possível. — Pietro parecia nervoso.

— Eu amava meu marido. Hoje, finjo amar Cesare para afastar as suspeitas dele. Mas ele é uma cobra, sempre alerta, sempre venenoso. — Ela olhou nos olhos de Pietro. — Graças a Deus eu tenho você para me consolar. Cesare sempre tem ciúmes de quem detém minha atenção, mas isso não vai nos impedir. Além disso, ele partiu para Urbino para continuar a campanha. Não há nada que possa nos atrapalhar.

— Você tem certeza?

— Eu vou guardar nosso segredo se você guardar também — afirmou Lucrécia intensamente.

Ela soltou uma de suas mãos da dele e a colou na coxa do ator.

— Oh, Lucrécia! Como seus lábios me chamam! — suspirou Pietro.

Eles se beijaram, delicadamente no início, mas cada vez mais apaixonadamente em seguida. Ezio mudou de posição e sem querer, um tijolo

solto caiu no jardim. Ele ficou completamente parado.

Lucrécia e Pietro se afastaram.

— O que foi isso? — inquiriu ela. — Ninguém tem permissão de acessar o meu jardim ou o meu apartamento sem a minha autorização. Ninguém!

Pietro já estava de pé, olhando ao redor assustado.

— É melhor eu ir embora — disse ele rapidamente. — Eu... Eu preciso preparar meu ensaio, ler as falas para amanhã de manhã. Eu preciso ir!

Ele deu um último beijo em Lucrécia.

— Adeus, meu amor!

— Fique, Pietro. Eu tenho certeza de que não foi nada!

— Não, já é tarde. Preciso ir embora!

Com uma expressão de tristeza, ele cruzou o jardim e saiu por uma porta na parede de trás.

Lucrécia esperou por um momento, se levantou e estalou os dedos. De dentro de uns arbustos altos saiu um de seus guardas pessoais, que fez uma saudação.

— Eu ouvi toda a conversa, *mia signora*, e posso testemunhar.

Lucrécia mordeu os lábios.

— Ótimo. Conte a Cesare. Vamos ver o que ele acha do próprio remédio.

— Sim, *signora*.

Com mais uma saudação, o guarda se foi.

Sozinha, Lucrécia colheu uma margarida em um dos canteiros e começou a arrancar as pétalas uma por uma.

— Bem me quer; mal me quer; bem me quer; mal me quer…

Ezio desceu pela escadaria mais próxima e caminhou até ela. Lucrécia estava sentada novamente e o viu se aproximar. Ela não demonstrou medo algum, apenas uma leve surpresa. Bom, se restasse mais algum guarda escondido no jardim, Ezio daria conta dele rapidamente.

— Por favor, continue. Eu não queria interromper — cumprimentou Ezio, curvando-se em reverência, mas com um óbvio ar irônico.

— Ora, ora. Ezio Auditore de Firenze. — Ela deu a mão para que ele a beijasse. — Que agradável poder enfim conhecê-lo pessoalmente. Ouvi falar muito de você, especialmente nos últimos tempos. Ou pelo menos eu imagino que ninguém mais possa ser responsável pelas pequenas confusões que têm

acontecido aqui em Roma.

Ela parou por um momento.

— É uma pena que Cesare não esteja mais aqui. Ele teria adorado participar desta reunião.

— Eu não tenho nada pessoal contra você, Lucrécia. Liberte Caterina e eu a deixarei viver.

A voz dela endureceu subitamente.

— Creio que isso não seja possível.

Ezio espalmou as mãos e disse.

— Então creio que você não me deixa outra escolha!

Ele se aproximou dela cautelosamente. Ela tinha unhas compridas.

— Guardas!

Lucrécia berrou, se transformando instantaneamente de mulher nobre em uma harpia louca, tentando arranhar os olhos de Ezio. Com reflexos impecáveis, ele segurou o pulso dela. Com um pedaço de corda de sua bolsa, amarrou os pulsos dela por trás das costas rapidamente, jogou-a no chão e pisou na barra do vestido dela de modo que ela não pudesse se levantar e correr. Então, Ezio sacou a espada e a adaga e ficou em guarda, preparado para quaisquer guardas que aparecessem. Para a sorte de Ezio, estavam com armas leves, eram fortes e pesados e não usavam armaduras. Ele não podia mudar de posição, pois não poderia permitir que Lucrécia, que já estava tentando morder o calcanhar dele, fugisse. Esquivou-se por baixo do golpe da espada do primeiro guarda e lacerou o flanco exposto do sujeito. Um a menos. O segundo foi mais cuidadoso, mas, percebendo Lucrécia rosnando no chão, partiu para atacar Ezio. O homem se lançou contra o peito do assassino. Ezio aparou o golpe para cima e travou a guarda das duas espadas. Depois, simplesmente lhe cravou a adaga na cabeça com a mão esquerda. Dois a menos. O último homem, esperando tirar vantagem do fato de que as duas lâminas de Ezio estavam ocupadas, correu para cima dele. Ezio virou rapidamente o braço direito, lançando a espada do segundo guarda em uma espiral contra o terceiro. O último guarda precisou levantar a espada para afastar o golpe, mas não foi rápido o suficiente e a espada voadora o acertou de raspão no braço. O homem estremeceu de dor, mas continuou em frente, brandindo a arma contra o assassino. Ezio já havia recuperado a postura e

defendeu o ataque com a adaga, deixando a mão da espada livre para acertar violentamente o torso do homem. Estava acabado. Os guardas estavam mortos ao redor dele e Lucrécia estava quieta pela primeira vez. Ofegante, Ezio colocou a prisioneira de pé.

— Agora venha comigo. E não grite. Se gritar, serei forçado a arrancar sua língua.

Ele a arrastou pela porta por onde Pietro havia saído e se viu em um corredor. Continuou empurrando e arrastando Lucrécia para os andares inferiores da torre, na direção das celas.

— Resgatando princesas de castelos? Que romântico! — cuspiu Lucrécia.

— Cale a boca.

— Imagino que você acredite que está realizando grandes feitos, andando por aí instaurando o caos e matando quem bem entende.

— Eu disse pra calar a boca.

— Mas será que seu plano tem algum sentido? O que acha que vai conseguir com isso? Não conhece o nosso poder?

Ezio hesitou ao descer uma das escadarias.

— Para qual lado? — perguntou.

Ela riu e não respondeu.

Ele a sacudiu.

— Para qual *lado*?

— Para a esquerda! — respondeu, mal-humorada.

Lucrécia ficou calada por alguns momentos e recomeçou. Dessa vez, Ezio a deixou tagarelar. Agora ele sabia para onde estava indo. Ela se debatia tentando se soltar, mas ele estava concentrado em duas coisas: segurá-la com força e ficar atento a quaisquer emboscadas dos guardas do castelo.

— Você sabe o que foi feito com a família Pazzi em Florença depois que você os deixou de joelhos? O seu querido amigo Lorenzo, conhecido como o *Magnífico*, confiscou tudo o que eles tinham e os jogou na prisão. Todos eles. Até aqueles que não tiveram participação em toda a conspiração.

A mente de Ezio se voltou para a vingança de Caterina contra os rebeldes em Forlì. Os atos dela excederam em muito os de Lorenzo. Fizeram-no parecer suave. Ezio afastou os pensamentos.

— As mulheres foram proibidas de casar e todas as lápides foram apagadas — continuou Lucrécia. — Foram eliminados de todos os livros de história. Puf! Em um instante!

Mas não foram torturados ou mortos, pensou Ezio. Bom, é possível que Caterina tenha considerado sua atitude justificável naquele momento. Ainda assim, a crueldade dela custou a lealdade de alguns aliados nos quais ela sempre pôde confiar. Talvez tenha sido esse o único motivo pelo qual Cesare tenha finalmente conseguido conquistar Forlì.

E ela era uma aliada importante. Era disso que Ezio precisava se lembrar. Disso e de reprimir os sentimentos, reais ou imaginários, que nutria por ela.

— Você e seus amigos Assassinos ignoram as consequências de seus atos. Vocês se dão por satisfeitos ao colocar as coisas em movimento, e nunca terminam o que começaram. — Lucrécia parou para respirar, e Ezio deu-lhe um forte empurrão para a frente. Mas isso não a fez parar de falar. — Diferentemente de vocês, Cesare terminará o que começou e trará a paz para a Itália. Ele mata com um propósito maior, ou seja, diferente de vocês.

— Os ignorantes e os passivos são alvos fáceis — retrucou Ezio.

— Diga o que quiser — respondeu Lucrécia, percebendo que tinha tocado um ponto sensível. — Minhas palavras foram desperdiçadas em um *ipocrita* como você.

Eles haviam acabado de chegar à cela.

— Lembre-se... — ameaçou Ezio, desembainhando a adaga. — Se tentar alertar os guardas, a sua língua...

Lucrécia suspirou fundo, mas ficou em silêncio. Atento, Ezio avançou. Dois novos guardas estavam sentados à mesa jogando cartas. Ele jogou Lucrécia no chão e saltou na direção dos guardas. Os dois morreram antes de terem tempo de reagir. Depois, ele se virou e correu na direção de Lucrécia, que já havia se levantado e estava fugindo e gritando por ajuda. Ele a alcançou, tampou-lhe a boca com a mão e a virou com o outro braço, levando-a até a cela de Caterina. Ela tentou morder a luva de couro, mas ao ver que não seria capaz de causar dano nenhum, ficou quieta.

Caterina já estava na portinhola, que foi aberta por Ezio.

— *Salute,* Lucrécia. — disse Caterina, com um sorriso desagradável. — Eu

senti tanto a sua falta.

— *Vai a farti fottere, troia...*

— Como sempre, um encanto, me xingando, dessa vez de vadia, e mandando eu me foder! — comentou Caterina. — Ezio! Chegue mais perto. Eu vou pegar a chave.

Ela colocou as mãos para fora quando Ezio a obedeceu. Ele percebeu que Caterina arranhou os seios de Lucrécia enquanto pegava a chave no meio deles.

Caterina entregou a chave a Ezio, que destrancou a porta rapidamente. A mesma chave abriu os cadeados das correntes. Enquanto Caterina se livrava de seus grilhões, Ezio jogou Lucrécia na cela.

— Guardas! Guardas! — gritou Lucrécia.

— Ah, cale essa boca — exclamou Caterina, pegando um trapo sujo na mesa dos guardas e enfiando na boca da inimiga. Ezio pegou outro pedaço de corda e amarrou os tornozelos de Lucrécia, antes de fechar a cela e trancá-la.

Ezio e Caterina olharam um para o outro.

— Meu herói — comentou secamente.

Ezio a ignorou.

— Você consegue andar?

Caterina tentou, mas não conseguiu.

— Acho que não. Os grilhões devem ter me ferido mais do que eu imaginava.

Ezio suspirou e a ergueu. Ele teria de largá-la como um saco de batatas se fossem surpreendidos por guardas e se precisasse sacar as armas rapidamente.

— Para onde vamos? — perguntou ela.

— Primeiro, aos estábulos. Depois, ao caminho de saída mais rápido.

— Por que você me salvou, Ezio? Sério? Com Forlì conquistada, eu não sirvo de nada para vocês.

— Você ainda tem uma família.

— Mas não é a sua família.

Ezio continuou andando. Ele lembrava onde eram os estábulos e para qual direção deveria ir. Foi uma sorte Caterina ser a única prisioneira naquela parte do castelo. Não havia mais guardas. Ainda assim, ele andou com cuidado, controlando a velocidade para não cair em uma emboscada. De tempos em

tempos, ele parava para escutar. Caterina era leve nos braços dele e, apesar do aprisionamento, o cabelo dela ainda cheirava a rosas e baunilha, lembrando-o dos momentos felizes que passaram juntos.

— Escute, Ezio, aquela noite em Monteriggioni, quando tomamos banho juntos, eu precisava garantir a sua aliança. Para proteger Forlì. Era do interesse dos Assassinos assim como meu, mas... — Ela não conseguiu continuar. — Você entende?

— Se você queria minha aliança, era só pedir.

— Eu precisava de você ao meu lado.

— Minha lealdade e minha espada ao seu lado não eram o suficiente. Você queria o meu coração também. — Ezio continuou caminhando, passando o peso dela de um braço ao outro. — Mas, *è la politica*. É claro. Eu sabia. Você não precisa se explicar.

Por dentro, o coração dele parecia ter caído em uma mina sem fundo. Como o cabelo dela *podia* continuar cheiroso?

— Caterina — perguntou ele com a garganta seca —, eles forçaram você... Cesare forçou você a…?

Ela percebeu levemente como ele se sentia e sorriu, com os lábios, não com os olhos.

— Não aconteceu nada. Meu nome ainda deve ter algum valor. Eu fui deixada... intacta.

Eles haviam acabado de chegar à entrada dos estábulos. Estava desprotegida, mas muito bem trancada. Ezio colocou Caterina no chão.

— Tente caminhar um pouco. Você precisa recuperar a força nos calcanhares.

Ele procurou por um meio de abrir a porta. Não havia fechaduras ou maçanetas. Mas tinha de haver um jeito…

— Tente aquilo ali — sugeriu Caterina. — Não é um tipo de alavanca?

— Espere aqui — respondeu Ezio.

— Como se eu tivesse escolha.

Ele caminhou até a alavanca, no caminho reparando em um alçapão quadrado e aberto. Pelo cheiro, parecia um silo de grãos. Ao olhar lá para baixo, ele viu um grande número de sacas. Mas havia umas caixas também, que

pareciam conter pólvora.

— Rápido — disse Caterina.

Ele segurou a alavanca com as duas mãos e puxou. Estava dura no início, mas com um pouco mais de força ela começou a afrouxar. Depois, cedeu facilmente e a porta se abriu.

Havia dois guardas nos estábulos, que se viraram ao ranger da porta. Vieram correndo, puxando as espadas.

— Ezio! *Aiuto!*

Ezio correu até Caterina, pegou-a e correu para o alçapão.

— O que você está fazendo?!

Ezio a segurou sobre o buraco.

— Não ouse!

Ao soltá-la, sentiu um pouco de remorso ao ouvir o grito de dor dela. A queda foi curta e ele teve tempo de vê-la cair em segurança sobre alguns sacos antes de se virar para enfrentar os guardas. A luta foi rápida e impiedosa, os guardas estavam cansados e foram pegos de surpresa. A habilidade de Ezio com a espada era muito superior a dos dois homens somados. Porém, um deles conseguiu acertar um golpe de sorte. Cortou apenas o tecido do colete de Ezio e não atingiu a pele. Era sinal de que Ezio também estava cansado.

Depois da luta, Ezio resgatou Caterina do alçapão.

— *Figlio di puttana* — xingou Caterina, limpando a poeira das roupas. — Nunca mais faça isso comigo.

Ele percebeu que ela já andava um pouco melhor.

Rapidamente, Ezio selou dois cavalos, ajudou Caterina a montar em um deles e montou no outro. Um portal em um dos lados do estábulo levava à frente do castelo. Ele conseguia ver o portão principal. O caminho estava cheio de guardas, mas os portões estavam abertos. O dia estava nascendo e muitos comerciantes da cidade eram esperados para abastecer o castelo.

— Cavalgue o mais rápido que puder — ordenou Ezio. — Temos de sair antes que eles entendam o que está acontecendo. Cruze a ponte e cavalgue para a Ilha Tiberina. Lá você estará a salvo. Encontre Maquiavel. Ele estará esperando por mim.

— Mas *nós dois* precisamos escapar!

— Eu vou logo em seguida. Antes eu preciso dar conta de alguns guardas e criar uma distração, alguma coisa para atrasá-los.

Caterina segurou as rédeas do cavalo e se preparou.

— Volte inteiro, ou eu nunca perdoarei você!

Ezio torceu para que ela estivesse sendo sincera e observou enquanto ela pôs o cavalo a galopar. Ela disparou por entre os guardas do portão principal, espalhando-os. Logo que viu que Caterina já tinha saído, Ezio cavalgou de volta aos estábulos e até o depósito de grãos e pólvora. Pegou uma tocha e arremessou no buraco. Virou o cavalo rapidamente e galopou o mais rápido que pôde, com a espada na mão.

Os guardas formaram uma linha esperando por ele, com as alabardas em punho. Ezio não conhecia o cavalo, mas sabia o que teria de fazer. Cavalgou em linha reta contra os guardas, e no último minuto, puxou as rédeas com força, inclinando-se para a frente e cravando os calcanhares no animal. Ao mesmo tempo em que o cavalo disparou, uma grande explosão se desencadeou no fundo. Ele estava certo! Era pólvora! O chão tremeu com a explosão e os guardas instintivamente se abaixaram. O cavalo, também assustado com a explosão, ficou ainda mais determinado a fugir de lá. Ele saltou, passando por cima dos guardas espalhados como se pulasse uma cerca.

Deixando pânico e confusão em seu encalço, Ezio cavalgou em direção ao sol nascente. Seu coração se encheu de alegria. Tinha salvado Caterina!

26

Após se assegurar de que não estava sendo seguido, Ezio devolveu o cavalo. Ele odiava perder um animal tão bom, mas o levou até o estábulo onde, acompanhado de Maquiavel, tinha alugado cavalos há um tempo que parecia longo demais, e entregou a montaria ao cavalariço-chefe. O estábulo era organizado e limpo, e podia-se ver que os negócios iam muito bem, em um distrito que parecia ter se livrado do controle dos Bórgia e, pelo menos temporariamente, mantido a independência. Por fim, Ezio voltou à Ilha Tiberina a pé. A balsa secreta dos Assassinos estava esperando na margem e, após desembarcar do outro lado, Ezio correu para o esconderijo.

Lá dentro, ele descobriu que Caterina tinha chegado em segurança. Ela estava deitada em uma cama improvisada perto da porta, sendo atendida por um médico. Caterina sorriu ao vê-lo, e tentou se sentar, mas o médico a conteve gentilmente.

— Ezio! Estou aliviada em vê-lo.

Ezio tomou a mão de Caterina e a apertou.

— Onde está Maquiavel? — Caterina não apertou a mão dele de volta, mas talvez estivesse fraca demais.

— Eu não sei.

La Volpe emergiu das sombras no fundo da sala.

— Ezio! Bom vê-lo novamente! — O ladrão abraçou o homem mais jovem.

— Eu lhe trouxe a sua *contessa* de volta. Quanto a Maquiavel...

Foi então que a porta principal se abriu e o próprio Maquiavel entrou. Ele parecia preocupado.

— Por onde você andou? — perguntou La Volpe.

— Procurando Ezio, não que eu lhe deva satisfações — retrucou Maquiavel, e Ezio ficou triste ao perceber que a tensão ainda existia entre os dois amigos dele. Maquiavel se virou para Ezio e, sem cerimônia, perguntou: — E quanto a Cesare e Rodrigo?

— Cesare partiu quase imediatamente para Urbino. Quanto a Rodrigo, estava no Vaticano.

— Que estranho — comentou Maquiavel. — Rodrigo deveria estar no Castel.

— Que estranho, de fato — repetiu La Volpe friamente.

Se Maquiavel percebeu a alfinetada, ele a ignorou.

— Que oportunidade perdida — ponderou Maquiavel. Em seguida, percebendo o que tinha dito, acrescentou à Caterina. — Ah, perdoe minha rudeza, *contessa*. Estamos felizes em vê-la sã e salva.

— Não houve ofensa — respondeu ela.

— Agora que Cesare partiu para Urbino, temos de nos concentrar em desenvolver nossas forças aqui.

Maquiavel ergueu as sobrancelhas.

— Mas eu pensei que pretendíamos atacar agora! Temos de ir atrás dele e destruí-lo sem demora.

— Isso seria impossível — argumentou Caterina. — Eu vi o exército dele, é gigantesco. Vocês nunca o alcançariam.

— Acredito que temos de trabalhar aqui, em Roma, onde já fizemos um bom começo. Precisamos continuar desgastando a influência dos Bórgia enquanto restauramos a nossa. E, de fato, quero começar imediatamente — disse Ezio.

— Você fala como se já fosse nosso líder — afirmou Maquiavel. — Mas o posto não foi discutido, muito menos ratificado, pelo nosso conselho.

— E eu acredito que precisamos de um líder, e precisamos agora — retrucou La Volpe. — Não temos tempo para conselhos e ratificações. Temos de consolidar a Irmandade novamente, e, até onde eu posso ver, Ezio é a pessoa

certa para a tarefa. Maquiavel, eu lhe faço um apelo: você e eu somos dois dos Assassinos restantes mais graduados. Bartolomeo certamente concordará. Vamos tomar a decisão agora, e mantê-la secreta, se você assim preferir, e então mais tarde podemos submetê-la a uma votação formal.

Maquiavel parecia estar prestes a falar, mas desistiu e simplesmente deu de ombros.

— Eu não os deixarei na mão — afirmou Ezio. — Gilberto, gostaria que você trouxesse Bartolomeo e minha irmã, Claudia, até aqui. Temos assuntos a debater. Nicolau, por favor, venha comigo.

Ao sair, Ezio parou ao lado da cama de Caterina.

— Cuide bem dela — disse ele ao médico.

— Aonde vamos? — perguntou Maquiavel quando os dois chegaram ao centro da cidade.

— Há algo que quero lhe mostrar.

Ezio guiou Maquiavel até a praça de mercado mais próxima. Metade das barracas e lojas estava aberta para negócios. Havia um padeiro, um açougueiro que espantava moscas da mercadoria e um verdureiro que oferecia produtos muito envelhecidos. Por mais que ainda fosse cedo, eram os vendedores de vinho que faziam mais negócios. E, como Ezio esperava, um pequeno grupo de guardas dos Bórgia estava intimidando o dono de uma barraca de produtos de couro.

— Olhe — indicou Ezio, enquanto os dois se misturavam ao pequeno contingente de compradores.

— Eu sei o que está acontecendo — respondeu Maquiavel.

— Sei que você sabe, Nicolau — concordou Ezio. — Perdoe-me, mas você vê o quadro geral. Você entende o que deve ser feito politicamente para derrotar os Bórgia, e eu não duvido de forma alguma de sua sinceridade. — Ezio fez uma pausa. — Mas nós temos de começar nosso trabalho em um nível mais fundamental. Os Bórgia tomam o que querem do povo com completa impunidade, para manter o poder.

A dupla observou os guardas derrubarem o homem com um empurrão e então, rindo, levarem o que queriam da barraca do sujeito e irem embora. O

homem se levantou, olhou os guardas indo embora com raiva impotente e, quase chorando, começou a arrumar os produtos. Uma mulher veio consolá-lo, mas ele a afastou. Mesmo assim ela continuou por perto, com preocupação e carinho no olhar.

— Por que você não o ajudou? — perguntou Maquiavel. — Por que não colocou os guardas para correr?

— Olhe só — respondeu Ezio. — Ajudar um homem é um ato bom, mas não vai resolver o problema. Eles voltarão outro dia, quando não estivermos aqui, e farão as mesmas coisas outra vez. Veja a qualidade das coisas vendidas neste lugar. As verduras são velhas, a carne está infestada de moscas, e o pão certamente está dormido. Tudo que há de melhor vai para os Bórgia. E por que você acha que há tanta gente bebendo?

— Eu não sei — admitiu Maquiavel.

— Porque as pessoas estão sofrendo — explicou Ezio. — Estão desesperadas e oprimidas. Querem esquecer tudo. Mas podemos *mudar* isso.

— Como?

— Recrutando essa gente para nossa causa. — Ezio estendeu os braços. — São essas pessoas que vão formar a espinha dorsal de nossa resistência contra os Bórgia.

— Já discutimos isso antes — retrucou Maquiavel, irritado. — Você não pode estar falando sério.

— Vou começar com aquele vendedor. Para vencer esta guerra, Nicolau, precisamos de soldados leais, independente da forma como lutarão por nós. Temos de plantar as sementes da rebelião nas mentes deles. — Ezio fez uma pausa, e então continuou com vontade. — Recrutando aqueles que foram abusados e transformados em inimigos pelo Estado, armaremos as pessoas que foram desvalorizadas pelos Bórgia.

Maquiavel olhou longa e duramente para o amigo.

— Vá, então — disse. — Vá e recrute nossos primeiros noviços.

— Ah, é isso que eu farei — afirmou Ezio. — E você verá que deste grupo de homens e mulheres determinados que reunirei ao nosso redor é que forjarei uma espada capaz de cortar os membros e a cabeça do torso dos Bórgia e dos próprios Templários.

27

Ezio voltou ao centro de operações dos Assassinos na Ilha Tiberina após uma boa manhã de trabalho, convertendo discretamente vários cidadãos insatisfeitos à causa.

Além dos leais servos que atendiam e guardavam o lugar, a base estava deserta, e Ezio ficou feliz em ter algum tempo de sossego para pensar e planejar. Mas, ao se aproximar, descobriu que havia um visitante. Alguém que queria ter certeza de que não seria notado, e que, então, esperou até que os funcionários estivessem cuidando de assuntos em outras partes do prédio antes de se apresentar.

— Psiu! Ezio! Aqui!

— Quem está aí? — disse Ezio, já em alerta, mesmo que reconhecendo a voz.

Arbustos altos margeavam os dois lados do caminho que levava ao esconderijo, e ninguém fora da Irmandade conhecia a existência do lugar. Se houvesse alguma chance do segredo ter sido descoberto...

— Venha cá!

— Quem é?

— Sou eu!

E Leonardo da Vinci, tão elegante e distraído como sempre, saiu do esconderijo para a trilha.

— Leo! Meu Deus!

Mas então Ezio, lembrando-se de quem era o novo mestre de Leonardo, controlou o impulso inicial, que era correr e abraçar o velho amigo.

A reação foi percebida por Leonardo, que parecia um pouco mais velho, certamente, mas que não tinha perdido nada do seu ardor, do entusiasmo vigoroso. Ele deu um passo à frente, mas manteve a cabeça baixa.

— Não estou surpreso que você não esteja muito feliz em me ver novamente.

— Bem, Leo, tenho de admitir que você me decepcionou.

Leonardo estendeu os braços.

— Eu sei que você está por trás da invasão no Castel. Só pode ter sido você. Então eu soube que ainda estava vivo!

— Imaginei que seus mestres lhe teriam contado isso.

— Eles não me contam nada! Não sou nada além de um escravo para eles. — Havia um leve brilho no olhar de Leonardo. — Mas eles precisam confiar em mim.

— Desde que você continue entregando as invenções.

— Acho que sou esperto o suficiente para ficar um passo à frente deles. — Leonardo deu mais um passo na direção de Ezio, com os braços meio estendidos. — É bom vê-lo novamente, meu amigo.

— Você desenhou armas para eles. Novas pistolas que nos deixam em desvantagem.

— Eu sei. Mas se você me deixar explicar...

— E como encontrou este lugar aqui?

— Eu posso explicar...

Leonardo parecia tão arrependido e tão infeliz e transmitia tanta sinceridade que o coração de Ezio se comoveu com o velho amigo, apesar de tudo. Também refletiu que, afinal, Leonardo tinha vindo vê-lo, sem dúvida correndo grande risco, e se ele procurou uma reaproximação, Ezio seria um líder incrivelmente tolo ao rejeitar a amizade e a parceria de tal homem.

— Venha cá! — exclamou Ezio, abrindo bem os braços.

— Ah, Ezio! — Leonardo se adiantou e os dois se abraçaram calorosamente.

Ezio levou o amigo para dentro e os dois sentaram. Ezio sabia que Caterina tinha sido levada para uma sala interna, onde poderia se recuperar em paz e com

tranquilidade. Além disso, o médico dera a orientação para que ela não fosse incomodada. Ele se sentiu tentado a desobedecer, mas haveria tempo para que conversassem mais tarde. Além disso, o aparecimento de Leonardo exigia uma mudança de prioridades.

Ezio pediu que lhes trouxessem vinho e bolos.

— Conte-me tudo — começou Ezio.

— Eu vou. Em primeiro lugar, você precisa me perdoar. Os Bórgia contam com os meus serviços, mas à força. Se eu tivesse me recusado, teriam me submetido a uma morte longa e dolorosa. Eles descreveram o que teriam feito comigo se eu tivesse negado ajuda. Mesmo agora, fico nervoso só de lembrar.

— Você está bem seguro agora.

Leonardo balançou a cabeça.

— Não! Eu tenho de voltar. Serei muito mais útil a você se os Bórgia pensarem que eu ainda trabalho para eles. Até agora, eu fiz o máximo que pude para criar o menor número possível de invenções para satisfazê-los. — Ezio estava a ponto de interrompê-lo quando Leonardo ergueu a mão nervosamente. — Por favor, isto é como uma confissão, e eu gostaria de completá-la. Então você poderá me julgar como achar melhor.

— Ninguém está julgando você, Leonardo.

O comportamento do inventor ficou mais intenso. Ignorando o lanche, Leonardo se inclinou para a frente.

— Eu disse que trabalho para eles sob ameaças, só que é mais do que isso. Você sabe que eu não me meto em política. Gosto de me manter limpo. Mas os homens que desejam poder me procuram porque sabem o que posso fazer por eles.

— Disso eu sei.

— Mas eu participo desse jogo também. Participo para permanecer vivo. E por que eu quero permanecer vivo? Porque ainda tenho tanto a fazer! — Leonardo respirou fundo. — Não tenho como lhe contar, Ezio, como meu cérebro está cheio de ideias! — Leonardo fez um gesto que parecia tanto incluir o mundo todo quanto demonstrar o desespero que sentia. — Ainda há tanta coisa para se descobrir!

Ezio permaneceu calado. Disso ele também sabia.

— Então — concluiu Leonardo. — Agora você sabe.

— Por que você veio até aqui?

— Para fazer as pazes. Eu tinha de assegurar você de que meu coração não está com eles.

— E o que eles querem de você?

— Qualquer coisa que puderem tirar de mim. Máquinas de guerra, principalmente. Eles sabem do que sou capaz.

Leonardo entregou um maço de papéis a Ezio.

— Aqui estão alguns dos projetos que eu fiz para eles. Veja, este é um veículo blindado que, se for corretamente construído, será capaz de se mover em qualquer terreno, enquanto os homens escondidos dentro dele poderão disparar armas, grandes armas de fogo, completamente protegidos dos inimigos. Eu o chamo de tanque.

Ezio empalideceu ao observar os desenhos.

— E isso está... sendo construído?

Leonardo fez uma expressão astuta.

— Eu disse “se for corretamente construído”. Infelizmente, segundo esse projeto, ele será capaz apenas de girar sobre o próprio eixo!

— Entendi. — Ezio sorriu.

— E olhe só isso.

Ezio examinou um desenho de um cavaleiro controlando dois cavalos, amarrados lado a lado. À frente e atrás havia dois dispositivos como foices giratórias, atados aos arreios por longas varas horizontais. As foices cortariam qualquer inimigo atacado pelo cavaleiro.

— Um engenho cruel — comentou o Assassino.

— Sim! Mas, infelizmente, o cavaleiro está... completamente exposto. — Os olhos de Leonardo brilharam mais um pouco.

O sorriso de Ezio se alargou, mas desapareceu logo em seguida.

— E quanto às armas de fogo que você deu a eles?

Leonardo encolheu os ombros.

— É preciso jogar um osso para Cérbero. — Foi a resposta. — Eu fui obrigado a lhes dar alguma coisa realmente útil para que eles não ficassem desconfiados.

— Mas são armas muito eficientes.

— De fato, elas são, mas não chegam perto daquela pistolinha que fiz para você uma vez, anos atrás, baseada no projeto da página do códex. Uma pena, realmente, eu tive dificuldades em me controlar naquele caso.

Ezio lembrou com tristeza das armas do códex que tinha perdido. Mas ele falaria nelas depois.

— O que tem mais nesse maço de papéis?

Mesmo que eles estivessem sozinhos, Leonardo baixou a voz.

— Eu copiei os planos não só das grandes máquinas, mas também de onde elas serão usadas em batalha. — Leonardo estendeu as mãos, ironicamente. — Puxa, que pena que elas não podem ser mais eficientes.

Ezio olhou com admiração o velho amigo. Aquele era o homem que tinha projetado um submarino para que os venezianos usassem contra as galeras turcas. Se ele não tivesse decidido incluir defeitos naqueles projetos, não haveria esperança alguma na luta contra os Bórgia. Ele valia mais do que dois exércitos.

— Pelo amor de Deus, Leo, tome um cálice de vinho, pelo menos. Eu sei que jamais poderei recompensá-lo o suficiente por tudo isso.

Mas Leonardo recusou a garrafa com um gesto.

— Há notícias muito mais graves. Você sabia que eles estão com a Maçã?

— É claro.

— Eles entregaram-na a mim para que eu a estudasse. Nós dois já conhecemos parte dos poderes dela, Rodrigo conhece um pouco menos, mas ele é mais inteligente do que Cesare, mesmo que Cesare seja mais perigoso.

— Quanta informação sobre a Maçã você deu a eles?

— O mínimo possível, mas tive de dar alguma coisa. Felizmente, Cesare parece estar satisfeito, pelo menos por enquanto, com as aplicações limitadas que eu lhe confiei. Mas Rodrigo sabe que ela pode mais, e está ficando impaciente. — Leonardo fez uma pausa. — Considerei algumas formas de roubá-la, mas é mantida sob vigilância constante, e só tenho acesso a ela com supervisão severa. Mas fui capaz de usar os poderes dela para encontrar você. Ela é capaz disso, sabia? Muito fascinante.

— E você ensinou esse truque a eles?

— Claro que não! Eu só quero devolvê-la ao dono de direito.

— Não há o que temer, Leo. Vamos recuperá-la. Enquanto isso, atrase-os o máximo que puder, e, se isso for possível, mantenha-me informado do quanto você lhes deu.

— Eu o farei.

Ezio fez uma pausa.

— Há mais uma coisa.

— Diga-me.

— Perdi todas as armas do códex que você fez para mim.

— Percebo.

— Exceto pela lâmina oculta original. Mas a pistola, a lâmina envenenada, a lâmina dupla, a braçadeira milagrosa... Tudo perdido.

— Hum — comentou Leonardo, sorrindo em seguida. — Bem, recriá-las para você não será um problema.

— É mesmo? — Ezio mal podia acreditar.

— Os projetos que você me entregou ainda estão em Florença, bem escondidos com os meus velhos assistentes, Agniolo e Innocento. Os Bórgia jamais os terão. Agniolo tem ordens estritas de destruí-las se, Deus nos proteja, os Bórgia algum dia tomarem Florença, ou mesmo se os franceses o fizerem. E nem mesmo Agniolo e Innocento seriam capazes de recriá-las sem mim, não que eu não confie completamente neles. Mas, eu, eu nunca esqueço um projeto. Entretanto... — Ele hesitou, quase envergonhado. — Você terá de pagar pelas matérias-primas que eu terei de usar. Adiantado.

Ezio estava espantado.

— É mesmo? Eles não estão pagando você direito em *il Vaticano*?

Leonardo tossiu.

— Pouco... muito pouco. Imagino que acreditem que me manter vivo já é recompensa suficiente. E eu não sou tolo o bastante para achar que, assim que os meus serviços se tornarem... supérfluos, eles não me matarão com a mesma naturalidade com que matam um cão.

— Ah, sim — comentou Ezio. — Eles prefeririam vê-lo morto a vê-lo trabalhando para outras pessoas.

— Exato, eu estava pensando em algo muito parecido — concordou Leonardo. — E eu não tenho para onde fugir. Não que eu queira fugir. Quero ver

os Bórgia destruídos. Vou me meter em política o suficiente para poder dizer isso. Mas minha amada Milão está em mãos francesas... — Ele começou a pensar. — Talvez... mais tarde... quando tudo isso tiver acabado... eu possa tentar minha sorte na França. Dizem que é um país muito civilizado...

Era hora de trazê-lo de volta à realidade. Ezio foi até um baú reforçado com ferro e retirou uma bolsa de couro abarrotada de ducados, entregando-a a Leonardo em seguida.

— Pagamento pelas armas do códex — anunciou Ezio rapidamente. — Quando você as terá prontas?

Leonardo considerou.

— Não será tão fácil quanto da última vez — disse ele. — Terei de trabalhar em segredo e sozinho, pois não posso confiar nos assistentes que trabalham para mim aqui. — Ele fez uma pausa. — Deixe-me entrar em contato com você novamente. O mais rápido possível, prometo. — Leonardo avaliou a pesada bolsa na mão. — E, quem sabe, com tanto dinheiro eu até possa incluir mais um par de armas novas; invenções minhas, é claro, mas muito eficientes, como você logo descobrirá.

— O que quer que faça por nós, você conquistará minha gratidão e proteção eternas, onde quer que você esteja — anunciou Ezio.

Ele gravou na memória ter de delegar um punhado de recrutas, assim que eles completarem o treinamento, para vigiar Leonardo e lhe fazer relatórios constantes.

— Então, como poderemos manter contato?

— Eu já pensei nisso — respondeu Leonardo, pegando um pedaço de giz e desenhando na mesa a mão direita de um homem, apontando.

— É uma bela ilustração — disse Ezio.

— Obrigado. É só o esboço de uma pintura que ando pensando em fazer, de são João Batista. Se eu tiver tempo um dia. Vá sentar onde ela está apontando.

Ezio obedeceu.

— É isso — concluiu Leonardo. — Diga aos seus homens para prestar atenção. Se eles virem uma destas; e isso vai parecer simplesmente mais um *graffiti* para as outras pessoas, mande que eles lhe avisem, e siga a direção. É assim que nós vamos nos encontrar.

— Esplêndido — disse Ezio.

— E não se preocupe, eu o deixarei de sobreaviso antes de marcar alguma parede, para o caso de você pensar em sair pelo mundo em alguma missão.

— Obrigado.

Leonardo se levantou.

— Tenho de ir. Senão sentirão minha falta. Mas primeiro...

— Primeiro o quê?

Leonardo sorriu e chacoalhou a bolsa de dinheiro.

— Primeiro eu vou fazer compras.

28

Ezio deixou o esconderijo logo após Leonardo, para continuar o trabalho de recrutamento, mas também para se manter ocupado. Ele estava impaciente para receber as armas do códex de novo.

Mais tarde, naquele mesmo dia, Ezio voltou para participar de uma reunião, e viu que Maquiavel tinha chegado primeiro. Caterina estava com ele, sentada em uma cadeira, com os joelhos protegidos por uma coberta de pelo. Como de costume, Maquiavel não se deu ao trabalho de se levantar.

— Onde você esteve? — inquiriu Maquiavel.

Ezio não gostou do tom de voz dele.

— Todos nós temos nossos segredos — retrucou, mantendo a voz calma. — E posso saber o que você anda fazendo?

Maquiavel sorriu.

— Refinando nosso sistema de pombos-correios. Agora podemos usá-los para mandar ordens aos novos recrutas espalhados pela cidade.

— Excelente. Obrigado, Nicolau.

Eles se entreolharam. Maquiavel era quase dez anos mais novo do que Ezio, porém não restava dúvida sobre a independência e a ambição por trás daqueles olhos velados. Será que ele se ressentia de sua liderança? Teria ele esperado se tornar líder no lugar de Ezio? Ele afastou o pensamento. Não, certamente aquele homem era mais um teórico, um diplomata, um animal político. E não poderia

haver dúvidas sobre a utilidade dele ou sobre a fidelidade dele à Irmandade. Se ao menos Ezio conseguisse convencer completamente La Volpe desses fatos.

Como se em uma peça de teatro, La Volpe entrou acompanhado de Claudia.

— Que notícias me traz? — perguntou Ezio, após os dois se cumprimentarem.

— Bartolomeo manda desculpas. Parece que o general Valois está tentando atacar o quartel novamente.

— Entendo.

— Eles redobraram o assalto, mas estamos nos mantendo firmes.

— Ótimo. — Ezio se virou para a irmã de forma gélida. — Claudia — saudou, inclinando a cabeça.

— Irmão — respondeu ela com a mesma frieza.

— Por favor, sentem-se, todos vocês — pediu Ezio. Depois que todos escolheram um lugar, continuou. — Tenho um plano preparado para lidar com os Bórgia.

— Eu sugiro — começou Maquiavel imediatamente — que ataquemos os suprimentos deles ou os seguidores de Cesare.

— Obrigado, Nicolau — respondeu Ezio calmamente. — *Meu* plano é atacar ambos. Se pudermos cortar os fundos dele, Cesare perderá o exército e voltará sem soldados. Como ele consegue o dinheiro?

— Sabemos que ele depende de Rodrigo para a maior parte dos fundos — explicou La Volpe. — E o banqueiro de Rodrigo é Agostino Chigi. Mas Cesare também tem seu próprio banqueiro, cuja identidade ainda precisa ser confirmada, mesmo que já tenhamos nossas suspeitas.

Ezio decidiu, por enquanto, manter as próprias suspeitas silenciosas. Seria melhor que elas fossem confirmadas, se possível, pelos homens de La Volpe.

— Eu conheço alguém, um cliente nosso no Rosa in Fiore, que deve dinheiro a esse banqueiro. O senador Egidio Troche reclama dos juros o tempo todo.

— *Bene* — disse Ezio. — Então precisamos investigar isso.

— Há mais uma coisa — acrescentou Maquiavel. — Temos notícias de que eles planejam posicionar tropas francesas na estrada que leva ao Castel Sant'Angelo. Seu ataque realmente deve tê-los abalado. E, ao que tudo indica, Cesare planeja voltar a Roma. Imediatamente. Por que tão cedo é algo que eu

não sei, mas vamos descobrir. De qualquer maneira, quando ele chegar, estará tão bem protegido que você jamais poderá atacá-lo. E, por último, nossos espiões nos dizem que ele planeja manter o retorno em segredo, pelo menos por enquanto.

— Ele tem algo escondido na manga — comentou La Volpe.

— Brilhante — retrucou Maquiavel, e os dois homens trocaram olhares nada amistosos.

Ezio considerou isso.

— Então parece que o nosso melhor curso de ação é encurralar esse general francês deles, Octavien, e matá-lo. Uma vez que ele estiver fora do caminho, Bartolomeo colocará os franceses na defensiva, e eles abandonarão a guarda do Castel.

Caterina falou pela primeira vez.

— Mesmo assim, Ezio, ainda que sem as tropas francesas, a Guarda Papal continuará protegendo a ponte e o portão principal.

— Ah — exclamou La Volpe. — Mas há uma entrada lateral. O mais novo brinquedinho de Lucrécia, o ator Pietro Benintendi, tem uma chave.

— É mesmo? — indagou Ezio. — Eu vi Pietro com ela no Castel.

— Mandarei meus homens descobrirem onde ele está — prometeu La Volpe. — Não deve ser muito difícil.

Caterina sorriu.

— Parece uma boa ideia. Eu gostaria de ajudar. Creio que conseguiremos assustá-lo o bastante para que ele nos dê a chave, e ele vai parar de ver Lucrécia. Farei qualquer coisa para afastar aquela vadia de qualquer prazer.

— *Momentino, contessa* — interrompeu Maquiavel. — Teremos de nos virar sem a sua ajuda.

Caterina olhou para ele, surpresa.

— Por quê?

— Porque vamos tirá-la da cidade, mandá-la talvez para Florença, até que seja possível reconquistar Forlì para você. Seus filhos já estão lá em segurança. — Nicolau olhou em volta. — O resgate de Ezio não ocorreu sem consequências. Há arautos pela cidade inteira, proclamando uma rica recompensa pela captura da *contessa*, viva ou morta. E nenhuma propina

conseguiu calá-los.

Houve silêncio. Então Caterina se levantou, deixando a coberta cair no chão.

— Parece que eu abusei da sua hospitalidade — anunciou ela. — Com licença.

— Do que você está falando? — perguntou Ezio, alarmado.

— Do fato de eu estar em perigo aqui...

— Nós a protegeremos!

— ...E, mais importante, do fato de eu representar um risco para vocês. — Ela olhava para Maquiavel enquanto falava. — Não é mesmo, Nicolau?

Maquiavel permaneceu calado.

— Eis a minha resposta — concluiu Caterina. — Iniciarei os preparativos imediatamente.

29

— Você tem certeza de que consegue cavalgar? — indagou Ezio.

— Cavalguei do Castel até aqui quando você me resgatou, não foi?

— Sim, mas não havia escolha.

— E há escolha agora?

Ezio ficou calado. Era a manhã seguinte, e ele assistiu enquanto Caterina e suas duas ajudantes arrumavam as poucas roupas e suprimentos que Claudia tinha separado para a jornada. Ela teria de partir antes da alvorada. Uma pequena escolta de homens de Ezio as acompanharia em parte do caminho, para garantir sua segurança até que estivesse longe de Roma. Ezio tinha se oferecido para ir junto, mas Caterina recusara.

— Não gosto de despedidas — afirmou ela. — E quanto mais longas elas forem, pior.

Ezio ficou olhando Caterina enquanto ela se ocupava com a bagagem. Pensou em todos os momentos que tiveram juntos, há muito tempo em Forlì, e então sobre o que ele imaginou carinhosamente ser um reencontro em Moteriggioni. A Irmandade dos Assassinos parecia ter tomado a vida dele e o deixado sozinho.

— Eu queria que você pudesse ficar — comentou.

— Ezio, eu não posso. Você sabe disso.

— Dispense suas servas.

— Eu tenho de ir logo.

— Dispense-as. Isso não vai demorar.

Caterina pediu às mulheres que saíssem, mas ele viu que tinha sido com relutância, e então ela disse:

— Voltem em cinco minutos, pelo relógio d’água.

Uma vez a sós, ele não sabia por onde começar.

— Bem? — disse Caterina, de forma mais gentil, e ele viu que os olhos dela estavam preocupados, mesmo que ele não soubesse com o quê.

— Eu... eu resgatei você — afirmou ele, desajeitado.

— Você me resgatou, e eu lhe sou grata. Mas, afinal, você disse a todos que você o fez só porque eu ainda sou uma aliada útil, mesmo sem ter Forlì?

— Vamos reconquistar Forlì.

— E então irei para lá novamente.

Ezio ficou calado de novo. O coração dele parecia vazio.

Caterina foi até ele e pôs as mãos em seus ombros.

— Ezio, escute. Eu não tenho utilidade alguma sem Forlì. Se eu parto agora, é para buscar segurança, e para estar com os meus filhos. Você não deseja tais coisas para mim?

— Desejo.

— Bem, então...

— Eu não resgatei você pelo seu valor à causa.

Foi a vez de ela permanecer calada.

— Mas porque...

— Não diga isso, Ezio.

— Por que não?

— Porque eu não posso lhe dizer o mesmo de volta.

Nenhuma arma poderia ter cortado o coração de Ezio tão fundo quanto aquelas palavras.

— Você me usou, então?

— Isso soou horrível.

— Que outras palavras você gostaria que eu usasse?

— Eu tentei explicar mais cedo.

— Você é uma mulher implacável.

— Eu sou uma mulher com um dever a cumprir e um trabalho a realizar.

— Então o que quer que sirva à sua causa é válido?

Caterina ficou em silêncio por mais algum tempo, e então falou.

— Eu já tentei lhe explicar isso. Você precisa aceitar. — Caterina tirou as mãos dos ombros dele. Ezio podia ver que ela voltara a pensar na jornada, e olhava para as coisas que precisavam ser guardadas.

Então Ezio pensou, impulsivamente, *Ao inferno com a Irmandade! Eu sei o que eu quero! Por que não posso viver para mim, para variar?*

— Eu vou com você — anunciou ele.

Ela se virou, com uma expressão muito séria.

— Escute, Ezio. Talvez você esteja fazendo uma escolha, mas já é tarde demais. Talvez eu tenha feito a mesma coisa. Você é líder dos Assassinos agora. Não desista do trabalho que iniciou, o grande trabalho de reconstruir a ordem após o desastre em Monteriggioni. Sem você, as coisas desmoronarão novamente, e quem estará lá para nos salvar?

— Você nunca me quis de verdade.

Ezio fitou Caterina. Ela ainda estava ali, no quarto, com ele, mas o espírito já havia partido. Há quanto tempo ela o tinha abandonado, Ezio não sabia. Talvez ela nunca tenha estado com ele de verdade. Talvez tudo aquilo tivesse sido apenas fruto da esperança ou da imaginação de Ezio. Naquele momento, ele se sentia como se estivesse olhando o cadáver do amor, mas ainda assim se recusando a aceitar aquela morte. Mas, como acontecia com qualquer outra morte, ele viu que não tinha escolha além de se acostumar à realidade dela.

Alguém bateu à porta.

— Entrem — disse Caterina, e as servas voltaram.

Ezio as deixou fazendo as malas.

Na manhã seguinte ele estava determinado a não ir vê-las partir, mas não conseguiu evitar. Estava frio, e quando Ezio chegou à praça designada, em um distrito seguro da cidade, o grupo já estava montado e os cavalos inquietos. Talvez, mesmo agora, no momento final, ela fosse ceder.

Mas os olhos dela estavam distantes, ainda que bondosos. Ezio pensou que poderia ter aguentado melhor a situação se ela não tivesse olhado para ele com

tanta bondade. A bondade era quase humilhante.

— *Buona fortuna, contessa*, e... adeus. — Foi tudo que ele conseguiu dizer.

— Vamos torcer para que não seja “adeus”.

— Ah, acredito que seja.

Caterina fitou Ezio mais uma vez.

— Bem, então... *buona fortuna anche*, meu príncipe, e... *Vittoria agli Assassini!*

A condessa virou o cavalo e sem mais uma palavra, nem mesmo um olhar para trás, galopou para o norte, saindo da cidade e da vida de Ezio. Ele os observou até que fossem meros pontos ao longe, um homem solitário de meia-idade que tinha recebido uma última chance no amor e a tinha perdido.

— *Vittoria agli Assassini* — murmurou Ezio para si mesmo, ao se virar e voltar pela cidade ainda adormecida.

30

Com o retorno iminente de Cesare, Ezio teve de pôr sua dor particular de lado e dar continuidade ao trabalho que o destino lhe tinha confiado. Para cortar o acesso de Cesare ao dinheiro, o primeiro passo seria localizar e neutralizar o banqueiro dele, e a pista inicial viria do Rosa in Fiore.

— O que você quer? — Claudia não poderia ter sido mais hostil.

— Você mencionou um senador na reunião.

— Mencionei sim, por quê?

— Você afirmou que ele devia dinheiro ao banqueiro de Cesare. Ele está aqui?

Claudia deu de ombros.

— Você provavelmente o encontrará no Campidoglio. Com certeza não precisará da minha ajuda para isso.

— Qual é a aparência dele?

— Ah, deixe-me ver... comum?

— Não brinque comigo, irmã.

Claudia cedeu um pouco.

— Ele tem uns 60 anos, é magro, parece estar sempre preocupado, com a barba feita, cabelos grisalhos e mais ou menos a sua altura. Chama-se Egidio Troche. É do tipo teimoso, Ezio, e pessimista, metódico. Você terá grandes dificuldades em tentar contorná-lo.

— Obrigado. — Ezio fitou-a duramente. — Pretendo rastrear esse banqueiro e matá-lo. Tenho uma boa ideia da identidade dele, mas preciso descobrir onde ele vive. O senador pode me levar até ele.

— A segurança do banqueiro é bem reforçada. Assim como a sua seria, se você estivesse em uma posição como a dele.

— Você acha que minha segurança é fraca?

— Como se eu me importasse.

— Ouça, Claudia... Sou duro com você porque me preocupo.

— Poupe-me.

— Você está indo muito bem...

— Obrigada, gentil senhor...

— Mas eu preciso que você organize um serviço importante para mim. Assim que eu tiver neutralizado esse tal banqueiro, preciso que as suas meninas levem o dinheiro dele a um lugar seguro.

— Baste me avisar quando, ou melhor, *se* conseguir.

— Apenas fique alerta.

Em um péssimo humor, Ezio partiu para o monte Capitolino, o centro administrativo de Roma. Lá ele se deparou com muita gente ocupada. Havia vários senadores cuidando dos negócios na larga *piazza* cercada pelos prédios do governo, acompanhados de secretários e assistentes que carregavam papéis em pastas de couro, seguindo os mestres de prédio em prédio. Todos tentavam parecer tão ocupados e importantes quanto fosse possível. Ezio tentou se misturar como pôde à multidão, mantendo um olho atento a qualquer homem que se encaixasse na descrição de Claudia. Ao se mover por entre toda aquela gente, Ezio manteve os ouvidos abertos para qualquer pista sobre a presa. Certamente não havia nenhum sinal de Egidio dentre os senadores naquele momento, mesmo que ele fosse o assunto principal das conversas dos colegas.

— Egidio andou pedindo dinheiro de novo — comentou um deles.

— E quando é que ele não o faz? Para que ele quer fundos desta vez?

— Ah, para algum tipo de proposta para reduzir o número de execuções públicas.

— Ridículo!

Ezio foi até outro grupo de senadores e adquiriu mais informações. Ainda

não tinha certeza, pelo que tinha escutado, se Egidio era um reformista liberal militante (e portanto um tolo) ou algum tipo de golpista desajeitado.

— Egidio está peticionando o fim da tortura às testemunhas nos tribunais criminais — dizia alguém no grupo seguinte.

— Que absurdo! — retrucou o homem de aparência atormentada com quem ele conversava. — É tudo desculpa, de qualquer maneira, ele só quer é dinheiro para pagar as dívidas!

— E ele quer se livrar das licenças de isenção.

— Como assim?! Como se isso fosse acontecer algum dia! Todo cidadão que se sentir incomodado com nossas leis tem o direito de pagar por uma isenção dessas leis! É o nosso dever! Afinal de contas, foi nosso próprio Santo Padre que nos trouxe as licenças de isenção, e ele segue o exemplo do próprio Cristo: "Abençoados sejam os misericordiosos!"

Outra falcatrua dos Bórgia para faturar mais ouro, pensou Ezio, enquanto o outro senador contribuía:

— Por que daríamos qualquer dinheiro a Egidio? Todo mundo sabe o que ele faria com a soma.

Os dois riram e seguiram em frente.

A atenção de Ezio foi atraída para um pequeno grupo de guardas dos Bórgia, com seus uniformes de cores vermelha e amarela, mas Ezio percebeu que estes tinham o brasão pessoal de Cesare, dois touros vermelhos e flores-de-lis, costurado na túnica. Como isso sempre significava problemas, Ezio foi até eles e viu, ao se aproximar, que tinham cercado um senador. Os outros parlamentares continuavam cuidando dos próprios assuntos como se nada de mais estivesse acontecendo, mas Ezio percebeu que eles mantinham um belo espaço em relação aos guardas.

O senador desafortunado correspondia perfeitamente à descrição de Claudia.

— Chega de discussão — dizia o sargento dos guardas.

— Seu pagamento está atrasado — acrescentou o cabo. — Dívida é dívida.

Egidio dispensou qualquer pretensão de dignidade. Ele estava implorando.

— Façam uma exceção para um velho! — rogou ele trêmulo. — Eu lhes imploro!

— Não — rosnou o sargento, acenando com a cabeça para dois dos soldados,

que seguraram os braços de Egidio e o atiraram ao chão. — O banqueiro nos mandou para cobrar, e você sabe o que isso significa!

— Olhe, me dê até amanhã, melhor, hoje à noite! Eu terei o dinheiro então.

— Tarde demais — retrucou o sargento, chutando o senador no estômago com força. Ele deu um passo atrás e o cabo e os dois guardas cuidaram de dar uma surra no velho prostrado.

— Isso não fará o dinheiro aparecer — afirmou Ezio, dando um passo à frente.

— Quem é você? Amigo dele?

— Sou um transeunte preocupado.

— Você pode levar a sua preocupação daqui e enfiar sabe onde! E cuide da porra dos seus próprios problemas!

O sargento se aproximou demais, como Ezio esperava. Com a facilidade trazida pela experiência, Ezio ativou a lâmina oculta e abriu a garganta do sargento logo acima da armadura. Os outros guardas ficaram olhando, paralisados de espanto enquanto o líder caía de joelhos e tentava em vão estancar com as mãos o chafariz de sangue que espirrava. Antes que pudessem reagir, Ezio se lançou contra eles e, alguns segundos depois, os três tinham se juntado ao sargento do Outro Lado, todos com gargantas cortadas. A missão de Ezio não lhe deixava tempo para duelos de espada, apenas assassinatos rápidos e eficientes.

A *piazza* tinha se esvaziado como se por mágica. Ezio ajudou o senador a se levantar. Havia sangue nas roupas do homem, que estava em estado de choque. Mas o choque se misturava ao alívio.

— É melhor sairmos daqui — comentou Ezio.

— Eu tenho um lugar. Siga-me — respondeu Egidio, que saiu andando com velocidade impressionante até um beco entre dois dos maiores prédios governamentais. Eles passaram apressados e viraram à esquerda, em seguida descendo alguns degraus até uma porta em um porão. O senador rapidamente a destrancou e guiou Ezio até um apartamento pequeno e escuro, mas confortável.

— Meu esconderijo — anunciou Egidio. — Útil quando você tem tantos cobradores quanto eu.

— Exceto quando você tem um só, dos grandes.

— Meu erro foi consolidar todas as minhas dívidas com o banqueiro. Eu não estava completamente ciente das conexões dele então. Deveria ter ficado com Chigi. Pelo menos ele é honesto, ou tão honesto quanto um banqueiro pode ser. — Egidio fez uma pausa. — Mas, e quanto a você? Um Bom Samaritano em Roma? Achei que vocês estivessem em extinção.

Ezio ignorou o último comentário.

— Você é o *senatore* Egidio Troche?

Egidio pareceu surpreso.

— Não me diga que eu lhe devo dinheiro também!

— Não, mas você pode me ajudar. Eu estou procurando o banqueiro de Cesare.

O senador sorriu de leve.

— O banqueiro de Cesare *Bórgia*? Rá! E você é...?

— Digamos que sou um amigo da família.

— Cesare tem muitos amigos hoje em dia. Infelizmente, não sou um deles. Então, se você me der licença, tenho de fazer as malas.

— Eu posso pagar.

Egidio deixou de parecer nervoso.

— Rá! Você pode *pagar*? *Ma che meraviglia!* Ele mata guardas primeiro e depois oferece dinheiro! Diga-me, por onde você andou durante toda a minha vida?

— Bem, eu não caí do céu. Se você me ajudar, eu ajudarei você. Simples assim.

Egidio considerou isso.

— Vamos à casa do meu irmão. Os Bórgia não têm problemas com ele, e não podemos ficar aqui. É deprimente demais, e perto demais dos meus... ou seriam os nossos?... inimigos.

— Vamos lá então.

— Mas você terá de me proteger. Vamos nos deparar com mais guardas de Cesare pelo caminho, procurando por mim, e não estarão com humor muito amistoso, se é que você me entende. Especialmente depois do espetáculo que você proporcionou na *piazza*.

— Vamos.

Egidio foi na frente, cuidadosamente, assegurando-se de que o caminho estava limpo antes de partirem por uma rota labiríntica que passava por becos escuros e ruas suspeitas, atravessando pequenas *piazze* e contornando as beiradas das feiras. Duas vezes eles se depararam com pares de guardas, e duas vezes Ezio teve de lutar com eles, dessa vez usando a espada. Parecia que a cidade estava em alerta máximo em busca dos dois homens que, fugindo juntos, eram um alvo muito apetitoso para os capangas dos Bórgia. O tempo não estava do lado de Ezio, então, quando o par seguinte de guardas apareceu do lado oposto de uma pequena *piazza*, eles simplesmente saíram correndo. Ezio, acompanhando o senador, não pôde subir aos telhados, e teve de depender apenas do conhecimento aparentemente inesgotável que Egidio tinha dos becos de Roma. Mas finalmente os dois alcançaram os fundos de uma *villa* nova e discretamente esplêndida, que se erguia no centro de um pátio murado, a alguns quarteirões a leste da basílica de São Pedro. Egidio abriu um pequeno portão de ferro com uma chave e os dois entraram.

Do lado de dentro, puderam recuperar o fôlego.

— Alguém quer muito ver você morto — comentou Ezio.

— Ainda não. Eles querem que eu pague antes.

— Porque apenas assim receberão o dinheiro...? E, pelo que ouvi, você é uma galinha dos ovos de ouro para eles.

— Não é tão simples. O fato é que eu fui um idiota. Não sou amigo dos Bórgia, mesmo que tenha pegado dinheiro emprestado com eles, e recentemente recebi algumas informações que me deram a chance de prejudicá-los, pelo menos um pouco.

— E essas informações foram...?

— Alguns meses atrás, meu irmão Francesco, que é camareiro de Cesare... Eu sei, eu sei, nem vamos tocar nesse assunto. Francesco me contou muita coisa dos planos de Cesare para Romagna. O que ele pretende fazer lá, quero dizer. E o que ele quer fazer é criar um minirreino a partir do qual pretende conquistar e controlar o resto do país. Como Romagna fica na entrada dos territórios venezianos, Veneza já está furiosa com os avanços de Cesare na região.

— E o que você fez?

Egidio estendeu as mãos.

— Escrevi ao embaixador veneziano, passando todas as informações que recebi de Francesco, e o alertando. Mas uma das minhas cartas deve ter sido interceptada.

— Mas isso não implicaria o seu irmão?

— Ele conseguiu se manter seguro até agora.

— Mas o que diabos levou você a fazer tal coisa?

— Eu tinha de fazer algo. O Senado não faz nada hoje em dia, na realidade, além de permitir todos os decretos dos Bórgia. Se não o fizesse, deixaria de existir. Do jeito que as coisas estão, não há nada que alguém possa fazer sozinho. Você sabe qual é a sensação de não se ter *un cazzo* a fazer? — Egidio balançou a cabeça. — Isso muda um homem. Admito que até eu passei a beber, jogar...

— E frequentar bordéis...

O senador olhou para ele.

— Ah, você é bom nisso. Você é muito bom. O que foi que me denunciou? O perfume nas minhas mangas?

Ezio sorriu.

— Algo do tipo.

— Hum. De qualquer maneira, como eu estava dizendo, os senadores costumavam fazer o que os senadores devem fazer: petições sobre questões relevantes, como... ah, por onde começar?... como crueldade ilegal, crianças abandonadas, criminalidade nas ruas, juros de empréstimos, colocar algumas rédeas em Chigi e nos outros banqueiros. Agora a única legislação que temos permissão de criar diz respeito a coisas como a largura apropriada das mangas de vestidos femininos.

— Mas você não é assim. Você tenta juntar dinheiro para causas falsas de modo a poder pagar suas dívidas de jogo.

— Não se trata de causas falsas, meu rapaz. Assim que tivermos um governo de verdade novamente, e assim que eu estiver em uma situação financeira estável outra vez, pretendo trabalhar nessas causas com muita seriedade.

— E quando você acha que isso vai acontecer?

— Temos de ser pacientes. A tirania é insuportável, mas nunca dura. É muito frágil.

— Gostaria de poder acreditar nisso.

— É claro que você precisa se erguer contra ela. Não importa o que acontecer. Você obviamente precisa. — Ele fez uma pausa. — Eu sou provavelmente... quantos? De dez a quinze anos mais velho do que você. Tenho de usar o meu tempo do melhor jeito possível. Ou você nunca olhou para um túmulo e pensou: “Essa é a coisa mais significativa que eu farei: morrer.”

Ezio continuou calado.

— Não — prosseguiu Egidio. — Acho que não. *Maledettas* cartas! Eu jamais deveria tê-las enviado ao embaixador. Agora Cesare me matará assim que puder, com dívida ou sem dívida, a não ser que, por algum milagre, ele agora decida descontar sua fúria em alguma outra pessoa. Deus sabe que ele é caprichoso o suficiente.

— Alguma outra pessoa? Como seu irmão?

— Eu jamais me perdoaria.

— Por que não? Você é um político.

— Não somos todos ruins.

— E onde está seu irmão?

— Não faço ideia. Não está aqui, graças a Deus. Não nos falamos desde que ele descobriu sobre as cartas, e eu já sou um risco grande demais para ele. Se ele visse você...

— Podemos cuidar dos negócios? — pediu Ezio.

— É claro. Uma mão lava a outra e tal. Bem, o que você queria mesmo?

— Eu quero saber onde está o banqueiro de Cesare. Onde ele trabalha. Onde ele vive. E, acima de tudo, quem é ele.

Egidio subitamente ficou todo animado.

— Certo! Preciso chegar com dinheiro. — Ele estendeu as mãos novamente. — O problema é que eu não tenho nenhum.

— Eu já falei que arranjaria o dinheiro. Basta me dizer quanto. E onde você vai encontrar esse banqueiro.

— Eu nunca sei até que eu chegue lá. Geralmente vou a um de três pontos combinados com antecedência. Os associados dele aparecem e me levam até ele. Eu estou devendo dez mil ducados.

— Sem problema.

— *Sul serio*? — Egidio parecia um menino no natal. — Você tem de parar

com isso! Está quase me dando esperanças!

— Fique aqui. Eu voltarei com o dinheiro ao pôr do sol.

Com a chegada do crepúsculo, Ezio reencontrou Egidio, que estava cada vez mais incrédulo, e colocou duas bolsas de couro nas mãos do senador.

— Você voltou! Voltou de verdade!

— Você me esperou.

— Sou um homem desesperado. Não posso acreditar que você simplesmente faria... isso.

— Há uma condição.

— Eu sabia.

— Escute — começou Ezio. — Se você sobreviver, e eu espero que você sobreviva, quero que fique de olho na situação política da cidade. E quero que relate tudo que descobrir à... — Ezio hesitou, mas continuou. — À *Madonna* Claudia, no bordel chamado Rosa in Fiore. Especialmente as coisas que descobrir sobre os Bórgia. Você conhece esse lugar? — indagou Ezio, sorrindo por dentro.

— Eu... tenho um amigo que às vezes vai lá. — Egidio tossiu.

— Ótimo.

— O que você fará com essas informações? Vai fazer com que os Bórgia desapareçam?

Ezio sorriu.

— Estou apenas... recrutando você.

O senador olhou para as bolsas de dinheiro.

— Odeio dar essa grana a eles. — E ficou em silêncio, pensando, então falou. — Meu irmão me protegeu porque somos parentes. Eu odeio aquele *pezzo di merda*, mas ele ainda é meu irmão.

— Ele trabalha para Cesare.

Egidio se recompôs.

— *Va bene*. Eles me informaram o local do encontro de hoje enquanto você estava fora. Não poderia ser mais conveniente. Estão impacientes para receber o dinheiro, então o encontro será hoje à noite. Eu suei sangue, sabia, quando disse ao mensageiro que certamente levaria o dinheiro. — Egidio fez mais uma pausa.

— Teremos de partir em breve. O que você fará? Vai me seguir?

— Não seria muito bom se você não chegasse sozinho.

Egidio concordou com a cabeça.

— Ótimo. Temos tempo apenas para um cálice de vinho. Quer?

— Não.

— Bem, eu definitivamente preciso de um.

31

Ezio seguiu o senador por mais um labirinto de ruas, só que estas, que levavam para perto do Tibre, lhe eram mais familiares, e Ezio passou por monumentos, praças e fontes que conhecia, além de prédios em construção, pois os Bórgia gastavam fortunas em *palazzi* e teatros e até mesmo galerias de arte, na busca pela própria glória pública. Finalmente Egidio parou em uma bela praça cercada de residências particulares em dois lados e de uma fileira de lojas caras em um terceiro lado. O quarto lado era um pequeno e bem-cuidado parque que descia até o rio. Esse era o destino de Egidio. O senador escolheu um banco de pedra e parou ao lado dele nas sombras que cresciam, olhando para os lados, mas ainda assim tranquilo. Ezio admirou a compostura dele, que também era útil. Qualquer sinal de nervosismo teria posto os capangas do banqueiro em estado de alerta.

Ezio se posicionou junto a um cedro e esperou. Não teve de aguardar muito tempo. Minutos após a chegada de Egidio, um homem alto vestindo um uniforme que ele não reconheceu foi até o senador. Um distintivo no ombro trazia, em uma das metades, um touro vermelho em um campo dourado e, na outra, largas listras horizontais negras e douradas. Ezio não conhecia o brasão.

— Boa noite, Egidio — saudou o recém-chegado. — Parece que você está preparado para morrer como um cavalheiro!

— Isso não foi nada amistoso da sua parte, *capitano* — respondeu Egidio. — Considerando que eu trouxe o dinheiro.

O homem ergueu uma sobrancelha.

— É mesmo? Bem, isso faz toda a diferença. O banqueiro ficará muito satisfeito. Você veio sozinho, acredito?

— Você vê mais alguém por aqui?

— Apenas me siga, *furbacchione*.

Eles partiram, voltando pelo caminho para leste e cruzando o Tibre. Ezio os seguiu a uma distância discreta, mas ficando perto o bastante para ouvi-los.

— Há notícias do meu irmão, *capitano*? — perguntou Egidio enquanto caminhavam.

— Posso lhe dizer apenas que o duque Cesare deseja muito conversar com ele. Assim que voltar de Romagna, quero dizer.

— Ele está bem, espero.

— Se não tiver nada a esconder, não terá nada a temer.

Eles continuaram em silêncio, e ao chegar à igreja de Santa Maria *sopra* Minerva, viraram para o norte, na direção do Panteão.

— O que acontecerá ao meu dinheiro? — indagou Egidio. Ezio percebeu que ele estava tentando extrair informações do capitão. Homem inteligente.

— *Seu* dinheiro? — O capitão riu. — Espero que os juros estejam todos aqui.

— Estão.

— É melhor que estejam mesmo.

— Então?

— O banqueiro gosta de ser generoso com os amigos. Ele os trata bem. Tem dinheiro para isso.

— E ele trata você bem, é?

— Gosto de pensar que sim.

— Mas quanta generosidade — comentou Egidio, com tanto sarcasmo que até o capitão notou.

— O que você disse? — perguntou o homem ameaçadoramente, parando de andar.

— Ah... nada.

— Vamos, já chegamos.

A magnitude do Panteão se erguia das trevas na *piazza* apertada. O alto pórtico coríntio do prédio de 1500 anos, construído como templo para todos os

deuses romanos mas há muito tempo consagrado como igreja, se erguia sobre eles. Nas sombras havia três homens esperando. Dois estavam vestidos de maneira semelhante ao capitão. O terceiro era um civil, um homem alto, mas ressequido e murcho, cujas vestes refinadas não lhe serviam bem. Eles saudaram o capitão, e o civil acenou friamente com a cabeça para Egidio.

— Luigi! Luigi Torcelli! — disse Egidio bem alto, para que Ezio ouvisse. — É bom vê-lo novamente. Ainda agente do banqueiro, estou vendo. Achei que você já teria sido promovido a essa altura. Algum serviço de escrivaninha e coisa e tal.

— Cale a boca — retrucou o homem de modo intimidador.

— Ele trouxe o dinheiro — anunciou o capitão. Os olhos de Torcelli cintilaram.

— Bem, bem! Isso deixará meu mestre com um ótimo humor. Ele está oferecendo uma festa muito especial esta noite, então entregarei o dinheiro a ele pessoalmente, em seu *palazzo*. E preciso me apressar. Tempo é dinheiro. Então passe logo para cá!

Egidio claramente odiava obedecer, mas os dois guardas apontaram as alabardas de forma ameaçadora, e o senador entregou as bolsas.

— Ufa! — exclamou. — Que peso. Fico feliz em me livrar delas.

— Cale a boca — repetiu o agente, que se virou para os guardas e ordenou: — Mantenham-no aqui até eu voltar.

Com isso, ele desapareceu dentro da igreja cavernosa e deserta, fechando firmemente as poderosas e pesadíssimas portas.

Ezio precisava segui-lo, mas não havia jeito de atravessar aquelas portas e, de qualquer maneira, primeiro seria necessário passar silenciosamente pelos guardas. Mas Egidio deve ter adivinhado isso, pois começou a puxar conversa com os guardas, irritando-os, mas, acima de tudo, distraindo-os.

— Então, por que não me soltar? Eu paguei! — reclamou ele, indignado.

— E se você tiver tentado nos enrolar? — retrucou o capitão. — O dinheiro precisa ser contado primeiro. Você deve entender isso.

— O quê? Dez mil ducados? Vai levar a noite toda!

— Tem de ser feito.

— Se o Luigi se atrasar, vai se dar mal. Só posso imaginar o tipo de homem

que o banqueiro deve ser.

— *Cale* a boca.

— Vocês têm um vocabulário realmente limitado. Olhe, pense no pobre Torcelli, se ele não chegar logo com o dinheiro, o banqueiro provavelmente não o deixará participar da diversão. Ele *deixa* os capangas participarem da diversão?

O capitão deu um murro com impaciência na cabeça de Egidio, que se calou, ainda sorrindo. Ele tinha visto Ezio se esgueirando por eles e escalando a fachada do prédio até o domo que havia atrás.

Uma vez no telhado do edifício circular, cuja frente clássica era parcialmente escondida, Ezio correu até a abertura redonda — o olho — que sabia existir no centro. Seria um teste de todas as habilidades de escalada dele, mas, uma vez lá dentro, encontraria o agente e poria em prática a próxima etapa do plano, que estava se formando rapidamente em sua mente. O agente tinha mais ou menos o seu tamanho, embora fosse muito menos musculoso, e a capa larga com capuz esconderia o físico de Ezio, se tudo desse certo.

A parte mais complicada seria se abaixar pela abertura no ápice do domo e então encontrar alguma forma de descer dali. Mas ele já visitara a igreja antes e sabia que os incensórios, que chegavam quase ao solo, estavam suspensos por correntes presas ao teto. Se conseguisse alcançar uma delas... e elas aguentassem o peso dele...

Bem, não havia outro jeito. Ezio sabia muito bem que nem ele seria capaz de descer como uma mosca pela curvatura interna do domo, mais de quarenta metros acima das pedras cinzentas do piso.

Ezio se pendurou sobre a beira da abertura e espiou a escuridão abaixo. Um mínimo ponto de luz bem distante lá embaixo mostrava onde estava o agente, sentado em um banco que corria paralelo à parede. Estava com o dinheiro ao lado, contando-o à luz de vela. Em seguida, Ezio procurou as correntes. Nenhuma estava ao alcance dele, mas se pelo menos pudesse...

Ezio mudou de posição e baixou as pernas pela beira da abertura circular, segurando-se com as duas mãos. Era um risco enorme, mas as correntes pareciam ser sólidas e velhas, e muito mais pesadas do que ele pensara. Ezio olhou para o ponto de fixação no teto e, pelo que pôde ver, estavam bem presas à pedra sólida.

Bem, não havia outra maneira. Empurrando forte com as mãos, ele se atirou para a frente e de lado no vazio.

Por um momento Ezio se sentiu como se estivesse suspenso no ar, sustentado por suas correntes, mas então ele começou a cair.

Ezio agitou e girou os braços, e fez um esforço mental para alcançar a corrente mais próxima. E conseguiu! Os elos escorregaram sob as luvas e Ezio deslizou alguns metros até conseguir agarrar firme, e então percebeu que estava balançando suavemente nas trevas. Ezio escutou. Não havia som algum, e estava escuro demais para que o agente visse a corrente balançando, lá longe de onde estava sentado. Ele olhou para a luz, que ainda brilhava constante. Não houve chamados de alarme.

Com cuidado, Ezio desceu pela corrente até chegar perto do chão, talvez uns 6 metros de altura. Estava bem perto do agente e podia ver sua silhueta encurvada sobre as bolsas de dinheiro, enquanto as moedas cintilavam à luz da vela. Ezio ouviu o homem murmurando e o clique suave e rítmico do ábaco.

Subitamente, porém, houve um som fortíssimo vindo do alto. O ponto de fixação da corrente no teto não conseguiu mais suportar o peso extra e se soltou. Ezio largou a corrente quando ela ficou frouxa em suas mãos e se atirou para a frente, na direção da vela. Enquanto voava no ar, ouviu um “Quem está aí?” assustado do agente, e o matraquear aparentemente infinito de 40 metros de corrente caindo no chão. Ezio agradeceu a Deus pelo fato de as portas da igreja estarem fechadas. A espessura delas certamente abafaria qualquer barulho que viesse de dentro.

Ele caiu sobre o agente com todo o seu peso, deixando o homem sem fôlego. Os dois se espatifaram no chão, e o agente ficou debaixo de Ezio com os braços e pernas abertos.

Luigi se soltou, mas Ezio segurou-lhe o braço.

— Quem é você? Cristo me proteja! — gritou o agente, aterrorizado.

— Lamento, amigo — murmurou Ezio, liberando a lâmina oculta.

— O quê? Não! Não! — tagarelou o agente. — Olhe o dinheiro! É seu! É *seu*!

Ezio ajeitou a mão que segurava o homem e o puxou mais para perto.

— Afaste-se de mim!

— *Requiescat in pace* — disse Ezio.

* * *

Deixando o corpo no chão, Ezio rapidamente despiu o agente do manto exterior e o vestiu por cima das próprias roupas, cobrindo a parte inferior do rosto com um cachecol e puxando a aba do chapéu para baixo. O manto era um pouco apertado, mas isso não era perceptível. Então, terminou de transferir o dinheiro das bolsas à caixa de metal que o agente tinha trazido para isso. A maior parte do dinheiro estava arrumada e empilhada na caixa. Ezio acrescentou o livro-caixa e, abandonando o ábaco e as bolsas de couro, meteu a pesada caixa sob o braço e foi até a porta. Tinha ouvido o jeito de falar do homem o bastante para imitá-lo toleravelmente, esperava. De qualquer maneira, teria de correr o risco.

Ezio foi até a porta e, ao abri-la, o capitão gritou:

— Está tudo bem por aí?

— Já acabei.

— Bem, vamos lá, Luigi, ou chegaremos atrasados.

Ezio emergiu no pórtico

— A contagem está completa?

Ezio assentiu com a cabeça.

— *Va bene* — respondeu o capitão. Então, virando-se para os homens que guardavam Egidio, ele ordenou: — Matem-no.

— Espere! — disse Ezio.

— O quê?

— Não o matem.

O capitão pareceu surpreso.

— Mas isso... isso não é exatamente o procedimento padrão, é, Luigi? Além disso, você sabe o que esse cara fez?

— Tenho minhas ordens. Diretamente do banqueiro. Esse homem deve ser poupado.

— Posso perguntar por quê?

— Você questiona as ordens do banqueiro?

O capitão deu de ombros e assentiu aos guardas, que soltaram o senador.

— Sorte sua — disse ele a Egidio, que teve o bom senso de não olhar para Ezio antes de ir embora apressado, sem dizer mais nada.

O capitão se virou para Ezio.

— Certo, Luigi, mostre o caminho.

Ezio hesitou. Ele estava empacado, pois não fazia ideia de onde ir. Ergueu a caixa.

— Isto é pesado. Mande os guardas carregarem.

— Certamente.

Ele passou a caixa, mas continuou parado.

Os guardas esperaram.

— *Ser* Luigi — disse o capitão após alguns momentos. — Com todo respeito, temos de entregar isto ao banqueiro dentro do prazo. É claro, não estou questionando a sua autoridade, mas... não era melhor nós irmos andando?

De que adiantaria tentar ganhar mais tempo? Ezio sabia que teria de arriscar um palpite. Era provável que o banqueiro vivesse perto do Castel Sant'Angelo ou do Vaticano. Mas qual dos dois? Ele chutou que seria o Castel e saiu andando para o oeste. Os guardas de segurança dele se entreolharam, mas o seguiram. Mesmo assim, ele pressentiu a inquietude e, de fato, depois que eles andaram um pouco, Ezio ouviu os dois guardas sussurrando.

— Será que isso é algum teste?

— Não sei bem.

— Talvez seja cedo demais.

— Quem sabe a gente esteja pegando a rota mais longa de propósito, por algum motivo.

Finalmente o capitão chamou Ezio e indagou:

— Luigi, está tudo bem?

— É claro que está!

— Então, com todo respeito novamente, por que você está nos levando na direção do Tibre?

— Motivos de segurança.

— Ah, eu bem que me perguntei. Normalmente vamos direto para lá.

— Esta é uma tarefa particularmente importante — afirmou Ezio, esperando que fosse mesmo. Mas o capitão nem piscou.

Enquanto eles pararam para conversar, um dos guardas murmurou para o outro.

— Que grande bobagem, se você quer saber. Este tipo de palhaçada me dá saudades do tempo que eu era um ferreiro.

— Estou faminto, quero ir logo para casa — resmungou o outro. — Dane-se a segurança, é só a dois quarteirões ao norte daqui.

Ao ouvir isso, Ezio finalmente suspirou aliviado, pois surgiu na mente dele a localização do *palazzo* do outro banqueiro, Agostino Chigi, que cuidava dos assuntos do papa. Ficava um pouco a nordeste de onde eles estavam agora. Fazia sentido que a casa do banqueiro de Cesare não ficasse muito longe, no distrito financeiro. Ezio sentiu-se tolo por ter pensado nisso antes. Mas esse tinha sido mais um dia daqueles.

— Já fizemos um desvio grande o suficiente — afirmou Ezio decidido. — Vamos tomar uma rota direta daqui.

Ele partiu na direção do Palazzo Chigi e viu que estava certo pelo senso de alívio que percebeu nos companheiros. Depois de algum tempo, o capitão até decidiu tomar a dianteira. Aceleraram o passo e logo chegaram a um distrito de ruas limpas e largas. O grande e bem-iluminado edifício de mármore a que eles se dirigiam tinha guardas diferentes de serviço ao pé dos degraus da entrada e diante da imponente porta dupla à frente.

Evidentemente, o grupo de Ezio era esperado.

— Já não era sem tempo — comentou o líder dos novos guardas, que claramente tinha a patente mais alta do que a do capitão. Virando-se para Ezio, acrescentou: — Entregue a caixa aos meus homens, Luigi. Cuidarei para que o banqueiro a receba. Mas é melhor você vir também. Há alguém que quer falar com você. — Ele olhou em volta. — Onde está o senador Troche?

— Cuidamos dele conforme ordenado — respondeu Ezio rapidamente, antes que alguém pudesse dizer algo.

— Ótimo — disse o líder dos guardas.

Ezio seguiu a caixa, agora nas mãos de novos guardas, escada acima. Atrás dele, o capitão foi barrado.

— Você não — comandou o líder.

— Não podemos entrar?

— Hoje não. Você e seus homens devem acompanhar a patrulha. E você pode mandar um deles para buscar outro destacamento. Estamos em segurança máxima. Ordens do duque Cesare.

— *Porco puttana* — grunhiu um dos guardas de Ezio, o ex-ferreiro, para o amigo.

Ezio deixou os ouvidos bem atentos. *Cesare? Aqui?* Pensou ele com a mente correndo a toda, e entrou pelas portas abertas para um hall fulgurante de tanta luz e, felizmente, cheio de gente.

O capitão e o líder dos guardas ainda estavam discutindo sobre a patrulha extra quando um destacamento de polícia da cidade papal veio correndo até eles. Estavam sem fôlego, com a preocupação estampada no rosto.

— O que houve, sargento? — perguntou o líder ao comandante da patrulha.

— *Perdone, colonnello,* mas estávamos na nossa rota perto do Panteão... As portas estavam abertas...

— E?

— E então investigamos. Mandei alguns homens entrarem...

— Fale logo homem!

— Encontramos *messer* Torcelli, senhor. Assassinado.

— Luigi? — O líder se virou para olhar a porta da frente, pela qual Ezio tinha acabado de desaparecer. — Absurdo. Ele chegou há alguns minutos. Com o dinheiro. Deve haver algum erro.

32

Após ter se livrado o mais rápido que pôde das vestimentas de Luigi e tê-las escondido atrás de uma coluna, Ezio caminhou por entre os convidados ricamente vestidos, muitos dos quais usavam máscaras. Mantinha sempre um olhar atento sobre a caixa de dinheiro, e resolveu se aproximar dos guardas que a levavam quando eles pararam próximos a um criado muito bem vestido, a quem a entregaram.

— Para o banqueiro — anunciou um dos guardas, enquanto entregavam a caixa ao criado.

O servo acenou com a cabeça, segurando a caixa com facilidade, e se virou para caminhar em direção ao fundo do salão. Ezio estava prestes a seguir o homem, quando três garotas passaram esbarrando nele. As roupas delas eram tão luxuosas quanto as dos outros hóspedes, mas com um decote que escondia muito pouco. Em choque e surpreso, Ezio as reconheceu como cortesãs do Rosa in Fiore. Ele claramente subestimou a irmã. Não era à toa que estava tão furiosa.

— Nós tomaremos conta a partir daqui, Ezio — exclamou uma das garotas.

— E não vai funcionar se você ficar perto de nós — completou a segunda.

— Mas fique de olho na gente.

Elas caminharam, graciosas como garças, até o criado. Uma delas começou a puxar assunto.

— Olá — disse a moça.

— Boa noite — respondeu o homem, desconfiado, apesar de saber que estava perdendo toda a diversão da festa, ficando preso ao trabalho o tempo todo.

— Você se importaria se eu caminhasse ao seu lado? Com essa gente toda, fica difícil para uma dama como eu chegar a algum lugar.

— Claro! Quer dizer… Eu não me importo se você quiser me fazer companhia.

— Eu nunca estive aqui antes.

— De onde você é?

— Trastevere — contou ela, enquanto encenava um tremor de pavor. — Precisei passar por umas ruínas para chegar aqui. Fiquei com muito medo.

— Você está segura aqui.

— Quer dizer, ao seu lado?

O criado sorriu.

— Eu poderia protegê-la, se fosse necessário.

— Tenho certeza que sim. — Ela desviou os olhos para a caixa e exclamou. — Nossa, que baú lindo você tem!

— Não é meu.

— Ah, mas está carregando com esses braços fortes. Você tem tantos músculos.

— E você quer pegar nos meus músculos?

— *Santò cielo!* Mas como eu poderia confessar isso ao padre depois?

A essa altura, eles já haviam chegado a um portão de ferro, protegido por dois guardas. Um deles bateu à porta e, alguns momentos depois, uma figura de vestes vermelhas como as de um cardeal apareceu na entrada, com um criado semelhante ao primeiro ao seu lado.

— Aqui está o dinheiro que era aguardado, Vossa Eminência — afirmou o primeiro criado, enquanto entregava a caixa ao segundo.

Ezio respirou fundo. Suas suspeitas se confirmaram. O banqueiro era ninguém menos do que Juan Bórgia, o Ancião, arcebispo de Monreale e padre-cardeal de Santa Susanna. O mesmo homem que tinha visto ao lado de Cesare em Monteriggioni e no estábulo do Castel Sant'Angelo!

— Ótimo — respondeu o banqueiro. Seus olhos negros brilharam no rosto

pálido. Ele observava a garota, que estava ao lado do primeiro criado. — Acho que vou ficar com ela também.

O homem agarrou-a pelo pulso e puxou-a para perto de si. Ele olhou altivamente para o primeiro criado e ordenou:

— Quanto a você, está dispensado.

— *Onoratissima!* — exclamou a mulher, desejosamente se esfregando no corpo do banqueiro enquanto o criado se esforçava para controlar a cara de ódio. O segundo criado entrou na sala e a fechou, desaparecendo de vista. O banqueiro conduziu a moça até a festa.

O primeiro homem os observou e suspirou melancólico e conformado. Ele começou a caminhar para ir embora quando, instintivamente, verificou seus pertences.

— Minha bolsa de moedas! O que aconteceu com ela? — murmurou e olhou na direção para onde o banqueiro tinha ido com a garota. Eles estavam cercados de convidados sorridentes, com servos passando o tempo todo levando bandejas de prata, servindo comida e bebida. — Ah, merda! — reclamou consigo mesmo enquanto caminhava na direção da porta da frente.

Ao passar por elas, as portas se fecharam. Evidentemente, todos os convidados já haviam chegado. Ezio observou o criado saindo e pensou: *se eles continuassem a tratar as pessoas dessa maneira, ele não teria dificuldade alguma em alistar os novos recrutas.*

Ezio se virou e se encaminhou até um lugar próximo ao banqueiro. No mesmo instante, um arauto apareceu na galeria e um trombeteiro que o acompanhava tocou, pedindo silêncio.

— *Eminenze, signore, signori* — anunciou o arauto.

— Nosso estimado senhor e convidado de honra, o duque de Valência e Romagna, capitão-general da *forze armate* papal, príncipe de Andria e Venafro, conde de Dyois e lorde de Piombino, Camerino e Urbino, Vossa Graça *messer* Cesare Bórgia está prestes a nos honrar com um discurso no grande salão interno.

— Vamos, querida. Você vai se sentar ao meu lado — informou o banqueiro à cortesã enquanto apalpava suas nádegas.

Ezio seguiu a multidão que se encaminhava em uníssono pela porta dupla da

sala interna. Reparou que as duas outras garotas não estavam longe, mas haviam passado a ignorá-lo sensatamente. Ele se perguntou quantos outros aliados sua irmã teria conseguido infiltrar na festa. Se ela tivesse, de fato, conseguido tudo que ele solicitou, ele teria de pedir desculpas de joelhos a ela. Mas ao menos, ele se sentia orgulhoso e confiante.

O líder dos Assassinos se sentou em uma fileira de cadeiras próxima ao meio do salão. Os guardas papais estavam formados junto às paredes da sala e diante do palanque erguido no fundo. Depois que todos tomaram seus lugares, uma figura familiar vestida de preto subiu ao palanque. Ele estava acompanhado pelo pai, mas o papa apenas se sentou no fundo. Para seu alívio, Lucrécia não estava por lá. A essa altura, ela provavelmente já havia sido libertada de sua cela.

— Bem-vindos, meus amigos — iniciou Cesare, com um leve sorriso. — Eu sei que todos teremos uma longa noite pela frente. — Fez uma pausa para as gargalhadas e as palmas de alguns convidados. — Mas não pretendo detê-los por muito tempo. Meus queridos, é uma grande honra que o cardeal de Santa Susanna tenha tido todo esse trabalho para celebrar minhas vitórias recentes.

Aplausos.

— E que maneira melhor haveria de celebrar do que uma reunião da irmandade dos homens? Em breve, nós nos reuniremos aqui novamente para uma ocasião ainda mais especial, pois celebraremos a unificação da Itália. Quando esse dia chegar, meus amigos, não celebraremos por uma noite ou duas, nem mesmo por uma semana. Nossa celebração durará *quarenta* dias!

Ezio viu o papa se enrijecer ao ouvir isso, mas Rodrigo não disse nada nem interrompeu Cesare. O discurso, como prometido, foi curto. Apenas fez uma lista das novas cidades-estados sob seu controle e expressou por alto seus planos de conquista para o futuro. Quando terminou, em meio a aplausos e gritos de aprovação, Cesare se virou para ir embora, mas seu caminho foi bloqueado por Rodrigo, que lutava para conter a fúria. Ezio caminhou disfarçadamente à frente para ouvir a pequena discussão que havia começado à *sotto voce* entre pai e filho. Os outros convidados começaram a se encaminhar para o salão principal, já pensando nos prazeres da festa que os esperava.

— Nunca concordamos em conquistar toda a Itália — esbravejou Rodrigo, cheio de raiva.

— Mas, *caro padre,* se seu brilhante capitão-general afirma que é possível, por que não relaxar e deixar que as coisas aconteçam?

— Você está arriscando tudo! Pode acabar desfazendo um equilíbrio de poder que nós trabalhamos com tanto esforço para estabelecer!

Cesare apertou os lábios.

— Eu agradeço por tudo o que você fez por mim, *caro padre*. Mas não se esqueça de que sou eu que controlo o exército agora, o que quer dizer que eu tomo as decisões. — Ele parou por um momento para que suas palavras fossem absorvidas. — Não fique tão melancólico, aproveite a festa!

Com essas palavras, Cesare desceu do palco e entrou por uma porta atrás das cortinas. Rodrigo observou o filho caminhando por um momento. Depois, murmurando consigo mesmo, seguiu o mesmo caminho.

Exiba-se o quanto quiser agora, Cesare, pensou Ezio. *Vou derrubá-lo. Enquanto sua hora não chega, seu banqueiro pagará o preço por se envolver com você.*

Andando novamente como se fosse um dos convidados, ele partiu na mesma direção dos outros. Durante o discurso, o salão principal foi transformado. Camas e poltronas foram colocadas sob dosséis e o chão fora coberto de almofadas bordadas e tapetes grossos. Os servos continuavam a passar por entre os convidados, servindo vinhos e comidas de todo tipo. Os convidados, por sua vez, pareciam ter ficado mais interessados uns nos outros. Por toda a sala, homens e mulheres tiravam as roupas, em pares, trios ou mais. O cheiro de suor surgiu com o calor.

Várias mulheres e alguns homens ainda não envolvidos nas “celebrações” olharam para Ezio com desejo, mas poucos deram atenção enquanto ele caminhava, ocultando-se atrás das colunas, na direção do banqueiro. O homem estava se despindo de sua *biretta*, de seu belíssimo *ferraiolo* e de sua sotaina, revelando um corpo magro, coberto apenas por uma camisa de algodão branco e ceroulas de lã. Ele e a cortesã estavam recostados em um dos sofás, que foi colocado em uma alcova, mais ou menos escondido do resto dos convidados. Ezio se aproximou.

— E você está tendo uma noite agradável, querida? — dizia o banqueiro, enquanto alisava desajeitadamente o corpo da mulher.

— Sim, *Eminenza,* sem dúvida estou. Há tanto para se ver.

— Isso é ótimo. Eu não poupei um centavo, sabe? — Os lábios do homem percorriam o pescoço da cortesã. Ele lambia e mordia enquanto levava a mão da mulher para baixo.

— Estou vendo — respondeu ela, olhando nos olhos de Ezio por cima do ombro do banqueiro. O olhar dela avisou Ezio para manter distância, por enquanto.

— É isso, minha querida. O acesso às coisas mais luxuosas da vida torna o poder tão desejável. Se eu vejo uma maçã em uma árvore, eu simplesmente a pego. Ninguém pode me impedir.

— Bem — sussurrou a mulher —, creio que isso dependa um pouco de quem é o dono da árvore.

O banqueiro riu.

— Eu acho que você não entendeu, minha cara. *Todas* as árvores são minhas!

— Não a minha, meu querido.

O banqueiro se afastou um pouco, e quando falou novamente, foi frio como a morte.

— Ao contrário, meu tesouro. Eu vi você roubar a bolsa do meu criado. Creio que ganhei o direito de fazer o que eu quiser com você em troca do perdão. Aliás, eu vou fazer o que eu quiser a noite toda!

— De graça?

Ezio torceu para que a garota não estivesse abusando da sorte. Ele observou a sala. Os poucos guardas que lá permaneciam estavam estacionados em intervalos de 5 metros. Nenhum deles estava por perto. O banqueiro, que estava em seu próprio território, se sentia muito seguro. Provavelmente seguro demais.

— Foi exatamente o que eu disse — respondeu o banqueiro, com certo tom de ameaça velada na voz. Então um novo pensamento passou por sua cabeça. — Você tem uma irmã, por acaso?

— Não, mas eu tenho uma filha.

O banqueiro ponderou.

— Trezentos ducados?

— Setecentos.

— Você barganha caro, mas... eu aceito! Foi um prazer fazer negócios com

você.

33

A noite prosseguiu. Ezio ouvia vozes ao seu redor o tempo todo: “Faça outra vez! Não, não, você está me machucando! Não, você não pode fazer isso. Eu não vou deixar!” Todos os sons de prazer e dor: dor real e prazer fingido.

O banqueiro estava cada vez mais ansioso, infelizmente, e começou a rasgar o vestido da cortesã. Ainda assim, ela implorou com os olhos para que Ezio não se metesse. Ela parecia dizer com os olhos que daria conta do recado.

Ele observou a sala novamente. Alguns dos criados e a maioria dos guardas haviam sido seduzidos pelos convidados a se juntarem à festa. Ele viu algumas pessoas segurando consolos de marfim e de madeira e pequenos chicotes negros.

O momento estava chegando...

— Venha aqui, minha querida — sussurrava o banqueiro enquanto empurrava a mulher contra o sofá e a prendia com seu peso. Então, o homem pôs as mãos em volta do pescoço dela e começou a estrangulá-la. A mulher lutou para respirar por alguns segundos e desmaiou.

— Ah, sim! Eu adoro isso! — Ele ofegava, suas veias pulsando com o esforço e com a emoção, enquanto seus dedos apertavam o pescoço da mulher. — Isso deve aumentar o seu prazer. Com certeza aumenta o meu! — Um minuto depois, ele terminou com a garota e deixou seu peso cair sobre o corpo dela, pingando de suor e arfando.

Ele não matou a mulher. Ezio conseguia ver o peito dela se movendo com a

respiração.

O banqueiro se arrastou até ficar de pé e deixou a prostituta caída, com a metade do corpo para fora do sofá.

Gritou uma ordem para dois criados próximos que ainda estavam concentrados no serviço:

— Livrem-se dela!

Enquanto o banqueiro caminhava para o meio da orgia principal, Ezio e os criados o observaram. Quando o homem saiu de perto e se ocupou com outras coisas, os criados colocaram a moça gentilmente no sofá, com um jarro de água do lado, e a cobriram com um tapete de pele. Um deles viu Ezio. O assassino pôs um dedo nos lábios. O homem sorriu e acenou com a cabeça. Ao menos, havia pessoas boas naquele buraco fedido.

Ezio seguiu o banqueiro enquanto ele segurava suas ceroulas, indo de grupo em grupo e murmurando palavras de apreciação, tal qual um *connoisseur* em uma galeria de arte.

— Ah, *bellissima*! — comentava ele de vez em quando, ao observar uma cena particularmente atraente.

Por fim, caminhou até a porta de ferro da qual havia saído no início da noite e bateu nela. Ela foi aberta por dentro, pelo criado que lá ficou a noite toda, provavelmente contando o dinheiro.

Ezio não lhes deu a chance de fechar a porta. Saltou à frente, e o seu impulso empurrou os dois homens para dentro. Fechou a porta cuidadosamente e se virou para os dois inimigos. O criado, um homem pequeno e fraco, choramingou e caiu de joelhos, desmaiando logo em seguida. Ezio reparou uma mancha amarelada que se formou nas calças do servo. O banqueiro, por sua vez, se pôs de pé.

—Você! — disse ele. — *Assassino!* Mas não por muito tempo. — O banqueiro tentou alcançar a corda de um sino, mas Ezio foi mais rápido. Com a lâmina oculta, cortou os dedos da mão que o banqueiro esticou. O homem gemeu de dor e segurou com força a mão ferida enquanto três de seus dedos se espalhavam pelo carpete. — Fique longe de mim! — gritou o homem. — Se você me matar, não vou lhe servir de nada! Cesare irá atrás de você! Mas...

— Mas?

Uma expressão de malícia tomou o rosto do homem.

— Se você me deixar viver...

Ezio sorriu. O banqueiro entendeu. Ele segurou a mão arruinada.

— Bem — disse ele. — Ao menos eu vivi muito bem. Vi, senti e provei muitas coisas. E não me arrependo de nenhuma delas. Não me arrependo de nenhum momento da minha vida.

— Você brincou com os berloques que o poder concede. Um homem poderoso de verdade desdenharia de coisas como essas.

— Eu dei às pessoas o que elas queriam!

— Está mentindo para si mesmo.

— Poupe-me.

— O seu débito é grande, *Eminenza*. O prazer não merecido apenas consome a si mesmo.

O banqueiro ficou de joelhos, murmurando meias orações.

Ezio levantou a lâmina oculta.

— *Requiescat in pace* — disse ele.

Ezio deixou a porta aberta ao sair. A orgia havia desacelerado e se tornado apenas um aninhamento de corpos sonolentos e suados. Um ou dois convidados estavam vomitando, com ajuda dos criados. Um outro par de criados estava carregando um cadáver. Evidentemente, a festa foi demais para o coração de alguém. Não havia mais ninguém de guarda.

— Estamos prontas — disse uma voz saída detrás dele.

Ele se virou e viu Claudia. Ao redor dela e por toda a sala, uma dúzia de mulheres se levantou. Dentre elas, vestida novamente, estava a mulher que fora violentamente molestada pelo banqueiro. Os servos que a ajudaram estavam ao lado dela. Mais recrutas.

— Vá embora daqui — falou Claudia. — Nós vamos recuperar o dinheiro. E com juros.

— Você acha que...

— Só desta vez, Ezio, confie em mim.

34

Apesar de estar completamente apreensivo por deixar a irmã no comando, Ezio teve de admitir que, no fim das contas, ele havia pedido a ela que fizesse esse serviço. Havia muita coisa em jogo, mas ele sabia que o melhor a fazer era obedecer e confiar nela.

Fazia frio nas primeiras horas do novo dia. Ezio puxou o capuz ao passar pelos guardas sonolentos, no portão da casa do banqueiro. Com as tochas quase apagadas, a casa parecia muito mais velha e decaída. Brincou com a ideia de ir atrás de Rodrigo, que Ezio havia visto pela última vez saindo furioso do palanque após o discurso de Cesare — e o filho claramente havia escolhido não ficar para a festa —, mas logo deixou a brincadeira de lado. Ele não conseguiria invadir o Vaticano sozinho. Além do mais, estava cansado.

Fez o caminho de volta à Ilha Tiberina para se limpar e descansar, mas não ficou lá por muito tempo. Precisava descobrir, o mais rápido possível, como Claudia havia se saído. Só depois disso ele poderia relaxar de verdade.

O sol estava aparecendo no horizonte, colorindo os telhados de Roma de dourado, enquanto ele caminhava em direção ao Rosa in Fiore. Do ponto onde estava, conseguia ver um grande número de patrulhas dos Bórgia rondando a cidade em um estado de agitação incomum. Mas o bordel era muito bem escondido e seu endereço era um segredo muito respeitado pelos clientes. Certamente não iriam querer responder a Cesare se o segredo se espalhasse. Por

isso, Ezio não se surpreendeu ao ver que não havia mais homens com uniformes dos Bórgia na vizinhança. Desceu em uma rua próxima e caminhou, se contendo para não correr em direção ao bordel.

Ao se aproximar, ficou mais tenso. Do lado de fora havia sinais de luta e o chão estava sujo de sangue. Desembainhando a espada, entrou pela porta semiaberta, com o coração palpitando.

Os móveis da recepção foram revirados e o lugar estava uma bagunça. Havia vasos quebrados no chão e os belos quadros na parede — ilustrações de bom gosto de alguns dos episódios mais aprazíveis de Boccacio — estavam rasgados. Mas não era só isso. Os corpos de três guardas dos Bórgia jaziam na entrada, e havia sangue por toda parte. Ezio começou a seguir em frente quando uma das cortesãs, a mesma mulher que havia sofrido nas mãos do banqueiro, veio recebê-lo. O vestido e as mãos dela estavam ensanguentados, mas seus olhos brilhavam como nunca.

— Ah, Ezio! Graças a Deus você está aqui!

— O que aconteceu? — O pensamento dele foi direto para a irmã e para a mãe.

— Nós conseguimos escapar em segurança, mas um dos guardas dos Bórgia deve ter nos seguido até aqui...

— E o que *houve?*

— Eles tentaram nos prender aqui dentro, nos emboscar.

— Onde Claudia e Maria estão?

A garota estava em prantos.

— Venha comigo.

Ela caminhou na direção do pátio interno do Rosa in Fiore. Ezio a seguiu, ainda muito nervoso, mas reparou que a mulher estava desarmada e, apesar do nervosismo, caminhava sem medo. Que tipo de massacre teria acontecido? Os guardas teriam matado todas menos ela? Como escapou? Ela saiu, levando o dinheiro?

A garota abriu a porta do pátio interno. Uma visão chocante se revelou diante de seus olhos. Mas não era nada do que ele esperava.

Havia guardas dos Bórgia mortos por todo lado, e aqueles que ainda não estavam mortos estavam muito feridos e morrendo. No meio deles, estava

Claudia, com o vestido cheio de sangue e com uma adaga de lâmina larga em uma mão e um estilete na outra. A maioria das mulheres que Ezio encontrou no *palazzo* do banqueiro estavam ao lado dela, igualmente armadas. De um dos lados, protegida por três mulheres, estava Maria. Atrás dela, empilhadas, estavam nada menos do que sete caixas de metal iguais a que Ezio havia entregado ao banqueiro.

Claudia ainda estava em guarda, junto com as outras mulheres, esperando mais uma onda de ataques.

— Ezio! — exclamou ela.

— Sim, sou eu — respondeu ele, olhando para a pilha de corpos.

— Como você chegou até aqui?

— Pelos telhados, desde a Ilha Tiberina.

— Você viu mais deles lá fora?

— Sim, vários. Mas estavam todos correndo em círculos. Nenhum aqui por perto.

A irmã dele relaxou um pouco ao ouvir a notícia.

— Graças a Deus. Agora precisamos limpar a rua lá fora e fechar a porta. Depois precisamos dar um jeito nessa bagunça.

— Alguma de vocês... morreu?

— Duas. Lucia e Agnella. Nós já as colocamos nas camas. Elas morreram bravamente.

Claudia não estava sequer tremendo.

— Você está bem? — perguntou Ezio, hesitante.

— Perfeitamente — respondeu ela, recomposta. — Vamos precisar de ajuda para nos livrarmos desses corpos. Você pode mandar alguns recrutas para nos ajudar? Deixamos nossos novos amigos no *palazzo*, para despistar qualquer pessoa que pergunte demais.

— Algum soldado desta patrulha escapou?

Claudia ainda estava muito séria. Ainda não havia baixado as armas.

— Não, nenhum. As notícias não chegarão a Cesare.

Ezio ficou em silêncio por um momento. Não se podia ouvir nada além do barulho da fonte e do canto dos pássaros.

— Há quanto tempo isso aconteceu?

Ela abriu um pequeno sorriso.

— Você perdeu a festa por pouco.

Ele sorriu de volta.

— Ninguém precisava de mim. Minha irmã sabe como usar uma faca.

— E estou pronta para usá-la de novo.

— Você fala como uma verdadeira Auditore. Desculpe-me, irmã.

— Você precisava me testar.

— Eu queria protegê-la.

— Como você pode ver, sei me cuidar sozinha.

— É, agora eu vejo.

Claudia largou as facas e fez um gesto apontando os baús de tesouro.

— Os juros são suficientes para você?

— Estou vendo que você agiu muito melhor do que eu e estou totalmente admirado.

— Que bom.

Depois, fizeram o que realmente queriam pelos últimos cinco minutos. Eles se abraçaram com força, longamente.

— Excelente! — disse Maria, juntando-se a eles. — É bom ver que vocês dois finalmente recobraram o juízo!

35

— Ezio!

Ezio não esperava ouvir a voz familiar tão cedo novamente. Uma parte pessimista dele não esperava ouvi-la nunca mais. Ainda assim, ele tinha ficado satisfeito ao receber o bilhete na Ilha Tiberina, marcando um encontro na Raposa Adormecida, o quartel-general da Guilda dos Ladrões de La Volpe em Roma, para onde ele se dirigia agora.

Ele olhou ao redor, mas não viu ninguém. As ruas estavam vazias. Nem mesmo os guardas dos Bórgia circulavam por lá, pois o distrito era dominado pelos homens de La Volpe.

— Leonardo?

— Aqui! — A voz saía de um portal obscurecido.

Ezio caminhou até o portal e Leonardo o puxou para as sombras.

— Você foi seguido?

— Não.

— Graças a Deus. Eu estava suando sangue!

— E você? Foi seguido?

— Não, um amigo meu, *messer* Salai, está vigiando a minha retaguarda. Eu confio nele com a minha vida.

— Seu amigo?

— Sim, somos muito próximos.

— Tenha cuidado, Leo. Esse seu coração mole para com os jovens pode acabar sendo a brecha na sua armadura um dia.

— Eu posso ter o coração mole, mas não sou idiota. Agora vamos.

Leonardo puxou Ezio porta adentro após olhar para os dois lados da rua. Alguns metros à frente e à direita, entraram em um beco que passava por entre prédios sem janela e com paredes velhas e caminharam por duzentos metros ou mais até chegarem a um cruzamento de três outras vielas. Leonardo seguiu pelo caminho da esquerda e, depois de mais alguns metros, chegou a uma porta pintada de verde-escuro.

Ele destrancou a porta e os dois tiveram de se espremer para entrar. Mas do lado de dentro, o cômodo era um grande salão arqueado. A luz natural inundava o lugar pelas janelas altas, e a sala estava cheia de mesas e cavaletes, com todo tipo de coisa jogado por cima: havia desenhos pregados nas paredes, esqueletos de animais, livros empoeirados, mapas raros e preciosos, como todos os mapas — a própria coleção da Irmandade dos Assassinos tinha sido de valor inestimável, mas os Bórgia, em sua ignorância, destruíram a sala de mapas com os bombardeios de canhões —, lápis, canetas-tinteiro, pincéis, quadros, pilhas de papéis. Resumindo, a bagunça típica e familiar dos estúdios de Leonardo, onde quer que fossem.

— Este é meu próprio espaço — disse Leonardo, com orgulho. — O mais longe possível do meu lugar de trabalho oficial perto do Castel Sant'Angelo. Ninguém entra aqui além de mim. E Salai, é claro.

— Eles não vigiam você?

— Vigiaram por um tempo, mas sou muito bom na arte do convencimento e acabaram acreditando em tudo que contei. Aluguei essa casa do cardeal de San Pietro in Vincoli. Ele sabe manter segredo. Sem falar que ele não tem nenhuma simpatia pelos Bórgia.

— Além do mais, que mal há em garantir o futuro, não é mesmo?

— Ezio, meu amigo, você não deixa passar nada mesmo, não é? Agora, vamos aos negócios. Eu não sei se posso oferecer alguma coisa para você beber. Eu sei que deve ter uma garrafa de vinho aqui em algum lugar.

— Deixa pra lá, não se preocupe. Mas então, por que me chamou?

Leonardo foi até uma das mesas no lado direito do salão e revirou uma pilha

de coisas que estavam guardadas debaixo dela. Tirou uma longa caixa de madeira, encapada com couro preto, e colocou-a na mesa.

— Aqui está! — Ele a abriu com um floreio.

A caixa era revestida de veludo roxo.

—A ideia foi de Salai! — explicou Leonardo.

Dentro dela, havia cópias perfeitas das armas do códex perdidas por Ezio: a braçadeira do antebraço esquerdo, a pequena pistola retrátil, a adaga de duas lâminas e a lâmina aplicadora de veneno.

— A braçadeira foi a parte mais complicada — continuou Leonardo. — Foi muito difícil encontrar um metal tão extraordinário quanto o original. Mas, pelo que você me contou sobre o acidente no qual perdeu os originais, ele pode ter sobrevivido. Talvez você possa recuperá-lo...

— Se ele de fato sobreviveu, deve estar enterrado sob várias toneladas de destroços. É como se estivesse perdido no fundo do mar. — Ezio esclareceu enquanto colocava a braçadeira. Parecia um pouco mais pesada do que a primeira, mas serviria muito bem ao propósito. — Eu nem sei como lhe agradecer.

— Isso é fácil! — respondeu Leonardo. — Com dinheiro! Mas isso não é tudo. — Ele mexeu debaixo da mesa novamente e pegou outra caixa, maior do que a primeira. — Estas aqui são novidades e podem lhe ser úteis de vez em quando.

Ele abriu a tampa, e dentro havia uma besta extremamente leve com um conjunto de flechas, um conjunto de dardos e um par de luvas de couro com malha de ferro.

— Os dardos são venenosos — disse Leonardo —, nunca toque na ponta deles com as mãos nuas. Se conseguir arrancá-los de seus alvos, podem ser reutilizados uma dúzia de vezes.

— E as luvas?

Leonardo sorriu.

— Estou particularmente orgulhoso delas. Vão permitir que você escale qualquer superfície com facilidade. Praticamente transformam você em uma aranha. — Ele fez uma pausa, um pouco preocupado. — Só não testamos em vidro, mas eu duvido que você encontre uma superfície *tão* lisa. A besta, por sua

vez, é uma besta comum, mas é bem compacta e leve. O que a torna especial é que ela é tão forte quanto as bestas pesadas que estão hoje sendo substituídas pelas minhas pistolas de fecho de roda. E claro, tem a vantagem de ser relativamente silenciosa, se comparada a uma arma de fogo.

— Eu não posso levar isso tudo comigo agora.

Leonardo deu de ombros.

— Sem problema. Eu mando entregar. Na Ilha Tiberina?

Ezio pensou por um momento.

— Não, há um bordel chamado Rosa in Fiore. Fica no *rione* Montium et Biberatice, perto do antigo fórum com a coluna.

— Nós encontraremos.

— Entregue à minha irmã, Claudia. Posso escrever um recado? — Ezio pegou uma folha de papel e escreveu algo rapidamente. — Entregue isto a ela. Esbocei a localização, pois pode ser um pouco difícil de encontrar. Vou conseguir o dinheiro o mais rápido possível.

— Cinco mil ducados.

— Isso *tudo*?

— Esses materiais são caros...

Ezio apertou os lábios.

— Tudo bem. — Anotou mais uma linha no bilhete. — Recentemente encontramos algum dinheiro inesperado. Minha irmã pagará a você. E, escute, Leo. Eu confio em você. Ninguém pode saber de nada.

— Nem mesmo Salai?

— Pode contar a Salai, se precisar. Mas se a localização do bordel for descoberta pelos Bórgia, eu vou matar Salai e você, meu amigo.

Leonardo sorriu.

— Eu sei que são tempos complicados, meu caro. Mas quando foi que eu o decepcionei *antes*?

Satisfeito com a resposta, Ezio se despediu do amigo e seguiu caminho até a Raposa Adormecida. Ele estava atrasado, mas o encontro com Leonardo valera a pena.

Ele atravessou o pátio, feliz ao ver que os negócios estavam prosperando, e

estava prestes a se apresentar aos ladrões que estavam de guarda na porta com a placa *Uffizi*, quando La Volpe apareceu pessoalmente, saindo de lugar nenhum. Ele era muito bom em fazer isso.

— *Buon giorno*, Ezio!

— *Ciao*, Gilberto!

— Estou feliz que tenha vindo. De que você precisa?

— Vamos sentar em algum canto silencioso.

— No *Uffizi*?

— É melhor ficarmos por aqui. O que eu tenho a dizer é sigiloso.

— Ótimo, pois eu tenho algo para lhe falar que também deve ficar só entre nós dois, por enquanto.

Sentaram-se à mesa em um canto vazio do bar, longe dos bêbados e dos jogadores.

— Está na hora de visitarmos o amante de Lucrécia, Pietro — disse Ezio.

— Ótimo, já despachei alguns homens para procurá-lo.

— *Molto bene*, um ator famoso como ele não deve ser difícil de encontrar.

La Volpe balançou a cabeça.

— Ele é famoso o bastante para ter seus próprios guarda-costas. Além disso, achamos que pode ter se escondido, pois está com medo de Cesare.

— Faz sentido. Bem, faça o melhor que puder. Agora, me diga, o que você tem para me contar?

La Volpe hesitou por um momento, e disse:

— É um assunto delicado, Ezio...

— O que é?

— Alguém alertou Rodrigo a ficar longe do Castel Sant'Angelo.

— E você acha que esse alguém... foi Maquiavel?

La Volpe ficou em silêncio.

— Você tem alguma prova? — pressionou Ezio.

— Não, mas...

— Sei que você não gosta de Maquiavel, mas escute, Gilberto, não podemos ser destruídos por meras suspeitas.

Foi então que a porta se abriu com força e eles foram interrompidos pela chegada de um ladrão ferido, que cambaleou até a mesa.

— Más notícias! — gritou o homem. — Os Bórgia sabem onde estão nossos espiões!

— Quem contou a eles? — perguntou La Volpe, se levantando furioso.

— *Maestro* Maquiavel estava perguntando sobre nossa busca pelo ator hoje cedo.

A mão de La Volpe se fechou, em forma de punho.

— Ezio? — sussurrou ele.

— Eles capturaram quatro de nossos homens de surpresa. Eu tive sorte de escapar! — continuou o ladrão.

— Onde?

— Aqui perto, ao lado de Santa Maria dell' Orto.

— Vamos! — gritou La Volpe para Ezio.

Em alguns minutos, os homens de La Volpe selaram dois cavalos e os dois Assassinos saíram da Raposa Adormecida a toda velocidade.

— Eu ainda não consigo acreditar que Maquiavel tenha se tornado um traidor — insistiu Ezio, enquanto cavalgavam.

— Ele ficou sumido por um tempo, para afastar nossas dúvidas. — La Volpe rebateu de pronto. — Mas preste atenção aos fatos: primeiro, o ataque a Monteriggioni. Depois, os acontecimentos no Castel Sant'Angelo, e agora isso! Ele está por trás de tudo!

— Cavalgue o mais rápido que puder, só isso! Talvez ainda possamos salvar os homens!

Os dois cavalgaram apressados pelas ruas estreitas, seguindo sempre em frente, enquanto tentavam evitar machucar as pessoas e destruir as barracas de feira no caminho. Pessoas e animais saíam da frente de imediato, mas quando os guardas dos Bórgia tentavam pará-los com suas alabardas, eram simplesmente atropelados.

Chegaram ao lugar indicado pelo ladrão ferido em menos de sete minutos, a tempo de ver os guardas com uniformes dos Bórgia colocando os quatro ladrões capturados em uma carruagem, distribuindo coronhadas e xingamentos. Em questão de segundos, Ezio e La Volpe caíram sobre os guardas como fúrias vingadoras. Com as espadas em mãos, conduziram as montarias habilmente entre os guardas, afastando-os dos prisioneiros e dispersando-os no quarteirão,

em frente à igreja. La Volpe cavalgou na direção do condutor da carruagem e, controlando o cavalo só com as pernas, agarrou o chicote do homem e bateu com força no flanco dos cavalos, que saíram puxando a carruagem sem direção definida. O condutor ainda tentou retomar o controle, mas foi em vão. Deixando o chicote de lado, La Volpe retomou as rédeas do cavalo e se juntou a Ezio, que estava sendo cercado por cinco guardas. Eles atacavam o peito e o flanco do cavalo com suas alabardas. Virando o cavalo em um círculo, ele girou a espada e decapitou um dos guardas com habilidade. Enquanto isso, La Volpe despachou o último dos guardas que ainda fazia alguma oposição. Todos os outros estavam mortos, feridos no chão ou haviam fugido.

— Corram, seus porcos — gritou La Volpe para seus homens. — De volta para a base! Agora! Nós os encontraremos lá!

Os quatro ladrões se recompuseram e saíram correndo pela rua principal, misturando-se à multidão que se juntara para ver a luta. Ezio e La Volpe cavalgaram atrás deles, guardando-os para garantir que todos chegariam inteiros.

Eles entraram na Raposa Adormecida por uma porta lateral e rapidamente se reuniram no bar, que havia sido fechado. La Volpe pediu que servissem cerveja a seus homens, mas não esperou a bebida chegar para começar o interrogatório.

— O que vocês descobriram?

— Chefe, há um plano para matar o ator esta noite. Cesare enviou aquele “carrasco” para fazer o trabalho.

— Quem é o carrasco? — perguntou Ezio

— Você já o viu — respondeu La Volpe. — Micheletto Corella. Ninguém esquece um rosto como aquele.

Então, Ezio visualizou em sua mente o homem que estava a direita de Cesare em Monteriggioni, e outra vez nos estábulos do Castel Sant’Angelo. Ele tinha um rosto cruel, que parecia muito mais velho do que seu dono, e uma cicatriz na boca dava a ele um sorriso sádico permanente. Micheletto Corella. Originalmente chamado de *Miguel* de Corella. Será que Corella, aquela região de Navarra que produzia um vinho tão bom, poderia produzir um torturador assassino como esse?

— Ele pode matar pessoas de 150 formas diferentes — continuou La Volpe. — Mas seu método preferido é a estrangulação. Sem dúvida, ele é o matador

mais competente de Roma. Ninguém nunca escapou dele.

— Vamos torcer para que hoje seja a primeira vez — comentou Ezio.

— Onde vai acontecer? Vocês sabem? — perguntou La Volpe aos ladrões.

— Pietro vai atuar em uma peça religiosa hoje à noite. Ele tem ensaiado em um local secreto.

— Deve estar assustado. O que mais?

— Ele vai fazer o papel de Cristo. — Um dos outros ladrões soltou uma risadinha. La Volpe olhou sério para ele. — Ele pretende ser suspenso em uma cruz. Micheletto chegará até ele com uma lança e perfurará a costela dele. Só que será de verdade.

— Você sabe onde Pietro está?

O ladrão balançou a cabeça.

— Isso eu não sei dizer. Não conseguimos descobrir. Mas sabemos que Micheletto estará esperando na antiga casa de banho do imperador Trajano.

— A *Terme di Traiano*?

— Sim, eu acho que o plano é o seguinte: Micheletto pretende disfarçar seus homens com as fantasias e fazer o assassinato parecer um acidente.

— Mas onde será encenada a peça?

— Não sabemos, mas não deve ser longe de onde Micheletto ficará esperando seus homens.

— Eu vou segui-lo — decidiu Ezio. — E ele me levará até o amante de Lucrécia.

— Mais alguma informação? — perguntou La Volpe.

Os homens negaram, balançando as cabeças. Um garçom chegou, trazendo uma travessa com cerveja, pão e salame. Os ladrões começaram a comer avidamente. La Volpe puxou Ezio para um canto.

— Ezio, eu sinto muito, mas estou certo de que Maquiavel nos traiu. — Ele levantou a mão. — Não me importa o que você diga, não me convencerá do contrário. Eu sei que nós dois preferíamos que não fosse verdade, mas está tudo muito claro. Acho que devemos fazer o que precisa ser feito. — Ele fez uma pausa. — E se você não o fizer, farei eu.

— Entendo.

— E há mais uma coisa, Ezio. Deus sabe como eu sou leal, mas também

preciso me preocupar com o bem-estar de meus homens. Até que essa situação tenha sido resolvida, não vou colocá-los em risco.

— Você tem suas prioridades, Gilberto, e eu tenho as minhas.

Ezio saiu, preparando-se para o trabalho da noite. Pegou um dos cavalos de La Volpe emprestado e viajou de volta para o Rosa in Fiore. Claudia o recebeu.

— Chegou uma encomenda para você — disse ela.

— Mas já?

— Dois homens vieram aqui, ambos muito bem vestidos. Um jovem, de aparência suspeita, mas muito bonito. O outro devia ter uns 50 anos, um pouco mais velho do que você. Eu o reconheci de imediato, era seu amigo Leonardo, mas estava muito formal. Ele me entregou esta nota e eu o paguei.

— Isso foi rápido.

Claudia sorriu.

— Ele disse que você gostaria de uma entrega *rápida*.

Ezio sorriu de volta. Seria bom ter em mãos hoje as armas do códex feitas por seu amigo, antes de encontrar os homens de Micheletto, que certamente deviam ser muito bem treinados. Mas ele também precisava de um plano de contingência. Pela atitude de La Volpe, ele sabia que não poderia pedir um grupo de ladrões emprestados.

Pensou imediatamente em sua própria milícia de novos recrutas. Era a hora de colocar alguns deles no ritmo.

36

Sem saber sobre Ezio, *messer* Corella precisava concluir outro negócio para seu chefe antes do evento principal da noite. Mas ainda era cedo.

Ele estava parado em silêncio na doca deserta do rio Tibre. Algumas barcas e dois navios estavam ancorados, movendo-se suavemente com o fluxo do rio. As velas dos navios balançavam ao vento. Vários guardas com a insígnia de Cesare foram em sua direção, carregando um homem vendado entre eles. Diante dos soldados estava o próprio Cesare.

Micheletto reconheceu o homem, sem surpresa, como sendo Francesco Troche.

— Por favor — choramingava Francesco. — Eu não fiz nada de errado.

— Francesco, meu querido amigo — discursou Cesare. — Os fatos são claros: Você contou ao seu irmão sobre meus planos em Romagna, e ele contatou o embaixador veneziano. Não posso remover essa culpa de você.

— Foi um acidente. Eu continuo sendo seu servo e aliado.

— Você está exigindo que eu desconsidere seus atos e confie apenas na amizade?

— Eu estou... pedindo, não exigindo.

— Francesco, meu querido, para poder unificar a Itália, eu preciso ter todas as instituições sob meu controle. Você sabe que servimos a uma organização superior, a Ordem dos Templários, da qual eu sou o líder agora.

— Eu pensei... Seu pai...

— E se a Igreja não entrar na linha — continuou Cesare, com firmeza —, eu terei que eliminá-la completamente.

— Mas você sabe que eu trabalho para você e não para o papa.

— Será mesmo, Troche? Só há uma maneira de ter certeza disso agora.

— Você não pode estar mesmo pensando em me matar. Logo eu, seu amigo mais leal?

Cesare sorriu.

— É claro que não. — Ele estalou os dedos. Micheletto aproximou-se silenciosamente por trás.

— Você vai me deixar ir embora? — O alívio inundou a voz de Troche. — Obrigado, Cesare. Obrigado de todo meu coração. Você não se arrependerá...

Mas as palavras dele foram cortadas quando Micheletto, com uma corda fina enrolada nas mãos, envolveu o pescoço dele. Cesare observou por um momento, mas antes mesmo de Francesco estar totalmente morto, ele se virou para o capitão da guarda e perguntou:

— Você está com as vestimentas da peça prontas?

— Sim, senhor!

— Então entregue a Micheletto, quando ele terminar.

— Sim, senhor!

— Lucrécia é só minha. Não pensei que ela fosse tão importante para mim, mas quando recebi o recado em Urbino, de um dos próprios homens dela, dizendo que aquele atorzinho patético estava passando as patas nela e babando sobre ela, voltei imediatamente! Você consegue entender uma paixão como essa, capitão?

— Sim, senhor!

— Então é um tolo. Você já terminou, Micheletto?

— *Messere*, o homem está morto.

— Então amarre umas pedras nele e jogue-o no Tibre.

— Como quiser, Cesare.

O capitão deu a ordem a seus homens, que pegaram duas sacolas de pano grandes e carregaram até lá.

— Aqui estão as fantasias para seus homens. Tenha certeza absoluta de que o

serviço será muito bem feito.

— Certamente, *messere*.

Cesare partiu, deixando seus subordinados para realizarem os preparativos. Sinalizando para que os guardas o seguissem, Micheletto caminhou em direção às Termas de Trajano.

* * *

Ezio e seus recrutas já estavam lá, escondidos sob um pórtico arruinado. Ele viu um grupo de homens de preto reunido e observou cuidadosamente quando Micheletto apareceu. Os guardas colocaram os sacos com as fantasias no chão e Micheletto ordenou que eles fossem embora. As sombras eram densas e Ezio sinalizou para que seus próprios homens se preparassem. Ele havia colocado a braçadeira no braço esquerdo e a lâmina envenenada no braço direito.

Os homens de Micheletto formaram uma linha. Cada um caminhava até o líder e recebia uma fantasia de legionário romano da época de Cristo. Ezio reparou que Micheletto vestiu um uniforme de centurião.

Conforme cada homem se afastava para vestir a fantasia, Ezio o esperava, pronto. Silenciosamente, usou a lâmina envenenada que Leonardo havia acabado de recriar para ele. Os homens morreram calados, um de cada vez. Depois, os próprios recrutas de Ezio vestiram as roupas teatrais e esconderam os corpos.

Absorto em seu trabalho, Micheletto não percebeu nada. Por fim, os homens que ele comandava não eram mais os dele. Eles o seguiram, com Ezio logo atrás, na direção do Coliseu.

Um palco foi erguido nas ruínas do antigo anfiteatro romano, onde, desde os tempos do imperador Tito, gladiadores se enfrentavam até a morte, os *bestiarii* soltavam milhares de animais e os cristãos eram jogados aos leões. Era um lugar soturno, mas que ficava com uma aparência muito melhor quando havia centenas de tochas iluminando o palco, e a plateia, espalhada em bancos de madeira, estava absorta, assistindo a uma peça sobre a Paixão de Cristo.

— Estou procurando Pietro Benintendi — disse Micheletto ao porteiro, mostrando-lhe uma autorização.

— Ele está no palco, *signore* — respondeu o porteiro. — Mas um dos meus

homens levará vocês até um lugar onde possam esperar por ele.

Micheletto se virou para os companheiros.

— Não se esqueçam, estarei vestindo a capa preta com a estrela branca no ombro. Me deem cobertura e esperem pela deixa, que será quando Pôncio Pilatos der a ordem ao Centurião para atacar.

Preciso chegar até Pietro antes dele, pensou Ezio, caminhando na parte de trás do grupo que seguia o líder no Coliseu.

No palco, três cruzes haviam sido erguidas. Ele observou enquanto seus recrutas se posicionaram conforme as ordens de Micheletto. Por fim, viu o próprio Micheletto esperando ao lado do palco.

A peça estava chegando ao clímax:

— Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? — gritou Pietro, de uma cruz.

— Ouçam — disse um dos homens que representava um fariseu. — Ele chama pela salvação de Elias.

Um deles, vestido como um legionário romano, banhou uma esponja no vinagre e colocou na ponta da lança.

— Espere e vejamos se Elias virá salvá-lo.

— Minha sede é enorme, ela é enorme — gritou Pietro.

O soldado levantou a esponja até os lábios de Pietro.

— Tu não devereis mais beber — gritou outro fariseu.

Pietro ergueu a cabeça.

— Senhor Deus majestoso — declamou. — Nunca deixarei de trabalhar para cumprir vossa vontade. Entrego a ti meu espírito. Recebei, ó Senhor, em vossas mãos. — Pietro soltou um forte suspiro e disse: — *Consummatum est!*

A cabeça dele pendeu. Cristo havia “morrido”.

Esta foi a deixa para Micheletto entrar no palco. O uniforme de centurião brilhava sob a capa preta. Ezio observou, perguntando-se o que teria acontecido com o ator original. Então, concluiu que ele provavelmente teve um destino parecido com o da maioria das vítimas de Micheletto.

— Senhores, eu lhes digo — recitou Micheletto com muito ímpeto —, esse era realmente o Filho de Deus Pai, todo-poderoso. Eu sei que assim é. Sei pelo seu grito que ele cumpriu a profecia, e que a mão de Deus se revelou nele!

— Centurião — falou o ator no papel de Caifás —, Deus seja minha testemunha, tua tolice é grande demais. Tu não entendes! Quando vires o coração dele sangrar, entenderás o que digo. Longino! Pega esta lança em tuas mãos.

Caifás entregou uma lança de madeira ao ator interpretando Longino, um homem enorme com longos cachos. *Claramente um dos favoritos do público, e sem dúvida,* pensou Ezio, *um amargo rival de Pietro*.

— Pega a lança e faz bom uso — gritou um dos fariseus. — Deves perfurar o corpo de Jesus de Nazaré, para termos certeza de que ele está morto.

— Farei o que me pedem — declamou Longino, na frente do palco. — Mas tudo recairá sobre vossas cabeças. Qualquer que seja a consequência, eu lavo minhas mãos.

Então, o ator fez uma grande demonstração ao perfurar Jesus com a lança cenográfica, fazendo escorrer água com sangue de uma bolsa escondida na fantasia de Pietro. Por fim, Longino começou seu grande discurso. Ezio via o brilho de ciúmes nos olhos do "Jesus morto", enquanto assistia a tudo disfarçadamente.

— Altíssimo Senhor do Céu, eu vejo vossa face. Que vossa água caia e lave minhas mãos e minha lança! E que lave meus olhos também, permitindo-me ver-te com mais clareza. — Fez uma pausa dramática — O que será de mim agora! O que foi que eu fiz? Creio que matei um homem, mas não um homem qualquer. Senhor Deus do Céu, eu rogo vossa misericórdia, pois foi meu corpo que guiou minhas ações, não minha alma. — Após mais uma pausa para uma rodada de aplausos, ele continuou: — Senhor Jesus, muito ouvi falar sobre ti. Que tu havias curado os enfermos e os cegos. E que vosso nome seja louvado, pois hoje me curaste de minha cegueira! A cegueira de meu espírito. Deste dia em diante, serei teu seguidor. E em três dias, te erguerá novamente para julgar a todos nós!

O ator no papel de José de Arimatéia, o rico líder judeu que doou a própria tumba para guardar o corpo de Cristo, falou:

— Ó Senhor Deus, por que permitistes que matassem esse homem diante de nós, pendurado na cruz? Um homem que nunca fez nada de errado? Pois com certeza, esse é o filho de Deus. Portanto, na tumba que fora para mim construída, o corpo dele deve ser enterrado. Pois ele é o rei das bênçãos!

Nicodemos, um colega de José no Sinédrio e também simpatizante, concordou.

— Senhor José, eu digo com certeza que este é o filho de Deus todo-poderoso. Vamos pedir o corpo dele a Pôncio Pilatos e lhe dar um funeral nobre. Eu te ajudarei a descê-lo da cruz.

José virou-se para o ator que interpretava Pilatos e falou outra vez:

— *Ser* Pilatos, peço-te um favor especial. Esse profeta morreu hoje. Permita-me levar o corpo dele!

Enquanto isso, Ezio se encaminhava para os fundos do palco. Micheletto havia se posicionado próximo à cruz central. Revirou rapidamente um conjunto de mudas de roupa e encontrou vestes de rabino, que colocou logo em seguida. Ele precisava subir ao palco pessoalmente. De modo sorrateiro, posicionou-se atrás de Micheletto sem que ninguém percebesse.

— José, se Jesus de Nazaré está mesmo morto e o Centurião confirmar, não negarei a custódia do corpo. — Virando-se para Micheletto, Pilatos falou de novo. — Centurião! Jesus está morto?

— Sim, *Ser* governador — disse Micheletto secamente, e Ezio reparou enquanto ele puxava um estilete debaixo da capa. Ezio havia trocado a lâmina envenenada, que havia sido exaurida de toxina, por sua velha e confiável lâmina oculta. Com ela, perfurou a costela de Micheletto enquanto segurava o homem de pé e o encaminhava para fora do palco, pela direção de onde ele veio. Já nos bastidores, ele deitou o homem no chão.

Micheletto o encarou com olhar reluzente.

— Rá! — disse ele. — Você não pode salvar Pietro. O vinagre na esponja estava envenenado. Assim como prometi a Cesare, me certifiquei duplamente. — Ele lutava para respirar. — Agora é melhor você acabar comigo.

— Eu não vim aqui para matá-lo. Você ajudou seu mestre a se erguer e, agora, cairá com ele. Não precisará da minha ajuda, você é o agente da sua própria destruição! Se você sobreviver, voltará para seu mestre como um cachorrinho, e me levará ao meu verdadeiro objetivo.

Não havia mais tempo, Ezio precisava salvar Pietro.

Ele voltou correndo para o palco e viu o caos instaurado. Pietro estava se contorcendo na cruz e vomitando. O público estava alvoroçado.

— O que está havendo? O que aconteceu? — gritou Longino, enquanto os outros atores se espalhavam.

— Tirem-no daí! — gritou Ezio aos recrutas.

Alguns arremessaram adagas com precisão e cortaram as cordas que prendiam Pietro à cruz, enquanto outros se prepararam para pegá-lo. Os demais estavam repelindo guardas dos Bórgia que apareceram inesperadamente e estavam atacando o palco.

— Isso não estava no roteiro! — balbuciou Pietro, ao cair nos braços dos recrutas.

— Ele vai morrer? — perguntou Longino, esperançoso.

Um rival a menos era sempre uma boa notícia em uma profissão tão dura.

— Detenham os guardas! — gritou Ezio, enquanto levava Pietro do palco e atravessava o Coliseu. Os últimos raios de sol brilhavam e coloriam Ezio e Pietro de vermelho escuro.

Os recrutas haviam sido muito bem treinados, e os que estavam protegendo a retaguarda estavam conseguindo deter os guardas dos Bórgia enquanto os outros fugiam do Coliseu e se embrenhavam no labirinto de ruas ao norte. Ezio foi na frente, em direção à casa de um médico que ele conhecia. Bateu na porta e, ao conseguir permissão para entrar, colocou Pietro sobre uma mesa no consultório do médico. Nas paredes, inúmeras ervas secas estavam penduradas, dando à sala um cheiro pungente. Nas prateleiras, via-se uma variedade de objetos indescritíveis e partes de criaturas flutuando em garrafas com líquidos turvos.

Ezio ordenou aos homens que ficassem do lado de fora, montando guarda. Ele imaginou o que os pedestres pensariam ao ver um grupo de soldados romanos. Provavelmente pensariam em fantasmas e correriam para o mais longe que pudessem. Ele já havia se livrado da fantasia de fariseu na primeira oportunidade.

— Quem é você? — murmurou Pietro. Ezio estava preocupado ao ver que os lábios dele estavam azuis.

— Seu salvador — respondeu Ezio. Depois, disse ao médico: — Ele foi envenenado, *dottore* Brunelleschi.

O médico examinou o ator rapidamente, refletindo uma luz em seus olhos.

— Pela palidez, parece que usaram *cantarella*. O veneno preferido de nossos

queridos mestres, os Bórgia. — Então, falou com Pietro: — Fique parado.

— Estou com sono — resmungou Pietro.

— Fique parado! Ele vomitou? — perguntou a Ezio.

— Vomitou.

— Ótimo.

O médico misturou uma série de ervas e líquidos de vários vidros coloridos com grande habilidade e derramou a mistura em um frasco. Entregou-o nas mãos de Pietro e levantou-lhe a cabeça.

— Beba isso.

— Rápido! — disse Ezio, ansioso.

— Dê um instante a ele.

Ezio ficou observando, ansioso, pelo que pareceu um ano. Finalmente, o ator se sentou.

— Acho que já estou me sentindo melhor — disse o ator.

— *Miracolo!* — disse Ezio aliviado.

— Na verdade, não — disse o doutor. — Ele ingeriu só uma pequena quantidade, e por todos os meus pecados, eu tenho uma boa experiência com vítimas de *cantarella*. Eu consegui desenvolver um antídoto bem eficaz. Agora, coloque algumas sanguessugas. Vão ajudá-lo a se recuperar totalmente. Você pode descansar aqui um pouco, garoto, e em breve estará como novo. — O homem abriu um pote cheio de criaturas negras repulsivas e pegou um punhado.

— Eu nem sei como lhe agradecer — disse Pietro a Ezio.

— Mas eu sei — retrucou Ezio, de súbito. — A chave do portão por onde você entra no Castel Sant'Angelo para ficar com Lucrécia. Entregue agora!

Uma expressão de apreensão dominou o rosto de Pietro.

— Do que está falando? Eu sou só um pobre ator, vítima das circunstâncias...

— Escute, Pietro. Cesare sabe sobre você e Lucrécia.

Imediatamente a apreensão foi substituída por medo.

— Oh, Deus!

— Mas eu posso ajudá-lo, se você me der a chave.

Em silêncio, Pietro colocou a mão dentro da tanga que vestia e entregou a chave.

— Eu sempre guardo comigo.

— Muito sábio — respondeu Ezio, guardando a chave no bolso. Era ótimo tê-la, pois garantia acesso ao Castelo quando precisasse. — Meus homens lhe trarão roupas e escoltarão você até um lugar seguro. Vou escolher dois deles para ficarem protegendo você. Tente se manter escondido por enquanto.

— Mas... E quanto ao meu público?

— Eles vão ter de se contentar com Longino até que seja seguro botar a sua cara na rua de novo. — Ezio sorriu. — Eu não me preocuparia. Ele não chega nem aos seus pés.

— Ah, você acha mesmo?

— Sem dúvida.

— Ai! — gritou Pietro quando a primeira sanguessuga foi colocada.

E em um piscar de olhos, Ezio saiu da casa e deu as ordens a seus homens.

— Tirem essas fantasias o mais rápido possível. As Termas de Trajano não ficam longe daqui. Com sorte, suas roupas ainda estarão lá.

Ele partiu sozinho, mas não chegou longe antes de perceber uma figura o fitando das sombras. Assim que o homem percebeu o olhar de Ezio, se virou e correu, mas ainda assim, Ezio o reconheceu. Paganino, o ladrão que decidiu ficar para trás durante a invasão de Monteriggioni.

— Ei! — gritou Ezio, correndo atrás dele. — *Un momento!*

O ladrão com certeza sabia por onde ir nas ruas da cidade. Era tão ágil que Ezio o perdeu de vista, tendo que subir nos telhados várias vezes para visualizar as ruas e localizá-lo. Ele descobriu que as luvas mágicas de Leonardo eram incrivelmente úteis para isso.

Por fim conseguiu cercar o homem, bloqueando a rota de fuga. O ladrão puxou sua adaga, uma *cinquedea* suja, mas Ezio o desarmou rapidamente, de modo que ela bateu de forma inofensiva no chão.

— Por que você fugiu? — perguntou Ezio, rodeando o homem.

Então, ele percebeu uma carta presa ao cinto de couro do ladrão. O selo era inconfundível. Era do papa Alexandre VI, Rodrigo, o Espanhol!

Ezio soltou um longo suspiro, ao perceber uma série de suspeitas se encaixando. Paganino foi, por muito tempo, membro da Guilda dos Ladrões de Antonio de Magianis', em Veneza. Ele deve ter recebido muito dinheiro dos Bórgia para ser persuadido a mudar de lado e se infiltrar no grupo de La Volpe.

Os Bórgia tinham um espião no coração da organização dos Assassinos.

Aí estava o traidor, e não era Maquiavel!

Mas enquanto Ezio estava distraído, o ladrão se soltou e pegou a arma caída no chão. Seus olhos desesperados encontraram os de Ezio.

— Vida longa aos Bórgia! — gritou, ao cravar a *cinquedea* com força no próprio peito.

Ezio observou o homem caído enquanto ele agonizava. Bom, antes uma morte rápida como essa do que uma morte lenta nas mãos de seus mestres. Ele sabia bem o preço que se pagava ao se fracassar com os Bórgia. Ele guardou a carta em um dos bolsos e partiu.

Merda, pensou consigo mesmo, *eu estava certo. E agora eu preciso impedir La Volpe, antes que ele encontre Maquiavel.*

37

Enquanto cruzava a cidade, Ezio foi abordado por Saraghina, uma das garotas do Rosa in Fiore.

— Você precisa vir imediatamente — disse ela. — A sua mãe quer lhe falar com urgência.

Ezio mordeu os lábios. Teria de dar tempo.

— Depressa — disse ele.

Chegando ao bordel, encontrou Maria esperando. O rosto dela transparecia ansiedade.

— Ezio — disse ela —, obrigada por vir me ver.

— Eu não posso demorar, mãe.

— Há algo de errado.

— Diga-me.

— A antiga dona deste estabelecimento...

— *Madonna* Solari?

— Sim — Maria se recompôs. — Descobri que era uma trapaceira mentirosa. A mulher estava fazendo *il doppio gioco*, e tinha conexões com o Vaticano. E o pior é que várias das meninas empregadas aqui podem ainda...

— Não se preocupe, *madre*. Vou descobrir quem são e arrancá-las. Vou enviar meus homens de confiança para entrevistar as garotas. Sob a coordenação de Claudia, eles descobrirão a verdade rapidamente.

— Obrigada, Ezio.

— Vou me certificar de que só as garotas leais permaneçam aqui. O resto delas... — Ezio fez uma expressão cruel.

— Eu tenho outras notícias.

— Quais?

— Recebemos notícias de que os embaixadores do rei Ferdinando da Espanha e do Sacro Imperador Romano, Maximiliano, chegaram a Roma. Parece que buscam uma aliança com Cesare.

— Você está certa disso, mãe? Para que precisariam de Cesare?

— Eu não sei, *figlio mio*.

Ezio ficou tenso.

— É melhor prevenir do que remediar. Peça a Claudia para investigar isso para mim. Eu darei a ela plenos poderes sobre os recrutas que enviarei para cá.

— Você confia nela para essa tarefa?

— Mãe, depois da missão do banqueiro, confio cegamente em vocês duas. Sinto vergonha por não ter confiado antes, mas eu temia pela segurança de vocês e...

Maria levantou a mão.

— Você não precisa se explicar. E não há nada a ser perdoado. Somos todos uma família de novo. É isso que importa.

— Obrigado. E os dias de Cesare estão contados. Mesmo que os embaixadores conquistem o apoio dele, em breve descobrirão que não vale de nada.

— Espero que essa confiança toda tenha fundamento.

— Acredite em mim, mãe. Ela tem ou ao menos terá se eu conseguir salvar Maquiavel das suspeitas erradas de La Volpe.

38

Pegando emprestado um dos cavalos do estábulo, Ezio cavalgou o mais rápido que pôde em direção à Raposa Adormecida. Era muito importante chegar lá antes que acontecesse alguma coisa com Maquiavel. Se o perdesse, perderia uma das melhores mentes da Irmandade.

Ainda não era tarde da noite, e ele ficou preocupado ao ver a estalagem fechada. Ezio tinha sua própria chave e entrou pelo portão gradeado.

A cena que ele testemunhou ao entrar era a prova de que havia chegado no momento exato. Todos os membros da Guilda dos Ladrões estavam presentes. La Volpe e seus principais tenentes estavam juntos, discutindo, ao que tudo indicava, algo muito importante. Uma decisão parecia ter sido tomada, pois havia uma expressão maligna no rosto de La Volpe, que se aproximava de Maquiavel com um *basilard* na mão esquerda. Maquiavel, por sua vez, aparentava estar tranquilo, sem ter nenhuma ideia do que estava acontecendo.

— Parem! — gritou Ezio, entrando na cena e recuperando o fôlego após a corrida.

Todos se viraram para ele e La Volpe ficou parado no mesmo lugar.

— Abaixe a arma, Gilberto — ordenou Ezio. — Eu descobri o verdadeiro traidor!

— O quê? — disse La Volpe, chocado, em meio ao burburinho.

— Ele é... era... um de seus próprios homens! Paganino! Estava presente no

ataque a Monteriggioni e descobri a participação dele em vários de nossos infortúnios recentes.

— Você tem certeza disso?

— Ele mesmo admitiu a culpa.

O semblante de La Volpe escureceu. Ele guardou a adaga e disse:

— Onde ele está?

— Onde não pode mais ser encontrado.

— Morto?

— Pelas próprias mãos. Ele estava levando esta carta. — Ezio segurava o pergaminho selado e entregou a carta a La Volpe. Maquiavel se levantou enquanto o líder da Guilda quebrava e abria o lacre.

— Meu Deus! — disse La Volpe, ao ler rapidamente as palavras.

— Deixe-me ver isso — pediu Maquiavel.

— É claro — respondeu La Volpe, desapontado.

— É uma carta de Rodrigo para Cesare. Conta detalhes de nossos planos para o general francês, Octavien, entre outras coisas — esclareceu Maquiavel ao ler.

— Um de meus homens!

— São boas notícias — disse Maquiavel para Ezio. — Podemos substituir esta carta por outra, contendo informações falsas, para despistá-los.

— Boas notícias, de fato — respondeu Ezio, friamente. — Gilberto, você devia ter me ouvido.

— Mais uma vez, eu lhe devo desculpas, Ezio — assentiu La Volpe, humildemente.

Ezio deu um pequeno sorriso.

— Não há necessidade desse tipo de coisa entre amigos que confiam, que *precisam* confiar uns nos outros.

Antes da resposta de La Volpe, Maquiavel começou a falar.

— Aliás, parabéns. Eu fiquei sabendo que você ressuscitou Cristo com três dias de antecedência!

Ezio gargalhou, pensando no resgate de Pietro. Como Maquiavel descobria as coisas tão *rápido*?

La Volpe olhou para os homens e as mulheres da Guilda reunidos em torno

deles.

— O que vocês estão olhando? Estamos perdendo negócios!

Mais tarde, após Maquiavel ter saído para cuidar da carta interceptada, La Volpe puxou Ezio de lado.

— Estou feliz que esteja aqui. E não é só por ter me impedido de fazer papel de tolo.

— Fiz mais do que isso — acrescentou Ezio, calmamente. — Você tem ideia do que eu faria com você se tivesse matado Nicolau?

La Volpe grunhiu.

— Ezio... — começou a dizer.

Ezio deu um tapinha nas costas dele.

— Mas está tudo bem. Acabaram-se as brigas internas. Não podemos nos dar ao luxo de admitir esse tipo de coisa dentro da Irmandade. Agora, o que você queria me dizer? Precisa da minha ajuda?

— Sim. A Guilda é forte, mas muitos dos meus homens são jovens e inexperientes. Veja, por exemplo, aquele garoto que tentou roubar sua bolsa, o jovem Claudio...

— E o que você quer que eu faça?

— Eu já ia chegar lá. Os ladrões de Roma são, no geral, homens e mulheres jovens. Eles são bons no que fazem, claro, mas são jovens. Propensos a brigas e rivalidades. E essas rivalidades são perigosas.

— Você está falando de outra gangue?

— Sim. Uma em particular pode ser uma ameaça. Eu preciso de reforços para dar um jeito neles.

— Meus recrutas?

La Volpe ficou em silêncio e depois respondeu.

— Eu sei que eu me recusei a ajudá-lo quando suspeitava de Nicolau, mas agora...

— Quem são eles?

— Eles se chamam de *Cento Occhi*, os Cem Olhos. São lacaios de Cesare Bórgia e estão nos causando problemas sérios.

— Onde é a base deles?

— Meus espiões a localizaram.

— Onde?

— Calma. Eles estão furiosos e querendo briga.

— Então precisamos surpreendê-los.

— *Bene*!

— Mas precisamos estar preparados para a retaliação.

— Atacaremos primeiro! E não deixaremos sobrar ninguém para retaliar! — La Volpe, parecendo um pouco mais ele mesmo, esfregava as mãos ansiosamente. — O principal é matar os líderes deles. São o único contato da gangue com os Bórgia. Mate-os e os *Cento Occhi* ficarão sem cabeça.

— E você precisa mesmo de ajuda para isso?

— Você dominou os homens-lobos.

— Sem a sua ajuda.

— Eu sei.

— Quem me ajudou a dominar os homens-lobos foi...

— Eu *sei*!

— Ouça, Gilberto. Podemos unir nossas forças e fazer o que precisa ser feito, sem dúvida. Então, acredito que a Guilda se tornará o cartel dominante de Roma.

— Isso é verdade — concordou La Volpe de forma relutante.

— Mas se quer minha ajuda — disse Ezio calmamente —, há uma condição.

— E qual é?

— Que você nunca mais ameace a união da Irmandade, como quase fez agora.

La Volpe abaixou a cabeça.

— Eu aprendi a lição — disse ele, obediente.

— Mesmo que o seu plano não dê certo.

— Mesmo que o plano não dê certo — concordou La Volpe. — Mas vai.

— Vai o quê?

La Volpe abriu um sorriso cínico e disse.

— Vai dar certo.

39

Após separar um grupo de recrutas de sua milícia crescente para ajudar La Volpe no esforço contra os *Cento Occhi*, Ezio voltou para o alojamento. Estava exausto e dormiu rapidamente.

Ao acordar, reabasteceu o frasco da lâmina venenosa com o veneno especial preparado por Leonardo e depois checou e limpou a pistola retrátil, a lâmina dupla e a nova besta e os dardos venenosos.

O trabalho foi interrompido por uma mensagem de Bartolomeo, pedindo que ele fosse ao quartel dos mercenários o mais rápido possível. Pressentindo problemas, e preocupado com isso, porque esperava que Bartolomeo e seus *condottieri* estivessem mantendo os franceses sob vigilância, arrumou as armas do códex que julgou necessárias em um alforje e correu para o estábulo, onde alugou seu cavalo favorito e partiu. O dia estava limpo e as estradas estavam relativamente secas havia uma semana. Os campos pareciam até um pouco poeirentos demais pelo caminho obscuro escolhido por ele para não atrair a atenção de soldados dos Bórgia. Passou por vários atalhos pelas florestas e por pastagens onde vacas levantavam a cabeça para vê-lo passar.

Já era de tarde quando ele chegou ao quartel, e tudo parecia calmo. Percebeu que desde a renovação, as muralhas haviam recebido algum dano leve dos canhões franceses, mas alguns homens já estavam ocupados em andaimes ou em cestas penduradas nas ameias para reparar as fendas e rachaduras.

Ele desmontou e entregou a rédea a um cavalariço, que veio correndo. Limpou um pouco de espuma que havia se formado no canto da boca do cavalo e deu alguns tapinhas gentis no focinho. Depois, seguiu em frente, sem ser anunciado, em direção ao alojamento de Bartolomeo.

Ezio se concentrava no próximo passo do plano, agora que o banqueiro de Cesare havia sido eliminado. Estava pensando em quais medidas o inimigo teria tomado para garantir que os fundos não deixassem de chegar. De repente, deu de cara com a ponta de Bianca, a grande espada de Bartolomeo.

— Quem está aí? — gritou Barolomeu.

— *Salve* a você também! — respondeu Ezio.

Bartolomeo soltou uma risada bem alta.

— Peguei você!

— É bom pra eu aprender a ser mais silencioso.

— Na verdade — Bartolomeo deu uma piscada exagerada —, eu estava esperando a minha mulher.

— Tudo bem.

Bartolomeo baixou a espada e abraçou Ezio. Depois do abraço, a expressão dele ficou séria.

— Estou feliz que tenha vindo, Ezio.

— Em que posso ajudar?

— Veja!

Ezio seguiu o olhar do amigo e viu um pelotão de mercenários feridos entrando no forte.

— Aquelas *puttane* francesas estão nos pressionando novamente — respondeu Bartolomeo à pergunta que Ezio nem precisou fazer.

— Pensei que tivessem colocado o general deles para correr. Como era mesmo o nome dele?

— Octavien de Valois. Ele pensa que é um descendente da casa nobre de Valois. Deve ser só um maldito bastardo.

Enquanto Bartolomeo falava, mais um contingente de soldados feridos apareceu.

— Parece sério — comentou Ezio.

— O rei Luís deve ter enviado reforços para ajudar Cesare, já que demos

uma surra em Valois. — Bartolomeo coçou a barba. — Acho que eu devia estar lisonjeado.

— O quão ruim é a situação?

— Eles tomaram a maldita torre de volta — rugiu Bartolomeo.

— Nós vamos retomá-la. Onde está Valois agora?

— Você está certo! — Bartolomeo ignorou a pergunta. — É claro que vamos retomar a torre. Vamos botar aqueles vigaristas pra correr antes que você consiga falar *fottere*! É só questão de tempo.

Nesse exato momento, uma bala zuniu por eles e se alojou na parede.

— Estava tudo tão calmo quando eu cheguei — comentou Ezio. Ele olhou para o céu e reparou que o sol havia se escondido atrás de grandes nuvens que apareceram de repente.

— Parecia calmo, você quer dizer. Os franceses são uns desgraçados furtivos. Mas eu vou cortar a garganta de Valois muito em breve, pode anotar. — Ele se virou e gritou uma ordem a um sargento que vinha correndo. — Fechem os portões! Tire os homens da muralha externa! *Rápido*!

Os homens corriam para cima e para baixo nas muralhas, apontando o canhão.

— Não se preocupe, meu amigo — afirmou o grande *condottiero*. — Estou no controle da situação.

Nesse exato momento, uma grande bala de canhão se chocou contra a muralha mais próxima de onde estavam, mandando poeira e destroços pelos ares.

— Eles parecem estar chegando mais perto! — gritou Ezio.

Os homens de Bartolomeo dispararam uma salva de canhão em resposta. As muralhas tremeram com o coice da grande arma. Mas a resposta da artilharia francesa foi igualmente feroz. O som trovejante de duas grandes armas rasgou o ar, e dessa vez as balas encontraram seus alvos com mais precisão. Os homens de Bartolomeo ainda estavam desesperados tentando restabelecer a ordem defensiva quando outra salva dos franceses sacudiu as muralhas do quartel. Dessa vez, aparentemente, os franceses estavam atirando contra o portão principal, e dois dos guardas caíram mortos, atingidos pelo bombardeio.

— FECHEM OS MALDITOS PORTÕES! — esbravejou Bartolomeo.

Os soldados bem-treinados sob o comando de Bartolomeo correram à frente para repelir o ataque das tropas francesas que, sem nenhum aviso, apareceram na entrada do quartel. Os franceses estavam obviamente se preparando para o ataque surpresa e, infelizmente, estavam em vantagem. A fortaleza de Bartolomeo foi pega despreparada.

Bartolomeo saltou das ameias e correu para o portão a toda velocidade. Girando Bianca, ele investiu contra os franceses, e sua enorme espada partia cruelmente os inimigos. Os soldados franceses pareciam ter parado, assustados com a chegada de Bartolomeo. Enquanto isso, Ezio coordenava os mosqueteiros para dar cobertura aos homens que lutavam para segurar o portão fechado, impedindo que o inimigo ganhasse terreno dentro do forte. As tropas dos Assassinos se reorganizaram com a presença de seu líder e conseguiram trancar os portões. Mas segundos depois, ouviu-se um poderoso estrondo e a grande barra de madeira que mantinha o portão fechado entortou assustadoramente. Os franceses conseguiram levar um aríete até o portão principal enquanto a atenção dos defensores estava nos soldados franceses que atacavam as muralhas.

— Nós deveríamos ter construído um maldito fosso! — gritou Bartolomeo.

— Não havia tempo pra isso!

Ezio gritou para que os mosqueteiros direcionassem os tiros para as tropas francesas reunidas do lado de fora do portão. Bartolomeo subiu nas ameias e ficou ao lado de Ezio. Ele congelou ao ver a cena que se desdobrava. Tropas francesas haviam aparecido de lugar nenhum, em grandes números.

— Estamos cercados pelos filhos da mãe! — praguejou Bartolomeo.

Atrás deles, um dos portões menores estourou em uma chuva de farpas, e, antes que qualquer um dos defensores pudesse fazer alguma coisa, um grande destacamento de infantaria francesa invadiu o forte, com espadas na mão e vontade de lutar até a morte. Essa invasão repentina conseguiu isolar o quartel de Bartolomeo dos italianos.

— Meu deus, o que eles estão planejando agora? — gritou Bartolomeo.

Os soldados dos Assassinos eram mais bem treinados do que os franceses e, normalmente, mais dedicados à causa, mas a desvantagem numérica e o ataque de surpresa os pegaram despreparados. Tudo o que podiam fazer era manter a linha de defesa e, vagarosamente, tentar repelir os franceses. O caos do combate

corpo a corpo permeava o ar. Eram tantos combatentes dividindo o mesmo local que em certos pontos a batalha parecia ter se tornado uma briga de socos, pois não havia espaço para usar armas.

A atmosfera também estava quente e claustrofóbica com a tempestade que se formava. Os deuses pareciam estar desgostosos com a cena, e formavam grandes nuvens opressivas no céu. A poeira do chão do pátio se levantou como uma névoa, e o dia, que estava tão bonito, ficou negro como a noite. Logo depois, a chuva começou a cair torrencialmente. A batalha apertada se tornou um tumulto confuso, no qual duas forças opostas mal conseguiam enxergar o que estavam fazendo. O chão virou lama e a luta ficou cada vez mais caótica e desesperadora.

Então, como se os inimigos tivessem cumprido algum objetivo, as trombetas francesas soaram e os homens de Valois debandaram com a mesma rapidez que chegaram.

Demorou algum tempo para restaurarem a ordem, e a primeira preocupação de Bartolomeo foi substituir o portão destruído. Obviamente, eles já tinham um substituto pronto para o caso de uma eventualidade, mas levaria uma hora para instalá-lo. Enquanto isso, ele levou Ezio para seu alojamento.

— O que diabos eles queriam? — perguntou ele ao vento. — Meus mapas? Eles são preciosos!

Mas foi interrompido por mais um toque das trombetas francesas. Com Ezio ao seu lado, ele subiu uma das escadarias que levavam às ameias mais altas, sobre o portão principal. Lá, na planície desarrumada em frente ao forte, um pouco distante, estava o Général Duc Octavien de Valois pessoalmente, em um cavalo, cercado por um pequeno destacamento de oficiais e a infantaria. Dois dos soldados da infantaria levavam um prisioneiro que tinha a cabeça ocultada por um saco.

— *Bonjour, Général d'Alviano* — gritou o francês imundo, olhando para Bartolomeo. — *Êtes-vous prêt à vous rendre*? Vocês estão prontos para se renderem?

— Por que você não chega mais perto e descobre, seu idiota encardido?

— *Tut, tut, mon général*. Você realmente precisa aprender francês. Isso lhe ajudaria a controlar seus rompantes bárbaros, *mais franchement, je m'en doute*. — Sorrindo, ele olhou para seus oficiais, que gesticularam concordando.

— Talvez você possa me ensinar — gritou de volta Bartolomeo. — E eu ensino você a lutar como um homem, já que parece que você não sabe. Ao menos, não com honra, como um cavalheiro!

Valois sorriu.

— Hum. Bem, *cher ami*, por mais divertida que nossa pequena conversa tenha sido, devo repetir o meu pedido. Eu quero sua rendição incondicional ao nascer do sol.

— Venha aqui pegar. Minha senhora Bianca vai sussurrar isso no seu ouvido!

— Ah, mas eu acho que uma outra senhora pode ter alguma objeção quanto a isso.

Ele fez sinal para seus homens, que tiraram o saco da cabeça do prisioneiro. Era Pantasilea!

— *Il mio marito vi ammazzerà tutti* — repetia ela desafiadoramente que o marido mataria todos eles, cuspindo pedaços de saco e poeira.

Bartolomeo precisou de um momento para se recuperar do choque. Ezio segurou o braço dele, enquanto seus homens olhavam uns para os outros, perdidos.

— Eu vou arrancar as suas tripas, *fotutto francese*! — gritou ele.

— Meu Deus, acalme-se homem! — desdenhou Valois. — Pelo bem da sua mulher. E não se preocupe, nenhum francês machucaria uma mulher sem necessidade. — O tom dele ficou mais sério. — Mas mesmo um selvagem como você deve entender o que acontecerá se você não concordar com meus termos. — Ele virou o cavalo e se preparou para ir embora. — Venha ao meu quartel-general ao amanhecer, desarmado. E aprenda alguma coisa de francês. Em breve, toda a Itália estará falando francês!

Ele levantou a mão. Os soldados jogaram Pantasilea sobre o cavalo de um dos oficiais e o grupo todo partiu.

— Eu vou te pegar, seu *pezzo di merda*, *figlio di puttana*! — gritou Bartolomeo, impotente. — Aquele merdinha, filho de uma puta! — resmungou para Ezio e saiu.

— Onde você está indo? — gritou Ezio, seguindo-o.

— Pegar minha mulher de volta!

— Bartolomeo, espere!

Mas ele seguiu em frente. Quando Ezio o alcançou, Bartolomeo já estava na sela de um cavalo, ordenando para que abrissem os portões.

— Você não pode fazer isso sozinho! — apelou Ezio.

— Eu não estou sozinho — respondeu o *condottiero*, acariciando Bianca, que estava ao seu lado. — Venha comigo, se quiser! Mas se apresse! — Ele esporeou o cavalo e foi em direção ao portão agora aberto.

Ezio nem esperou para vê-lo partir. Gritou ordens ao capitão da cavalaria de Bartolomeo e, em minutos, ele e uma unidade montada de *condottieri* estavam galopando atrás de seu líder.

40

O quartel-general de Valois ficava nas ruínas de um antigo e fortificado quartel romano, onde habitavam as tropas pessoais dos antigos imperadores, a Guarda Pretoriana. Ficava no décimo oitavo *rione*, no canto nordeste de Roma, agora do lado de fora da cidade bem menor que ela havia se tornado. Pois em seus dias de glória, 1500 anos antes, Roma chegou a ter um milhão de habitantes, sendo uma cidade vasta, de longe a maior do mundo.

Ezio e suas tropas alcançaram Bartolomeo na estrada e estavam reunidos em um monte perto do acampamento francês. Haviam tentado um ataque, mas suas balas ricochetearam inutilmente contra as paredes fortificadas modernas, construídas por Valois sobre as antigas. Agora estavam fora de alcance, depois de fugirem da salva de tiros dos franceses em resposta ao ataque deles. Tudo que Bartolomeo podia fazer, e estava fazendo, era praguejar contra os inimigos.

— Seus covardes! Roubam a mulher de um homem e se escondem em uma fortaleza? Ah! Vocês não têm nada pendurado entre as pernas, estão ouvindo? Nada! *Vous n’avez même pas une couille entre vous tous*! Aí está! É francês suficiente para vocês, *bastardi*? Na verdade, acho que vocês nem têm bolas!

Os franceses dispararam um canhão. Eles estavam dentro do alcance. O tiro atingiu o chão a alguns metros de onde eles estavam.

— Escute, Barto — argumentou Ezio. — Acalme-se. Você não vai conseguir nada se estiver morto. Vamos nos reagrupar e atacar os portões, exatamente

como fizemos no Arsenal, daquela vez em Veneza quando estávamos perseguindo Silvio Barbarigo.

— Não vai funcionar — lamentou Bartolomeo, triste. — A entrada tem mais franceses do que as ruas de Paris.

— Então podemos escalar as muralhas.

— Elas não podem ser escaladas. E mesmo que pudessem, estaríamos em tanta desvantagem que nem você conseguiria aguentar. — Ele pensou. — Pantasilea saberia o que fazer. — Pensou mais um pouco e Ezio começou a ver seu amigo ficar desapontado. — Talvez esse seja o fim. Eu vou ter de fazer o que ele mandou, entrar no acampamento pela manhã, levando presentes de conciliação, na esperança de que aquele maldito poupe a vida dela. Covarde filho da mãe!

Mas Ezio estava pensando também. E então, estalou os dedos, agitado.

— *Perché non ci ho pensato prima*? Como não pensei nisso antes!

— O quê? Eu disse alguma coisa?

Os olhos de Ezio brilhavam.

— De volta ao forte!

— O quê?

— Chame seus homens de volta ao forte. Eu explicarei quando chegarmos lá. Vamos!

— É melhor que seja uma boa ideia — resmungou Bartolomeo, enquanto ordenava que seus homens se retirassem.

Já era noite quando chegaram. Depois de guardarem os cavalos, Ezio e Bartolomeo foram para a sala de mapas e começaram a conversar.

— Então, qual é o seu plano?

Ezio desenrolou um mapa que mostrava a *Castra Praetoria* e seus arredores detalhadamente. Ele apontou para dentro da fortaleza.

— Uma vez lá dentro, seus homens serão capazes de dominar as patrulhas do acampamento, correto?

— Sim, mas...

— Especialmente se forem surpreendidas?

— *Ma certo*. O elemento surpresa é sempre...

— Então, precisamos de um monte de uniformes franceses. E das armaduras deles. Rápido. Pela manhã entraremos lá, de cabeça erguida, mas não há tempo a perder.

O entendimento inundou o rosto de Bartolomeo. Entendimento e esperança.

— Ah! Seu canalha esperto! Ezio Auditore, você é realmente um homem que tem um coração como o meu! Mas com poder de pensamento comparável ao da própria Pantasilea! *Magnifico*!

— Dê-me alguns homens. Eu vou fazer uma incursão à torre deles e pegar tudo de que preciso.

— Você pode pegar os homens que quiser. Eles podem pegar os uniformes dos franceses mortos.

— Ótimo.

— E Ezio...

— Sim?

— Mate-os da forma mais limpa que puder. Não queremos uniformes sujos de sangue.

— Eles não vão nem sentir — disse Ezio, com um olhar firme. — Confie em mim.

Enquanto Bartolomeo escolhia os homens para fazer o serviço, Ezio pegou o alforje e separou a lâmina com veneno.

Eles cavalgaram silenciosamente até a Torre dos Bórgia, que estava sob domínio dos franceses. As patas dos cavalos foram abafadas com sacos. Depois de desmontarem ainda longe da torre, Ezio mandou que os homens esperassem enquanto ele escalava a parede externa, com a habilidade de um habitante dos Alpes e a graça de um gato. Bastava um arranhão da lâmina envenenada para matar, e os franceses, superconfiantes, colocaram poucos guardas de vigia. Os que estavam lá foram pegos totalmente de surpresa e estavam mortos antes mesmo de saber que algo tinha acontecido. Depois de tirar os guardas do caminho, Ezio abriu o portão principal, que rangeu muito alto. O coração de Ezio disparou, mas ele escutou por alguns momentos e nenhum guarda veio checar. Em silêncio, os homens dele correram para a torre, entraram na guarnição e dominaram os soldados quase sem esforço. Pegar os uniformes foi

um pouco mais trabalhoso, mas dentro de uma hora eles haviam voltado ao forte. Missão cumprida.

— Tem um pouco de sangue nesse aqui — murmurou Bartolomeo, inspecionando os soldados.

— Foi uma exceção. O único homem que estava atento. Tive que matá-lo do modo convencional, com a espada — disse Ezio, enquanto os homens escolhidos para a operação trocavam de roupa.

— Bem, é melhor você me trazer uma cota de malha desses malditos também.

— Você não vai usar uniforme — afirmou Ezio, enquanto vestia um uniforme de tenente francês.

— O quê?

— Claro que não! O plano é ter você como nosso prisioneiro. Seremos uma patrulha francesa, levando você até o *Général Duc de Valois*.

— É claro. — Bartolomeo pensou por um instante. — E o que vem depois?

— Barto, você não estava prestando atenção, não é? Depois, seus homens atacam ao meu sinal.

— *Bene*! — falou Bartolomeo. — Vamos logo com isso! — ordenou ele aos homens que ainda estavam se vestindo. — Eu já estou sentindo o cheiro da manhã, e o caminho é longo.

Os homens entraram em formação. Cavalgaram intensamente durante a noite, mas deixaram os cavalos um pouco distante do acampamento e seguiram andando. Antes de deixá-los, Ezio checou a pequena pistola fabricada por Leonardo, com o desenho melhorado para poder disparar mais de um tiro antes de recarregar, e a amarrou discretamente no pulso. Ele e seu grupo de soldados "franceses" seguiram até a *Castra Praetoria*.

— Valois pensa que Cesare permitirá que a França governe a Itália — explicou Bartolomeo, enquanto ele e Ezio marchavam lado a lado. Ezio estava no papel de oficial sênior e entregaria Bartolomeo pessoalmente. — Idiota. Está tão cego com a gota de realeza que há em seu sangue que não consegue ver o plano na frente de seu nariz. Retardado maldito, isso é o que ele é! — Ele fez uma pausa. — Mas sabemos que, independentemente do que a França pensa,

Cesare quer ser o primeiro rei a unificar a Itália.

— Não se nós o impedirmos.

— Sim. — Bartolomeo refletiu. — Sabe, por mais brilhante que seja o seu plano, não gosto de usar esse tipo de recurso. Acredito em uma luta justa, e que o melhor homem vença!

— Cesare e Valois podem ter estilos diferentes, Barto, mas os dois lutam sujo, e não temos escolha senão lutar como eles.

— Hum. "Chegará o dia em que os homens não trapacearão mais. E quando esse dia chegar, descobriremos do que a humanidade realmente é capaz" — citou ele.

— Eu já ouvi isso antes em algum lugar.

— Você deveria saber. Seu pai escreveu essa frase.

— Psiu!

Eles estavam próximos ao acampamento francês. Mais à frente, Ezio via figuras se movendo, os guardas de perímetro franceses.

— O que faremos? — perguntou Bartolomeo, silenciosamente.

— Eu vou matá-los. Não há muitos. Mas precisamos fazer isso sem barulho ou confusão.

— Ainda tem bastante veneno nesse seu instrumento?

— Esses aí estão atentos e muito espaçados. Se eu matar um deles e for descoberto, talvez não consiga impedir que algum outro entre e soe o alarme.

— Por que matá-los? Estamos em uniformes franceses. Quer dizer, vocês estão.

— Eles farão perguntas. Se aparecermos com você acorrentado...

— Acorrentado?!

— Shh! Se conseguirmos entrar, Valois ficará tão empolgado que nem perguntará de onde saímos. Pelo menos, eu espero que não.

— Aquele cérebro de galinha? Não se preocupe! Mas como vamos nos livrar deles? Não podemos atirar, o barulho das armas chamaria muita atenção.

— Vou atirar com isso. — Ezio puxou a besta compacta de recarga rápida criada por Leonardo. — Eu contei cinco deles. Tenho seis flechas. A luz ainda está muito fraca para mirar daqui. Preciso chegar mais perto, fique aqui com o resto do pessoal.

Ezio se arrastou até estar a vinte passos da sentinela francesa mais próxima. Puxou a corda e colocou a primeira flecha na arma, apoiou no ombro e disparou contra o peito do primeiro homem. Houve um som abafado e um chiado. O homem caiu ao chão imediatamente. Ezio logo partiu em direção à sua próxima vítima. A corda da besta era quase inaudível. A pequena flecha atingiu a garganta do segundo homem, que fez um som engasgado baixo e caiu ao chão. Depois de cinco minutos, tudo já havia terminado. Ele usou as seis flechas, pois errou o primeiro tiro contra o quinto homem. Mas, rapidamente, preparou a besta e disparou outra vez, antes que o soldado tivesse tempo de reagir ao som estranho que havia ouvido.

A munição da besta acabou, mas Ezio agradeceu em silêncio a Leonardo. Ele sabia que a arma seria útil no futuro. Ezio arrastou silenciosamente os soldados franceses para uma moita esparsa, esperando que fosse o suficiente para escondê-los de algum passante casual. Ao fazê-lo, pegou as flechas de volta, lembrando-se do conselho de Leonardo. Guardando a besta, caminhou de volta até Bartolomeo.

— Terminou? — indagou o enorme homem.

— Sim.

— Valois é o próximo — prometeu Bartolomeo. — Eu o farei gritar como um porco.

O céu estava clareando e a alvorada, vestindo um manto ruivo, caminhava sobre o orvalho nas colinas distantes ao leste.

— É melhor irmos logo — comentou Bartolomeo.

— Vamos lá, então — respondeu Ezio, fechando grilhões nos pulsos do amigo antes que ele pudesse reclamar. — Não se preocupe, são falsos, com fechos de mola. Basta cerrar os punhos com rapidez para que eles caiam. Mas, pelo amor de Deus, espere o meu sinal. E, aliás, o guarda à sua esquerda ficará perto de você. Ele leva Bianca sob o manto. Tudo que você precisa fazer é estender o braço e... — a voz de Ezio tomou um tom de aviso sério. — Mas *ao meu sinal*!

— Sim, sim, senhor. — Bartolomeo sorriu.

Seguido pelos soldados e com Bartolomeo logo atrás, acompanhado de uma escolta especial de quatro guardas, Ezio marchou corajosamente até o portão

principal do quartel-general francês. O sol nascente reluzia nas cotas de malha e peitorais.

— *Halte-là*! — ordenou um sargento-comandante no portão. Ele estava acompanhado de uma dúzia de sentinelas muito armadas, mas já tinha visto os uniformes dos soldados que se aproximavam. — *Déclarez-vous*!

— *Je suis le lieutenant Guillemot, et j'emmène le général d'Alviano ici présent à Son Excellence le duc-général Monsieur de Valois. Le général d'Alviano s'est rendu, seul et sans armes, selon les exigences de Monsieur le Duc'* — respondeu Ezio fluentemente, fazendo Bartolomeo levantar uma sobrancelha.

— Bem, tenente Guillemot, o general ficará satisfeito em ver o general d'Alviano, e saber que ele tomou a decisão certa, rendendo-se e vindo sozinho e desarmado — afirmou o capitão da guarda, que se apressou em assumir o comando. — Mas há algo, apenas um traço, no seu sotaque que eu não consigo identificar. Diga-me, de que parte da França você veio?

Ezio respirou fundo.

— Montréal — respondeu com firmeza.

— Abra os portões — ordenou o capitão da guarda ao sargento.

— Abram os portões! — gritou o sargento.

Segundos depois, Ezio liderava os homens ao coração do quartel-general francês. Ele deixou que Bartolomeo e a escolta do "prisioneiro" caminhassem ao seu lado.

— Eu vou matar todos eles — murmurou Bartolomeo. — E vou comer os rins deles fritos no café da manhã. Aliás, não sabia que você falava francês.

— Aprendi em Florença — explicou Ezio, casualmente. — Com algumas moças que conheci. — Ezio guardava para si a satisfação por seu sotaque ter passado pela inspeção.

— Seu bandido! Bem, dizem que esse é o melhor lugar para se aprender uma língua.

— O quê? Em Florença?

— Não, idiota, na *cama*!

— Cale a boca.

— Você tem certeza de que estes grilhões são falsos?

— *Ainda* não é a hora, Barto. Seja paciente! E cale a boca.

— Isso está consumindo toda a minha paciência. O que eles estão dizendo?

— Eu conto mais tarde.

E era uma boa coisa que o francês de Bartolomeo se limitasse a algumas palavras, pensou Ezio, ao ouvir alguns dos insultos dirigidos ao amigo: *“Chien d’Italien”*, cão italiano; *“Prosterne-toi devant tes supérieurs”*, ajoelhe-se diante dos seus superiores; *“Regarde-le, comme il a honte de ce qu’il est devenu!”*, olhem só para ele, como está envergonhado da própria derrota!

Mas a tortura logo acabou. Eles alcançaram a base de uma larga escadaria que levava à entrada dos alojamentos do general francês. O próprio Valois estava no topo com um grupo de oficiais, e a prisioneira, Pantasilea, ao lado. A mulher estava com as mãos atadas atrás das costas e trazia grilhões frouxos nos tornozelos, que lhe permitiam andar, mas apenas em passos curtos. Ao vê-la, Bartolomeo não conseguiu evitar um rosnado furioso. Ezio o chutou.

Valois ergueu a mão.

— A violência é desnecessária, tenente, mas eu o congratulo pelo seu zelo. — Em seguida, se voltou para Bartolomeo. — Meu caro general, parece que você finalmente viu a luz.

— Chega dessa palhaçada! — rosnou Bartolomeo. — Liberte minha mulher! E tire essas algemas de mim!

— Ah, céus — exclamou Valois. — Tanta arrogância vinda de alguém nascido sem berço ou fortuna.

Ezio estava a ponto de dar o sinal quando Bartolomeo retrucou, erguendo a voz.

— Meu nome é de valor verdadeiro, ao contrário do seu, que é falsificado!

As tropas ao redor se calaram.

— Como ousa! — gritou Valois, branco de raiva.

— Você acha que comandar um exército basta para lhe conferir status e nobreza? A verdadeira nobreza de espírito é conquistada quando se luta ao lado dos próprios soldados, e não quando se sequestra uma mulher para trapacear uma vitória em combate. Por que não liberta minha mulher?

— Vocês selvagens nunca aprendem — afirmou Valois malevolamente e, sacando uma pistola, engatilhou-a e a apontou para a cabeça de Pantasilea.

Ezio sabia que tinha de agir com rapidez. Ele sacou uma pistola e disparou para o alto. Ao mesmo tempo, Bartolomeo, que estava esperando loucamente por aquele momento, cerrou os punhos e os grilhões saltaram.

O pandemônio se seguiu. Os *condottieri* disfarçados que acompanhavam Ezio logo atacaram os espantados soldados franceses, e Bartolomeo, pegando Bianca com o “guarda” ainda à esquerda dele, saltou escadaria acima. Mas Valois foi rápido demais para ele. Segurando Pantasilea com força, ele recuou para o alojamento, batendo a porta depois de passar.

— Ezio! — implorou Bartolomeo. — Você tem de salvar minha mulher! Só você pode fazê-lo! Este lugar foi construído como uma caixa-forte!

Ezio assentiu e tentou mostrar ao amigo um sorriso tranquilizador. O assassino esquadrinhou o edifício. Não era muito grande, mas era uma nova estrutura, construída pelos engenheiros militares franceses e projetada para ser intransponível. Não havia opção além de tentar entrar pelo telhado, de onde ninguém esperaria um ataque e onde, portanto, os pontos fracos poderiam estar. *Poderiam*.

Bem, só restava tentar. Ezio saltou escadaria acima e, aproveitando-se da batalha, que ocupava a atenção de todos os outros, procurou o melhor lugar para iniciar a escalada. De repente, uma dúzia de franceses partiu contra ele, com espadas afiadas reluzindo ao sol da manhã, mas em um instante Bartolomeo se interpôs entre eles e Ezio, brandindo Bianca ameaçadoramente.

As paredes foram projetadas para serem inatacáveis, mas havia nichos e protuberâncias suficientes para que Ezio pudesse planejar uma rota com o olhar, e alguns momentos depois ele estava no telhado, que era plano e feito de madeira coberta de telhas. Havia cinco sentinelas francesas posicionadas ali em cima. Eles desafiaram Ezio, quando este saltou sobre o parapeito, exigindo uma senha. Ele não tinha nenhuma, e então os soldados investiram contra ele, apontando as alabardas. Por sorte não estavam equipados com mosquetes e pistolas. Ezio atirou no primeiro, em seguida desembainhando a espada e enfrentando os outros quatro, que resistiram com desespero, cercando-o e estocando ferozmente com as pontas das armas. Um deles rasgou a manga de Ezio, ferindo o cotovelo de raspão e fazendo-o sangrar, mas em seguida a lâmina deslizou inofensiva pela braçadeira de metal no antebraço esquerdo.

Usando a braçadeira e a espada, Ezio foi capaz de se defender contra os ataques cada vez mais frenéticos. A habilidade de Ezio com sua lâmina era contrabalanceada com a necessidade de enfrentar quatro oponentes de uma só vez. Mas a lembrança da amada esposa de Bartolomeo o impulsionou. Ezio sabia que simplesmente não poderia falhar, não tinha o direito de falhar. A maré da batalha se virou a favor dele. Ele se abaixou sob duas espadas que buscavam sua cabeça e bloqueou uma terceira com a braçadeira, ficando livre para afastar a lâmina do quarto soldado. A manobra lhe proporcionou uma abertura, e Ezio derrubou o adversário com um corte na mandíbula. Faltavam três. O assassino avançou contra o francês mais próximo, penetrando a guarda dele, deixando-o atrapalhado e impedindo que usasse a espada. Ezio abriu a lâmina oculta e a cravou no abdome do inimigo. Restavam dois, ambos parecendo mais nervosos. Ezio precisou de apenas dois minutos para despachar o par de guardas restantes, que não contavam mais com a vantagem numérica. A habilidade deles simplesmente não era páreo para a maestria de Ezio com a espada. Ofegante e se apoiando na espada, Ezio ficou parado dentre mais cinco inimigos mortos.

No meio do telhado havia uma grande abertura quadrada. Depois de recarregar a pistola, Ezio se aproximou cuidadosamente da abertura. Como esperava, se deparou com um pátio, livre de decoração, plantas, mesas ou cadeiras, contando apenas com dois ou três bancos de pedra arrumados ao redor de uma fonte seca.

Enquanto espiava pela borda, um tiro soou e uma bala zuniu ao lado da orelha esquerda de Ezio. Ele recuou um pouco, pois não sabia quantas pistolas Valois carregava. Se fosse apenas uma, Ezio calculava que o general levaria talvez dez segundos para recarregá-la. Ele lamentou pela besta, mas não havia nada a ser feito quanto a isso. Ele tinha cinco dardos venenosos metidos no cinto, mas teria de chegar muito perto para usá-los, e não queria fazer nada que pusesse Pantasilea em risco.

— Não chegue mais perto! — berrou Valois lá de baixo. — Eu a matarei se você o fizer!

Ezio espiou o pátio do alto do telhado, mas a linha de visão era limitada pela borda, e ele não conseguia ver ninguém, mas sentia o pânico na voz de Valois.

— Quem é você? — inquiriu o general. — Quem mandou você? Rodrigo?

Diga a ele que foi tudo plano de Cesare!

— É melhor você me contar tudo se quiser voltar inteiro à Borgonha!

— Se eu contar, você me deixará ir?

— Veremos. A mulher não pode ser ferida. Venha até onde eu possa vê-lo — ordenou Ezio.

Abaixo, Valois saiu cauteloso de debaixo da colunata que cercava o pátio e se posicionou ao lado da fonte morta. Ele tinha amarrado as mãos de Pantasilea atrás das costas dela, e a segurava por uma rédea amarrada a uma coleira no pescoço. Ela tinha chorado, Ezio pôde ver, mas estava calada agora, e tentava manter a cabeça erguida. O olhar que a mulher lançava a Valois era tão venenoso que, se fosse uma arma, seria mais poderosa do que todos os equipamentos do códex juntos.

Quantos homens ele teria consigo lá embaixo, escondidos? Mas a voz dele soava muito assustada, e sugeria que o general tinha ficado sem opções e estava encurralado.

— Cesare andou subornando os cardeais, para tirá-los do lado do papa e trazê-los para si. Depois que ele terminasse de subjugar o resto do país sob Roma, eu deveria ter marchado sobre a capital e conquistado o Vaticano e quem mais se opusesse à vontade do general-capitão.

Valois estava brandindo a pistola de um lado para o outro. Quando ele se virou, Ezio viu que tinha mais duas pistolas metidas no cinto.

— Não foi ideia minha — continuou Valois. — Estou acima de tais conspirações. — Um traço da velha vaidade estava voltando à voz dele. Ezio se perguntava se tinha dado muito espaço ao homem. Ele se levantou e saltou corajosamente até o pátio, aterrissando agachado como uma pantera.

— Para trás! — berrou Valois. — Ou eu...

— Machuque um fio de cabelo dela e meus arqueiros lhe cravarão com mais flechas que *San Sebastiano* — sibilou Ezio. — Então, sua pobre alma nobre, o que ela ganhou com isso?

— Como sou da Casa de Valois, Cesare me dará a Itália. Governarei aqui, de acordo com meu direito de nascença.

Ezio quase riu. Bartolomeo não tinha exagerado, muito pelo contrário, quando chamou esse arrogante pomposo de cérebro de galinha! Mas ele ainda

estava com Pantasilea, e ainda era perigoso.

— Ótimo. Agora, solte a mulher.

— Tire-me daqui primeiro. Então eu a soltarei.

— Não.

— Tenho a atenção do rei Luís. Peça-me o que quiser na França e será seu. Terras, talvez? Um título de nobreza?

— Eu já tenho essas coisas. Aqui. E você jamais os governará.

— Os Bórgia tentam mudar a ordem natural das coisas — rogou Valois, mudando a abordagem. — Pretendo trazer o país de volta à tradição. Só o sangue real pode governar, não a substância pútrida e profana que corre nas veias deles. — Ele fez uma pausa. — Sei que você não é um bárbaro, como eles.

— Nem você, nem Cesare, nem o papa, nem ninguém que não estiver do lado da justiça e da paz jamais governará a Itália enquanto eu viver — afirmou Ezio, avançando lentamente.

O medo parecia ter paralisado o general francês onde ele se encontrava. A mão que segurava a pistola contra a têmpora de Pantasilea tremia e ele não recuou. Evidentemente os três estavam sozinhos nos alojamentos do general, a não ser que os únicos outros ocupantes fossem servos com o bom senso de se esconder. Ouvia-se um barulho constante e pesado, como se golpes lentos e deliberados fossem aplicados, e as portas externas do alojamento vibravam. Bartolomeo deve ter derrotado os franceses e trazido os aríetes.

— Por favor — implorou o general, trêmulo, despido da sofisticação. — Eu vou matá-la. — Valois olhou para a abertura no teto, tentando ver os arqueiros imaginários de Ezio. Ele nem pensou, como Ezio tinha temido ao mencioná-los, que tais soldados tinham sido superados na guerra moderna, mesmo que o arco ainda fosse muito mais rápido de recarregar do que a pistola ou o mosquete.

Ezio deu mais um passo à frente.

— Eu lhe darei tudo que você quiser. Há dinheiro aqui, muito dinheiro. É para pagar meus homens, mas você pode levar tudo. E eu, eu, eu farei o que você quiser! — Valois estava implorando agora, e a imagem era tão patética que Ezio mal podia conter o desprezo. Aquele sujeito realmente se viu como rei da Itália?!

Parecia que mal valeria a pena matá-lo.

Ezio estava perto agora. Os homens se entreolharam. Ezio tomou lentamente

a pistola e depois a rédea das mãos sem força do general. Com um suspiro de alívio, Pantasilea saiu do caminho, assistindo à cena com olhos arregalados.

— Eu... eu só queria respeito — murmurou o general, baixinho.

— Mas o respeito é conquistado — retrucou Ezio. — Não é herdado ou comprado. E não pode ser ganho à força. *Oderint dum metuant* deve ser um dos ditos mais imbecis jamais cunhados. Não me espanta que Calígula tenha-o adotado. "Deixe que odeiem, desde que temam." E não me espanta que o nosso Calígula moderno viva de acordo com ele. E você o serve.

— Eu sirvo ao meu rei, Luís XII! — Valois parecia derrotado. — Mas talvez você esteja certo. Eu vejo isso agora. — A esperança cintilou no olhar dele. — Preciso de mais tempo...

Ezio suspirou.

— Infelizmente, amigo, o seu tempo acabou. — Ezio desembainhou a espada e Valois, compreendendo e finalmente agindo com dignidade, se ajoelhou e baixou a cabeça.

— *Requiescat in pace* — disse Ezio.

Com um estrondo imenso, as portas externas do alojamento se estilhaçaram e caíram, revelando Bartolomeo, empoeirado e ensanguentado, mas ileso, diante das tropas. O guerreiro correu até a mulher e a abraçou com tanta força que a deixou sem fôlego, e em seguida tentou soltar a coleira do pescoço dela. Só que Bartolomeo estava tão nervoso que Ezio teve de fazê-lo por ele. Então Bartolomeo cortou os grilhões dos pés dela com dois golpes poderosos da Bianca e desamarrou as cordas que atavam os pulsos.

— Oh, Pantasilea, minha amada, minha querida, minha alma! Nunca mais desapareça assim! Fiquei perdido sem você!

— Não, não ficou. Você me resgatou!

— Ah. — Bartolomeo parecia envergonhado. — Não. Não fui eu. Foi Ezio! Ele que teve a ideia...

— *Madonna*, estou feliz que você esteja a salvo — interrompeu Ezio.

— Meu caro Ezio, como posso lhe agradecer? Você me salvou!

— Fui apenas um instrumento, uma simples parte do plano brilhante do seu marido.

Bartolomeo olhou Ezio com uma expressão de gratidão e confusão no rosto.

— Meu príncipe! — exclamou Pantasilea ao abraçar o marido. — Meu herói!

Bartolomeo corou e, piscando para Ezio, disse:

— Bem, se sou seu príncipe, então é melhor eu conquistar esse título. Honestamente, não foi *tudo* ideia minha, sabe...

Quando eles se viraram para partir, Pantasilea esbarrou em Ezio e sussurrou:

— Obrigada.

41

Alguns dias mais tarde, depois que Bartolomeo terminou de arrebanhar os restos do exército desencorajado de Valois, Ezio se encontrou com La Volpe, os dois a caminho de uma reunião geral convocada por Ezio no esconderijo da Irmandade na Ilha Tiberina.

— Como estão as coisas aqui em Roma? — Foi a primeira pergunta de Ezio.

— Muito boas, Ezio. Com o exército francês derrotado, Cesare perdeu um apoio importante. Sua irmã, Claudia, nos conta que os espanhóis e os embaixadores do Sacro Império Romano partiram apressados. Meus homens puseram os *Cento Occhi* para correr.

— Ainda há muito a fazer.

Eles chegaram ao destino e se depararam com o restante dos companheiros já reunidos no salão interno do esconderijo. O fogo ardia em uma lareira no meio do piso.

Depois de todos terem se cumprimentado e se sentado, Maquiavel se levantou e entoou em árabe:

— *Laa shay'a waqi'un moutlaq bale kouloun moumkine*. A Sabedoria do nosso Credo é revelada por essas palavras: Trabalhamos nas Trevas para servir à Luz. Somos Assassinos.

Ezio se levantou e se dirigiu à irmã.

— Claudia. Dedicamos nossas vidas a proteger a liberdade da raça humana.

Mario Auditore e nosso pai, Giovanni, irmão dele, um dia se reuniram ao redor de um fogo parecido com este, engajados na mesma tarefa. Agora, eu lhe ofereço a escolha: juntar-se a nós.

Ezio estendeu a mão. Claudia então a segurou. Maquiavel retirou do fogo o ferrete familiar, que terminava em dois pequenos semicírculos, como a letra C, e podiam ser unidos por meio de uma alavanca no cabo.

— Nada é verdade, tudo é permitido — entoou Maquiavel com gravidade, e os outros, Ezio, Bartolomeo e La Volpe repetiram as palavras.

Assim como Antônio de Magianis um dia fez a Ezio, agora Maquiavel solenemente aplicou o ferrete ao dedo anular de Claudia e fechou a alavanca, para que a marca de um anel ficasse queimada ali para sempre.

Claudia estremeceu, mas não gritou. Maquiavel removeu o ferro e pôs de lado em segurança.

— Bem-vinda à nossa Ordem, à nossa Irmandade — disse Maquiavel formalmente a Claudia.

— Então agora somos irmãos e irmãs também? — indagou ela, passando um unguento anestésico no dedo marcado, de um vidro que Bartolomeo tinha oferecido.

Maquiavel sorriu.

— Exatamente.

Todos o olharam quando ele se virou para Ezio.

— Discordamos em muitas questões...

— Nicolau... — interrompeu Ezio, mas Maquiavel ergueu a mão para detê-lo.

— Mas desde a epifania na Câmara sob a Capela Sistina, e mesmo antes disso, você provou mais de uma vez que era exatamente aquilo de que a Irmandade precisava. Você liderou a investida contra os Templários, carregou nosso *gonfalon* com orgulho e presteza, e reconstruiu corajosamente nossa Irmandade depois do que sofremos após a tragédia em Monteriggioni. — Ele olhou em volta. — Chegou o momento, meus amigos, de nomear formalmente Ezio à posição que ele já ocupa pelo nosso consentimento geral: a de nosso líder. Eu lhes apresento Ezio Auditore di Firenze, o grão-mestre da nossa Ordem. — Ele se virou para Ezio. — Meu amigo, de agora em diante você será conhecido

como *il Mentore,* o guardião da nossa Irmandade e dos nossos segredos.

Ezio ficou absolutamente comovido, mesmo que em parte ainda quisesse se livrar daquela vida na qual a grande tarefa exigia dele todas as horas que ele passava acordado, e lhe deixava raras horas para dormir. Ainda assim, ele deu um passo à frente e repetiu as palavras centrais do Credo:

— Onde outros homens são limitados pela moralidade e pela lei, devemos, na busca de nossos objetivos sagrados, sempre lembrar: Nada é verdade, tudo é permitido. Nada é verdade, tudo é permitido.

Os outros repetiram a fórmula em seguida.

— E agora chegou a hora — anunciou Maquiavel — da nossa mais nova integrante realizar seu Salto de Fé.

Eles foram todos até a igreja de Santa Maria in Cosmedin e subiram à torre do sino. Guiada cuidadosamente por Bartolomeo e La Volpe, Claudia se atirou sem medo no vazio bem quando o orbe dourado do sol se libertou do horizonte oriental e pintou as dobras do vestido prateado dela com luz, dourando-o também. Ezio assistiu enquanto a irmã pousou em segurança e foi até a colunata próxima com Bartolomeo e La Volpe. Agora, Maquiavel e Ezio estavam sozinhos. Quando Maquiavel ia saltar, Ezio o impediu.

— Por que essa mudança súbita de opinião, Nicolau?

Maquiavel sorriu.

— Que mudança de opinião? Eu sempre apoiei você. Sempre fui leal à causa. Meu defeito é o pensamento independente. Foi isso que causou as dúvidas na sua mente... e na de Gilberto. Agora estamos todos livres dessas inconveniências. Eu nunca busquei a liderança. Sou mais... um observador. Agora, vamos dar nosso Salto de Fé juntos, como amigos e guerreiros companheiros do Credo!

Ele estendeu a mão e, também sorrindo, Ezio a segurou com força. Então os dois se atiraram do telhado da *campanile* juntos.

Mal se reuniram aos companheiros, um mensageiro chegou a cavalo. Sem fôlego, ele anunciou.

— *Maestro* Maquiavel, Cesare voltou a Roma sozinho, após sua última viagem a Romagna. Ele cavalga para o Castel Sant'Angelo.

— *Grazie*, Alberto — disse Maquiavel quando o mensageiro deu meia-volta com o cavalo e disparou na direção de onde tinha vindo.

— Bem? — perguntou Ezio.

Maquiavel mostrou as palmas.

— A decisão é sua, não minha.

— Nicolau, é melhor você não parar de me dizer o que você pensa. Eu agora busco a opinião do meu conselheiro mais confiável.

Maquiavel sorriu novamente.

— Nesse caso você já sabe a minha opinião. Ela não mudou. Os Bórgia precisam ser erradicados. Vá e mate-os, *Mentore*. Termine o serviço que começou.

— Bom conselho.

— Eu sei. — Maquiavel observou Ezio, como se o avaliasse.

— O que foi? — perguntou Ezio.

— Andei pensando em escrever um livro sobre os métodos de Cesare. Agora acho que vou equilibrá-los com uma análise dos seus.

— Se você for escrever um livro sobre mim — disse Ezio —, é melhor que seja curto!

42

Ezio chegou ao Castel Sant'Angelo e se deparou com uma multidão reunida na margem oposta do Tibre. Misturando-se à massa de gente, Ezio seguiu para a entrada e viu que os soldados franceses, responsáveis pela guarda do Castel e da ponte que levava a ele, estavam mergulhados em uma completa confusão. Alguns já arrumavam o equipamento para a partida, enquanto oficiais moviam-se freneticamente entre eles, ordenando que desarrumassem as malas. Algumas das ordens eram contraditórias e, como resultado, aqui e ali brigas começavam. A multidão italiana assistia a tudo com silenciosa satisfação, percebeu Ezio. Apesar de estar carregando as próprias roupas em uma bolsa pendurada no ombro, Ezio tinha tomado a precaução de vestir o uniforme francês que guardou após o ataque à *Castra Praetoria*, e então despiu o manto que vestira para cobrir o traje e avançou rapidamente até a ponte. Ninguém lhe deu a menor atenção, mas, ao passar pelas tropas francesas, entreouviu alguns pedaços úteis de conversa.

— Para quando esperamos o ataque de d'Alviano e seus mercenários?

— Dizem que ele está a caminho agora.

— Então por que estamos fazendo as malas? Vamos nos retirar?

— Espero que sim! *Tout cela, c'est rien qu'un tas de merde.*

Um soldado notou Ezio.

— Senhor! Senhor! Quais são nossas ordens?

— Estou indo descobrir — respondeu Ezio.

— Senhor!

— O que foi?

— Quem está no comando, senhor, agora que o general Valois morreu?

— Sem dúvida estão enviando um substituto.

— É verdade, senhor, que ele morreu corajosamente em batalha?

Ezio sorriu para si mesmo.

— É claro que é verdade. Ele morreu na vanguarda da batalha, liderando os homens.

Ezio seguiu em frente, em direção ao Castel.

Quando estava lá dentro, subiu até o alto das muralhas e, daquele ponto avançado, vislumbrou o pátio, onde localizou Cesare falando com um capitão da Guarda Papal postado à porta da cidadela interior.

— Preciso ver o papa! — disse Cesare com urgência. — Preciso ver meu pai *agora*!

— É claro, Vossa Graça. O senhor encontrará Sua Santidade em seus aposentos no topo do Castel.

— Então saia do meu caminho, imbecil! — Cesare passou rapidamente pelo pobre capitão enquanto este deu ordens apressadas para que uma portinhola fosse aberta na porta principal para deixar Cesare entrar.

Ezio observou por um momento e então deu a volta na circunferência do Castel até alcançar o portão secreto. Ele desceu e entrou usando a chave de Pietro.

Uma vez dentro, olhou em volta com cautela e, não vendo ninguém, desceu por uma escadaria na direção das celas de onde tinha resgatado Caterina Sforza. Após encontrar um lugar calmo, Ezio logo tirou o uniforme de tenente francês e vestiu as próprias roupas, mais apropriadas para o trabalho que teria pela frente. Ele verificou as armas rapidamente, vestindo a braçadeira com a lâmina venenosa e confirmando que tinha um suprimento de dardos venenosos guardados no cinto. Em seguida, mantendo-se colado às paredes, partiu na direção da escadaria que levava ao topo do Castel. O caminho era protegido e ele teve de enviar três guardas para o Criador antes de poder continuar.

Finalmente Ezio chegou ao jardim onde tinha observado Lucrécia e o

namorado se agarrando. À luz do dia, pôde ver que os aposentos dela faziam parte de um complexo. Outros, maiores e ainda mais grandiosos, ficavam além, e Ezio deduziu que seriam do papa. Mas, ao se aproximar deles, ouviu uma conversa vinda dos aposentos de Lucrécia. Ele foi discretamente até a janela aberta de onde vinham as vozes e parou para escutar. Conseguia vê-la, aparentemente nem um pouco abalada pelo tempo que passou nas celas, falando com o mesmo servo a quem ela tinha confiado a informação sobre o caso com Pietro. O servo então tinha transmitido o fato ao seu ciumento irmão com grande sucesso, a julgar pelo retorno veloz de Cesare a Roma.

— Eu não entendo — reclamava Lucrécia, irritada. — Mandei que me entregassem um lote novo de *cantarella* ontem à noite. Toffana deveria ter entregado o veneno pessoalmente a mim ao meio-dia. Você a viu? O que está acontecendo?

— Lamento muitíssimo, *mia signora*, mas acabei de ouvir que o papa interceptou a entrega. Ele tomou tudo para si mesmo.

— Aquele velho idiota. Onde ele está?

— Nos aposentos dele, *madonna*. Está em uma reunião...

— Uma reunião? Com quem?

O servo hesitou.

— Com Cesare, *madonna*.

Lucrécia refletiu sobre a notícia, e em seguida falou consigo mesma.

— Que estranho. Meu pai não me contou que Cesare tinha voltado.

Imersa em pensamentos, ela deixou o aposento.

Sozinho, o servo começou a arrumar as coisas, colocando mesas e cadeiras no lugar enquanto murmurava. Ezio esperou por um momento para ver se ele diria mais alguma coisa útil, mas tudo que o servo falou foi:

— Aquela mulher me cria tantos problemas... Por que eu não fiquei nos estábulos, onde eu estava bem? Chamam isso de promoção? Eu ponho meu pescoço na forca cada vez que faço um serviço. E tenho de provar a comida dela todas as vezes que ela se senta para comer! — Ele fez uma pausa por um momento. — Que família! — acrescentou.

43

Ezio já tinha saído antes de ouvir essas últimas palavras. Ele se esgueirou pelo jardim em direção aos aposentos do papa e encontrou um lugar por onde poderia escalar até uma das janelas principais do edifício sem ser visto, pois a única entrada estava fortemente protegida, e ele preferia evitar atenção, já que não demoraria muito para que os cadáveres dos guardas que matou fossem descobertos. Seu palpite de que aquela janela daria visão à câmara principal do papa estava correto, e ela tinha um largo peitoril no qual ele poderia se posicionar sem ser visto. Usando a lâmina da adaga, Ezio abriu um pouco uma das venezianas, de modo a ouvir tudo que fosse dito.

Rodrigo, o papa Alexandre VI, estava sozinho na sala, sentado à uma mesa sobre a qual havia uma grande tigela de prata contendo maçãs vermelhas e amarelas, cuja posição ele arrumava nervosamente bem quando a porta se abriu e Cesare entrou sem ser anunciado. Estava furioso e, sem preâmbulo, se lançou em uma reprimenda amargurada.

— O que diabos está acontecendo? — começou.

— Não sei do que você está falando — respondeu o pai, reservado.

— Ah, sim, você sabe muito bem! Meus fundos foram cortados e minhas tropas dispensadas.

— Ah. Bem, você sabe que, após o trágico... falecimento do seu banqueiro, Agostino Chigi assumiu todos os negócios dele...

Cesare riu de forma irônica.

— O *seu* banqueiro! Eu deveria ter sabido! E os meus homens?

— Dificuldades financeiras atingem a todos ocasionalmente, meu rapaz, mesmo aqueles de nós com exércitos e ambições exageradas.

— Você vai mandar Chigi liberar dinheiro para mim ou não?

— Não.

— Bem, então veremos!

Furioso, Cesare catou uma maçã da tigela. Ezio viu que o papa observava o filho cuidadosamente.

— Chigi não vai ajudá-lo — retrucou o papa, calmamente. — E ele é poderoso demais até para você.

— Nesse caso — argumentou Cesare, com uma careta de desprezo. — Eu usarei o Pedaço do Éden para conseguir o que quero. Tornarei a sua ajuda desnecessária. — Ele mordeu a maçã com um sorriso maldoso.

— Você já deixou isso incrivelmente claro — comentou Rodrigo com frieza. — Aliás, imagino que você já saiba que o general Valois está morto.

O sorriso de Cesare desapareceu em um segundo.

— Não, acabei de chegar a Roma. — Seu tom se tornou ameaçador. — Foi você que...?

O papa estendeu as mãos.

— E que motivo eu poderia ter para matá-lo? Ou será que ele estava tramando contra mim, quem sabe, com o meu próprio querido, brilhante e *traiçoeiro* capitão-general?

Cesare deu outra mordida na maçã.

— Eu não vou aceitar isso! — rosnou enquanto mastigava.

— Se você quer saber, foram os Assassinos que o mataram.

Cesare engoliu, de olhos arregalados. Em seguida, o rosto escureceu de raiva.

— Por que você não os impediu?

— Como se eu pudesse! Foi decisão sua atacar Monteriggioni, não minha. Já passou da hora de você assumir a responsabilidade pelos seus erros, se já não é tarde demais.

— Minhas *ações*, você quer dizer — respondeu Cesare, orgulhoso. — Apesar das constantes interferências de fracassados como você.

O jovem se virou para sair, mas o papa deu a volta na mesa correndo e bloqueou o caminho até a porta.

— Você não vai a lugar algum — grunhiu Rodrigo. — E você está iludido. Eu estou com o Pedaço do Éden.

— Mentiroso! Saia do meu caminho, velho idiota!

O papa balançou a cabeça, entristecido.

— Eu lhe dei tudo que pude, e nunca foi o bastante.

Nesse instante Ezio viu Lucrécia irromper na sala, de olhos arregalados.

— Cesare! — berrou ela. — Cuidado! Ele quer envenená-lo!

Cesare ficou paralisado. Olhou para a maçã na mão, cuspindo o pedaço que tinha acabado de morder, com uma expressão indecifrável. O rosto do próprio Rodrigo mudou do triunfo ao medo. Ele se afastou do filho, colocando a mesa entre os dois.

— Me envenenar? — repetiu Cesare, com o olhar perfurando os olhos do pai.

— Você não ouvia a voz da razão! — gaguejou o papa.

Cesare sorriu enquanto avançou, muito deliberadamente, contra Rodrigo.

— Pai. Querido pai. Você não vê? Eu controlo tudo. *Tudo* que existe. Se eu quiser viver, apesar dos seus esforços, eu viverei. E se houver alguma coisa, *qualquer coisa*, que eu quiser, eu a tomarei. — Ele se aproximou do papa e o agarrou pelo colarinho, erguendo a maçã envenenada. — Por exemplo, se eu quiser que você morra, você *morrerá*!

Puxando o pai mais para perto, Cesare enfiou a maçã na boca aberta dele antes que tivesse tempo de fechar. Rodrigo lutou e se engasgou com a maçã, incapaz de respirar. Caiu no chão em agonia enquanto os dois filhos friamente o observaram morrer.

Cesare não perdeu tempo. Ajoelhou-se e vasculhou as vestes do pai. Não encontrou nada. Ele se levantou e partiu para cima da irmã, que recuou.

— Você... você precisa procurar ajuda. Também está envenenado — gritou ela.

— Não o suficiente — latiu Cesare, rouco. — E você acha que eu sou idiota a ponto de não ter tomado um antídoto profilático antes de vir para cá? Eu sei o quão podre nosso pai realmente era, e sei como ele iria reagir se pensasse, por

um momento que fosse, que o poder estava escapando das mãos dele, vindo na minha direção. Agora, ele falou que estava com o Pedaço do Éden.

— Ele... ele... estava falando a verdade.

Cesare deu um tapa em Lucrécia.

— Por que eu não fui avisado?

— Você estava fora... ele mandou mudá-la de lugar... temia que os assassinos pudessem...

Cesare lhe deu outro tapa.

— Você tramou com ele!

— Não! Não! Eu achei que ele tinha mandado mensageiros para lhe contar...

— Mentirosa!

— Juro que é verdade! Eu realmente pensei que você soubesse, ou pelo menos tivesse sido avisado do que ele fez.

Cesare a esbofeteou de novo, com mais força, e Lucrécia perdeu o equilíbrio e caiu.

— Cesare — disse ela enquanto se esforçava para respirar, com pânico e medo nos olhos. — Você está louco? Sou Lucrécia! Sua irmã! Sua amiga! Sua amante! Sua rainha! — Lucrécia se levantou, timidamente pondo as mãos no rosto do irmão, para acariciá-lo.

A reação de Cesare foi agarrar a garganta dela e chacoalhá-la, como um cão de caça faria com um furão.

— Você não passa de uma vaca! — Cesare aproximou-se do rosto da irmã de forma agressiva. — Agora diga-me — continuou ele, com a voz perigosamente baixa. — Onde ela está?

Com descrença na voz ao responder, Lucrécia engasgava ao tentar falar com muita dificuldade.

— Você... nunca me amou?

Cesare largou o pescoço da irmã e bateu nela de novo, dessa vez lhe dando um soco perto do olho.

— Onde está a Maçã! *A Maçã*! — gritou ele. — Me diga!

Lucrécia cuspiu no rosto de Cesare, que segurou-lhe o braço e a atirou no chão, chutando-a com força e repetindo a pergunta sem parar. Ezio ficou tenso, obrigando-se a não intervir mesmo que estivesse chocado com o que via, pois ele

também precisava saber a resposta.

— Tudo bem! Tudo bem! — disse ela, afinal, com uma voz entrecortada.

Cesare levantou a irmã, que colocou os lábios perto do ouvido dele, sussurrando, para a fúria de Ezio.

Satisfeito, Cesare a afastou.

— Decisão inteligente, irmãzinha.

Ela tentou se agarrar a ele, mas Cesare a empurrou com um gesto de nojo e saiu da sala.

Assim que ele fechou a porta, Ezio atravessou a janela e aterrissou perto de Lucrécia. A mulher, cujo espírito aparentemente tinha sido drenado, estava caída encostada à parede. Ezio se ajoelhou ao lado do corpo inerte de Rodrigo e verificou o pulso.

Não havia mais.

— *Requiescat in pace* — sussurrou Ezio, se levantando e confrontando Lucrécia. Ao vê-lo, ela sorriu amargurada, com um pouco de fogo de volta ao olhar.

— Você estava ali? O tempo todo?

Ezio concordou com a cabeça.

— Ótimo — disse ela. — Eu sei aonde o bastardo vai.

— Diga-me.

— Com prazer. A Basílica de São Pedro. O pavilhão no pátio...

— Obrigado, *madonna*.

— Ezio...

— Sim?

— Tome cuidado.

44

Ezio correu ao longo do *Passetto di Borgo*, uma passagem que atravessava o *rione* de Borgo e conectava o Castel Sant'Angelo ao Vaticano. Desejou ter podido trazer alguns de seus homens, ou que tivesse tido tempo de encontrar um cavalo, mas a urgência deu asas a seus pés, e quaisquer guardas que aparecessem eram logo atirados para o lado por sua investida brutal.

Uma vez no Vaticano, Ezio foi até o pavilhão no pátio, onde Lucrécia tinha dito que a Maçã estava. Com Rodrigo morto, havia uma grande chance de o novo papa estar livre da influência dos Bórgia, já que o Colégio dos Cardeais, com exceção daqueles membros que tinham se vendido de corpo e alma, estava farto e enojado de ser manipulado por aquela família estrangeira.

Mas Ezio tinha de deter Cesare agora, antes que ele pudesse pegar a Maçã e usar seus poderes, mesmo com o entendimento limitado das capacidades dela, para recuperar o terreno perdido.

Chegara a hora de derrotar o inimigo de vez. Era agora ou nunca.

Ezio alcançou o pátio, que estava deserto. Ele percebeu que, no centro, em vez de uma fonte, havia uma grande escultura de arenito de uma pinha em uma taça de pedra sobre um pedestal. Tinha talvez três metros de altura. Ezio esquadrinhou o resto do pátio iluminado pelo sol, mas não havia mais nada no lugar além do piso branco empoeirado que ofuscava seus olhos de tão brilhante. Não havia nem uma colunata, e as paredes dos prédios circundantes eram

desprovidas de decorações, exceto por fileiras de altas janelas estreitas e, no térreo, uma porta simples de cada lado, todas fechadas. Um lugar incomumente austero.

Ezio fitou a pinha novamente e se aproximou. Espiando de perto, conseguiu discernir uma fresta entre o domo do cone da pinha e a base, que corria por toda a circunferência. Escalando o pedestal, Ezio conseguiu se endireitar apoiando-se nos dedos dos pés, e, segurando com uma das mãos, passou a outra pela borda do cone onde ficava a fresta, tateando cuidadosamente em busca de qualquer imperfeição que pudesse revelar um gatilho ou botão oculto.

Ali! Ele encontrou. Ezio fez uma leve pressão sobre o botão, e o topo do cone se abriu em dobradiças de bronze até então escondidas, firmemente aparafusadas na pedra frágil e reforçadas com cimento. No centro do espaço oco agora revelado, Ezio viu uma sacola de couro verde escuro. Ele mexeu nos cordões da sacola e o brilho tênue que viu foi o suficiente para confirmar suas esperanças: tinha encontrado a Maçã!

Com o coração na boca, Ezio retirou a bolsa com cuidado. Ele conhecia os Bórgia, e não havia garantias de que estaria livre de armadilhas, mas tinha de correr o risco.

Mas onde diabos estava Cesare? O homem tivera alguns minutos de vantagem sobre Ezio, e certamente tinha vindo a cavalo.

— Eu ficarei com isso — exclamou uma voz cruel e fria atrás dele.

Com a bolsa na mão, Ezio saltou levemente ao solo e se virou para encarar Cesare, que tinha acabado de irromper pela porta sul, seguido de uma tropa de guardas pessoais, que se espalharam pelo pátio, cercando Ezio.

É claro, pensou Ezio, ele não sabia que teria competição. Perdeu tempo reunindo reforços.

— Cheguei primeiro — provocou.

— Não adiantará de nada, Ezio Auditore. Você foi uma pedra no sapato por tempo demais. Mas isso acaba aqui. Agora. Vou arrancar sua vida com a minha espada.

Ele sacou uma *schiavona* moderna com punho de cesta e deu um passo na direção de Ezio. Mas então, subitamente, Cesare ficou cinzento e agarrou o estômago, largando a espada enquanto os joelhos cediam. Evidentemente, o

antídoto não era forte o bastante, pensou Ezio, suspirando aliviado.

— Guardas! — grasnou Cesare, esforçando-se para permanecer de pé.

Havia dez deles, cinco armados com mosquetes. Ezio se esquivou e mergulhou quando eles atiraram, as balas dos mosquetes abriram buracos no piso e nas paredes enquanto o Assassino se ocultava atrás de um pilar. Tirando os dardos envenenados do cinto, Ezio saltou de seu abrigo perto o bastante dos mosqueteiros para lançar os dardos um de cada vez. Os homens de Cesare não esperavam um ataque, e ficaram olhando, surpresos, enquanto Ezio atirava os projéteis. Cada um deixou sua marca fatal. Em segundos os guardas estavam no chão, graças ao efeito rápido e letal do veneno.

Um dos mosqueteiros, recuperando um instante de compostura, jogou a arma de fogo como uma clava, mas Ezio se abaixou e o mosquete passou girando por sobre sua cabeça. Ele rapidamente lançou os outros dois dardos até que todos os mosqueteiros estavam mortos. Ezio não teve tempo de recuperar os dardos, como Leonardo tinha aconselhado.

Os outros cinco guardas, espadachins, após se recuperarem do choque inicial — pois tinham acreditado que os companheiros com armas de fogo teriam dado cabo do inimigo — logo se aproximaram, brandindo alfanjes pesados. Ezio, praticamente dançando enquanto evitava os golpes desajeitados graças às espadas pesadas demais para a velocidade ou a agilidade, liberou a recém-refeita lâmina venenosa e sacou a própria espada. Sabendo que não teria muito tempo para enfrentar aqueles homens antes que Cesare escapasse, ele empregou uma técnica de combate mais direta e eficiente que o normal, preferindo travar a lâmina de cada um dos oponentes com a própria espada e usar a lâmina venenosa para completar o serviço. Os dois primeiros caíram sem sequer um sussurro, e foi então que os três restantes decidiram que o melhor ataque seria todos eles juntos. Ezio recuou cinco passos rápidos, estendendo alto e completamente a espada, e investiu contra o mais próximo dos três guardas que se aproximavam. Ao entrar em alcance, Ezio se lançou de joelhos, deslizando pelo solo e passando sob a espada do guarda espantado. A lâmina venenosa riscou a perna do sujeito, mas Ezio continuou deslizando na direção dos dois últimos guardas, rasgando os tendões de ambos. Os dois homens berraram ao serem cortados e então caíram no chão, com as pernas inutilizadas.

Cesare tinha assistido a tudo, em silêncio e sem acreditar no que vira, mas enquanto Ezio destroçava os últimos três guardas, o Bórgia decidiu não esperar pelo fim da luta. Ele se recuperou o bastante para se virar e fugir.

Ocupado com os guardas e incapaz de segui-lo, Ezio viu o inimigo escapar com o canto do olho.

Mas ele ainda tinha a Maçã, e se lembrava o suficiente de seus poderes (como poderia esquecer?). Após o fim do combate, Ezio usou o Pedaço do Éden para se orientar de volta ao Vaticano por uma rota diferente daquela que tinha usado na vinda, assumindo que Cesare não teria perdido tempo em proteger o *Passetto di Borgo*. Brilhando de dentro da bolsa de couro, a Maçã indicava na superfície um caminho pelos altos e pintados salões e câmaras do Vaticano na direção da Capela Sistina, e então por um corredor que ia para o sul até São Pedro. O poder do objeto era tão grande que os monges e padres que passavam davam as costas a Ezio, e os guardas papais permaneciam imóveis em seus postos.

Ezio se perguntou quanto tempo ainda levaria para que a notícia da morte do papa se infiltrasse pela hierarquia do Vaticano até essas pessoas. A confusão que se seguiria exigiria uma mão forte no controle, e ele rezou para que Cesare não tivesse a oportunidade de se aproveitar de qualquer incerteza para fazer sua jogada. Cesare não poderia se tornar papa, pois isso estava fora até mesmo de seu alcance, mas poderia influenciar a eleição de modo a colocar um papa amistoso às suas ambições no trono de São Pedro.

Ao passar à direita da nova escultura brilhante do jovem Michelangelo, a Pietà, Ezio deixou a basílica e se misturou ao povo que perambulava pela velha e empobrecida praça diante da entrada leste.

45

Quando Ezio chegou ao esconderijo dos Assassinos na Ilha Tiberina, os sinos das igrejas começaram a soar por toda Roma. Eles dobravam um toque fúnebre.

Ezio se deparou com os amigos esperando por ele.

— Rodrigo está morto — anunciou.

— Deduzimos isso dos sinos — respondeu Maquiavel. — Magnífico trabalho!

— Não foi pela minha mão, mas pela de Cesare.

Levou algum tempo para a ficha cair. Então Maquiavel falou novamente.

— E quanto a Cesare?

— Está vivo, embora o papa tenha tentado envenená-lo antes de morrer.

— A serpente está mordendo a própria cauda — comentou La Volpe.

— Então o dia está salvo! — gritou Claudia.

— Não! — disse Maquiavel. — Se Cesare estiver livre do controle do pai, então ainda poderá recuperar o terreno perdido. Não podemos permitir que ele reúna os partidários restantes. As próximas semanas serão críticas.

— Com sua ajuda eu o caçarei — afirmou Ezio com firmeza.

— Nicolau tem razão, temos de agir rápido — acrescentou La Volpe. — Estão ouvindo essas trombetas? São um chamado às tropas dos Bórgia.

— Você sabe onde eles se reunirão? — indagou Bartolomeo.

— É provável que concentrem as tropas na *piazza* diante do palácio de

Cesare no Trastevere.

— Meus homens vão patrulhar a cidade — decidiu Bartolomeo. — Mas precisaríamos de um exército completo para fazê-lo direito.

Ezio retirou a Maçã da bolsa. Ela tinha um brilho embaçado.

— Nós temos um — afirmou. — Ou pelo menos algo igualmente bom.

— Você sabe o que fazer? — perguntou Maquiavel.

— Eu me lembro o bastante das experiências de Leonardo, há muito tempo em Veneza — respondeu Ezio, em seguida erguendo o estranho artefato e se concentrando para tentar projetar os pensamentos nele.

Não houve resposta por vários minutos, e Ezio estava quase desistindo quando, lentamente no começo, mas depois com energia crescente, a Maçã começou a brilhar cada vez mais, até que a luz que emitia obrigou todos a proteger os olhos.

— Para trás! — berrou Bartolomeo, enquanto Claudia engolia em seco de susto e La Volpe recuava.

— Não — disse Maquiavel. — É ciência, mas algo além do nosso alcance. — Ele se virou para Ezio. — Se ao menos Leonardo estivesse aqui!

— Desde que sirva ao propósito.

— Veja! — exclamou La Volpe. — Está nos mostrando o campanário de Santa Maria no Trastevere! É lá que Cesare está!

— Você estava certo — concordou Bartolomeo. — Mas vejam só o número de tropas que ele ainda parece ter!

— Vou até lá. Agora — disse Ezio, enquanto a cena projetada desaparecia e a Maçã ficava inerte.

— Vamos com você.

— Não! — Ezio ergueu a mão. — Claudia, quero que você volte ao Rosa in Fiore. Mande suas garotas descobrirem tudo que puderem sobre os planos de Cesare. E mobilize nossos recrutas. Gilberto, por favor, espalhe seus ladrões pela cidade inteira e traga notícia de qualquer grupo de templários que possa estar se reorganizando. Nossos inimigos estão lutando pelas próprias vidas! Bartolomeo, organize seus homens e os deixe preparados para avançar a qualquer momento.

Ezio se virou para Maquiavel.

— Nicolau, vá ao Vaticano. O Colégio de Cardeais entrará em conclave em

breve para eleger um novo papa.

— De fato. E Cesare certamente tentará usar qualquer influência que ainda lhe resta para elevar um candidato favorável a ele ao trono papal, ou pelo menos alguém que ele possa manipular.

— Mas o Cardeal della Rovere possui grande autoridade agora, e é inimigo implacável dos Bórgia, como você sabe. Se ao menos...

— Vou falar com o cardeal camerlengo. A eleição poderá ser longa e demorada.

— Temos de aproveitar o interregno o máximo que pudermos. Obrigado, Nicolau.

— E como você vai se virar sozinho, Ezio?

— Não estarei sozinho — respondeu Ezio, gentilmente recolocando a Maçã na bolsa. — Vou levá-la comigo.

— Desde que você a mantenha sob controle — resmungou Bartolomeo, desconfiado. — Se você quer saber, acho que isso é uma criação vinda direto da oficina do Satanás.

— Nas mãos erradas, talvez. Mas enquanto nós a tivermos...

— Então não a deixe longe das suas mãos, muito menos da sua vista!

Eles se separaram então, cada um partindo apressado para cuidar dos deveres designados por Ezio. O líder dos Assassinos atravessou para a margem ocidental e correu a curta distância até a igreja reconhecida por La Volpe na visão concedida pela Maçã.

A cena tinha mudado quando Ezio chegou lá, mesmo que ele ainda pudesse ver unidades de soldados com as cores de Cesare saindo da praça em grupos organizados, como se obedecessem a ordens. Aqueles eram homens disciplinados que entendiam que o fracasso significaria a ruína deles.

Não havia sinal de Cesare, mas Ezio sabia que o inimigo ainda estaria doente graças ao efeito do veneno. O chamado às tropas deve ter lhe custado muito caro. Só havia um lugar para onde ele pensaria em se retirar: o próprio *palazzo* fortificado, não muito distante. Ezio partiu nessa direção.

Ele se juntou a um grupo de serviçais dos Bórgia, que reconheceu pelo brasão de Cesare usado por eles no ombro do manto. Ezio se misturou aos homens, que estavam agitados demais para percebê-lo mesmo que ele não

estivesse usando o poder secreto que o deixava praticamente invisível. Aproveitando os servos como cobertura, Ezio se esgueirou pelos portões do *palazzo*, que logo se abriram para dar passagem e então, igualmente rápido, se fecharam.

Ezio se esgueirou pelas sombras da colunata do pátio e deslizou ao longo do perímetro das paredes internas, parando para espiar por cada uma das janelas de persianas abertas. Então, adiante, ele encontrou uma porta com guardas postados dos dois lados. Ele olhou em volta. O resto do pátio estava vazio. Ezio se aproximou lentamente, liberando a lâmina oculta, e se lançou sobre os guardas antes que pudessem entender o que estava acontecendo. Um morreu imediatamente. O outro conseguiu dar um golpe que teria decepado a mão esquerda do Assassino se não fosse pela braçadeira. Enquanto o guarda se recuperava do espanto diante do que parecia ser bruxaria, Ezio cravou a lâmina na base da garganta dele, que caiu como um saco ao chão.

A porta estava destrancada e as dobradiças, quando ele as testou cuidadosamente, estavam bem lubrificadas. Sem um ruído sequer, Ezio se esgueirou para dentro da sala.

Era grande e sombria. Ele se escondeu atrás de um reposteiro próximo à porta, colocado ali para evitar correntes de ar, e observou os homens sentados ao redor de uma grande mesa de carvalho. A mesa estava coberta de papéis e iluminada por velas em dois candelabros de ferro. À cabeceira estavam Cesare e ao lado seu médico particular, Gaspar Torella. O rosto de Cesare estava com uma expressão neutra, e ele suava muito enquanto encarava seus oficiais.

— Vocês têm de caçá-los! — gritava ele, agarrando com força os braços da cadeira para se manter ereto.

— Eles não estão em lugar nenhum e ao mesmo tempo estão em todos os lugares! — declarou inutilmente um deles.

— Não me importa como vocês o farão, apenas façam!

— Não podemos, *signore*, não sem sua orientação. Os Assassinos se reagruparam. Com os franceses em fuga ou em uma confusão imensa, nossas forças mal podem se equiparar às deles. Os Assassinos têm espiões por toda parte, e nossa própria rede não consegue mais detectá-los! E Ezio Auditore conquistou um grande número de cidadãos à causa dele.

— Estou doente, *idioti*! Eu dependo da iniciativa de vocês! — Cesare suspirou, se deixando recostar na cadeira. — Eu quase fui assassinado! Mas ainda tenho garras.

— Senhor...

— Apenas mantenham-nos longe, se isso é o melhor que vocês podem fazer! — Cesare fez uma pausa para recuperar o fôlego, enquanto o doutor Torella tocava cuidadosamente a testa do paciente com um pano encharcado em vinagre ou algum outro adstringente de cheiro forte, murmurando com tranquilidade enquanto o fazia. — Logo — continuou Cesare. — Logo Micheletto chegará a Roma com minhas próprias tropas de Romagna e do norte, e então vocês verão com que rapidez os Assassinos se desfarão em poeira.

Ezio deu um passo à frente e revelou a bolsa contendo a Maçã.

— Você se ilude, Cesare! — afirmou Ezio em voz alta, com uma voz de verdadeira autoridade.

Cesare se levantou em um susto, com medo nos olhos.

— Você! Quantas vidas você tem, Ezio? Mas desta vez morrerá. Chamem a guarda! Agora! — berrou Cesare aos oficiais enquanto permitia que o médico o levasse depressa para fora da sala por uma porta secreta interna.

Rápido como um raio, um dos oficiais correu à porta para dar o alarme. Os outros sacaram pistolas e as apontaram para Ezio, que com igual rapidez tirou a Maçã da bolsa e a ergueu alto, concentrando-se com força e baixando o capuz do manto para proteger os olhos.

A Maçã começou a pulsar e reluzir, e o brilho se tornou uma incandescência que não era quente, mas brilhava tanto quanto o sol. A sala se tornou branca.

— Que feitiçaria é essa? — gritou um dos oficiais, atirando a esmo. Por sorte a bala atingiu a Maçã, tendo menos efeito do que um punhado de poeira.

— Esse homem tem de verdade o próprio Deus ao seu lado! — gritou outro, tentando proteger os olhos em vão e cambaleando em uma cegueira em direção ao que acreditava ser a porta.

A luz aumentou e os oficiais esbarraram na mesa, cobrindo os olhos com as mãos.

— O que está acontecendo?

— Como isso é possível?

— Não me castigue, ó Senhor!

— Não consigo *ver*!

Com lábios apertados de concentração, Ezio continuou a projetar a vontade pela Maçã, mas nem mesmo ele ousou erguer os olhos da proteção do capuz. Ele tinha de julgar o momento certo de parar. Quando o fez, uma onda de exaustão o atingiu no que a Maçã, invisível em meio ao próprio brilho, subitamente se apagou sem deixar um reluzir vestigial. Não havia som na sala. Com cuidado, Ezio levantou o capuz e viu que a sala estava como antes. As velas na mesa lançavam uma poça de luz no centro da penumbra. Elas continuavam queimando, quase tranquilizadoras, como se nada tivesse acontecido. As chamas eram estáveis, como se não houvesse nem sinal de brisa.

A tapeçaria do reposteiro estava completamente embranquecida.

Todos os oficiais jaziam mortos ao redor da mesa, exceto aquele que tinha saído correndo para a porta. Este estava caído encostado nela, com a mão ainda na maçaneta. Ezio foi até ele, pois teria de movê-lo para sair.

Ao rolar o homem, olhou acidentalmente nos olhos dele.

Desejou não tê-lo feito, era uma visão que jamais esqueceria.

— *Requiescat in pace* — disse Ezio, absorvendo a conclusão de que a Maçã realmente tinha poderes que, se fossem liberados sem controle, poderiam dominar as mentes dos homens, abrindo possibilidades e mundos nunca antes sonhados.

Ela poderia espalhar uma destruição tão terrível a ponto de estar além do poder da imaginação.

46

O conclave não tinha se decidido. Apesar dos esforços do cardeal Della Rovere em derrotar Cesare politicamente, este ainda tinha influência suficiente para manter-se no páreo. O medo, ou o interesse próprio, mantinha os cardeais indecisos. Maquiavel tinha um palpite para o que tentavam fazer. Encontrariam um candidato que, se eleito, talvez não fosse durar muito tempo, mas seria aceitável aos dois grupos. Um papa interino, um zelador, até que o equilíbrio de poder fosse resolvido.

Com isso em mente, Ezio ficou satisfeito quando, após semanas de impasse, Claudia trouxe notícias à Ilha Tiberina.

— O cardeal de Rouen, um francês chamado Georges d'Amboise, revelou sob... pressão... que Cesare planejou uma reunião com os partidários Templários no campo, fora de Roma. O cardeal irá pessoalmente.

— Quando?

— Esta noite.

— Onde?

— O local será mantido em segredo até o último minuto.

— Então eu irei até a casa do cardeal e o seguirei quando ele partir.

— Eles elegeram um novo papa — exclamou Maquiavel, chegando apressado. — Seu cardeal francês de estimação levará as notícias a Cesare esta noite, Claudia. De fato, uma pequena delegação deles, ainda amistosos aos

Bórgia, irá com ele.

— Quem é o novo papa?

Maquiavel sorriu.

— É bem como eu tinha previsto — afirmou. — Cardeal Piccolomini. Não é um homem muito velho, tem 64 anos, mas tem saúde frágil. Escolheu ser conhecido como Pio III.

— E quem ele apoia?

— Não sabemos ainda, mas todos os embaixadores estrangeiros pressionaram Cesare para que saísse da cidade durante a eleição. Della Rovere está furioso, mas sabe esperar.

Ezio passou o resto do dia confabulando com Bartolomeo, e os dois montaram uma força conjunta de recrutas e *condottieri* forte o bastante para qualquer batalha que pudesse acontecer contra Cesare.

— Parece que foi bom você não ter matado Cesare lá no *palazzo* dele — comentou Bartolomeo. — Assim, ele atrairá todos os partidários e poderemos esmagar por completo os cães imundos. — Ele olhou para Ezio. — Tenho de admitir, amigo. Parece até que você planejou tudo isso.

Ezio sorriu, em seguida voltando ao alojamento, onde atou a pistola e colocou a lâmina dupla no cinto.

Com um pequeno grupo de homens selecionados a dedo, Ezio liderava a guarda avançada, deixando que o resto o seguisse um pouco mais atrás. Quando o cardeal de Rouen partiu a cavalo no fim da tarde, acompanhado pelos colegas e pelo séquito, Ezio e seus cavaleiros seguiram a uma distância segura. Eles não precisaram cavalgar muito, como esperavam, e o cardeal parou em uma grande propriedade rural cuja mansão principal ficava detrás de muralhas perto da costa do lago Bracciano.

Ezio, sozinho, escalou o muro e seguiu a delegação de cardeais conforme eles iam até o salão principal da mansão, se misturando com os cem oficiais dos Bórgia. Havia também muitas outras pessoas presentes de outras terras, que Ezio não reconheceu mas sabia que se tratavam de membros da Ordem Templária. Cesare, completamente recuperado agora, estava em um pódio elevado no centro do salão lotado. Tochas tremeluziam nos suportes nas paredes de pedra, fazendo

as sombras saltarem e dando ao congresso um ar mais similar a um conciliábulo de bruxas do que a uma reunião de forças militares.

Do lado de fora havia soldados dos Bórgia em quantidades que surpreenderam Ezio, que não tinha esquecido o comentário de Cesare sobre Micheletto voltando com o resto das tropas das províncias para protegê-lo. Ezio ficou preocupado porque, mesmo com os homens de Bartolomeo e os próprios recrutas, que estavam aguardando a uns duzentos metros da mansão, os dois lados estariam mais ou menos equiparados. Mas era tarde demais agora.

Ezio observou enquanto um caminho foi aberto na multidão no salão para permitir que os cardeais se aproximassem do pódio.

— Juntem-se a mim! E eu retomarei Roma para nós! — declamava Cesare enquanto o cardeal de Rouen, o porta-voz do grupo, apareceu com os colegas prelados. Ao vê-los, Cesare interrompeu o discurso.

— Que notícias temos do conclave? — perguntou ele.

O cardeal de Rouen hesitou.

— Notícias boas e ruins — disse ele.

— Diga logo!

— Elegemos Piccolomini.

Cesare considerou o fato.

— Bem, pelo menos não foi aquele filho de pescador, Della Rovere! — Cesare então se virou para o cardeal. — Mas não é o homem que eu queria! Eu queria um fantoche! Piccolomini pode estar com um pé na cova, mas poderá me causar muito dano. Eu paguei pelo seu cargo! É assim que você me agradece?

— Della Rovere é um inimigo poderoso! — O cardeal hesitou de novo. — E Roma não é mais o que era. O dinheiro dos Bórgia está maculado!

Cesare o encarou friamente.

— Você se arrependerá dessa decisão — afirmou muito sério.

O cardeal curvou a cabeça e se virou para ir, mas, ao fazê-lo, notou a presença de Ezio, que tinha se aproximado para ver melhor.

— É o Assassino! — gritou. — A irmã dele me interrogou! Foi assim que ele chegou aqui! Corram! Ele nos matará a todos!

Os cardeais, em uníssono, saíram em disparada em meio a um pânico geral. Ezio os seguiu e, uma vez do lado de fora, disparou a pistola. O ruído chegou até

a guarda avançada, posicionada logo do lado de fora das muralhas, e ela por sua vez disparou os mosquetes, como um sinal para o ataque de Bartolomeo. As tropas chegaram exatamente quando os portões foram abertos para permitir a fuga dos cardeais. Os defensores não tiveram tempo de fechá-los antes de serem sobrepujados pela guarda avançada, que conseguiu manter o controle do portão até que Bartolomeo, girando Bianca sobre a cabeça e rugindo seu grito de guerra, chegasse com a força principal dos Assassinos. Ezio disparou o segundo tiro na barriga de um guarda dos Bórgia que veio gritando e brandindo uma maça de aparência cruel, mas não teve tempo de recarregar. De qualquer maneira, para a luta corpo a corpo, a lâmina dupla era a arma perfeita. Após encontrar uma alcova na parede, Ezio se ocultou nela e, com dedos ágeis e bem treinados, trocou a pistola pela lâmina. Então, voltou correndo para o salão, procurando por Cesare.

A batalha na mansão e na área dentro das muralhas foi curta e sangrenta. As tropas dos Bórgia e dos Templários estavam despreparadas para um ataque daquela magnitude, e estavam presas dentro dos muros. Elas lutaram duramente, e muitos *condottieri* e recrutas dos Assassinos jaziam mortos quando tudo acabou. Os Assassinos tiveram a vantagem de já estarem montados, e poucos dos inimigos conseguiram alcançar os próprios cavalos antes de serem mortos.

Já era tarde quando a poeira por fim baixou. Ezio, sangrando de um corte raso no peito, tinha golpeado tão forte com a lâmina dupla que chegou a cortar a própria luva e ferir profundamente a mão. Ao redor dele jazia uma multidão de cadáveres, metade, talvez, dos templários reunidos, aqueles que não tinham conseguido escapar noite adentro para o sul.

Mas Cesare não era um deles. Ele também tinha escapado.

47

Muita coisa aconteceu nas semanas seguintes. Os Assassinos procuraram por Cesare freneticamente, mas em vão. Ele não voltou a Roma. Na verdade, a cidade parecia ter sido expurgada por completo da presença dos Bórgia e dos Templários. Ezio e os companheiros sabiam que precisavam permanecer alertas, pois enquanto o inimigo vivesse, haveria perigo. Suspeitavam que ainda houvesse grupos de seguidores fanáticos esperando um sinal para agirem.

E o Vaticano tremeu mais uma vez. Pio III era um homem estudioso e muito devotado à religião. Após um mandato de apenas 26 dias, sua saúde frágil sucumbiu às pressões e responsabilidades do papado, e ele morreu em outubro. Mas, diferentemente do que Ezio temia, ele se mostrou não ser mais um joguete dos Bórgia. Na verdade, durante sua curta supremacia, conduziu reformas no Colégio de Cardeais, varrendo toda a corrupção e luxúria fomentadas por seu antecessor. Não havia mais venda de cardeais nem aceitação de dinheiro para deixar homicidas escaparem da punição capital. A doutrina pragmática de Alexandre VI, “Deixe-os viver para se arrependerem”, não tinha mais espaço.

E ele também emitiu um mandado de prisão para Cesare Bórgia em todo o estado papal.

Seu sucessor foi eleito imediatamente por uma vasta maioria. Somente três cardeais votaram contra, e um deles foi Georges d’Amboise, o cardeal de Rouen, que esperou em vão conquistar a tripla tiara para a França. Depois da checagem

em sua carreira causada pela eleição de Pio III, Giuliano della Rovere, cardeal de San Pietro in Vincoli, não perdeu tempo para consolidar seus apoiadores e garantir para si o papado na oportunidade seguinte, que ele sabia que viria logo.

Júlio II, como ele se intitulou, era um homem de 60 anos ainda muito forte e vigoroso, tanto física quanto mentalmente. Tinha muita energia, como Ezio logo descobriu. Era um político mestre nas intrigas e um guerreiro, muito orgulhoso de suas origens humildes como descendente de pescadores. Afinal, o próprio São Pedro não foi também um pescador?

Mas a ameaça dos Bórgia ainda pairava no ar.

— Se ao menos Cesare aparecesse — esbravejou Bartolomeo, enquanto ele e Ezio faziam uma conferência na sala dos mapas em seu forte.

— Ele aparecerá. Mas só quando estiver preparado.

— Meus espiões me informaram que ele planeja juntar seus melhores homens e atacar Roma por um de seus portões principais.

Ezio refletiu sobre a informação.

— Se Cesare estiver vindo do norte, como parece quase certo, tentará invadir pelo portão próximo à *Castra Praetoria*. Pode ser que ele até tente retomar a própria *Castra*. É uma posição estratégica bem fortificada.

— Você deve estar certo.

Ezio se levantou.

— Reúnam todos os Assassinos. Enfrentaremos Cesare juntos.

— E se não conseguirmos?

— É muito bom ouvir isso vindo de você, Barto! Se não conseguirmos, eu o enfrentarei sozinho.

Eles se separaram, tendo planejado encontrarem-se em Roma mais tarde. Se um ataque iria acontecer, a Cidade Santa precisaria estar preparada.

E o palpite de Ezio se provou correto. Ele disse a Bartolomeo para reunir os outros na praça da igreja perto da *Castra*. Todos foram ao encontro e eles caminharam juntos até o portão norte, que já estava com a guarda triplicada, mostrando que Júlio II aceitara de bom grado o conselho de Ezio. Mas o que viram, a algumas centenas de metros, foi uma visão aterradora. Lá estava Cesare, em um cavalo branco, cercado por um grupo de oficiais que usavam a farda de seu exército privado. Atrás deles, havia, no mínimo, um batalhão inteiro de suas

tropas.

Mesmo à distância, os ouvidos de Ezio podiam ouvir as declarações pretensiosas de Cesare. O mais estranho era que ainda havia quem acreditasse nelas. Mesmo depois de tudo o que aconteceu.

— Toda a Itália será unida e vocês governarão ao meu lado! — proclamou Cesare. Então, ele se virou e viu Ezio e seus companheiros Assassinos alinhados sobre as ameias do portão.

Ele cavalgou um pouco mais para perto, não o suficiente para ser acertado por um mosquete ou uma besta, mas estava sozinho.

— Vieram ver o meu triunfo? — gritou ele na direção de Ezio e seus companheiros. — Não se preocupem. Este não é todo o meu exército. Em breve, Micheletto chegará com o resto! Mas até lá, vocês já estarão mortos! Eu já tenho tropas suficientes para dar cabo de vocês!

Ezio olhou para ele. Depois, se virou e olhou para as tropas de soldados papais, Assassinos e *condottieri* alinhados atrás do portão. Ele levantou uma das mãos e os guardas do portão retiraram as barras de madeira que o mantinha fechado. Estavam prontos para abri-lo, à espera de seu comando. Ezio manteve a mão levantada.

— Meus homens nunca falharam! — gritou Cesare. — Eles sabem o que os espera se falharem! Em breve, muito breve, você perderá a vida e meus domínios voltarão para mim!

Ezio ponderou. A Nova Doença provavelmente afetara o equilíbrio mental do homem. Ele abaixou a mão. Os portões se abriram sob eles e as forças de Roma saíram em torrente. Primeiro, a cavalaria, com a infantaria correndo logo atrás. Desesperado, Cesare puxou as rédeas com força, exigindo um pouco demais de seu cavalo, e se virou. Mas a violência do movimento fez o cavalo refugar e, rapidamente, ele foi sobrepujado. Já o batalhão dele quebrou a formação e fugiu ao ver as brigadas romanas indo em sua direção.

— Bem — pensou Ezio —, minha pergunta foi respondida. Os homens dele estavam preparados para lutar pelo dinheiro, mas nunca foram leais. Lealdade não pode ser comprada.

— Matem os Assassinos! — berrou Cesare, freneticamente. — Defendam a honra dos Bórgia! — Mas foi tudo em vão. Ele próprio já estava cercado.

— Largue suas armas, Cesare — disse Ezio.

— Nunca!

— Esta não é mais sua cidade. Você não é mais o capitão-general. As famílias Orsini e Colonna estão do lado do novo papa. E as promessas de lealdade feitas a você foram só promessas vazias. Elas só estavam esperando uma oportunidade de retomar as cidades que você roubou.

Um pequeno destacamento saiu pelo portão. Seus cavaleiros usavam armaduras negras, um deles levava o brasão de Júlio II em um estandarte, o símbolo de um carvalho imponente. À frente deles, sobre um palafrém acinzentado — o oposto exato de um cavalo de guerra —, cavalgava um homem elegante, que Ezio reconheceu imediatamente como sendo Fabio Orsini. Ele levou seus homens diretamente até Cesare.

Todos ficaram em silêncio.

— Cesare Bórgia, conhecido como Valentino, chamado também de cardeal de Valência e Duque de Valência — proclamou Orsini solenemente, com brilho de vingança nos olhos. — Por ordem de Sua Santidade, o papa Júlio II, você está preso pelos crimes de assassinato, traição e incesto!

Os seis cavaleiros cercaram Cesare, dois de cada lado, um à frente e um atrás. As rédeas do cavalo lhe foram tomadas e ele foi amarrado na sela.

— Não, não, não, *não*! — gritou Cesare. — Este não é o fim!

Um dos cavaleiros deu um tapa na anca do cavalo de Cesare, que começou a trotar para a frente.

— Este *não* é o fim! — gritou Cesare, desafiador. — Correntes não me prenderão! — A voz dele aumentou. — Eu não serei morto pelas mãos do homem!

Todos o escutaram, mas ninguém deu atenção.

— Cale a boca! — disse Orsini, bruscamente.

48

— Eu estava me perguntando o que havia acontecido a você — disse Ezio —, até que vi o desenho de giz com uma mão apontando. Aí entendi que você precisava falar comigo, por isso, mandei uma mensagem. E agora, aqui está você! Pensei que fosse fugir para a França.

— Não, eu não. Pelo menos, ainda não — respondeu Leonardo, limpando a poeira de uma cadeira no esconderijo dos Assassinos na Ilha Tiberina. A luz do sol ainda entrava pelas janelas altas.

— Fico feliz por isso. Ainda mais feliz por você não ter sido pego na caça aos partidários dos Bórgia feita pelo novo papa.

— Bem, não se pode prender um homem bom — retrucou Leonardo. Ele estava muito bem vestido, e os eventos recentes não pareciam tê-lo afetado de modo algum. — O papa Júlio não é um tolo. Ele sabe quem pode ser útil para ele e quem não serve de nada. Não importa o que foi feito no passado.

— Desde que tenham se arrependido de coração.

— Exatamente — respondeu Leonardo, com frieza.

— E você está preparado para ser útil a mim?

— Não estive sempre? — Leonardo sorriu. — Mas ainda há mais alguma coisa a temer, agora que Cesare está trancafiado? É só uma questão de tempo até que o joguem em uma fogueira. Veja só a lista de acusações! É mais longa do que seu braço!

— Talvez você esteja certo.

— É claro que o mundo não seria o mundo se não houvesse problemas — comentou Leonardo, mudando de assunto. — É ótimo que Cesare tenha sido preso, mas eu perdi um patrono muito valioso e fiquei sabendo que pretendem trazer aquele tal de Michelangelo, aquele arrogante de Florença, para cá. Imagine só! Tudo o que ele sabe fazer são umas esculturas ridículas.

— Ouvi dizer que ele também é um ótimo arquiteto. E que sabe pintar.

Leonardo o olhou com reprovação.

— Sabe aquele dedo apontando que eu desenhei? Um dia, em breve, ele estará no centro de um quadro. O quadro de um homem, João Batista. Apontando aos céus. Isso, sim, é pintura!

— Eu não falei que ele é um pintor tão bom quanto você — acrescentou Ezio, rapidamente. — E quanto ao seu talento como inventor...

— Ele deveria continuar fazendo o que ele sabe, isso sim.

— Leo, você está com ciúmes?

— Eu? Nunca!

Era hora de trazer Leonardo de volta ao problema que estava incomodando Ezio, o motivo pelo qual ele respondeu ao sinal enviado por seu amigo. Ele esperava poder confiar, mas conhecia Leonardo bem o suficiente para saber como ele era.

— Seu antigo empregador... — começou ele.

— Cesare?

— Sim. Eu não gostei do modo como ele falou “Correntes não me prenderão”.

— Ah, o que é isso, Ezio. Ele está preso na masmorra mais profunda do Castel Sant’Angelo. Que decadência, não é mesmo?

— Ele ainda tem aliados.

— Algumas criaturas ignorantes podem ainda pensar que ele tem futuro, mas uma vez que Micheletto e seus exércitos nunca apareceram, eu não vejo nenhum perigo real.

— Mesmo que Micheletto tenha falhado em manter as tropas de Cesare unidas, e eu admito que isso é bem provável, posto que nenhum de nossos espiões relatou movimentos na periferia de Roma, eu acho...

— Ezio, quando as notícias sobre a elevação de Della Rovere ao papado e, sobretudo, da prisão de Cesare se espalharam, o antigo exército dos Bórgia debandou como um bando de formigas sob um banho de água fervente.

— Eu só descansarei quando souber que Cesare está morto.

— Bom, há uma maneira de descobrir.

— Você está falando da Maçã? — Ezio olhou para Leonardo.

— Onde ela está?

— Aqui.

— Então, vamos consultá-la.

Ezio hesitou.

— Não, ela é poderosa demais. Eu preciso escondê-la da humanidade para sempre.

— Esconder? Um artefato tão valioso como esse? — Leonardo balançou a cabeça.

— Você mesmo disse, há muitos anos, que nunca deveríamos permitir que ela caia nas mãos erradas.

— Bem, então tudo o que temos de fazer é manter as mãos erradas longe dela.

— Ninguém pode garantir que a gente sempre vai poder fazer isso.

Leonardo ficou sério.

— Veja bem, Ezio, se você decidir escondê-la em algum lugar, prometa uma coisa.

— O quê?

— Bom, duas coisas na verdade. Primeiro, fique com ela enquanto precisar. Você precisa do máximo de ajuda possível para dar cabo dos Bórgia e dos Templários. Mas depois que terminar e quiser escondê-la do mundo, pense nela como a semente de uma planta. Deixe alguma pista sobre onde a escondeu para que alguém no futuro possa encontrá-la. Gerações futuras e, talvez, futuros Assassinos podem precisar do poder da Maçã, para fazer o Bem.

— E se ela cair nas mãos de outro Cesare?

— Voltamos ao Cesare, não é? Por que você não para com essa agonia e descobre se a Maçã pode te dar algum conselho?

Ezio pensou por um momento e finalmente disse:

— Tudo bem, é o que farei.

Ele deixou a sala por um momento e retornou trazendo uma caixa quadrada revestida de chumbo, com um enorme cadeado. Pegou a chave pendurada em um cordão em seu pescoço e a abriu. Lá dentro, em um suporte de veludo verde, estava a Maçã. Ela parecia simplesmente um pedaço de metal cinzento, como sempre parecia em seu estado dormente. Era do tamanho de um pequeno melão e tinha uma textura curiosa, macia e flexível, como a pele humana.

— Pergunte a ela! — pediu Leonardo, com os olhos brilhando por vê-la novamente.

Ezio sabia que seu amigo estava lutando contra o desejo de pegá-la e sair correndo, e sabia como era grande a tentação do gênio, que tinha uma sede de conhecimento tão grande que às vezes parecia insaciável.

Ele levantou o objeto à altura dos olhos, concentrando seus pensamentos, formulando as perguntas. A Maçã começou a brilhar quase no mesmo instante. Depois, começou a projetar imagens na parede.

Elas foram rápidas e não duraram muito, mas Ezio, somente ele, viu Cesare escapando de sua prisão em Roma. Foi tudo que apareceu, até que várias imagens não relacionadas mostraram um porto movimentado, a água brilhando sob o sol e uma armada ancorada. A visão derreteu e se transformou em um castelo distante, ou talvez, uma cidade fortificada em uma colina. Ezio percebeu, pelo relevo da região, que não poderia ser o estado papal. A arquitetura também parecia estranha, nem ele nem Leonardo conseguiram identificar. Então, Ezio viu a cidadela de Mario em Monteriggioni e a visão mudou, levando-o ao estúdio secreto de seu tio, onde as páginas do códex foram reunidas. A porta secreta estava fechada e, do outro lado, Ezio viu alguns símbolos arcanos e letras desenhadas. Então, era como se ele fosse uma águia voando, sobre as ruínas da antiga fortaleza dos Assassinos. Subitamente, a Maçã se apagou e a sala ficou outra vez iluminada apenas pela luz do sol.

— Ele vai escapar! Eu tenho de ir! — Ezio colocou a maçã de volta na caixa e se levantou, derrubando a cadeira.

— Mas e seus companheiros?

— A Irmandade precisa resistir, com ou sem mim. Foi com esse propósito que eu a construí. — Ezio tirou a Maçã novamente da caixa e a colocou em uma

bolsa marrom. — Perdoe-me Leo, não posso perder tempo. — A lâmina oculta já estava em seu braço. Ele pegou a pistola e um pouco de munição e guardou em seu cinto.

— Espere, você precisa pensar. Planejar.

— Meu plano é matar Cesare. Coisa que eu deveria ter feito há muito tempo.

Leonardo abriu os braços.

— Eu já vi que não poderei impedir você. Mas não tenho planos de deixar Roma e você sabe onde fica o meu estúdio.

— Eu tenho um presente para você — falou Ezio. Havia um pequeno cofre na mesa perto deles. Ele colocou a mão sobre o cofre e disse: — Tome.

Leonardo se levantou.

— Se isso é uma despedida, então guarde o seu dinheiro. Eu não quero.

Ezio sorriu.

— Claro que não é uma despedida, e eu sei que você quer. Você precisa, para concluir seu trabalho. Leve. Pense em mim como seu novo patrono, se quiser. Até encontrar um melhor.

Os dois se abraçaram.

— Vamos nos ver novamente — disse Ezio. — Você tem a minha palavra. *Buona fortuna*, velho amigo.

O que a Maçã previu não poderia ser impedido, pois ela mostrou o futuro como deveria acontecer e nenhum homem ou nenhuma mulher pode alterar o futuro.

Ao se aproximar do Castel Sant'Angelo, Ezio viu os guardas papais, usando o símbolo de Júlio II, correndo para fora da fortaleza ancestral e se separando em bandos organizados, tanto na direção do rio quanto para as ruas próximas. Sinos e trombetas soaram o alarme. Ezio sabia o que havia acontecido, mesmo antes de um dos capitães lhe contar.

— Cesare escapou!

— Quando?

— Durante a troca de guarda. Há meia hora. — Meia hora! Exatamente quando a Maçã mostrou o que aconteceria!

— Você sabe me dizer como?

— A não ser que ele consiga atravessar paredes, eu não tenho ideia. Mas

parece que ele tinha algum amigo lá dentro.

— Quem? Lucrécia?

— Não. Ela não saiu de seus aposentos desde que a confusão começou. O papa a colocou em prisão domiciliar desde que assumiu o poder. Prendemos dois guardas que trabalhavam para os Bórgia. Um deles é um ex-ferreiro. Ele pode ter conseguido enfraquecer a tranca, mas como não há nenhum sinal de arrombamento, provavelmente usaram a chave. Isto é, se forem culpados.

— Lucrécia está dando muito trabalho?

— Por incrível que pareça, não. Ela parece ter... aceitado o próprio destino.

— Não confie nela! Aconteça o que acontecer, não acredite na sensação de segurança falsa que ela passa. Ela é mais perigosa quando está quieta.

— Ela está sendo vigiada por mercenários suíços. Eles são duros como pedra.

— Ótimo.

Ezio pensou bastante. Se Cesare ainda tinha amigos em Roma, e parecia claro que os tinha, eles o tirariam da cidade o mais rápido possível. Mas os portões já estavam fechados, como ele viu no caminho, e Cesare, sem possuir a Maçã e sem treinamento nas técnicas dos Assassinos, não teria chance de escapar do cerco criado em toda a Roma.

Só restava uma possibilidade.

O rio!

O Tibre entrava em Roma pelo norte e saía pelo oeste, escoando direto para o mar alguns quilômetros depois, em Óstia. Ezio se lembrou dos comerciantes de escravos que ele havia matado: trabalhavam para Cesare. Provavelmente não eram os únicos! Basta colocá-lo em um barco ou em um pequeno navio marítimo, disfarçado de marinheiro ou apenas escondê-lo no compartimento de carga. Não demoraria muito para que um barco à vela ou a remo, seguindo a maré, chegasse ao mar Tirreno. De lá, iria para onde os planos de Cesare os levassem. Ele precisava ser capturado antes disso!

Ezio disparou pela rota mais rápida até as docas da cidade, perto do Castel. O cais era uma mistura de todos os tipos e tamanhos de navios e barcos. Era como procurar uma agulha no palheiro. Meia hora. Ele mal teria tido tempo de partir, e a maré ainda estava começando a subir.

Encontrando um canto isolado, agachou-se e, dessa vez sem hesitar, sacou a Maçã. Não havia um plano onde projetar as imagens, mas ele sentiu que se confiasse, ela encontraria uma maneira de se comunicar. Segurou-a bem perto de si enquanto tentava e fechou os olhos, desejando uma resposta.

Ela não brilhou, mas ele a sentiu ficando mais quente e começando a pulsar. E enquanto pulsava, um som estranho começou a emanar dela, ou seria de sua cabeça? Então, uma voz feminina, estranhamente familiar, parecendo muito distante, disse baixinho, mas com clareza:

— A pequena caravela com velas vermelhas no píer seis.

Ezio percorreu o cais correndo. Demorou um pouco, abrindo caminho por entre os muitos marinheiros, para localizar o píer seis. Ao encontrá-lo, viu o pequeno barco descrito pela Maçã zarpando. Ele também era estranhamente familiar. O convés estava abarrotado de caixas e sacas, em pilhas grandes o suficiente para esconder um homem. No convés, Ezio reconheceu um dos marinheiros, aquele que ele havia deixado semimorto após o assassinato de *madonna* Solari. O homem mancava severamente. Foi até uma das caixas e, com a ajuda de um companheiro, mudou-a de posição. Ezio percebeu que a caixa tinha furos dos dois lados. Ele se escondeu ao lado de um barco a remo que estava sobre o cais sendo pintado, enquanto o marinheiro checava o píer para se certificar de que não havia perseguidores.

Por um momento, ele observou, impotente, enquanto a pequena embarcação partia pelo rio, erguendo uma das velas. Mesmo a cavalo, ele não poderia seguir o barco pela margem, pois o caminho era bloqueado por casas que ficavam à beira d’água. Precisava obter um barco para si.

Ezio correu de volta pelo cais. A tripulação de uma chalupa havia acabado de descarregá-la. Ele se aproximou dos marinheiros.

— Eu preciso alugar o seu barco — disse com urgência.

— Mas nós acabamos de aportar.

— Eu pago muito bem. — Colocou a mão no bolso e mostrou um punhado de ducados.

— Precisamos levar a carga pra inspeção primeiro — argumentou um dos tripulantes.

— Aonde você quer ir? — perguntou o outro

— Preciso descer o rio. E precisa ser agora.

— Cuide da carga — ordenou um terceiro homem que se aproximou. — Eu levarei o *signore*. Jacopo, você vem comigo. Nós dois podemos velejar sozinhos.

Ezio se virou para agradecer ao homem e o reconheceu, chocado. Era Claudio, o jovem ladrão que ele salvara dos guardas dos Bórgia.

Claudio sorriu para ele.

— Um pequeno gesto para agradecer-lhe por ter salvado a minha vida, *messere*. E pode guardar seu dinheiro.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu não nasci para ser ladrão — respondeu ele. — La Volpe percebeu isso. Eu sempre fui um bom marinheiro, portanto ele me emprestou algum dinheiro para comprar um barco. Eu sou o capitão. Faço bons negócios daqui até Óstia.

— Precisamos correr. Cesare Bórgia escapou!

Claudio se virou e começou a gritar ordens a seu ajudante. Jacopo saltou para dentro do navio e começou a preparar as velas. Depois que ele e Ezio embarcaram, o resto da tripulação empurrou o barco para zarpar.

A chalupa, sem carga, parecia extremamente leve na água. Ao chegarem ao meio do rio, Claudio abriu as velas ao máximo. Logo, a caravela, mais pesada, deixou de ser só um pontinho no horizonte.

— É aquela que nós estamos perseguindo? — perguntou Claudio.

— Sim, graças a Deus — respondeu.

— É melhor você se esconder. Somos bem conhecidos neste trecho, mas se o virem, saberão que há algo errado. Eu conheço aquele barco. É de um grupo esquisito, que nunca socializa.

— Você sabe quantos tripulantes são?

— Normalmente cinco. Talvez menos. Mas não se preocupe. Eu não me esqueci do que La Volpe me ensinou. Ainda é útil às vezes. E o Jacopo sabe muito bem como usar um porrete.

Ezio se escondeu atrás da amurada, levantando a cabeça de vez em quando para verificar a distância entre eles e seu objetivo.

Mas a caravela era uma embarcação mais rápida do que uma chalupa, e Óstia estava visível antes que Claudio pudesse emparelhar. Ele saudou a caravela ousadamente.

— Vocês parecem bem carregados hoje — gritou ele. — O que têm a bordo? Lingotes de ouro?

— Não interessa! — respondeu o capitão rudemente, ao lado do leme. — E se afaste. Você está atrapalhando a minha navegação.

— Desculpe, marujo! — disse Claudio, enquanto Jacopo encostava com a chalupa na lateral da caravela. Ele se virou para Ezio e disse: — Agora!

Ezio saltou de seu esconderijo pela fenda entre os dois barcos. Ao reconhecê-lo, o marinheiro coxo soltou um grito e tentou acertá-lo com um gancho, mas Ezio prendeu a arma com a braçadeira e puxou-o para perto, encravando a lâmina oculta em sua barriga. Enquanto ele estava ocupado lutando, não viu outro marinheiro se aproximando por trás dele, brandindo uma cimitarra. Ele se virou, alarmado, mas sem tempo de escapar do golpe, quando um tiro acertou as costas do atacante, que largou a arma e caiu morto.

— Cuidado! — gritou Jacopo, que estava mantendo a chalupa ao lado da caravela enquanto o capitão dela tentava se afastar. Um terceiro homem havia saído do porão e estava com um pé de cabra tentando abrir a caixa perfurada, e um quarto homem estava agachado ao lado dele, dando cobertura com uma pistola de tambor. Nenhum marinheiro comum teria acesso a uma arma daquelas, pensou Ezio, lembrando-se da batalha contra os comerciantes de escravos. Claudio saltou para o convés da caravela e se jogou em cima do homem com o pé de cabra, enquanto Ezio correu na direção do outro homem, usando sua lâmina oculta para cortar fora a mão que segurava a arma. Ela disparou inofensivamente contra o chão e o homem fugiu, tentando conter o sangramento.

O capitão, vendo seus homens fugirem, sacou a própria pistola e disparou contra Ezio, mas a caravela balançou com a corrente no momento crucial e o tiro se perdeu. Ainda assim, pegou de raspão na orelha de Ezio. Balançando a cabeça com o susto, ele levantou a pistola e atirou na cabeça do capitão.

— Rápido! — disse ele a Claudio. — Pegue o leme deste barco e eu cuido do nosso amigo aqui.

Claudio assentiu e correu para controlar a caravela. Sentindo o sangue escorrer, Ezio torceu o pulso do marinheiro, fazendo-o soltar o pé de cabra. Depois, deu uma joelhada entre as pernas do homem, fazendo-o curvar-se de dor.

Então arrastou o homem até a amurada e arremessou-o para fora do navio.

No silêncio que se seguiu à luta, gritos furiosos e confusos puderam ser ouvidos vindos de dentro da caixa.

— Eu vou matar você por isso. Vou enfiar minha espada na sua barriga e lhe dar mais de dor do que você sonhou ser possível.

— Espero que esteja confortável, Cesare — disse Ezio. — Mas se não estiver, não se preocupe. Quando chegarmos a Óstia, arrumaremos um lugar mais confortável para a sua viagem de volta.

— Mas que droga! — gritou Jacopo da chalupa. — Eu não usei meu porrete nem uma vez.

PARTE II

Nada é verdade. Tudo é permitido.

— Dogma Sicarii, I, i.

49

Era o final da primavera do ano 1504 de Nosso Senhor. O papa abriu uma carta trazida por um mensageiro, leu-a muito rápido e socou a mesa com violência, triunfante. A outra mão levantava firmemente a carta com seu selo pesado.

— Deus abençoe o rei Fernando e a rainha Isabel de Aragão e Castela! — gritou ele.

— Boas notícias, Vossa Santidade? — perguntou Ezio, que estava sentado em uma cadeira, à sua frente.

Júlio II sorriu sombriamente.

— Sim! Cesare Bórgia foi entregue em segurança a uma das mais bem-guardadas e mais remotas *rocca*!

— Onde?

— Hum, essa informação é sigilosa, até para você. Não posso correr riscos com Cesare.

Ezio mordeu os lábios. Teria Júlio adivinhado o que ele faria se soubesse a localização?

Júlio continuou, de modo tranquilizador.

— Não fique chateado, meu caro Ezio. Eu posso lhe dizer o seguinte: é uma fortaleza enorme, perdida nas planícies do norte da Espanha, impenetrável.

Ezio sabia que Júlio tinha razões para não querer Cesare queimado na fogueira. Não queria transformá-lo em um mártir. E ele concordou que essa era a

segunda melhor opção. Mas ainda assim, as palavras de Cesare o assombravam. Correntes nunca me prenderão. No fundo, Ezio sentia que a única coisa que poderia prender Cesare definitivamente era a morte. Mas ele sorriu, congratulando o papa.

— Eles o jogaram em uma cela no topo da fortaleza central, a mais de 40 metros de altura — continuou Júlio. — Não temos mais que nos preocupar com ele. — O papa olhou Ezio com sagacidade. — E o que eu lhe contei também é confidencial, portanto, não vá criando ideias. Basta uma palavra minha para mudarem ele de lugar, caso eu fique sabendo de alguém indo procurá-lo.

Ezio deixou a ideia de lado e mudou de assunto.

— E quanto a Lucrécia? Alguma notícia de Ferrara?

— Bem, o terceiro casamento parece estar lhe fazendo bem. Devo admitir que estava receoso a princípio. A família d'Este é um bando de esnobes e eu pensei que o velho duque nunca a fosse aceitar como esposa de seu filho. Casar-se com uma Bórgia! Está muito abaixo deles! Para eles, é como casar com uma serviçal! — O papa riu freneticamente. — Mas Lucrécia se aprumou. Não ouvi nem um pio sobre ela. Apenas alguns poemas em cartas de amor trocadas com seu antigo amigo, Pietro Bembo, todas muito sinceras, é claro. — Júlio deu uma piscadela. — Mas tem sido basicamente uma boa esposa fiel ao duque Alfonso. Inclusive, vai à igreja e faz bordado. É claro, a volta dela para Roma está fora de questão, para sempre! Ela terminará seus dias em Ferrara, e deve agradecer por ter escapado com a cabeça. Portanto, eu acho que é seguro afirmar que tiramos essa praga de catalães pervertidos de nosso caminho para sempre.

Ezio se perguntou se a rede de espionagem do Vaticano estaria tão bem informada sobre os Templários quanto estava sobre os Bórgia. Cesare fora seu líder e continuava a sê-lo, mesmo estando preso. Mas manteve seu silêncio.

A Itália parecia estar se reerguendo de tempos sombrios. Um papa forte, com o bom-senso de manter Agostino Chigi como banqueiro e manter os franceses afastados. O rei Luís não havia deixado a Itália, mas havia se retirado para o extremo norte e parecia satisfeito em se manter por lá. Além disso, o rei francês havia cedido Nápoles ao rei Fernando de Aragão.

— Assim espero, Vossa Santidade.

Júlio olhou para Ezio firmemente.

— Escute Ezio, eu não sou um tolo, portanto, não me considere um! Por que você acha que eu o nomeei meu conselheiro? Eu sei que ainda há grupos de partidários dos Bórgia espalhados pela periferia e até alguns mais resistentes ainda na cidade. Mas eu tenho outros inimigos além dos Bórgia para me preocupar hoje em dia.

— Os Bórgia ainda podem ser uma ameaça.

— Creio que não.

— E o que você está fazendo quanto a esses outros inimigos?

— Estou reformulando a Guarda Papal. Você já viu como os suíços são bons soldados? Os melhores mercenários que há! E desde que conseguiram independência do Sacro Império Romano e de Maximiliano há cinco ou seis anos, eles têm se oferecido para serem contratados. São totalmente leais e bem pouco emotivos, bem diferentes de alguns de nossos queridos compatriotas. Eu estou pensando em contratar uma brigada deles como meus guarda-costas pessoais. Vou armá-los com as alabardas e os equipamentos usuais, mas também vou encomendar mosquetes a Leonardo. — Ele fez uma pausa. — Só o que falta é um nome para eles. — Olhou para Ezio. — Alguma ideia?

— Que tal Guarda Suíça? — sugeriu Ezio, um pouco cansado.

O papa ponderou.

— Bem, não é exatamente original, Ezio. Eu preferiria Guarda Juliana, mas soaria um pouco egocêntrico. — Ele sorriu. — Tudo bem, usarei o nome que você propôs! Pelo menos por enquanto.

Foram interrompidos pelo som de martelos e outras ferramentas vindas de cima deles e de outras partes do Vaticano.

— Malditos operários! — comentou o papa. — Mas, infelizmente, precisa ser feito. — Ele cruzou a sala e puxou a corda de um sinete. — Pedirei que parem até termos terminado. Às vezes, eu acho que os operários são a força destrutiva mais poderosa criada pelo homem.

Um atendente chegou rapidamente após o chamado e o papa lhe deu a ordem. Minutos depois, em meio a reclamações abafadas, as ferramentas pararam.

— O que está sendo construído? — perguntou Ezio, sabendo que arquitetura era uma das grandes paixões do papa, além de táticas de guerra.

— Eu estou fechando todas as dependências e todos os escritórios dos Bórgia. São suntuosos demais. Combinam mais com Nero do que com o líder da Igreja. E também estão derrubando todas as construções no topo do Castel Sant'Angelo. Vou transformá-lo em um grande jardim. Talvez até construa uma pequena casa de veraneio lá.

— Parece uma boa ideia — disse Ezio, sorrindo. A casa de veraneio seria, sem dúvida, um verdadeiro templo de prazer, construído não para um rei, mas para encontros amorosos com os amantes dos papas, homens ou mulheres. Mas a vida privada do papa não importava para Ezio. O importante era que ele era um bom homem e um aliado confiável. E comparado a Rodrigo, as perversões dele certamente eram tão significativas quanto as de uma criança. Além disso, ele deu continuidade às reformas morais de Pio III, seu antecessor.

— Eu também estou reformando a Capela Sistina — prosseguiu o papa. — Ela é tão *sem graça*! Contratei aquele jovem brilhante de Florença, acho que o nome é Michelangelo, para pintar alguns afrescos no teto. Algumas cenas religiosas e coisas do tipo. Eu pensei em contratar Leonardo, mas a cabeça dele anda tão cheia de ideias que raramente consegue terminar uma pintura grande. Uma pena. Eu gostei muito do retrato que ele pintou da esposa de Francesco del Giocondo...

Júlio parou e olhou para Ezio.

— Mas você não está aqui para saber sobre meus interesses pela arte moderna.

— Não.

— Você tem certeza de que não está levando a ameaça do ressurgimento dos Bórgia muito a sério?

— Eu acho que o assunto precisa ser levado muito a sério.

— Veja bem, meus exércitos já reconquistaram a maior parte da região de Romagna. Não há mais exército para lutar ao lado dos Bórgia.

— Cesare ainda vive! Com ele à frente...

— Espero que você não esteja questionando minha decisão, Ezio! Você sabe as razões pelas quais poupei a vida dele. De qualquer modo, onde ele está agora, é como se estivesse enterrado vivo.

— Micheletto ainda está à solta.

— Ah! Sem Cesare, Micheletto não é nada.

— Micheletto conhece a Espanha muito bem.

— Ele não é preocupante, estou lhe dizendo.

— Ele conhece a Espanha. Nasceu em Valência. E é um sobrinho bastardo de Rodrigo!

O papa, que, apesar da idade, era um homem grande e vigoroso ainda com plena saúde, estava caminhando pela sala durante a última parte da conversa. Caminhou até sua mesa, colocou as mãos largas sobre ela e se inclinou ameaçadoramente sobre Ezio. Sua atitude foi convincente.

— Você está deixando seus medos tomarem conta de você — disse o papa. — Nós nem ao menos sabemos se Micheletto está vivo.

— Acho que devemos descobrir, de uma vez por todas.

O papa ponderou sobre o argumento de Ezio, relaxando um pouco e se sentando. Ele batia em seu anel de sinete com o dedo.

— O que você quer fazer? — perguntou seriamente. — Não espere recursos de minha parte. Meu orçamento já está mais do que apertado.

— O primeiro passo é localizar e exterminar qualquer um que seja leal a eles na cidade. Talvez encontremos alguém que tenha informações sobre Micheletto. Depois...

— Depois?

— Depois, se ele ainda estiver vivo...

— Você o destruirá?

— Sim.

A não ser que ele seja mais útil vivo, pensou Ezio.

Júlio se recostou.

— Estou impressionado com a sua determinação, Ezio. É quase assustadora. Fico feliz por não ser eu o inimigo dos Assassinos.

Ezio olhou seriamente para ele.

— Então você sabe sobre a Irmandade?

O papa cruzou os dedos.

— Eu sempre preciso saber quem são os inimigos dos meus inimigos. Mas seu segredo está seguro comigo. Como já lhe disse, eu não sou um tolo.

50

— Sua intuição está certa. Eu o guardarei e o protegerei, mas não lhe pertenço e, em breve, terá que me deixar. Não tenho poder sobre quem me controla. Devo sempre obedecer ao Mestre da Maçã.

Ezio, sozinho em seu quarto escondido, segurava a Maçã e tentava usá-la para encontrar seus inimigos em Roma quando a voz misteriosa surgiu novamente. Dessa vez, era difícil determinar se era feminina ou masculina, e ele não conseguia sequer identificar se estava vindo da Maçã ou de sua própria mente.

Sua intuição está certa. Além disso: *Eu não tenho poder sobre aquele que me controla.* Então por que a Maçã havia mostrado apenas imagens confusas de Micheletto, só o suficiente para que soubesse que o capanga de Cesare ainda estava vivo? E não podia, ou não queria, mostrar a localização de Cesare. Pelo menos, no momento.

Repentinamente, ele se deu conta de algo que sempre soubera em seu interior: ele não deveria abusar do poder do objeto, não deveria tornar-se dependente da Maçã. Ezio sabia que era sua própria vontade que embaçava as respostas. Ele não podia se tornar preguiçoso. Precisava correr atrás das respostas. Um dia ele precisaria voltar a fazê-lo, de qualquer forma.

Ele pensou em Leonardo. O que aquele homem seria capaz de criar, se tivesse a Maçã? E mesmo Leonardo, o melhor dos homens, havia inventado

armas extremamente destrutivas com a mesma facilidade com que criou pinturas sublimes. A Maçã teria o poder não só de ajudar a humanidade mas de corrompê-la também? Nas mãos de Rodrigo ou de Cesare, se um deles tivesse conseguido usá-la, teria se tornado com certeza um instrumento de destruição, não de salvação!

O poder é uma droga poderosa. Ezio não queria se tornar vítima dele.

Olhou novamente para a Maçã. Parecia inerte em suas mãos. Mas ao colocá-la de volta na caixa, descobriu que mal conseguia fechar a tampa. Quantos caminhos não poderiam se abrir para ele?!

Não, ele precisava enterrá-la. Aprender a viver pelo código sem ela. Mas ainda não!

Ele sempre soube, com sua intuição, que Micheletto estava vivo. Agora, ele tinha certeza. E enquanto ele vivesse, faria de tudo para libertar seu mestre, Cesare!

Ezio não havia contado todo seu plano ao papa Júlio. Ele pretendia procurar Cesare e matá-lo, ou morrer tentando.

Era o único jeito.

Mas só voltaria a usar a Maçã se fosse extremamente necessário. Precisava manter seus instintos e seu poder dedutivo afiados, para o dia em que a Maçã não estivesse mais em suas mãos. Ele caçaria aqueles que eram leais aos Bórgia em Roma sem usá-la. Somente se fosse incapaz, depois de três dias, iria usá-la de novo. Ele ainda possuía muitos aliados, as mulheres do Rosa in Fiore, os ladrões de La Volpe e seus companheiros Assassinos. Com a ajuda deles, como poderia falhar?

E ele sabia que a Maçã iria ajudá-lo, de alguma forma incompreendida, se ele respeitasse seu potencial. Talvez fosse este o segredo. Talvez ninguém fosse capaz de dominá-la completamente, exceto algum membro da raça dos antigos Adeptos, que deixaram este mundo nas mãos da humanidade, para evoluí-lo ou destruí-lo como bem decidissem.

Ele fechou a tampa e trancou a caixa.

Ezio marcou uma reunião da Irmandade na Ilha Tiberina aquela noite.

— Meus amigos — começou ele. — Eu sei o quão difícil tem sido a nossa

luta, e acredito que a vitória esteja bem próxima, mas ainda há trabalho a ser feito.

Todos se entreolharam surpresos, exceto Maquiavel.

— Mas Cesare está impotente! — gritou La Volpe. — E assim permanecerá!

— E nós temos um novo papa que sempre foi um inimigo dos Bórgia — acrescentou Claudia.

— E os franceses foram expulsos! — argumentou Bartolomeo. — A periferia da cidade está segura e Romagna está nas mãos do papa!

Ezio levantou a mão para que todos se calassem.

— Todos nós sabemos que uma vitória não é real até que seja absoluta.

— E Cesare pode estar impotente no momento, mas ainda está vivo — comentou Maquiavel em voz baixa. — E Micheletto...

— Exatamente! — disse Ezio. — E enquanto houver grupos de pessoas leais aos Bórgia, tanto aqui quanto nos estados papais, ainda haverá chance de se reerguerem.

— Você se preocupa demais, Ezio! Nós vencemos! — bradou Bartolomeo.

— Barto, você sabe muito bem que um grupo de cidades-estados em Romagna permanece leal a Cesare. E elas são fortificadas.

— Então eu vou lá e dou um jeito nelas!

— Elas vão se manter. Os exércitos de Caterina Sforza não são fortes o suficiente para atacar a partir de Forlì, mas eu mandei mensageiros pedindo a ela que as mantivesse sob vigilância. Eu tenho um trabalho mais importante para você. — *Oh, Deus,* pensou Ezio, *por que meu coração ainda acelera sempre que eu menciono o nome dela?*

— E qual é?

— Eu quero que você leve um grupo de mercenários a Óstia e vigie o porto de perto. Quero saber sobre quaisquer embarcações suspeitas chegando e, especialmente, partindo de lá. Eu quero mensageiros a cavalo prontos para me trazer notícias assim que algo de relevante acontecer.

Bartolomeo bufou.

— Trabalho de sentinela! Não é o tipo de trabalho que se dá a um homem de ação como eu!

— Você vai ter toda a ação que quiser na hora de atacar as cidades-estados

rebeldes que eu mencionei. Enquanto isso, elas vivem na esperança, aguardando um sinal. Deixe-as viverem assim. Pelo menos, ficam quietas. Nosso trabalho é acabar com essa esperança, para sempre! Aí então, mesmo que não sejam razoáveis, não farão metade da resistência que fariam hoje.

Maquiavel sorriu.

— Eu concordo com Ezio.

— Bem, tudo bem então. Já que você insiste — respondeu Bartolomeo, mal-humorado.

— Pantasilea vai gostar dos ares marítimos, depois de tudo pelo que passou.

Bartolomeo sorriu.

— Eu não tinha pensado nisso!

— Ótimo. — Ezio virou-se para a irmã. — Claudia, creio que a mudança no regime não tenha afetado muito os negócios do Rosa in Fiore, não é?

Claudia abriu um sorriso.

— É engraçado como até os príncipes da Igreja têm tanta dificuldade de manter o diabo que têm entre as pernas sob controle. Não importa quantos banhos frios eles tomem!

— Diga às suas meninas para ficarem com os ouvidos atentos. Júlio têm o Colégio de Cardeais sob suas rédeas, mas, ainda assim, há uma abundância de inimigos ambiciosos, alguns furiosos o bastante para acharem que podem libertar Cesare novamente e usá-lo como meio para seus próprios fins. E fique de olho também em Johann Burchard.

— Quem? O mestre de cerimônias de Rodrigo? Ele é inofensivo. Odiava ter de organizar todas aquelas orgias! Ele não era só um funcionário?

— Bom, de qualquer forma, qualquer coisa que ouvir, especialmente se tratando dos que são leais aos Bórgia ainda à solta pela cidade, me avise.

— Será mais fácil, agora que não temos mais guardas dos Bórgia no nosso encalço a cada minuto do dia.

Ezio sorriu vagamente.

— Eu gostaria de fazer mais uma pergunta. Eu tenho estado muito ocupado para fazer visitas, e isso me incomoda. Como está nossa mãe?

O rosto de Claudia mostrou preocupação.

— Ela está trabalhando como contadora, mas eu temo que esteja ficando

deprimida. Raramente sai de casa. Fala cada vez mais sobre nosso pai, sobre Federico e Petruccio.

Ezio ficou em silêncio por um momento, pensando na morte do pai, Giovanni, e dos irmãos.

— Eu passarei lá assim que puder. Diga a ela que eu a amo e peça desculpas pela minha ausência.

— Ela entende o trabalho que você precisa fazer. Sabe que você faz tudo não só por nós, mas por nossos companheiros que se foram.

— A destruição daqueles que os mataram será um monumento a eles — afirmou Ezio, com uma voz pesada.

— E quanto ao meu pessoal? — perguntou La Volpe.

— Gilberto, seu pessoal é muito importante para mim. Todos os meus recrutas continuam leais, mas eles estão vendo a vida voltar ao normal e a maioria sente saudades de casa e da vida que levavam antes de se juntarem a nós na luta contra os Bórgia. Eles são habilidosos, mas não fizeram o juramento à Irmandade como nós. Não posso esperar que carreguem o mesmo fardo que nós, que só será removido no momento da nossa morte.

— Eu entendo.

— Eu sei que os homens sob seu controle são crias da cidade. O ar do campo lhes trará uma mudança.

— O que você quer dizer? — perguntou La Volpe.

— Envie seus melhores homens para as vilas e cidades ao redor de Roma. Não precisarão ir além de Viterbo, Terni, L'Aquila, Avezzano e Nettuno. Eu duvido que haja mais alguma coisa relevante além dessas cidades. Não existem tantos que ainda são leais aos Bórgia por aí, e os que existirem estarão a uma curta distância de Roma.

— Será difícil encontrá-los.

— Faça o seu melhor. Você sabe muito bem como uma pequena força no lugar certo pode causar um estrago inimaginável.

— Enviarei meus melhores homens. Irão todos disfarçados de mascates.

— Informe-me de qualquer coisa, especialmente sobre Micheletto.

— Você acha mesmo que ele ainda está por aí? Será que não voltou para a Espanha ou, ao menos, para o Reino de Nápoles? Isto é, se não estiver morto.

— Tenho certeza de que ele ainda vive.

La Volpe deu de ombros.

— Isso é o suficiente para mim.

Depois que os outros partiram, Maquiavel se virou para Ezio e disse:

— E quanto a mim?

— Nós dois trabalharemos juntos.

— Me parece uma ótima ideia, mas antes de saber detalhes, gostaria de fazer uma pergunta.

— Então faça-a.

— Por que não usar a Maçã?

Ezio explicou tudo, da melhor maneira que pôde.

Quando terminou, Maquiavel olhou para ele, pegou um pequeno caderno de anotações preto e começou a escrever. Depois, se levantou, foi na direção de Ezio e lhe deu um abraço, algo muito incomum. Qualquer ato desse tipo vindo de Maquiavel era tão raro quanto uma galinha com dentes.

—Vamos aos negócios — falou ele.

— O meu plano é o seguinte — começou Ezio.

— Diga-me.

— Há mulheres nesta cidade que podem nos ajudar. Precisamos procurá-las e falar com elas.

— Bem, eu sou o homem certo para o serviço. Sou um diplomata.

Chegar à primeira mulher nos planos de Ezio era relativamente simples. O papa Júlio havia ajudado. Mas fazê-la falar era bem mais complicado.

Ela os recebeu em um suntuoso salão no andar nobre de sua imensa casa, com janelas nas quatro paredes fornecendo vista para a cidade que um dia fora grandiosa. Hoje em dia, era parte ruínas e parte magnífica, pois os últimos papas investiram muito dinheiro em seu crescimento.

— Eu não sei em que posso ajudá-los — disse ela, após ouvi-los. Mas Ezio percebeu que ela evitava olhá-los nos olhos.

— Se ainda há grupos de pessoas leais aos Bórgia na cidade, precisamos saber, *altezza*, e precisamos de sua ajuda — respondeu Maquiavel. — Se descobrirmos no futuro que você nos escondeu informações...

— Não ouse me ameaçar, rapaz! — rebateu Vannozza. — *Dio mio*, vocês têm ideia de quanto tempo faz desde que Rodrigo e eu fomos amantes? Muito mais de vinte anos!

— E quanto a seus filhos? — perguntou Ezio.

Ela sorriu, sem graça.

— Espero que vocês estejam se perguntando como uma mulher como eu produziu filhos como aqueles. Pois fique sabendo que há muito pouco sangue Cattanei neles. Bem, em Lucrécia talvez haja algum, mas em Cesare... — Ela parou de falar e Ezio viu a dor em seus olhos.

— Você sabe onde ele está?

— Eu não sei mais do que vocês. E não me importo. Faz anos que não o vejo, apesar de vivermos na mesma cidade. Para mim, é como se ele estivesse morto.

Claramente o papa estava sendo bem cuidadoso ao manter a localização de Cesare em segredo.

— Talvez sua filha saiba?

— Se eu não sei, por que ela saberia? Está vivendo em Ferrara. Pode ir até lá e perguntar pessoalmente, mas a cidade fica longe, ao norte, e Sua Santidade a proibiu de voltar a Roma para sempre.

— Você tem encontrado com ela?

Vannozza suspirou.

— Como eu disse, Ferrara fica muito longe. Eu não posso viajar muito hoje em dia.

Ela olhou pela sala, para os servos que estavam próximos à porta e, eventualmente, para o relógio d’água. Não ofereceu nada aos convidados e parecia ansiosa para ir embora. Cruzava as mãos constantemente. Parecia uma mulher infeliz, muito inquieta, mas era difícil dizer se era por estar escondendo alguma coisa ou por ser obrigada a falar sobre pessoas que ela preferia esquecer.

— Eu tenho... Na verdade, *tinha* oito netos — contou ela inesperadamente.

Ezio e Maquiavel sabiam que Lucrécia tivera muitos filhos com seus muitos maridos, mas poucos sobreviveram à infância. Dizia-se que Lucrécia não levava a gravidez muito a sério e, de fato, ela tinha o hábito de frequentar festas e dançar até praticamente o momento do parto. Será que isso teria separado ela de

sua mãe? Cesare tinha uma filha, Louise, de 4 anos.

— Você ainda vê algum deles? — perguntou Maquiavel.

— Não. Louise ainda está em Roma, eu acho. Mas a mãe dela fez questão de que ela fosse mais francesa do que italiana.

Ela se levantou e os servos, como se esperassem a deixa, abriram as portas ornamentadas.

— Gostaria de poder ajudar mais...

— Agradecemos pelo seu tempo — respondeu Maquiavel, secamente.

— Há outras pessoas com as quais talvez queiram falar — disse Vannozza.

— Pretendemos visitar a *princesse* d'Albret.

Vannozza apertou os lábios.

— *Buona fortuna* — disse ela, sem muita convicção. — É melhor se apressarem. Ouvi dizer que ela está se preparando para partir para a França. Talvez, se eu tiver sorte, ela passe aqui para dizer adeus.

Ezio e Maquiavel se levantaram também e se despediram dela.

Ao chegarem do lado de fora, Maquiavel disse:

— Eu acho que precisamos usar a Maçã, Ezio.

— Ainda não.

— Bom, faça como quiser, mas eu acho que é tolice. Vamos visitar a princesa. Por sorte, nós sabemos falar francês.

— Charlotte d'Albret não partirá para a França hoje. Meus homens estão vigiando o palácio dela. Precisamos visitar outra pessoa antes. Fico surpreso que Vannozza não a tenha mencionado.

— Quem?

— Giulia Farnese.

— Ela não está vivendo em Carbognano?

— Meus espiões me informaram de que ela está na cidade. Precisamos tirar vantagem disso.

— E por que você acha que ela vai nos dar mais informações do que Vannozza?

Ezio sorriu.

— Giulia foi a última amante de Rodrigo. Ele era apaixonado por ela!

— Eu lembro quando os franceses a capturaram. Ele ficou possesso. E os idiotas franceses cobraram três mil ducados como resgate. Ele teria pagado vinte vezes mais para recuperá-la. E provavelmente teria feito qualquer acordo que quisessem. Bom, eu acho que é isso que acontece quando se arruma uma amante mais de quarenta anos mais nova do que você. Ela o deixa enlouquecido.

— Isso não o impediu de largá-la quando ela fez 25 anos.

— É, ficou velha demais para ele. Vamos, temos de nos apressar.

Eles foram para o norte, por ruelas estreitas, em direção a Quirinale.

Pelo caminho, Maquiavel reparou que Ezio foi ficando cada vez mais inquieto.

— Qual é o problema? — perguntou.

— Você não percebeu nada?

— O quê?

— Não olhe em volta! — Ezio estava tenso.

— Não.

— Acho que estamos sendo seguidos por uma mulher.

— Desde quando?

— Desde que saímos do *palazzo* de Vannozza.

— Uma das servas dela?

— Talvez.

— Sozinha?

— Acho que sim.

— Então é melhor despistarmos ela.

Por mais apressados que estivessem, eles diminuíram o passo, olhando o reflexo nas janelas de lojas e parando em uma barraca de vinho. Lá, enquanto bebia um caneco de vinho, Ezio conseguiu olhar bem para a mulher que os seguia — alta, loira e atlética, usando um vestido verde, belo porém discreto, feito de um material bem leve. Ela poderia correr rapidamente se fosse necessário.

— Já a vi — disse ele.

Os dois analisaram a parede da casa contra a qual a barraca se apoiava. Era uma construção nova com estilo rústico, paredes de pedras grandes com rejuntes largos entre elas. Alguns anéis de aço para amarração de cavalo haviam sido

cravados na parede.

Era perfeita.

Eles caminharam para a parte de trás da barraca, mas não havia saída.

— Temos de ser rápidos — disse Maquiavel.

— Preste atenção — respondeu Ezio, que colocou o caneco em uma mesa perto da entrada. Alguns segundos depois, ele já havia escalado a metade da parede, com Maquiavel o seguindo. Os passantes se assustaram ao ver os dois homens logo desaparecerem pelos telhados, saltando entre os prédios e cruzando as ruas rapidamente. Algumas telhas voavam, quebrando-se contra o chão e quase atingindo vários pedestres.

Mesmo que fosse fisicamente capaz, a mulher não conseguiria escalar paredes verticais de vestido, não importa o quão leve e conveniente ele fosse. Então, Ezio reparou que o vestido dela tinha um corte cuidadosamente escondido na lateral da perna, permitindo que ela corresse. A mulher disparou pelas ruas atrás deles, empurrando todos que passassem pela frente dela. Quem quer que fosse ela, era muito bem treinada.

Mas, por fim, conseguiram despistá-la. Ofegantes, fizeram uma parada no telhado de San Niccolò de Portiis e se deitaram, observando discretamente as ruas abaixo. Nenhum dos cidadãos na rua parecia suspeito, apesar dos dois ladrões de La Volpe que Ezio reconheceu, trabalhando nas ruas e batendo carteiras. Provavelmente não haviam sido escolhidos para ir às cidades satélites, mas ele teria de perguntar a Gilberto mais tarde.

— Vamos descer — sugeriu Maquiavel.

— Não, é melhor ficarmos aqui em cima, já que estamos próximos.

— Ela pareceu nos seguir com facilidade. Por sorte, achamos um telhado com um parapeito alto onde pudemos mudar de direção sem sermos vistos.

Ezio concordou. Quem quer que fosse, estaria entregando seu relatório agora. Ele desejou que ela estivesse do lado deles. Do jeito que as coisas estavam, precisavam chegar ao grande apartamento onde Giulia morava em Roma rapidamente, e depois sair do distrito de Quirinale. Talvez fosse uma boa ideia pedir que dois de seus recrutas vigiassem a retaguarda deles em empreitadas futuras. Quem era leal aos Bórgia estava agindo discretamente sob o regime do novo papa, mas somente para dar às autoridades uma falsa sensação de

segurança.

O primeiro marido de Giulia, Orsino Orsini, ficou feliz em fazer vista grossa para o romance entre sua jovem esposa de 19 anos com Rodrigo Bórgia. Ela teve uma filha, Laura, mas ninguém sabia ao certo se era filha de Orsino ou de Rodrigo. Apesar de ser valenciano de nascimento, Rodrigo ascendeu entre os cargos da Igreja até se tornar o tesoureiro, e mostrou toda sua gratidão à sua deliciosa jovem amante dando-lhe uma nova casa — que ela foi obrigada a largar — convenientemente próxima ao Vaticano e tornando seu irmão, Alessandro, um cardeal. Os outros cardeais o chamavam de “Cardeal das Saias” pelas costas, obviamente nunca na presença de Rodrigo. Giulia era chamada de “Noiva de Cristo”.

Ezio e Maquiavel desceram na praça em frente à casa dela. Dois guardas papais estavam por perto. Além deles, a quadra estava deserta. As túnicas dos guardas levavam o brasão da família Della Rovere: um grande carvalho, agora com a tripla tiara e as chaves de São Pedro por cima. Mas Ezio reconheceu os homens. Seis meses antes, eles usaram o uniforme dos Bórgia. Agora, os tempos eram outros. Eles o saudaram. E ele os respondeu.

— Malditos — comentou Maquiavel em voz baixa.

— Um homem precisa trabalhar — respondeu Ezio. — Fico surpreso que logo você se sinta ofendido com isso.

— Vamos em frente!

Eles chegaram sem avisar e tiveram algum trabalho para convencer os atendentes farneses, com capas decoradas com flores-de-lis, a deixá-los entrar. Mas Ezio sabia que a *signora* Farnese estava em casa. Ela os recebeu em uma sala que tinha a metade do tamanho, mas era muito mais bem decorada do que a de Vannozza. Aos 30 anos, ela havia mantido sua beleza, juventude e inteligência, virtudes pelas quais era famosa. Apesar de serem visitas inesperadas, ela mandou que seus servos lhes servissem *Moscato*, *panpepati* e *mielati* imediatamente.

Mas ela não sabia de nada e ficou claro que estava limpa da mácula dos Bórgia, apesar de sua proximidade pregressa com a família execrável (como Maquiavel se referia a eles). Maquiavel percebeu que ela havia seguido em frente com a vida, e quando ele e Ezio a questionaram sobre sua amizade com

Lucrécia, a única resposta que obtiveram foi:

— Eu só conheci o lado bom dela. Acho que ela acabou sendo corrompida pelos modos do pai e do irmão. Agradeço a Deus por ela ter se livrado deles. — Fez uma pausa. — Se ao menos tivesse conhecido Pietro Bembo antes. Eles eram almas gêmeas. Talvez ele a tivesse levado para Veneza e a salvado desse lado negro.

— Você ainda tem contato com ela?

— Infelizmente Ferrara é muito longe e eu estou muito atarefada cuidando de Carbognano. Mesmo as amizades morrem, Ezio Auditore.

Uma imagem de Caterina Sforza surgiu na mente dele antes que pudesse impedir. Por Deus, como ela ainda dominava seu coração!

Já era o fim da tarde quando eles saíram. Ficaram atentos para o caso de alguém os seguir, mas não viram ninguém.

— Precisamos usar a Maçã — insistiu Maquiavel.

— Ainda é o primeiro de três dias. Precisamos aprender a confiar em nós mesmos e em nossa própria inteligência, não naquilo que nos foi confiado provisoriamente.

— Mas a questão é urgente.

— Mais uma visita hoje, Nicolau. Depois, veremos o que fazer.

A *princesse* d'Albret, *dâme* de Chalus, duquesa de Valência, não estava em casa, de acordo com os porteiros de sua opulenta *villa* no distrito de Pinciano. Mas Ezio e Maquiavel, impacientes e cansados, forçaram a entrada e encontraram Charlotte em seu *piano nobile*, ocupada embalando suas coisas. Grandes baús, cheios de roupas caras, livros e joias estavam espalhados pela sala meio vazia. Em um canto, a pequena Louise de 4 anos, única filha legítima de Cesare, brincava com uma boneca de madeira.

— Mas quanta petulância! — disse a mulher loira, com um olhar frio e cheio de ódio.

— Nós estamos seguindo ordens do papa — mentiu Ezio. — Aqui está o mandado. — Levantou um pedaço de pergaminho em branco com um selo suntuoso pendurado.

— Seus bastardos — xingou ela friamente. — Se pensam que eu sei onde

Cesare está aprisionado, são uns idiotas. Eu nunca mais quero vê-lo na vida, e rezo todos os dias que aquele *sang maudit* não tenha sido passado para minha filhinha inocente.

— Nós estamos procurando Micheletto — afirmou Maquiavel, inabalável.

— Aquele camponês catalão? Por que eu saberia dele?

— Seu marido lhe contou como pretendia fugir se fosse pego — sugeriu Maquiavel. — Ele confiava em você.

— Vocês acham mesmo? É claro que não! Talvez Cesare confidenciasse seus planos a uma de suas prostitutas. Talvez aquela que lhe passou a *malattia venerea*?

— Você contraiu...?

— Eu nunca mais o toquei, desde que as primeiras chagas apareceram. E ao menos ele teve a decência de se manter longe de mim e se enfiou na sarjeta com as prostitutas. Teve 11 bastardos com elas. Ao menos, eu estou limpa, assim como minha filha. E como podem ver, estou indo embora daqui. A França é um país muito melhor do que esse buraco infecto. Estou voltando para La Motte-Feuilly.

— Não vai para Navarra? — perguntou Maquiavel, astutamente.

— Eu já percebi que vocês estão tentando me enganar! — Ela virou seu rosto frio e pálido na direção dele. Ezio percebeu que a beleza dela era marcada (ou melhorada) por uma covinha no queixo. — Eu não escolho ir para aquela província simplesmente por que meu irmão se casou com a herdeira do trono e se tornou rei.

— O seu irmão continua fiel a Cesare? — perguntou Ezio.

— Duvido. Por que vocês não param de gastar o meu tempo e vão perguntar a ele?

— Navarra é muito longe.

— E é exatamente por isso que eu queria que você e seu amigo estivessem a caminho de lá! Já é tarde e eu tenho muito que fazer. Por favor, vão embora.

— Um dia perdido — comentou Maquiavel, enquanto eles caminhavam pelas ruas.

— Eu não acho. Nós sabemos que nenhuma das pessoas mais próximas a

Cesare pretende protegê-lo ou acolhê-lo. — Ezio fez uma pausa. — As mulheres mais importantes da vida dele o odeiam. Nem Giulia tinha mais tempo para pensar em Rodrigo.

Maquiavel fez uma careta.

— Imagine ter de trepar com um homem com idade para ser seu avô.

— Bem, ela não saiu exatamente mal da situação.

— Ainda não sabemos onde Cesare está. Use a Maçã!

— Não, ainda não. Precisamos caminhar com nossos próprios pés.

— Bem — suspirou Maquiavel. — Ao menos Deus nos deu boas mentes.

Nesse exato momento, um dos espiões de Maquiavel chegou correndo. Era um pequeno homem, careca, com olhos alertas e quase sem fôlego.

— Bruno? — disse Maquiavel, surpreso e preocupado.

— *Maestro* — ofegou o homem. — Graças a Deus eu o encontrei.

— O que houve?

— Aqueles malditos leais aos Bórgia! Eles mandaram alguém seguir você e o *maestro* Ezio...

— E?

— Como vocês conseguiram escapar, eles pegaram Claudia!

— Minha irmã? Por Deus! Como? — gritou Ezio.

Ela estava na praça em frente à Basílica de São Pedro, perto daquelas colunatas de madeira que o papa queria destruir.

— Fale logo!

— Eles a levaram! Ela estava organizando as garotas para se infiltrarem na...

— Para onde a levaram?

— Eles têm um esconderijo em Prati, a leste do Vaticano. Foi naquela direção que a levaram. — Bruno deu rapidamente os detalhes do local onde Claudia foi presa.

Ezio olhou para Maquiavel.

— Vamos! — disse ele.

— Pelo menos, descobrimos onde eles estão — disse Maquiavel, seco como sempre, enquanto os dois subiam para os telhados novamente.

Eles saltaram de telhado em telhado cruzando Roma até chegarem ao rio Tibre, onde cruzaram a ponte Della Rovere e dispararam em direção ao objetivo.

O local indicado por Bruno, o espião de Maquiavel, era uma *villa* em ruínas na parte norte do mercado do distrito Prati. Mas o reboco quebrado contrastava com uma porta de ferro nova em folha. As janelas tinham grades novas também, recém-pintadas.

Antes que Maquiavel pudesse impedi-lo, Ezio correu até a porta e bateu.

A pequena janela que havia nela se abriu e um par de olhos os identificou. Para a surpresa dos dois, a porta se abriu calmamente.

Eles entraram em um pátio sem grandes particularidades. Não havia ninguém lá. Quem quer que tivesse aberto a porta e a fechado firmemente depois, desapareceu. Havia portas dos três lados do pátio. A porta exatamente oposta à entrada estava aberta. Sobre ela, estava pendurada uma bandeira esfarrapada com o símbolo dos Bórgia.

— É uma armadilha — avisou Maquiavel. — Quais armas você tem?

Ezio estava com sua lâmina oculta, uma espada e uma adaga. Maquiavel estava com uma espada leve e um estilete.

— Entrem, cavalheiros. Vocês são muito bem-vindos — falou uma voz oculta, vindo de uma janela sobre a porta aberta. — Acho que temos uma troca a fazer.

— O papa já sabe onde vocês estão — respondeu Maquiavel gritando. — Estão todos perdidos. Entreguem-se! A causa à qual servem está morta!

Com uma risada, a voz respondeu.

— Está mesmo? Eu acho que não. Mas entrem, fiquem à vontade. Sabíamos que vocês cairiam na armadilha. Bruno está trabalhando para nós há um ano.

— Bruno?

— A traição é característica de família. Nosso querido Bruno não é uma exceção. Ele só queria um pouco mais de dinheiro do que estava recebendo de você. E valeu cada centavo. Conseguiu trazer Claudia até aqui, na esperança de encontrar com um dos cardeais ingleses que estão em cima do muro, como é tão típico dos ingleses. Ela queria levá-lo para o lado de vocês e arrancar alguma informação dele. Infelizmente, o cardeal Shakeshaft sofreu um terrível acidente, foi atropelado por uma carruagem e morreu na mesma hora. Mas sua irmã está viva, Ezio, e está ansiosa para encontrá-lo.

— Calma! — disse Maquiavel, olhando para Ezio.

O sangue dele fervia. Passou o dia inteiro procurando os tais homens leais aos Bórgia para, no fim, cair em uma armadilha deles.

Ele fechou os punhos com força.

— Onde está ela, *bastardi*? — gritou.

— Entrem.

Cautelosamente, os dois Assassinos se aproximaram da entrada escura.

Havia um salão mal iluminado, com um busto do papa Alexandre VI no centro, com seus traços brutos, o nariz empinado, o queixo fino e os lábios grossos. Uma obra perfeita. Não havia mais nada na sala, apenas mais três portas nas três paredes e, novamente, só a porta oposta à entrada estava aberta. Ezio e Maquiavel caminharam até lá e chegaram a outra sala escura. Havia uma mesa com vários instrumentos cirúrgicos alinhados, brilhando à luz de uma única vela em um tecido manchado. Ao lado, estava uma cadeira, onde Claudia estava sentada, seminua e amarrada, com as mãos no colo, o rosto e os seios feridos e com uma mordaça na boca.

Três homens saíram das sombras da parede dos fundos. Ezio e Maquiavel perceberam também que havia outros homens e mulheres atrás deles, dos dois lados. Os três que podiam ser vistos usavam o uniforme dos Bórgia.

Estavam todos fortemente armados.

Claudia olhou nos olhos de Ezio. Ela conseguiu liberar o dedo que levava a marca dos Assassinos o suficiente para mostrá-lo a ele. Apesar das torturas, ela não os entregou. Era uma verdadeira Assassina. Como pôde duvidar dela algum dia?

— Sabemos como você se sente quanto a sua família — falou o homem magro, de aproximadamente 50 anos, desconhecido de Ezio. Parecia ser o líder dos partidários dos Bórgia. — Você deixou seu pai e seus irmãos morrerem. Com a sua mãe, não precisamos nos preocupar. Ela já está morrendo. Mas ainda pode salvar a sua irmã. Se quiser. Ela já está ficando velha e ainda não tem filhos, então talvez você não se importe.

Ezio lutou para se controlar.

— O que vocês querem?

— Em troca? Eu quero que você saia de Roma. Por que não vai para Monteriggioni e tenta reconstruir o lugar? Vire fazendeiro. Deixe o jogo de

poder para aqueles que sabem jogar.

Ezio cuspiu no chão.

— Ah, não — disse o homem magro. Foi até Claudia, puxou-a pelo cabelo e, com uma pequena faca, cortou o seio esquerdo dela.

Claudia gritou de dor.

— Ela é uma mercadoria danificada no momento, mas eu tenho certeza de que irá se recuperar quando estiver sob seus cuidados.

— Eu vou pegá-la de volta. Depois, eu vou matar você bem devagar.

— Ezio Auditore! Eu lhe dei uma chance, mas você me ameaçou. E não está em posição de fazer ameaças. Se alguém vai morrer aqui hoje, será pelas minhas mãos. Esqueça Monteriggioni! Uma dama sofisticada como *madonna* Claudia deve odiar aquele lugar! Seu destino é ficar aqui e morrer nesta sala.

Os homens e mulheres saíram das sombras e puxaram as espadas.

— Eu falei que era uma armadilha — disse Maquiavel.

— Ao menos, encontramos os miseráveis — respondeu Ezio, enquanto eles olhavam nos olhos um do outro. — Tome — disse, entregando um punhado de dardos envenenados ao companheiro. — Faça-os funcionar!

— Você não me disse que estava preparado.

— Você não perguntou.

— Perguntei, sim.

— Ah, cale a boca.

Ezio agachou quando os partidários se aproximaram. O líder deles continuava com uma faca no pescoço de Claudia.

— Vamos lá!

Ao mesmo tempo, os dois sacaram as espadas. E com as mãos livres, arremessaram os dardos envenenados com precisão mortal.

Os partidários dos Bórgia tombaram dos dois lados enquanto Maquiavel se movia, cortando-os com sua espada e sua faca, atacando os homens que tentavam, em vão, superá-los pela quantidade.

Ezio tinha apenas um objetivo: matar o homem magro antes que ele cortasse a garganta de Claudia. Ele saltou à frente e agarrou o homem pela garganta. Mas seu adversário era escorregadio como uma enguia, e se soltou indo para o lado, sem largar sua vítima.

Em seguida, Ezio conseguiu levar o homem ao chão, forçando a faca do homem contra a garganta dele. A ponta tocava a veia jugular.

— Tenha piedade! — implorou o líder. — Eu servi a uma causa que acreditava ser justa!

— Quanta piedade você teria tido da minha irmã? — perguntou Ezio. — Seu lixo! Você morre agora.

Ele não precisou usar a lâmina oculta.

— Eu disse que você morreria lentamente — disse Ezio, levando a lâmina até os genitais do homem. — Mas eu serei piedoso. — Subiu novamente a faca e rasgou a garganta do homem. O sangue jorrou de sua boca.

— Bastardo! — falou ele, engasgando. — Você morrerá nas mãos de Micheletto.

— *Requiescat in pace* — disse Ezio, largando a cabeça do homem, embora tenha falado as palavras sem muita convicção.

Os outros homens leais aos Bórgia estavam mortos ou morrendo. Ezio e Maquiavel correram para desamarrar Claudia.

— Ela sofreu muito, mas ao menos os partidários mantiveram sua honra intacta.

— Ah, Ezio.

— Você está bem?

— Acho que sim.

— Venha, temos de sair daqui.

— Devagar.

— Claro, claro.

Ezio levantou a irmã nos braços e, seguido por um sombrio Maquiavel, foi para o lado de fora.

— Bem — comentou Maquiavel —, ao menos confirmamos que Micheletto está vivo.

51

— Nós encontramos Micheletto — disse La Volpe.

— Onde?

— Ele está escondido em Zagarolo, a leste daqui.

— Vamos atrás dele então.

— Não tão rápido. Ele tem contingentes das cidades de Romagna que ainda são leais a Cesare. Ele vai tentar resistir.

— Pois que tente!

— Precisamos nos organizar.

— Então vamos fazer isso agora!

Ezio, Maquiavel e La Volpe marcaram uma reunião na Ilha Tiberina na mesma noite. Bartolomeo ainda estava em Óstia, vigiando o porto, e Claudia estava se recuperando no Rosa in Fiore, recebendo cuidados da mãe. Mas havia ladrões suficientes para organizar uma força de cem homens. Não havia necessidade de mais *condottieri* para ajudá-los.

— Ele está acampado em uma antiga escola de gladiadores e tem mais ou menos 250 homens com ele.

— O que ele está planejando?

— Não faço ideia. Fugir, ir para o norte da França, quem sabe?

— Quaisquer que sejam os planos, vamos acabar com eles.

Pela manhã, Ezio já havia reunido uma força a fim de que cavalgassem até

Zagarolo, que não ficava muito longe. Cavalgaram e cercaram o acampamento de Micheletto ao amanhecer. Ezio estava com a besta em uma das mãos e a lâmina envenenada na outra. Não haveria rendição, mas ele queria pegar Micheletto vivo.

Os defensores resistiram bravamente, mas no fim as forças de Ezio foram vitoriosas e os partidários sob comando de Micheletto debandaram.

Entre os feridos, mortos e moribundos, estava Micheletto, de pé, orgulhoso até o fim.

— Você, Micheletto Corella, é nosso prisioneiro — disse Maquiavel. — Nunca mais infectará a nossa nação com seus esquemas sórdidos.

— Correntes não podem me prender, assim como não prenderão meu mestre.

Ele foi levado até Florença, e ficou preso na *Signoria*, na mesma cela onde o pai de Ezio passou as últimas horas. Lá, o governador da cidade, Piero Soderini, com seu amigo e conselheiro, Américo Vespúcio e Maquiavel, o interrogou e torturou. Mas não conseguiu extrair nenhuma informação útil e o deixou apodrecer. Seus dias como matador pareciam ter terminado.

Ezio, por sua vez, voltou a Roma.

— Eu sei que você é florentino de coração, Nicolau — falou a seu amigo enquanto se despediam. — Mas eu sentirei a sua falta.

— Eu também sou um Assassino — respondeu Maquiavel. — E minha lealdade é, acima de tudo, com a Irmandade. Basta avisar quando precisar de mim outra vez e eu virei ajudá-lo imediatamente. Além disso — continuou ele com um tom sombrio —, ainda não desisti de extrair alguma informação deste miserável.

— Que você tenha sorte — respondeu Ezio.

Mas ele não acreditava que Micheletto podia ser dobrado. Ele era um homem realmente maligno, tinha muita força de vontade.

52

— Ezio, você precisa tirar Micheletto da cabeça — afirmou Leonardo, enquanto os dois conversavam em seu antigo estúdio em Roma. — A cidade está em paz. O papa é forte. Ele dominou Romagna. É um soldado tanto quanto é um homem de Deus. Talvez, sob seu domínio, a Itália finalmente encontre a paz. E apesar da Espanha controlar o sul, Fernando e Isabel são nossos aliados.

Ezio sabia que Leonardo estava feliz com seu trabalho. O papa Júlio o contratou como engenheiro militar e ele estava lidando com uma infinidade de novos projetos. Apesar de lamentar por sua querida Milão, ainda dominada pelos franceses, em seus momentos mais depressivos ele falava em ir para Amboise, onde lhe foram oferecidas instalações com tudo o que precisasse. Sempre dizia que iria para lá quando terminasse as encomendas de Júlio.

E ao falar em Romagna, Ezio pensou em Caterina Sforza, que ainda era seu amor. Na carta que ele recebeu, ela disse que estava envolvida com outra pessoa, o embaixador florentino. Ezio sabia que a vida dela continuava complicada e que, apesar do apoio de Júlio, ela era desprezada pela própria população, por causa das crueldades cometidas na época da rebelião contra seu falecido e intratável segundo marido, Girolamo Feo. As cartas com a resposta dele eram furiosas no começo, mais tarde repreensivas e depois suplicantes. Mas ela nunca mais as respondeu. Ele sabia que ela apenas o usara e que nunca mais voltariam a se ver.

Assim eram as relações entre homens e mulheres. As que tinham sorte duravam. Mas frequentemente, quando terminavam, terminavam para sempre, e a intimidade profunda era substituída por um deserto.

Ele estava magoado e humilhado, mas não tinha tempo para lidar com tristeza. O trabalho de consolidar a Irmandade em Roma e, sobretudo, mantê-la sempre preparada, o mantinha ocupado.

— Eu acredito que enquanto Micheletto viver, ele fará todo o possível para escapar, libertar Cesare Bórgia e ajudá-lo a reconstruir suas forças.

Leonardo estava tendo seus próprios problemas com o namorado preguiçoso, Salai, e mal dava atenção ao velho amigo.

— Ninguém jamais escapou da prisão de Florença — respondeu ele. — Não daquelas celas.

— Por que não o executam?

— Eles ainda acham que podem extrair alguma informação do homem, mas eu, pessoalmente, duvido — comentou Leonardo. — De qualquer modo, os Bórgia estão acabados. Você pode descansar. Por que não leva sua irmã de volta para Monteriggioni?

— Ela se apegou a Roma e nunca mais se acostumaria a viver em uma cidade tão pequena. Além disso, a sede da Irmandade agora é aqui.

Essa era outra grande tristeza na vida de Ezio. Após adoecer, sua mãe, Maria, faleceu. Claudia, após ter sido raptada pelos partidários dos Bórgia, desistiu do Rosa in Fiore. Agora, o lugar era controlado pela própria rede de espiões de Júlio, usando outras garotas. La Volpe havia negociado com seu colega, Antonio, de Veneza, para mandar Rosa, agora já mais velha e imponente, mas não menos intensa do que quando Ezio a conheceu em La Serenissima, para Roma a fim de administrar o lugar.

E havia o problema da Maçã.

Tanta coisa havia mudado. Quando Ezio foi convocado para uma reunião com o papa, ele estava despreparado para o que ia ouvir.

— Eu estou curioso sobre esse aparelho que você tem — disse Júlio, indo direto ao ponto como sempre.

— O que quer dizer, Vossa Santidade?

O papa sorriu.

— Não minta para mim, meu querido Ezio. Eu tenho minhas fontes e elas me informaram que você possui um objeto ao qual chama de Maçã, que foi encontrado no subsolo da Capela Sistina há alguns anos. Parece ser algo muito poderoso.

O pensamento de Ezio voou, tentando descobrir como Júlio tinha descoberto. Será que Leonardo contara a ele? Leonardo poderia ser curiosamente inocente às vezes, e ele precisava muito de um novo patrono.

— Foi confiada a mim, de uma forma que seria difícil de explicar, por uma força de um mundo antigo para nos ajudar. E nos ajudou, realmente, mas temo pelo potencial dela. Não posso crer que as mãos dos homens estejam prontas para tal coisa, que é conhecida como Pedaço do Éden. Há outros pedaços, alguns perdidos para nós, e outros talvez escondidos.

— Parece muito útil. O que ele faz?

— Tem a habilidade de controlar os pensamentos e desejos dos homens. Mas não é só isso. Pode também revelar coisas jamais sonhadas.

Júlio ponderou isso.

— Soa como algo que poderia ser muito útil para mim. Muito útil mesmo. Mas também poderia ser usado contra mim nas mãos erradas.

— Os Bórgia estavam abusando do Pedaço de Éden para ganhar ascendência total. Felizmente, Leonardo, que recebeu o Pedaço deles para pesquisa, não lhes revelou os segredos mais perigosos.

O papa ficou mais algum tempo imerso em pensamentos.

— Então eu acho melhor deixarmos aos seus cuidados — decidiu, afinal. — Se o Pedaço lhe foi confiado por um poder tal como você descreve, seria precipitado tirá-lo de você. — Ele fez outra pausa. — Mas me parece que, no fim de tudo, quando você concluir que não terá mais utilidade para ele, você deveria escondê-lo em um lugar seguro e talvez, se você quiser, deixar algum tipo de pista para um sucessor valoroso, quem sabe até um dos seus descendentes, que talvez será o único capaz de entendê-lo, para que o Pedaço possa ter mais uma vez um uso real no mundo para as futuras gerações. Mas eu realmente acredito nisso, Ezio Auditore, e talvez eu realmente esteja sendo guiado por Deus, de modo que no nosso tempo ninguém além de você terá custódia do Pedaço do Éden. Talvez você tenha alguma qualidade única, algum

senso peculiar que lhe permite resistir a qualquer uso irresponsável do artefato.

Ezio se curvou e não disse nada, mas no coração ele reconheceu a sabedoria de Júlio e concordou com o julgamento dele.

— Aliás — disse Júlio. — Não gosto do namorado de Leonardo... qual era o nome dele? Salai? Ele me parece muito sorrateiro. Eu não confiaria no sujeito, e é uma pena que Leonardo o faça. Mas, fora essa única fraqueza, Leonardo é um gênio. Você sabia que ele está desenvolvendo um tipo de armadura leve e à prova de balas para mim? Não sei de onde ele tira as ideias dele.

Ezio pensou na braçadeira do códex que Leonardo tinha conseguido recriar e sorriu consigo mesmo. Bem, por que não? Mas agora Ezio pôde adivinhar a fonte que informou o papa sobre a Maçã, e sabia que Júlio o tinha revelado de propósito. Felizmente, Salai era mais um idiota do que um malandro perigoso, mas teria de ser vigiado e, se necessário, removido.

Afinal, Ezio sabia o que o apelido Salai queria dizer: Pequeno Satã.

53

Ezio voltou ao estúdio de Leonardo logo em seguida, mas não encontrou Salai em casa, e Leonardo estava bem envergonhado com o fato. Leo mandara Salai para o campo e não houve persuasão capaz de convencê-lo a revelar o lugar exato. Isso seria um problema a ser resolvido por La Volpe e sua Guilda dos Ladrões, mas estava claro que Leonardo tinha ficado constrangido. Talvez ele aprendesse a ficar de boca fechada diante do garoto no futuro, pois ele sabia que Ezio poderia causar problemas ao próprio Leonardo. Mas, felizmente, Leo ainda representava mais utilidade do que dificuldade, e também era um bom amigo, como Ezio deixou bem claro. Mas, se houvessem quaisquer outros vazamentos de informações confidenciais, bem, ninguém era indispensável.

Leonardo estava ansioso para compensar o erro, aparentemente.

— Andei pensando em Cesare — afirmou, com a empolgação de costume.

— É mesmo?

— De fato, fico muito feliz que você tenha vindo. Encontrei alguém que você deveria conhecer.

— Ele sabe onde Cesare está? — perguntou Ezio.

Se ele soubesse, pensou Ezio, Micheletto não seria mais importante. Se não soubesse, Ezio poderia até considerar a hipótese de permitir que Micheletto escapasse da prisão, pois Ezio conhecia bem a *Signoria*, e deixasse que o homem o levasse até o mestre. Um plano perigoso, Ezio sabia, mas não iria usar a

Maçã...

Porém, como último recurso, Ezio teria de usá-la novamente, mas isso o incomodava cada vez mais. Ele andava tendo sonhos estranhos, de países e construções e tecnologias que não poderiam existir... Então ele se lembrou da visão de um castelo, o castelo remoto em uma terra estrangeira. Aquele prédio pelo menos era reconhecível como sendo do próprio tempo de Ezio. Mas onde poderia estar?

Leonardo trouxe Ezio de volta do devaneio.

— Não sei se ele sabe onde Cesare está. Mas se chama Gaspar Torella, e era o médico pessoal de Cesare. Ele tem algumas ideias que eu considero interessantes. Vamos lá vê-lo?

— Qualquer pista é melhor do que nada.

O *dottore Torella* os recebeu em um consultório espaçoso em Appenine, em cujo telhado estavam penduradas ervas, mas também criaturas estranhas: morcegos secos, pequenos cadáveres de sapos dissecados e um pequeno crocodilo. Ele era murcho e mirrado, meio curvado nos ombros, mas era mais jovem do que parecia, com movimentos muito rápidos, quase como os de um lagarto e, detrás dos óculos, os olhos dele brilhavam. Era mais um expatriado espanhol, mas tinha reputação de ser brilhante, e o papa Júlio o tinha poupado. Afinal, tratava-se de um cientista sem interesse na política.

O assunto que o interessava, e do qual ele falava sem parar, era a Nova Doença.

— Vocês sabem, tanto meu antigo mestre quanto o pai dele, Rodrigo, a tiveram. É muito feia nos estágios finais, e eu acredito que ela afeta a mente e pode ter deixado sua marca nos cérebros tanto de Cesare quanto do antigo papa. Nenhum dos dois tinha senso de proporção, e pode ainda ser muito forte em Cesare, onde quer que o tenham colocado.

— Você tem alguma ideia do lugar?

— Eu diria que deve ser um lugar tão distante quanto possível, e de onde ele jamais poderia escapar.

Ezio suspirou. Isso certamente era óbvio.

— Eu batizei a nova doença de *morbus gallicus*, a doença francesa — continuou o doutor Torella, entusiasmado. — Até mesmo o papa atual a tem no

estágio inicial, e eu o estou tratando. Trata-se de uma epidemia, é claro. Achamos que veio com os marinheiros de Colombo e talvez os de Vespúcio também, quando voltaram do Novo Mundo.

— Então por que chamá-la de doença francesa? — indagou Leonardo.

— Bem, certamente não quero insultar os italianos, e os portugueses e espanhóis são nossos amigos. Mas a epidemia se iniciou dentre os soldados franceses em Nápoles. A doença começa com lesões nos genitais e pode deformar as mãos, as costas, o rosto e, de fato, toda a cabeça. Estou tratando com mercúrio, que deve ser bebido ou esfregado na pele, mas não acho que encontrei uma cura.

— Isso é certamente muito interessante — comentou Ezio. — Mas a doença vai matar Cesare?

— Eu não sei.

— Então eu ainda preciso encontrá-lo.

— Fascinante — acrescentou Leonardo, empolgado com mais uma nova descoberta.

— Estou trabalhando em mais uma coisa — continuou Torella — que eu acho ainda mais interessante.

— E o que seria? — perguntou o colega cientista.

— É o seguinte: acredito que as memórias das pessoas podem ser transmitidas, preservadas, de geração para geração pela linhagem sanguínea. Bem como algumas doenças. Gostaria de acreditar que encontraria uma cura para a minha *morbus gallicus*, mas acho que ela ficará conosco por séculos.

— E por que você diz isso? — inquiriu Ezio, estranhamente perturbado pelo comentário do homem sobre memórias sendo transmitidas ao longo dos anos.

— Por que eu acredito que a doença seja passada, no primeiro caso, pelo sexo. E todos morreríamos se tivéssemos de ficar sem ele.

Ezio ficou impaciente.

— Obrigado pela sua atenção — despediu-se ele.

— Não há de que — respondeu Torella. — E, aliás, se você realmente quiser encontrar meu ex-mestre, acho que seria uma boa ideia procurar na Espanha.

— Na Espanha? Por que na Espanha?

O doutor estendeu as mãos.

— Sou um espanhol, Cesare também é. Por que não mandá-lo para casa? É só um palpite, perdoe-me por não ser mais específico.

Ezio pensou que seria como procurar uma agulha em um palheiro... mas já seria um começo.

54

Ezio não mantinha mais a localização do alojamento em segredo. Mas apenas poucas pessoas sabiam onde ficava. Uma delas era Maquiavel.

Ezio foi acordado por ele às quatro da madrugada, com uma batida deliberada e urgente na porta.

— Nicolau, o que você está fazendo aqui? — Ezio estava alerta como um gato.

— Fui um idiota.

— O que aconteceu? Você estava trabalhando em Florença! Não pode ter voltado tão rápido. — Mas Ezio já sabia que alguma coisa grave tinha acontecido.

— Eu fui um idiota — repetiu Maquiavel.

— O que está acontecendo?

— Na minha arrogância, mantive Micheletto vivo — suspirou Maquiavel. — Em uma cela segura, para interrogá-lo.

— É melhor você me dizer o que está acontecendo!

— Ele escapou! Na véspera da execução!

— Da *Signoria*? Como?

— Por sobre o telhado. Partidários dos Bórgia escalaram até lá durante a noite e mataram os guardas. Eles baixaram uma corda. O padre que lhe deu a confissão era simpatizante dos Bórgia (e será queimado na fogueira esta noite) e

contrabandeou uma lima para dentro da cela. Micheletto então serrou uma única barra da janela. Ele é um sujeito grande, mas foi o bastante para se espremer e sair. Você sabe como ele é forte. Quando o alarme soou, já não estava mais em lugar algum da cidade.

— Então temos de buscá-lo e... — Ezio fez uma pausa, subitamente vendo uma vantagem mesmo nessa adversidade. — E quando nós o encontrarmos, veremos para onde ele correrá. Talvez ele ainda nos leve a Cesare. É insanamente leal, e sem o apoio de Cesare, o próprio poder dele é inútil.

— Pus a cavalaria leve para vasculhar o campo agora mesmo, tentando caçá-lo.

— Mas com certeza ainda restam grupos de partidários dos Bórgia, como aqueles que o resgataram, dispostos a abrigá-lo.

— Acredito que ele deve estar em Roma. Por isso vim para cá.

— Por que Roma?

— Nós fomos muito complacentes. Há partidários deles aqui também. Ele os usará para fugir para Óstia, e tentar tomar um navio por lá.

— Bartolomeo está em Óstia. Ele está farto, mas ninguém escapará dele e dos *condottieri* dele por lá. Vou mandar um cavaleiro para alertá-los.

— Mas aonde Micheletto irá?

— Aonde mais além de Valência, a cidade natal dele?

— Ezio, precisamos ter certeza. Temos de usar a Maçã agora, neste minuto, para tentar localizá-lo.

55

Ezio se virou e, no quarto do alojamento, fora da vista de Maquiavel, retirou a Maçã do lugar secreto, trazendo a caixa que a continha até a câmara principal. Cuidadosamente, o Assassino a retirou da caixa com mãos enluvadas e a colocou na mesa. Então Ezio se concentrou. A Maçã começou a brilhar, muito lentamente a princípio, e então a luz cresceu até a sala ficar preenchida com luz fria. Em seguida, imagens, inicialmente indistintas, tremeluziram na parede e se formaram em algo que a Maçã já mostrara antes a Ezio.

— É um estranho e remoto castelo em uma paisagem marrom e desértica, muito velho, com um antemuro externo imenso, quatro torres principais e um forte quadrado de aparência inexpugnável no centro — explicou a Maquiavel.

— Onde fica essa *rocca*? O que a Maçã está nos dizendo? — gritou Maquiavel da outra sala.

— Poderia ficar em qualquer lugar — comentou Ezio. — Pela paisagem, quem sabe a Síria?

— Ou — completou quando, com uma onda súbita de empolgação, ele se lembrou das palavras do doutor Torella. — A Espanha.

— Micheletto não pode estar na Espanha.

— Tenho certeza de que ele planeja fugir para lá!

— Mesmo assim, não sabemos onde fica esse lugar. Há muitos, muitos castelos na Espanha, e muitos parecidos com esse. Consulte a Maçã novamente.

Mas quando Ezio se concentrou outra vez, a imagem permaneceu idêntica: um sólido castelo no alto de uma colina, com uns bons 300 anos, cercado por uma cidadezinha. A imagem era quase monocromática. Todas as casas, a fortaleza e o campo ao redor eram uniformemente marrons. Havia apenas um ponto de cor, uma bandeira brilhante em um mastro no ponto mais alto do forte.

Ezio espremeu os olhos para vê-la.

Uma bandeira branca com um X vermelho espinhoso. Ezio ficou empolgado.

— O estandarte militar do rei Fernando e da rainha Isabel de Espanha!

— Sim — concordou Maquiavel. — Ótimo. Agora sabemos o país. Mas ainda não sabemos onde fica o castelo. Ou por que ele nos está sendo mostrado. Será que Michelleto está indo para lá? Pergunte novamente à Maçã.

Mas a visão se desfez, sendo substituída por uma cidade fortificada em uma colina, de cujo forte voava uma bandeira branca cruzada por correntes vermelhas, cujos elos estavam preenchidos de amarelo. Ezio reconheceu essa como sendo a bandeira de Navarra. E então uma terceira imagem, a última: um porto marítimo rico e imenso, com navios atracados em um mar reluzente e um exército se reunindo. Mas nenhuma pista quanto à localização exata desses lugares.

56

Tudo estava posicionado. Mensageiros cavalgavam diariamente entre os pontos onde a Irmandade tinha estabelecido bases. Bartolomeo estava começando a gostar de Óstia, e Pantasilea amava o lugar. Antonio de Magianis ainda mantinha tudo sob controle em Veneza. Claudia tinha retornado temporariamente a Florença para ficar com a velha amiga Paola, que capitaneava uma casa de prazer luxuosa na qual o Rosa in Fiore tinha sido baseado, e La Volpe e Rosa vigiavam Roma.

Chegara a hora de Maquiavel e Ezio partirem em uma caçada.

57

Leonardo estava relutante em levar Ezio e Maquiavel ao seu estúdio, mas acabou permitindo que entrassem.

— Leo, preciso da sua ajuda — afirmou Ezio, indo direto ao ponto.

— Vocês não estavam muito felizes comigo da última vez que nos vimos.

— Salai não deveria ter falado da Maçã para ninguém.

— Ele ficou bêbado em uma barraca de vinho e deixou escapar, para impressionar os outros. A maioria das pessoas em volta não sabia do que ele estava falando, mas havia um agente do papa Júlio por perto. Ele está muito arrependido.

— E onde ele está agora? — indagou Ezio.

Leonardo endireitou os ombros.

— Se você quiser minha ajuda, eu quero pagamento.

— Que tipo de pagamento?

— Quero que você o deixe em paz. Ele significa muito para mim. É jovem e, com o tempo, vai melhorar.

— Ele é um mísero rato de esgoto — vociferou Maquiavel.

— Vocês querem a minha ajuda ou não?

Ezio e Maquiavel se entreolharam.

— Muito bem, Leo, mas mantenha-o sob rédeas bem curtas ou, por Deus, eu juro que não teremos misericórdia da próxima vez.

— Certo. Agora, o que vocês querem que eu faça?

— Estamos tendo problemas com a Maçã. Ela parece não ser mais tão precisa quanto antes. Será que ela está com algum defeito mecânico? — indagou Maquiavel.

Leonardo acariciou a barba.

— Vocês estão com ela aqui?

Ezio mostrou a caixa.

— Aqui está.

Ele retirou a Maçã e a colocou cuidadosamente em cima da grande mesa de trabalho de Leonardo.

O cientista examinou o artefato com igual cuidado.

— Eu não sei bem o que esta coisa realmente é — admitiu, por fim. — É perigosa, é um mistério, e é muito, muito poderosa. Porém, apenas Ezio parece ser capaz de controlá-la completamente. Deus sabe, quando eu a tive em meu poder durante os velhos tempos de Cesare, eu tentei. Mas só obtive sucesso parcial. — Ele fez uma pausa. — Não, não acredito que a palavra “mecânico” possa descrever esta coisa. Se eu não fosse mais um cientista do que um artista, eu diria que o artefato tem uma mente própria.

Ezio se lembrou da voz que tinha vindo da Maçã. E se Leonardo estivesse inconscientemente dizendo a exata verdade?

— Micheletto está em fuga — anunciou Ezio com urgência. — Precisamos encontrá-lo, e rápido. Temos de recuperar a trilha dele antes que seja tarde demais.

— O que vocês acham que ele planeja fazer?

— Ezio me convenceu de que Micheletto decidiu ir à Espanha localizar e libertar o mestre dele, Cesare. Temos certeza quase absoluta. Então eles tentarão recuperar o poder. Vamos detê-los — afirmou Maquiavel.

— E quanto à Maçã?

— Ela nos mostra a imagem de um castelo em algum lugar da Espanha, só pode ser. Ele exibe a bandeira da Espanha, mas a Maçã não pode ou não quer nos mostrar o lugar exato. Vimos também a imagem de uma cidade com a bandeira de Navarra, além de um porto marítimo onde um exército se reúne para embarcar. Mas a Maçã não nos mostrou nada sobre Micheletto — contou Ezio.

— Bem — respondeu Leonardo. — Cesare não a estragou porque não existe ninguém inteligente o bastante, então ela deve... bem, como colocar isso? Deve ter *decidido* não ajudar.

— Mas por que a Maçã faria isso?

— Por que não perguntamos a ela?

Ezio se concentrou mais uma vez, e dessa vez uma música das mais divinas, doce e aguda, veio aos seus ouvidos.

— Vocês estão ouvindo? — indagou ele.

— Ouvindo o quê? — responderam os outros.

Em meio à música veio a voz que Ezio ouvira antes.

— Ezio Auditore, você fez muito bem. Mas eu já desempenhei meu papel na sua carreira, e agora chegou a hora de você me devolver. Leve-me à Câmara que você encontrará sob a colina Capitolina, e lá você me deixará para os futuros membros da sua Irmandade. Mas seja rápido! Você deve então cavalgar com urgência a Nápoles, onde Micheletto está embarcando para Valência. Tal fato é o meu último presente a você. Ezio, você já tem poder mais do que suficiente, e não precisará mais de mim. Mas eu ficarei oculta sob o solo até que futuras gerações tenham necessidade de mim. Então você precisa deixar um sinal para indicar o meu local de repouso. Adeus, Mentor da Irmandade! Adeus! Adeus!

A Maçã parou de brilhar e pareceu morta, como uma velha bola de couro.

Rapidamente Ezio contou aos amigos o que tinha ouvido.

— Nápoles? Por que Nápoles? — perguntou Leonardo.

— Porque fica em território espanhol, e não temos jurisdição por lá.

— E porque ele sabe, de alguma forma, que Bartolomeo está policiando Óstia — acrescentou Ezio. — Mas precisamos correr agora. Vamos!

O crepúsculo descia enquanto Maquiavel e Ezio levavam a Maçã em sua caixa pelas catacumbas sob o Coliseu. Passaram sob as terríveis salas escuras dos restos da Casa Dourada de Nero, e levavam tochas para iluminar o caminho por entre o labirinto de túneis sob o velho Fórum Romano até um ponto próximo à igreja de São Nicolau in Carcere, onde encontraram uma porta secreta dentro da cripta. Atrás dela havia uma pequena câmara, em cujo centro se erguia um pedestal. Ali eles colocaram a Maçã, ainda dentro da caixa, e se retiraram. Como que por magia, uma vez fechada, a porta tornou-se invisível até mesmo para eles.

Mas os Assassinos sabiam onde ela estava, e perto dela desenharam os símbolos secretos e sagrados que só um integrante da Irmandade seria capaz de reconhecer. Os mesmos símbolos foram inscritos em intervalos regulares ao longo do caminho de volta, e uma última vez na boca do túnel perto do Coliseu, onde emergiram do subsolo.

Então, após se reencontrar com Leonardo, que insistiu em ir junto, Ezio e Maquiavel cavalgaram duramente até Óstia, onde tomaram um navio rumo à longa jornada costeira para o sul até Nápoles. Chegaram no solstício de verão de 1505, o quadragésimo sexto aniversário de Ezio.

O trio não entrou na cidade lotada no alto da colina, permanecendo nas docas fortificadas; se separando para buscar por entre marinheiros, mercadores e viajantes ocupados com seus barcos pesqueiros e chalupas, com as caravelas, os galeões e as barcaças; visitando bordéis e tavernas. Tudo em uma pressa frenética, pois ninguém, fosse espanhol, italiano ou árabe, parecia ter a resposta à pergunta deles:

— Você viu um homem grande, com mãos enormes, cicatrizes no rosto, magro, procurando passagem para Valência?

Depois de horas disso, eles se reuniram no cais principal.

— Ele está indo para Valência. Tem de estar! — disse Ezio por entre dentes cerrados.

— Mas e se não estiver? — argumentou Leonardo. — E se fretarmos um navio e formos até lá à toa? Vamos perder dias, até mesmo semanas, e perderemos Micheletto completamente.

— Você tem razão.

— A Maçã não mentiu para você, Ezio. Micheletto esteve ou, com sorte, está aqui. Só precisamos encontrar alguém que saiba com certeza.

Uma prostituta se aproximou.

— Não estamos interessados — vociferou Maquiavel.

Ela sorriu. Era uma mulher loura bonita, alta e magra, com olhos castanhos escuros, pernas longas e torneadas, seios pequenos, ombros largos e quadris estreitos. Tinha, talvez, uns 40 anos de idade.

— Mas vocês *estão* interessados em Micheletto da Corella.

Ezio girou para encará-la. A mulher se parecia tanto com Caterina que ele

ficou tonto.

— O que você sabe?

A mulher retrucou com toda dureza de uma prostituta.

— Quanto isso vale para você? — O sorriso profissional voltou, então. — Sou Camilla, aliás.

— Dez ducados.

— Vinte.

— Vinte! Você ganharia menos do que isso passando uma semana deitada! — rosnou Maquiavel.

— Que sedutor! Vocês querem a informação ou não? Vejo que estão apressados.

— Quinze, então — cedeu Ezio, pegando a bolsa de dinheiro.

— Agora sim, *tesoro*.

— Informação primeiro — disse Maquiavel quando Camilla estendeu a mão para o dinheiro.

— Metade da grana primeiro.

Ezio entregou oito ducados.

— Generoso, você — comentou a mulher. — Muito bem. Micheletto esteve aqui na noite passada. Ele a passou comigo, e nunca tive de trabalhar tanto para merecer meu dinheiro. Ele estava bêbado, abusou de mim, quase me matou estrangulada enquanto a gente trepava, e depois fugiu ao amanhecer sem pagar. De pistola na cinta, espada, uma adaga bem feia. Fedia bastante também, mas eu sei que ele tinha dinheiro porque adivinhei que o cara ia fugir sem pagar, e peguei minha grana da bolsa dele quando ele finalmente adormeceu. É claro que os capangas do bordel o seguiram, mas acho que ficaram meio amedrontados e não chegaram muito perto.

— E daí? — disse Maquiavel. — Nada disso foi útil até agora.

— Mas eles o seguiram até o fim. Micheletto deve ter fretado um navio na noite anterior, porque foi direto a um galeão chamado *Marea di Alba*, que zarpou com a maré da alvorada.

— Descreva Micheletto — disse Ezio.

— Mãos grandes, *enormes*... ele as usou em torno do meu pescoço, então eu sei bem. Nariz quebrado, rosto com cicatrizes. Algumas delas davam a

impressão de que ele estava sempre rindo. Não falava muito.

— Como você sabe o nome dele?

— Eu perguntei, só pra iniciar a conversa, e ele me falou. — Foi o que ela respondeu simplesmente.

— E aonde ele ia?

— Um dos capangas conhecia um dos marinheiros, e perguntou a ele enquanto içavam âncora.

— Aonde?

— Valência.

Valência. Micheletto estava voltando à cidade natal, de onde também tinha se originado a família Bórgia.

Ezio entregou a ela mais 12 ducados.

— Eu me lembrarei de você — disse ele. — Se você estiver mentindo, vai se arrepender.

Já era meio-dia. Eles perderam mais uma hora procurando uma caravela veloz disponível para frete, e com a negociação de preço. Foram necessárias mais duas horas para abastecê-la e prepará-la para a viagem. Depois tiveram de esperar pela maré seguinte. Uma caravela é mais rápida do que um galeão, mas, mesmo assim, já era fim de tarde quando içaram as velas. E o mar estava agitado, com o vento soprando contra.

— Feliz aniversário — disse Leonardo a Ezio.

58

O Destino também estava contra eles. A embarcação velejava bem, mas o mar continuou agitado e eles depararam com duas tempestades que os obrigaram a recolher as velas. A chance que tanto esperavam de alcançar Micheletto no mar já tinha sido esquecida há muito tempo quando, cinco dias depois, a desgastada caravela atracou em Valência.

Era um lugar próspero, mas nenhum dos três — Ezio, Leonardo ou Maquiavel — o conhecia. A recém-construída *Lonja de la Seda* de Valência concorria em grandiosidade com o Campanário, as *Torres de Quart* e o *Palau de la Generalitat*. Valência era uma poderosa cidade catalã, um dos mais importantes pontos de comércio do Mediterrâneo, mas também era confusa e superlotada de valencianos que se misturavam nas ruas movimentadas com italianos, holandeses, ingleses e árabes. As línguas ouvidas nas ruas criavam uma verdadeira Babel.

Felizmente o *Marea di Alba* ainda estava atracado perto de onde a caravela aportou, e os dois capitães eram amigos.

— *Ciao*, Alberto!

— *Ciao*, Filin!

— Viagem ruim? — perguntou Alberto, um homem corpulento de 30 anos, que estava no convés do navio supervisionando o embarque de uma carga mista de seda e do caro e raro café para a viagem de volta.

— *Brutissimo*.

— Posso ver pelo estado do seu navio. Mas teremos mar bom e vento amigo semana que vem, então estou me apressando em voltar o mais rápido possível.

— Eu não terei tanta sorte. Quando você aportou?

— Dois dias atrás.

Ezio se adiantou.

— E o seu passageiro?

Alberto cuspiu.

— *Che tipo brutto*, mas pagou bem.

— E onde ele está agora?

— Foi embora. Sei que ele estava na cidade, fazendo perguntas, mas ele é bem conhecido aqui, e tem muitos amigos, acreditem se puderem. — Alberto cuspiu novamente. — Também não são flor que se cheire, esses sujeitos.

— Estou começando a me arrepender de ter vindo — sussurrou Leonardo. — Uma coisa que não sou é um homem de violência.

— Aonde ele foi, você sabe?

— Estava hospedado no Lobo Solitário. Você pode perguntar por lá.

Eles desembarcaram e partiram direto para a estalagem Lobo Solitário, após Alberto explicar o caminho e acrescentar, sombrio:

— Mas aquele não é um lugar para cavalheiros.

— E o que o fez pensar que somos cavalheiros? — perguntou Maquiavel.

Alberto encolheu os ombros.

Ezio esquadrinhou o cais movimentado. Com o canto do olho, percebeu três ou quatro sujeitos suspeitos espiando o grupo. Ezio conferiu a braçadeira e a lâmina oculta. A pistola e a lâmina venenosa estavam na bolsa. Ele pendurou a bolsa no ombro, deixando os braços livres para a espada e adaga. Percebendo isso, Maquiavel fez o mesmo, enquanto Leonardo olhou-os com desconfiança.

Juntos, foram para a cidade, permanecendo alertas, mas os sujeitos suspeitos tinham desaparecido.

— Vamos nos hospedar no mesmo lugar que a nossa presa? — sugeriu Ezio. — É o melhor ponto para descobrir seu paradeiro.

A estalagem ficava em uma rua estreita, cheia de cortiços altos, que serpenteava a partir de uma das ruas principais. Era um prédio baixo, sombrio,

contrastando com a novidade reluzente da maior parte do resto da cidade. A porta de madeira escura estava aberta, dando passagem a um interior de penumbra. Ezio entrou primeiro e Leonardo, relutante, foi o último.

Os três chegaram ao centro do vestíbulo, no qual a mobília e um longo balcão baixo mal podiam ser discernidos em meio às trevas, quando a porta se fechou atrás deles. Dez homens que estavam se esgueirando no escuro, com os olhos já acostumados à penumbra, agora atacaram, se atirando contra as vítimas com gritos guturais. Ezio e Maquiavel imediatamente largaram as bolsas e, em um movimento, Maquiavel sacou a espada e a adaga, entrando em combate com o primeiro atacante. As lâminas reluziram na penumbra da sala. Havia espaço suficiente para se mover, e isso ajudava os dois lados.

— Leonardo! — gritou Ezio. — Vá para detrás do balcão! E pegue isso!

Ezio jogou a espada para Leonardo, que a pegou, deixou cair e pegou de novo no espaço de um segundo. Ezio liberou a lâmina oculta quando um dos homens se jogou contra ele, estocando o inimigo com a lâmina no flanco, penetrando as tripas. O homem cambaleou, segurando a barriga com o sangue borbulhando por entre os dedos. Enquanto isso, Maquiavel avançou, segurando a espada no alto. Rápido como um relâmpago, cravou a espada na garganta do primeiro adversário, ao mesmo tempo em que cortava a virilha de outro com a adaga. O homem caiu no chão com um rugido angustiado, tentando segurar o ferimento em vão e se retorcendo de dor. Maquiavel se aproximou e, olhando de relance para a vítima, lhe acertou um chute violento, silenciando o homem em um instante.

Os outros homens recuaram por um momento, surpresos com o fato de a emboscada não ter alcançado o objetivo, e com a habilidade das supostas vítimas. Mas então eles renovaram o ataque com vigor redobrado. Maquiavel gritou ao ser ferido por trás no braço da espada, mas Ezio logo se lançou sobre o atacante do amigo, cravando a adaga no rosto do sujeito.

Logo em seguida, Ezio foi atacado por um homem enorme, que fedia a palha de prisão e suor azedo. Este tinha se esgueirado por trás do assassino e jogado um garrote ao redor de seu pescoço. Ezio engasgou e largou a adaga, erguendo a mão para puxar a corda que lhe esmagava a traqueia. Maquiavel saltou e estocou o homenzarrão, cortando-o e fazendo-o gritar de dor súbita, mas Maquiavel

errou o alvo pretendido e o homem conseguiu empurrá-lo. Felizmente, ele tinha largado o garrote e Ezio pôde escapar.

A luz era muito fraca para discernir as formas encapuzadas dos atacantes sobreviventes, mas o fracasso do ataque imediato parecia ter deixado os sujeitos temporariamente sem coragem.

— Peguem eles! — disse uma voz gutural desagradável. — Ainda somos cinco contra três!

— *Sancho dieron en el pecho!* — gritou outro, enquanto Ezio acertava com enorme força a adaga pesada no esterno de uma criatura flácida que tentara se aproximar dele, abrindo o peito do sujeito como se desossasse um frango. — Somos quatro contra três. *Nos replegamos!*

— Não! — ordenou o homem que tinha falado primeiro. — *Aguantels mentres que m'escapi!*

O sujeito falou em catalão. O grandalhão que tinha tentado estrangular Ezio. Aquele que ainda trazia o fedor da prisão no corpo. Micheletto!

Momentos depois, a porta para a rua foi aberta de supetão e batida novamente com a fuga de Micheletto, cuja silhueta surgiu momentaneamente à luz da rua. Ezio correu atrás dele, mas foi confrontado por um dos três inimigos sobreviventes, que lhe bloqueava o caminho com uma cimitarra erguida. O capanga iniciou o golpe, com a intenção de rachar o crânio de Ezio em dois. O assassino estava perto demais do inimigo para empregar qualquer uma das próprias armas a tempo, então se atirou para o lado, fora do caminho da espada. Enquanto Ezio rolava para a segurança momentânea, a cimitarra desceu em um arco, mas o homem a tinha golpeado com tamanha violência, esperando que o caminho da lâmina fosse interrompido pelo corpo da vítima, que a cimitarra continuou na trajetória e se cravou nos genitais do próprio dono. Com um uivo, o homem largou a espada e caiu no chão, se contorcendo de agonia e agarrando a genitália destroçada em uma tentativa de parar o chafariz de sangue que espirrava.

Os dois últimos atacantes quase lutaram entre si para alcançar a porta e escapar, e um deles conseguiu. Porém, o segundo, de alguma forma já ferido na luta, levou uma rasteira de Maquiavel e se esborrachou no chão. Logo em seguida Leonardo se jogou em cima do corpo dele para impedir que se

levantasse. Quando ficou claro que o homem não tentaria fugir, Leonardo se levantou. Ezio se ajoelhou ao lado do sujeito e o virou, pressionando a ponta da lâmina oculta na narina dele.

— Sou Ezio Auditore, Mentor dos Assassinos — começou. — Diga-me onde está seu mestre e eu lhe concederei misericórdia.

— Nunca! — disse o sujeito.

Ezio pressionou a ponta da lâmina com mais força. As bordas afiadas como navalhas começaram a cortar lentamente o nariz do homem.

— Diga-me!

— Tudo bem! Ele está indo para o *Castillo de La Mota*.

— E onde fica isso?

— É onde Cesare é mantido prisioneiro.

Ezio empurrou a lâmina.

— Tenha misericórdia! Eu falo a verdade! Mas vocês nunca conseguirão nos deter! Os Bórgia ainda vão voltar ao poder e governar a Itália com punho de ferro! Eles se multiplicarão sul adentro e expulsarão a imunda monarquia espanhola! E então destruirão os reinos de Aragão e Castela, e os governarão também!

— Como você sabe onde Cesare está? É um segredo sombrio conhecido apenas pelo papa Júlio e o rei Fernando, e seus respectivos conselhos!

— Você acha que nós também não temos nossos próprios espiões? Até mesmo no Vaticano? Eles são bons, esses espiões. Dessa vez, muito melhores do que os seus.

Com um movimento súbito, o homem ergueu o braço direito. Na mão trazia uma pequena faca, cujo alvo era o coração de Ezio. O Assassino teve tempo apenas de bloquear o golpe com o braço esquerdo, e a faca girou deslizando inofensivamente pelo chão, após atingir a braçadeira.

— Vida longa à Casa Real dos Bórgia! — gritou o homem.

— *Requiescat in pace* — disse Ezio.

— Bem-vindo a Valência — murmurou Leonardo.

59

A estalagem Lobo Solitário estava deserta, mas havia algumas camas. Além disso, já era muito tarde quando Ezio e seus companheiros finalmente conseguiram se recuperar da luta sangrenta contra os partidários de Micheletto e, portanto, não lhes restava escolha além de passar a noite ali. Eles encontraram vinho, água e comida: pão, cebolas e um pouco de salame, e mesmo Leonardo estava faminto demais para recusar.

Na manhã seguinte, Ezio acordou cedo, ansioso por encontrar cavalos para a jornada que os aguardava. O capitão do navio deles, Filin, estava nas docas supervisionando os reparos da surrada embarcação, e conhecia o remoto castelo de La Mota, lhes dando instruções até o mais longe que pôde e dizendo-lhes como descobrir onde ficava. Mas seria uma longa e árdua viagem de vários dias. Filin também ajudou a organizar os cavalos, mas os preparativos levaram mais dois dias, já que também tiveram que arrumar provisões para si mesmos. A jornada os levaria para o noroeste pelas *sierras* marrons da região central da Espanha. Não havia mapas, então eles viajaram de cidade em cidade, usando a lista de nomes que Filin tinha lhes dado.

Eles saíram de Valência e, após vários dias de cavalgada dura no primeiro trio de cavalos, com reclamações constantes de Leonardo, eles passaram pela bela região montanhosa ao redor do pequeno vilarejo de Cuenca. Então desceram novamente ao planalto de Madri, e pela própria cidade real, onde

bandidos tentaram roubá-los, mas logo acabaram mortos na estrada. Em seguida, rumaram ao norte até Segóvia, dominada por seu *Alcázar*, onde passaram a noite como convidados do senescal da rainha Isabel de Castela.

Eles continuaram pelo campo aberto, onde foram atacados e quase roubados por uma quadrilha de assaltantes de estrada mouros que, de alguma forma, tinham escapado por entre os dedos do rei Fernando e sobrevivido no interior por 12 anos. Fernando, rei de Aragão, Sicília, Nápoles e Valência, era o fundador da Inquisição Espanhola e o flagelo dos judeus — com efeitos brutais na economia do próprio país — por meio do grão inquisidor Tomás de Torquemada, mas quem, por meio do casamento com sua esposa igualmente feia, Isabel, uniu Aragão e Castela e começou a transformar a Espanha em uma única nação.

Fernando também tinha ambições quanto a Navarra. Ezio se perguntou quão grande seria o impacto dos planos do rei preconceituoso naquelas terras, onde Cesare tinha laços familiares tão fortes, sendo cunhado do rei francês dali.

Enfrentando o cansaço, continuaram cavalgando, rezando para chegar a tempo de deter o plano de Micheletto. Mas, apesar de toda pressa, o adversário tinha partido com grande vantagem sobre eles.

60

Micheletto e seu pequeno bando de partidários pararam os cavalos e ficaram de pé nos estribos para olhar o castelo de La Mota, que dominava a pequena cidade de Medina del Campo e tinha sido construído para protegê-la dos mouros.

Micheletto tinha uma visão excelente, e mesmo daquela distância podia ver o lenço vermelho que Cesare tinha amarrado na janela da cela. A janela era alta, muito alta na torre central; a janela mais próxima do topo, na verdade. Não havia necessidade para barras em uma janela daquelas — algo a que podiam ser gratos, pelo menos — porque ninguém nunca tinha escapado daquele lugar. Era fácil ver por quê. As muralhas tinham sido construídas pelos hábeis pedreiros do século XI e os blocos de pedra tinham sido montados com tanta habilidade que a superfície era lisa como vidro.

Ainda bem que tinham criado o plano do lenço vermelho, caso contrário teria sido difícil encontrar o mestre Cesare. O leva e traz deles, um sargento da guarda de La Mota, recrutado para a causa dos Bórgia em Valência algum tempo antes, era perfeito. Uma vez subornado, ele era de total confiança.

Mas tirar Cesare de lá ia ser difícil. A porta da cela era permanentemente vigiada por dois homens de uma tropa de guardas suíços emprestados do papa Júlio, todos completamente inflexíveis e incorruptíveis. Então, resgatar Cesare do jeito fácil seria impossível.

Micheletto mediu a altura da torre central com os olhos. Uma vez lá dentro,

teriam de escalar uma parede impossível até uma cela a mais de 42 metros de altura. Então esse método estava fora de questão.

Micheletto considerou o problema. Ele era um homem prático, mas a especialidade dele era matar, não resolver problemas por outros métodos. O fio do raciocínio dele o fez refletir sobre a ferramenta principal de seu ofício: corda.

— Vamos chegar um pouco mais perto — disse ele aos companheiros. Nenhum deles vestia as costumeiras roupas pretas, mas todos envergavam trajes de caçador, para diminuir ou evitar completamente qualquer suspeita. Ele tinha dez homens consigo. Cada um deles carregava, como parte do equipamento padrão, um rolo de corda.

— Melhor não chegar perto demais — comentou o tenente. — Os guardas nas muralhas vão nos ver.

— E o que eles verão? Um grupo de caçadores voltando a Medina para se reabastecer. Não se preocupe, Girolamo.

O comentário tinha plantado em Micheletto um germe de ideia. Ele continuou falando.

— Vamos cavalgar até a cidade.

Levaram meia hora para chegar lá. Durante esse período, Micheletto ficou mais calado que o normal, com a sofrida testa profundamente franzida. Então, quando eles se aproximaram das muralhas da cidade, o rosto dele se tranquilizou.

— Vamos apear.

Todos o fizeram. Micheletto examinou o grupo. O mais jovem, um rapaz de 18 anos, Luca, não tinha nem barba no queixo, e seu nariz era arrebitado. Ele já era um matador experiente, mas o rosto ainda exibia a inocência de um querubim.

— Peguem suas cordas e meçam o comprimento.

Eles obedeceram. Cada corda media 3,6 metros. Um total de 36 metros, todas amarradas uma na outra. Com a corda de Micheletto, eles teriam 39 metros. Cesare teria de se deixar cair os últimos 4 metros, mais ou menos, mas isso não seria nada para ele.

O problema seguinte: levar a corda a Cesare. Para isso teriam de entrar em contato com o recruta, Juan, o sargento da guarda. Isso não seria muito difícil.

Eles sabiam os movimentos e horários de serviço do sargento. Essa seria a tarefa de Luca, já que, como um jovem rapaz de aparência inocente, atrairia o mínimo de atenção. O resto do bando, mesmo vestido como caçadores, parecia ser o que realmente era: capangas durões. Quanto ao próprio Micheletto... A mão de Juan teria de ser molhada, mas Micheletto sempre trazia consigo um fundo de contingência de 250 ducados. Um décimo disso deveria bastar. Para o plano inteiro.

Juan poderia ganhar acesso à cela de Cesare e entregar a corda. Os guardas suíços não desconfiariam dele. Micheletto poderia até falsificar uma carta com um selo de aparência oficial, para ser entregue a Cesare como uma desculpa para a presença de Juan.

Mas o antemuro externo era imenso. Uma vez que Cesare estivesse ao pé da torre central, ainda teria de cruzar os pátios internos e sair, de alguma forma, pelo único portão.

A única coisa boa era que a principal função de La Mota naqueles dias era guardar o prisioneiro solitário. O propósito original do castelo fora defender a região contra ataques dos mouros, mas tal ameaça deixara de existir havia muito tempo. O imenso lugar era completamente inútil, a não ser pela guarda de Cesare, e Micheletto sabia, por Juan, que aquele era um posto muito tranquilo e confortável.

Eles levavam mudas de roupa a Cesare de vez em quando, então Micheletto pensou sobre as possibilidades de Juan organizar a entrega de uma “muda de roupa” — um disfarce para enganar os guardas. Poderia funcionar. Ele não conseguia pensar em qualquer outro método, além de entrar lutando e tirar Cesare à força.

— Luca — chamou, finalmente. — Tenho uma tarefa para você.

No fim, Juan pediu cinquenta ducados pelo serviço completo, e Micheletto pechinchou até chegar a quarenta, mas não perdeu tempo negociando demais. Luca precisou de três viagens de ida e volta para organizar a coisa toda, mas finalmente fez um relatório final:

— Está tudo combinado. Ele vai levar a corda e o uniforme de guarda a Cesare, acompanhando o homem que leva a refeição das seis horas. O portão exterior será guardado pelo próprio Juan, que vai assumir o turno da meia-noite

às seis. Do castelo à vila, é uma caminhada de cinco minutos...

A perna esquerda de Cesare Bórgia doía graças às lesões causadas pela Nova Doença, mas não muito, apenas uma dor constante que o fazia mancar de leve. Às duas da madrugada, já vestindo o uniforme, ele amarrou firmemente uma ponta da corda à coluna central da janela da cela e cuidadosamente deixou o resto descer noite afora. Quando a corda estava esticada pelo próprio peso, Cesare passou a perna boa sobre o peitoril da janela, puxando a perna ruim em seguida, e segurou a corda com força. Suando muito apesar do ar fresco da noite, Cesare desceu usando as mãos até os tornozelos sentirem o fim da corda. Ele se deixou cair os últimos três metros e sentiu grande dor na perna esquerda ao pousar, mas se esforçou em ignorá-la e atravessou mancando o pátio interno deserto e depois o pátio externo, onde os guardas sonolentos não lhe deram a menor atenção, após reconhecerem o uniforme.

Ao chegar ao portão, Cesare foi parado pelo guarda. O coração lhe subiu à boca. Mas então Juan apareceu.

— Está tudo bem. Vou levá-lo à casa de guarda.

O que estava acontecendo? Tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

— Não se preocupe — sussurrou Juan.

A casa de guarda estava ocupada por dois guardas adormecidos. Juan chutou um deles para que acordasse.

— Levante-se, Domingo. Este homem tem um mandado para a cidade. Esqueceram de encomendar mais palha para os estábulos e vão precisar dela antes de saírem para a patrulha da manhã. Leve-o até o portão, explique tudo aos guardas e deixem-no sair.

— Sim, senhor!

Cesare seguiu o guarda pelo portão externo, que foi trancado firmemente atrás dele, e desceu mancando ao luar para a cidade. Que alegria era sentir o ar fresco da noite ao seu redor após tanto tempo. Tinha ficado confinado naquela pocilga desde 1504, mas estava livre, agora. Ele tinha apenas trinta anos. Conseguiria tudo de volta e engendraria uma vingança tão poderosa sobre seus inimigos, especialmente a Irmandade dos Assassinos, que os expurgos de Caterina Sforza em Forlì pareceriam os atos de caridade de uma freira.

Ele ouviu e sentiu o cheiro dos cavalos no ponto de encontro. Deus dê graças a Micheletto. Então ele os viu, todos ali, nas sombras das paredes da igreja. Tinham preparado uma bela montaria negra para ele. Micheletto desmontou e o ajudou a subir à sela.

— Bem-vindo de volta, *excellenza* — disse o homem. — Agora temos de nos apressar. O bastardo daquele Assassino, Ezio Auditore, está vindo logo atrás de nós.

Cesare ficou calado. Estava pensando na morte mais lenta que poderia infligir ao Assassino.

— Já deixei tudo preparado em Valência — continuou Micheletto.

— Ótimo.

Eles cavalgaram noite adentro, em direção ao sudeste.

61

— Ele *escapou*? — Ezio tinha cavalgado os últimos quilômetros até La Mota sem poupar a si mesmo, os companheiros ou os cavalos, com uma sensação crescente de apreensão. — Depois de mais de dois anos? *Como?*

— Foi um plano de fuga muito cuidadoso, *signore* — disse o infeliz tenente do castelo, um sujeito gorducho de 60 anos com um nariz muito vermelho. — Estamos conduzindo um inquérito oficial.

— E o que vocês já descobriram?

— Por enquanto...

Mas Ezio não estava escutando. Ele olhava o castelo de La Mota. Era exatamente como a Maçã tinha mostrado. E esse pensamento fez com que ele se lembrasse de outra visão que o artefato tinha lhe confiado: o exército que se reunia em um porto... O porto tinha sido Valência!

A mente de Ezio começou a funcionar freneticamente.

A única coisa em que conseguia pensar era que tinham de voltar à costa o mais rápido possível.

— Traga-me cavalos descansados! — berrou ele.

— Mas, *signore*...

Maquiavel e Leonardo se entreolharam.

— Ezio, qualquer que seja a sua urgência, precisamos descansar pelo menos um dia — argumentou Maquiavel.

— Uma semana... — grunhiu Leonardo.

Como se podia esperar, eles se atrasaram porque Leonardo adoeceu. Ele estava exausto e sentia muito a falta da Itália. Ezio se sentiu tentado a abandoná-lo, mas Maquiavel aconselhou ter cautela.

— Ele é seu velho amigo. E Cesare não conseguirá reunir um exército e uma armada naval em dois meses.

Ezio cedeu.

Os eventos provariam que ele fez a coisa certa. E que Leonardo era valiosíssimo.

62

Ezio e seus companheiros estavam de volta a Valência em um mês, e a encontraram em um estado de desordem. Maquiavel tinha subestimado a velocidade com que as coisas poderiam acontecer em uma cidade tão rica.

Os homens já deveriam estar sendo recrutados em segredo e agora, logo do lado de fora de Valência, havia um enorme acampamento de soldados, talvez mil homens. Os Bórgia estavam oferecendo bons salários aos mercenários, e a notícia tinha se espalhado rapidamente. Novatos querendo ser guerreiros estavam chegando de regiões tão distantes quanto Barcelona e Madri, e de províncias como Múrcia e La Mancha. O dinheiro dos Bórgia garantiu a construção de uma frota de cerca de 15 navios — rápidos transportes improvisados com meia dúzia de naus de guerra para protegê-los.

— Bem, não precisamos da Maçã para nos dizer quais são os planos do nosso velho amigo Cesare — comentou Maquiavel.

— É verdade. Ele não precisa de um exército muito grande para tomar Nápoles, e assim que tiver estabelecido uma cabeça de ponte lá, recrutará mais homens para sua causa. Cesare planeja conquistar o reino de Nápoles, e então toda a Itália.

— E o que Fernando e Isabel estão fazendo quanto a isso? — perguntou Maquiavel.

— Eles vão reunir uma força para esmagar esse exército. Temos de

conquistar o apoio deles.

— Isso vai demorar demais. As tropas deles precisam marchar de Madri até aqui. A guarnição desta cidade precisa ser destruída. Mas podemos ver que Cesare está com pressa — comentou Maquiavel.

— Talvez não seja necessário — contribuiu Leonardo, pensativo.

— Como assim?

— Bombas.

— Bombas? — perguntou Maquiavel.

— Bombas pequenas e silenciosas, mas eficazes o bastante para, digamos, destroçar navios ou dispersar um acampamento.

— Bom, se elas terão esse efeito... — disse Ezio. — Do que você precisará para fazê-las?

— Enxofre, carvão e nitrato de potássio. E aço. Aço bem fino. Flexível. E vou precisar de um pequeno estúdio com uma fornalha.

Eles precisaram de algum tempo, mas, felizmente para o trio, o navio do capitão Alberto, o *Marea di Alba*, estava atracado ao cais de costume. O capitão os saudou com um aceno amistoso.

— Olá de novo — cumprimentou.— As pessoas que eu disse que eram... aqueles que não são cavalheiros. Imagino que não tenham ficado sabendo da escaramuça no Lobo Solitário logo após a sua chegada?

Ezio sorriu e lhe contou tudo de que precisavam.

— Hum. Conheço um homem que poderá ajudá-lo.

— Quando você voltará à Itália? — indagou Leonardo.

— Trouxemos uma carga de *grappa*, e devo levar seda de volta outra vez. Talvez dois ou três dias. Por quê?

— Eu lhe direi depois.

— Você teria como conseguir as coisas de que precisamos rapidamente? — perguntou Ezio, que subitamente teve um mau pressentimento, mas não poderia culpar Leonardo por querer partir.

— Certamente!

Alberto cumpriu as promessas, e algumas horas depois tudo estava pronto. Leonardo pôde começar a trabalhar.

— Quanto tempo você vai levar? — indagou Maquiavel.

— Dois dias, já que não tenho assistentes. Tenho material suficiente aqui para fazer vinte, talvez 21 bombas. Isso dá dez para cada um.

— *Sete* para cada um — disse Ezio.

— Não, meu amigo, dez para cada, um lote para você, outro para Nicolau. Não conte comigo.

Dois dias depois, as bombas estavam prontas. Cada uma tinha o formato e o tamanho de uma toranja, envolta em aço e equipada com uma lingueta no topo.

— Como funcionam?

Leonardo sorriu, orgulhoso.

— Você abre esta lingueta... bem, é mais como uma alavanca... conta até três e joga contra o alvo. Cada uma delas é capaz de matar vinte homens e, se você acertar o ponto certo, inutilizar completamente um navio, até mesmo afundá-lo. — Leonardo pensou mais um pouco. — Pena que não há tempo para construir um submarino.

— Um o quê?

— Deixe para lá. Basta jogar depois de contar até três. Não segure mais tempo que isso, ou você mesmo será feito em pedaços! — Leonardo se levantou. — E agora, até logo e boa sorte.

— O quê?

Leonardo sorriu pesaroso.

— Já estou farto da Espanha e reservei passagem com Alberto. Ele zarpa na maré desta tarde. Eu os verei novamente em Roma, se vocês sobreviverem.

Ezio e Maquiavel se entreolharam. Então cada um deles abraçou Leonardo solenemente.

— Muito obrigado, meu caro amigo — agradeceu Ezio.

— Não há de quê.

— Graças a Deus você não fez estas coisas para Cesare — comentou Maquiavel.

Após a partida de Leonardo, eles arrumaram cuidadosamente as bombas, dez para cada um deles, em bolsas de linho que penduraram no ombro.

— Você cuidará do acampamento dos mercenários. Eu darei um jeito no porto — disse Ezio.

Maquiavel concordou com um aceno de cabeça e uma expressão severa.

— Quando o serviço estiver feito, nós nos encontraremos na esquina da rua do Lobo Solitário — continuou Ezio. — Acredito que Cesare tenha estabelecido ali o seu centro de operações. O caos estará estabelecido, e ele irá até lá para se reagrupar com o círculo interno. Tentaremos encurralá-los antes que possam escapar novamente.

— Dessa vez eu vou concordar com o seu palpite. — Maquiavel sorriu. — Cesare é tão arrogante que não pensará em mudar o local do esconderijo dos partidários dos Bórgia. E é mais discreto que um *palazzo*.

— Boa sorte, amigo.

— Nós dois precisaremos dela.

Eles apertaram as mãos e partiram nas missões individuais.

Ezio decidiu começar pelos navios de transporte de tropas. Misturando-se à multidão, ele foi até o porto e, uma vez no cais, selecionou o primeiro alvo. Pegou a primeira bomba, sufocando a dúvida insidiosa de que ela poderia não funcionar e, ciente de que teria de trabalhar muito rapidamente, abriu a lingueta, contou até três e atirou-a.

Estava agindo a uma curta distância e sua mira tinha uma precisão mortal. A bomba caiu com um estalar metálico nas entranhas do navio. Por alguns momentos, nada aconteceu, e Ezio praguejou mentalmente. E se o plano tivesse falhado? Mas então houve uma explosão poderosa, fazendo o mastro do navio rachar e cair, e estilhaços de madeira foram lançados ao ar por toda parte.

Em meio à confusão que se seguiu, Ezio disparou pelo cais, selecionando navios adequados e atirando bombas. Em vários casos, a primeira explosão foi seguida de outra ainda maior: alguns dos navios de transporte de tropas já estavam obviamente carregados com barris de pólvora. Em uma das vezes, uma das naus que continha pólvora destruiu mais dois navios vizinhos ao explodir.

Um de cada vez, Ezio destruiu 12 navios, mas o caos e o pânico também eram de grande valor. E, ao longe, podia ouvir mais explosões, e também os gritos e berros que as seguiam, conforme Maquiavel executava sua parte do plano.

Enquanto se dirigia ao ponto de encontro, Ezio torceu para que o amigo tivesse sobrevivido.

Valência inteira estava mergulhada em um estado de caos, mas, empurrando

a multidão no contrafluxo, Ezio conseguiu chegar ao lugar marcado em dez minutos. Maquiavel não estava lá, mas o Mentor não teve de esperar muito. Parecendo meio surrado, e com um rosto enegrecido, o companheiro Assassino logo chegou correndo.

— Que Deus abençoe Leonardo da Vinci — disse Maquiavel.

— Deu tudo certo?

— Nunca vi tamanho pandemônio — respondeu Maquiavel. — Os sobreviventes estão fugindo da cidade o mais rápido que podem. Acho que a maioria deles vai preferir a enxada à espada de agora em diante.

— Excelente! Mas ainda temos trabalho a fazer.

A dupla seguiu pela rua estreita e chegou à porta do Lobo Solitário. Estava fechada. Silenciosos como gatos, eles escalaram até o telhado. Era uma construção de um andar, maior do que parecia pela fachada, e perto do alto do aclive do telhado havia uma claraboia. Estava aberta. Eles se aproximaram e olharam com cuidado por sobre a beirada.

Era uma sala diferente daquela onde tinham sido emboscados. Havia dois homens lá embaixo. Micheletto estava de pé ao lado de uma mesa. Diante dele, sentado, estava Cesare Bórgia. O rosto, outrora belo e agora lacerado pela Nova Doença, estava lívido de fúria.

— Eles destruíram meus planos! Aqueles malditos Assassinos! Por que você não os destruiu? Por que você fracassou comigo?

— *Excellenza*, eu... — Micheletto parecia um cão açoitado.

— Eu preciso escapar o mais rápido possível. Vou a Viana. Uma vez que estiver lá, estarei em Navarra, logo do outro lado da fronteira. Deixe que tentem me recapturar então! Não ficarei aqui esperando que os homens de Fernando venham me arrastar novamente a La Mota. Meu cunhado é o rei de Navarra e certamente me ajudará.

— *Eu* o ajudarei, como sempre ajudei. Basta o senhor me levar junto.

Os lábios cruéis de Cesare se curvaram.

— Você me tirou de La Mota, é verdade. Você alimentou minhas esperanças. Mas agora veja só no que me meteu!

— Mestre, todos os meus homens estão mortos. Eu fiz tudo que pude.

— E fracassou!

Micheletto empalideceu.

— Essa é a minha recompensa? Por todos os meus anos de serviço fiel?

— Seu cão imundo, suma da minha vista. Eu o descarto! Vá procurar alguma sarjeta onde você possa se deitar e morrer.

Com um urro de raiva, Micheletto se atirou contra Cesare, com as enormes mãos de estrangulador flexionadas para se fechar ao redor da garganta do antigo mestre. Mas elas nunca alcançaram o alvo. Com velocidade impressionante, Cesare sacou uma das duas pistolas que levava no cinto e disparou à queima-roupa.

O rosto de Micheletto foi destroçado além de qualquer chance de reconhecimento. O resto do corpo desabou sobre a mesa. Cesare saltou para trás, se levantando da cadeira para não ser coberto de sangue.

Ezio tinha recuado, para ficar invisível, mas não fora de alcance auditivo. Ele estava se preparando para saltar do telhado e agarrar Cesare quando ele saísse pela porta da frente da estalagem. Mas Maquiavel tinha se esticado para a frente para testemunhar melhor aquele encontro horrendo. Então, acidentalmente ele chutou uma telha, e o ruído alertou Cesare.

Ele olhou para cima rapidamente, sacando a pistola no mesmo instante. Maquiavel não teve tempo de recuar antes que Cesare disparasse, atingindo-o no ombro e estilhaçando a clavícula do estrategista. Então Cesare fugiu.

Ezio pensou em persegui-lo, mas só por um instante. Ele tinha ouvido que Cesare planejava ir a Viana. Bem, ele o seguiria até lá. Mas não antes de cuidar do amigo ferido.

Maquiavel estava grunhindo pedidos de desculpas, inacreditavelmente, enquanto Ezio o arrastava para fora do telhado. Pelo menos ele podia andar, mas o ferimento parecia grave.

Quando chegaram à rua principal, Ezio abordou um transeunte, parando o homem à força, já que o caos ainda reinava na cidade.

— Preciso de um médico — disse com urgência. — Onde posso encontrar um?

— Muita gente precisa de médico! — retrucou o homem.

Ezio o sacudiu.

— Meu amigo está muito ferido, onde posso encontrar um médico? Agora!

— Me solta! Você pode tentar falar com *el medico* Acosta. A casa dele fica logo mais adiante, com um sinal sobre a porta.

Ezio segurou Maquiavel, quase desmaiado, e o apoiou. Pegou o longo lenço da túnica e tentou estancar o ferimento o melhor que pôde. Nicolau estava perdendo muito sangue.

Assim que viu o ferimento, Acosta mandou Maquiavel se sentar em uma cadeira. Pegou uma garrafa de álcool, um pano limpo e começou a limpar.

— A bala atravessou completamente o ombro — explicou o médico em um italiano precário. — Então pelo menos eu não terei de retirá-la. E a ferida está limpa. Mas vou ter de dar um jeito na clavícula. Espero que você não planeje viajar tão cedo.

Ezio e Maquiavel se entreolharam.

— Fui um idiota de novo — resmungou Maquiavel, forçando um sorriso.

— Cale a boca, Nicolau.

— Vá em frente. Vá pegá-lo. Eu dou um jeito.

— Ele pode ficar aqui comigo. Tenho um pequeno anexo precisando de um paciente — afirmou Acosta. — E quando ele ficar bem, eu o mandarei atrás de você.

— Quanto tempo?

— Talvez duas semanas, provavelmente mais.

— Eu o verei em Roma — disse Maquiavel.

— Muito bem — respondeu Ezio. — Cuide-se bem, meu amigo.

— Mate-o por mim — pediu Maquiavel. — Mesmo que pelo menos ele nos tenha poupado o trabalho de lidar com Micheletto.

Parte III

Alcançamos a última era de canção profética. O tempo concebeu, e a grande sequência de eras se reinicia nova. Justiça, a virgem, retorna à sua morada em nosso meio, e o governo de Saturno foi restaurado. O Primogênito da Nova Era já está a caminho do Alto Paraíso à terra.

— Virgílio, *Éclogas, IV*

63

Ezio novamente atravessou a Espanha em uma longa e solitária viagem, indo ao norte até Viana. Ele chegou lá em março. A cidade que ele viu, a um quilômetro e meio, parecia idêntica àquela da visão concedida pela Maçã, com muralhas fortes e uma cidadela bem reforçada no centro, mas havia uma diferença.

Mesmo antes de cruzar a fronteira e entrar em Navarra, os olhos experientes de Ezio lhe informaram que a cidade estava sob cerco. Quando chegou ao vilarejo, a maioria dos nativos balançou a cabeça estupidamente ao ser questionada, mas, quando Ezio procurou o padre, com quem pôde conversar em latim, ficou sabendo de tudo.

— Você já deve saber que nosso rei e nossa rainha têm planos para Navarra. É uma terra rica, e querem incorporá-la à nossa.

— Então querem tomar Viana?

— Eles já a tomaram! Está sendo ocupada pelo conde de Lerin em nome deles.

— E os invasores no cerco, quem são?

— São as forças de Navarra. Acho que sairão vitoriosos.

— E por que você diz isso?

— Porque estão sob o comando do cunhado do rei de Navarra, um experiente general.

O coração de Ezio bateu mais forte, mas ele precisava de confirmação.

— Qual é o nome dele?

— É um sujeito muito famoso, aparentemente. O duque de Valência, Cesare Bórgia. Dizem que um dia já comandou os exércitos do próprio papa. Mas as tropas espanholas são corajosas. Eles levaram a batalha até o inimigo, e já houve combates sangrentos nos campos ao redor da cidade. Eu não iria naquela direção, meu filho. Por lá existem apenas devastação e sangue.

Ezio agradeceu e esporeou o cavalo adiante.

* * *

Ele chegou ao local e se deparou com uma batalha ferrenha acontecendo logo diante dele, conforme a névoa crescia ao redor de todos. No centro de tudo, Cesare Bórgia combatia, matando qualquer inimigo que chegasse perto. E de repente o próprio Ezio teve de lutar contra outro cavaleiro, de Navarra, com seu brasão de escudo vermelho cruzado por correntes amarelas. Eles trocaram golpes de espada até que Ezio finalmente conseguiu cravar a própria arma no ombro direito do inimigo até o peito. O outro cavaleiro caiu, sem gritar, e foi massacrado por soldados de infantaria espanhóis.

Cesare estava sem cavalo, e Ezio decidiu que seria mais fácil se aproximar dele discretamente se também estivesse a pé, então desmontou e correu em meio à luta até o alvo.

Finalmente estava face a face com seu inimigo mortal. O rosto de Cesare estava sujo de sangue e poeira e marcado pelo cansaço, mas, quando ele viu Ezio, a expressão do espanhol tomou uma nova determinação.

— Assassino! Como você me encontrou?

— Minha sede de vingança por Mario Auditore me trouxe até você.

Eles trocaram golpes de espada até que Ezio conseguiu derrubar a arma de Cesare de sua mão. Então, embainhando a própria lâmina, ele se atirou no Bórgia, fechando as mãos ao redor de seu pescoço. Mas Cesare tinha aprendido algumas coisas com Micheletto sobre a arte do estrangulamento e conseguiu se livrar, empurrando os braços de Ezio para longe. O assassino liberou a lâmina oculta, mas Cesare conseguiu se defender outra vez, enquanto a batalha corria violenta ao redor deles.

Foi então que as trombetas espanholas soaram a retirada. Triunfante, Cesare gritou para as tropas amigas mais próximas.

— Matem-no! Matem o Assassino! Façam com que o *maldito bastardo* fique em pedaços!

Mas a névoa tinha aumentado e Cesare desapareceu em meio a ela. Os soldados de Navarra cercaram Ezio, que lutou muito por um longo tempo antes que a exaustão o dominasse e ele caísse no chão, quase despercebido enquanto a luta e a névoa giravam em torno dele e os soldados o deixavam desacordado, achando que estivesse morto.

Mais tarde, Ezio acordou e viu que estava no meio do campo de batalha, deitado de costas. Ele teve de empurrar um cadáver para poder se sentar.

O campo de batalha jazia sob um céu nublado vermelho-sangue. Ao longe o sol brilhava furioso. A poeira flutuava no ar sobre uma larga estrada desfeita, coalhada de mortos.

Ezio viu um corvo empoleirado no queixo de um cadáver, bicando-lhe o olho. Um cavalo sem cavaleiro passou em disparada, enlouquecido pelo cheiro do sangue. Estandartes partidos esvoaçavam à brisa.

Grunhindo com o esforço, Ezio se levantou e, dolorosamente a princípio, caminhou pelo campo dos mortos. Descobriu que tinha perdido a espada e a adaga, mas a lâmina oculta e a braçadeira não tinham sido descobertas e saqueadas.

A primeira tarefa seria substituir as armas perdidas. Perto de si, Ezio percebeu um camponês vasculhando o campo de batalha, em pleno saque. O camponês olhou para ele.

— Fique à vontade — disse o homem. — Tem mais do que suficiente para todos.

Ezio procurou oficiais ou cavaleiros tombados, pois sabia que teriam armas melhores, mas, em todos que chegou perto, alguém já tinha passado por ali antes. Finalmente encontrou um capitão morto com uma ótima espada e uma adaga semelhante à dele. Ezio tomou as duas, agradecido.

Em seguida, ele saiu em busca de um cavalo, pois seria mais rápido se locomover assim. Ezio teve sorte. A menos de um quilômetro da margem do

campo de batalha, bem longe do acampamento das tropas de Navarra, se deparou com um cavalo de guerra, com o dorso manchado de sangue, mas o sangue dos outros, e completamente equipado com sela e rédeas, pastando em um campo verde. Falando gentilmente com o cavalo, Ezio o montou. O animal escoiceou um pouco a princípio, mas Ezio o tranquilizou rapidamente, e, virando-o, cavalgou de volta na direção de onde viera.

De volta ao campo de batalha, viu mais camponeses retirando o que fosse possível dos cadáveres. Ezio passou por eles, galopando por uma colina até o som de luta renovada. Ao alcançar o cume do morro e revelar uma planície abaixo, Ezio viu que agora estava muito mais próximo da cidade. A batalha tinha sido reiniciada e acontecia na planície, perto das muralhas com ameias da cidade, de onde tiros de canhão eram disparados.

64

Ezio direcionou o cavalo a um lado da batalha, passando por alguns bosques de oliveiras, mas lá se deparou com uma patrulha de tropas de Navarra. Antes que tivesse tempo de dar meia-volta, os inimigos dispararam os mosquetes, sem acertá-lo, mas matando o cavalo.

Ele conseguiu escapar por entre as árvores e, seguindo em frente a pé, tomou o cuidado de evitar os soldados espanhóis que pareciam estar em todos os lugares. Esgueirando-se mais para perto, Ezio chegou a uma clareira onde viu um soldado espanhol que jazia ferido no chão enquanto outro fazia o melhor que podia para confortá-lo.

— Por favor — rogou o homem ferido. — Minhas pernas. Por que elas não param de sangrar?

— *Compadre*, fiz tudo que podia por você. Agora você terá de confiar em Deus.

— Ah, Pablo, estou com medo! *Mis piernas! Mis piernas!*

— Fique quieto agora, Miguel, pense em todo o dinheiro que vamos ganhar depois que vencermos a batalha. E os espólios!

— Quem é esse velho por quem nós lutamos?

— De quem você fala? De *el conde de Lerin?*

— Sim. Estamos lutando por ele, não estamos?

— Estamos, meu amigo. Ele serve ao nosso rei e pela nossa rainha, e nós o

servimos. Portanto lutamos.

— Pablo, a única coisa pela qual eu quero lutar agora é pela minha vida.

Uma patrulha apareceu do outro lado da clareira.

— Continuem andando — comandou o sargento aos dois homens. — Temos de flanqueá-los.

— Meu amigo está ferido — disse Pablo. — Não pode andar.

— Então deixe-o aí. Vamos.

— Me dê mais alguns minutos.

— Muito bem. Vamos para o norte. Siga-nos, e não deixe que nenhum inimigo veja você.

— Como vamos saber quando os tivermos flanqueado?

— Vai haver tiros. Nós os atacaremos onde menos esperam. Use as árvores como cobertura.

— Só um momento, senhor.

— O que foi?

— Eu o seguirei.

— Agora?

— Sim, senhor. Meu camarada, Miguel, está morto.

Depois que eles se foram, Ezio esperou por alguns minutos e então seguiu para o norte, antes de desviar para o leste, onde sabia que Viana ficava. Ele deixou os olivais e viu que tinha ultrapassado o campo de batalha, e estava agora contornando o combate pelo lado norte. Ezio se perguntou o que teria acontecido aos soldados espanhóis, pois não havia sinal de qualquer flanqueamento bem-sucedido. A batalha parecia favorecer as tropas de Navarra.

No caminho, Ezio encontrou um vilarejo destroçado. Ele evitou o lugar, pois viu os francoatiradores espanhóis escondidos atrás de algumas das paredes calcinadas e tombadas, usando mosquetes com fecho de roda de cano longo para disparar em soldados de Navarra à margem da batalha.

Ezio se deparou com um soldado que vestia uma túnica tão ensanguentada que não foi possível saber a qual lado pertencia. O homem estava sentado recostado em uma oliveira solitária, abraçando-se em agonia, com o corpo inteiro tremendo, e a arma abandonada no chão.

Ao alcançar os limites da cidade, dentre os assentamentos que cresciam à sombra das muralhas, Ezio viu, logo adiante, a presa. Cesare estava com um sargento de Navarra, claramente avaliando a melhor maneira de derrubar ou escavar as imensas muralhas de Viana.

Os espanhóis que tomaram Viana tinham sido confiantes o bastante para permitir que alguns dos seguidores ocupassem aquelas casas. Mas obviamente não foram poderosos o bastante para proteger os civis.

De repente, uma mulher saiu correndo de uma das cabanas e correu até Cesare e o sargento, gritando e bloqueando o caminho.

— *Ayúdenme!* — berrava ela. — Socorro! Meu filho! Meu filho está ferido!

O sargento foi até ela e, agarrando-a pelos cabelos, arrastou-a para fora do caminho de Cesare.

— *Ayúdenme!* — gritou ela novamente.

— Cale a boca dela, sim? — disse Cesare, olhando-a friamente.

O sargento sacou a adaga e degolou a mulher.

65

Enquanto Ezio seguia Cesare, ele testemunhou mais cenas de brutalidade da parte das tropas de Navarra contra os odiados invasores espanhóis.

Ele viu uma jovem sendo levada com violência por um soldado de Navarra.

— Me deixe em paz! — gritou ela.

— Seja uma boa menina — retrucou o soldado com brutalidade. — Não vou machucar você! Na verdade, você vai até gostar, sua vadia espanhola.

Mais adiante, um homem, um cozinheiro a julgar pela aparência, estava desesperado enquanto dois soldados o seguravam e o obrigavam a assistir enquanto dois outros incendiavam sua casa.

Pior ainda foi um homem, sem dúvida um soldado espanhol ferido que teve as pernas amputadas, sendo chutado do carrinho por outro par de soldados de Navarra. Eles riam enquanto o homem tentava desesperadamente se arrastar para longe deles, ao longo de uma trilha.

— Corra! Corra! — dizia um deles.

— Você não consegue ir mais rápido? — indagou o outro.

A batalha estava sendo obviamente vencida pelo exército de Navarra, pois Ezio viu que eles traziam torres de cerco às muralhas da cidade. As tropas de Navarra as escalavam como formigas e já enfrentavam uma feroz batalha no alto das muralhas. Se Cesare estivesse em algum lugar, seria à frente de seus homens,

pois era tão feroz e destemido quanto cruel.

Em algum lugar atrás dele, um padre espanhol entoava, diante de uma congregação em desespero:

— Vocês provocaram isso tudo sobre si mesmos por meio do pecado. É assim que o Senhor os castiga. Nosso Deus é justo, e esta é sua justiça. Louvado seja o Senhor! Obrigado, Senhor, por nos ensinar a humildade. Por nos permitir ver o nosso castigo pelo que ele é, um chamado à espiritualidade. O Senhor dá e o Senhor toma. Assim está escrito. Amém!

Ezio viu que várias torres de cerco tinham alcançado as muralhas.

A única forma de entrar na cidade é subir por uma das torres, pensou Ezio. A torre mais próxima tinha sido empurrada até o muro e, correndo, Ezio se juntou aos homens que a escalavam, misturando-se a eles mesmo que isso nem fosse necessário, pois em meio a todos os rugidos e brados dos entusiasmados invasores, sentindo o cheiro da vitória afinal, ele não teria sido notado.

Mas os defensores estavam muito bem preparados agora, e despejavam aquela mistura de piche e óleo que chamavam de fogo grego nos inimigos abaixo. Os gritos dos soldados em chamas subiam até aqueles que já estavam na torre, incluindo Ezio, e a pressa em subir daqueles que já estavam na base da torre aumentou ainda mais. Ao redor de si, Ezio viu homens empurrando companheiros para fora do caminho para se salvar. Alguns soldados caíram da torre, uivando, para as chamas abaixo.

Ezio sabia que teria de chegar ao topo antes que as chamas o alcançassem. Quando finalmente alcançou o ponto mais alto, deu um grande Salto de Fé até as ameias da muralha bem quando as chamas, um segundo atrás dele, consumiram a torre, que desabou, levando caos e morte às tropas que a circundavam.

As ameias estavam tomadas por uma furiosa batalha, mas centenas de soldados de Navarra já tinham descido até a cidade, e as trombetas espanholas soavam a retirada para a cidadela no centro de Viana. A cidade estava praticamente retomada por Navarra.

Cesare estaria triunfante, e seu abastado cunhado sem dúvida o recompensaria fartamente. Ezio não permitiria que isso acontecesse.

Ele correu ao longo da muralha, se esquivando e mergulhando por entre os soldados que lutavam, enquanto os guerreiros de Navarra massacravam as tropas

espanholas que foram deixadas para trás na retaguarda. Ele finalmente localizou Cesare, que abria caminho por entre os soldados inimigos com a espada da mesma forma que um menino usa um graveto no capim alto. Cesare também estava impaciente para tomar a cidadela e, uma vez livre dos homens que tentaram bloquear o caminho, ele desceu correndo uma escada no muro interno e atravessou a cidade, com Ezio o seguindo apenas alguns segundos atrás.

À frente deles, a cidadela já tinha aberto os portões. Toda resistência tinha abandonado os espanhóis, e o conde de Lerin estava pronto para se render. Mas Cesare não era um homem que aceitava rendições.

— Matem-nos! Matem todos eles! — gritou Cesare às tropas. Com velocidade sobre-humana, entrou correndo na cidadela e subiu as estreitas escadarias de pedra lá dentro, matando quem quer que aparecesse no caminho.

Ezio continuou no rastro do inimigo até alcançarem as ameias mais altas da cidadela. Não havia mais ninguém ali além de Cesare, que tinha cortado o mastro com a bandeira espanhola. Então ele se virou. Havia apenas uma saída, e lá estava Ezio, bloqueando.

— Não há mais lugar algum para onde você possa fugir, Cesare — desafiou Ezio. — Esta é a hora de pagar suas dívidas.

— Venha então, Ezio! — rosnou Cesare. — Você derrubou minha família. Vamos ver como você acerta *seus* débitos.

Eles estavam tomados por uma fúria tão impaciente que se atracaram imediatamente, homem a homem, usando apenas os punhos como armas.

Cesare acertou o primeiro golpe, com o punho balançando loucamente diante da cabeça de Ezio. O Assassino se abaixou sob o soco, mas uma fração de segundo tarde demais, e os dedos de Cesare resvalaram em sua têmpora. Ezio se desequilibrou, dando motivo para Cesare gritar, triunfante:

— Não importa o que você fizer, eu conquistarei tudo, mas primeiro matarei você e todos os seus entes queridos. Quanto a mim, não posso morrer. A *Fortuna* não me falhará!

— Sua hora chegou, Cesare — respondeu Ezio. Recuperando lentamente a vantagem, sacou a espada.

Cesare puxou a própria lâmina em resposta, e os dois homens começaram a lutar de verdade. Ezio golpeava violentamente a espada na direção da cabeça do

inimigo, a lâmina girando em um arco letal pelo ar. Cesare ficou chocado com a velocidade do ataque, mas conseguiu erguer a própria lâmina e aparar desajeitadamente, com o braço estremecendo sob o impacto do ataque. A espada de Ezio resvalou e Cesare respondeu com um ataque próprio, após recuperar o equilíbrio e a concentração. Os dois homens circularam no parapeito, com as pontas das espadas reluzindo em rápidas trocas de golpes de esgrima. Ezio avançou rapidamente, desviando a espada de Cesare para a direita, e então girou o punho para a frente, mirando a ponta da arma contra o flanco esquerdo exposto do inimigo. Cesare foi muito rápido, e afastou a arma do Assassino com um tapa, aproveitando a abertura para voltar a espada contra Ezio, que se defendeu erguendo o antebraço e usando a braçadeira para bloquear o golpe. Os dois homens deram passos para trás, cautelosos de novo. A habilidade de Cesare como espadachim claramente não tinha sido prejudicada pela Nova Doença.

— Bah! Velho! Sua geração está acabada. É a minha vez agora. E não vou esperar nem mais um minuto. Seus sistemas antiquados, suas regras e hierarquias, todas terão de sumir.

Os dois estavam se cansando. Eles se confrontaram, ofegantes.

— Seu governo trará tirania e miséria a todos — respondeu Ezio.

— Eu sei o que é melhor para o povo da Itália, ao contrário de um bando de velhos que gastou toda a energia lutando para alcançar o topo anos atrás.

— Seus erros são piores do que os deles.

— Eu não *cometo* erros. Eu sou o Iluminado!

— A iluminação é alcançada após anos de meditação, não por convicção cega.

— Ezio Auditore, chegou sua hora!

Cesare levou a espada para trás e então aplicou um golpe inesperado e covarde contra Ezio, mas o Assassino reagiu rápido o bastante para aparar, avançar e pegar Cesare desequilibrado. Ezio então segurou o pulso do adversário e arrancou a espada da mão dele. A arma caiu ao chão.

Eles estavam na beira da muralha. Bem abaixo, as tropas de Navarra começavam a celebrar. Mas não estava ocorrendo saque, pois eles tinham reconquistado uma cidade que lhes pertencia originalmente.

Cesare tentou sacar a adaga, mas Ezio acertou seu punho com a espada,

cortando seus tendões e o inutilizando. Cesare cambaleou para trás e fez uma careta de dor e raiva.

— O trono era meu! — disse ele, como uma criança que perdeu o brinquedo.

— Querer alguma coisa não lhe dá o direito de tê-la.

— E o que você sabe sobre isso? Alguma vez já quis tanto alguma coisa assim?

— Um verdadeiro líder dá o poder ao povo que governa.

— Eu ainda liderarei a humanidade até um novo mundo!

Vendo que Cesare estava parado a centímetros da beira, Ezio ergueu a espada e disse:

— Que o seu nome seja apagado. *Requiescat in pace*.

— Você não pode me matar! Nenhum homem pode tomar minha vida!

— Então deixarei você nas mãos do Destino — respondeu Ezio.

Largando a espada, Ezio agarrou Cesare Bórgia e, com um movimento ágil, o atirou das ameias. Ele mergulhou até os paralelepípedos trinta metros abaixo, mas Ezio não olhou para ele — o peso da longa batalha contra os Bórgia foi retirado de seu coração.

66

Era o solstício de verão novamente, o quadragésimo oitavo aniversário de Ezio. O Mentor e os amigos Maquiavel e Leonardo estavam reunidos no então reformado quartel-general da Irmandade na Ilha Tiberina, agora um edifício de dar orgulho, à vista de todos.

— Mas que pequena festa de aniversário — comentou Leonardo. — Agora, se você me deixar planejar algo para você, uma cerimônia de verdade...

— Guarde isso para daqui a dois anos — sorriu Ezio. — Mas eu os convidei por outro motivo.

— Que seria...? — perguntou Leonardo, muito curioso.

Maquiavel, massageando um ombro um pouco torto, mas completamente curado, falou.

— Leo, queremos lhe fazer um convite.

— Outro?

— Queremos que você se junte a nós — disse Ezio formalmente. — Para se tornar um companheiro membro da Irmandade dos Assassinos.

Leonardo sorriu solenemente.

— Então, minhas bombas foram um sucesso! — Ele se calou por um momento, e então falou: — Cavalheiros, eu lhes agradeço, e vocês sabem que eu respeito seus objetivos e os apoiarei enquanto viver. O segredo dos Assassinos eu jamais revelarei a mais ninguém. — Mais uma pausa. — Mas eu trilho um

caminho diferente, e é um caminho solitário. Por favor, me perdoem.

— O seu apoio é quase tão importante quanto a sua participação como membro da Irmandade. Mas, não há como convencê-lo, velho amigo?

— Não, Ezio. Além disso, estou de partida.

— De partida? Para onde você vai?

— Vou voltar a Milão, e então rumarei a Amboise.

— Na França?

— Dizem que é um país nobre. É lá que eu escolhi encerrar meus dias.

Ezio estendeu as mãos.

— Então temos de deixá-lo ir, velho amigo. — Ele fez uma pausa. — Esta, então, é uma despedida para todos.

— Como assim? — indagou Leonardo.

— Retornarei a Florença — respondeu Maquiavel. — Meu trabalho por lá está longe de acabar. — Ele piscou para Ezio. — E eu ainda tenho de escrever aquele livro.

— Como ele será chamado?

Maquiavel olhou para Ezio.

— *O príncipe* — respondeu ele.

— Mande Claudia de volta para mim.

— Eu o farei. Ela sente falta de Roma, e você sabe que o apoiará enquanto você continuar o seu trabalho como Mentor da Irmandade.

Maquiavel olhou o relógio de água.

— Chegou a hora.

Os três homens se levantaram ao mesmo tempo e se abraçaram com certa formalidade.

— Adeus.

— Adeus.

— Adeus.

Lista de personagens

Mario Auditore: tio de Ezio e líder da Irmandade dos Assassinos
Ezio Auditore: Assassino
Maria Auditore: mãe de Ezio
Claudia Auditore: irmã de Ezio
Angelina Ceresa: amiga de Claudia
Federico: mestre de estábulo de Mario
Annetta: governanta da família Auditore
Paola: irmã de Annetta e Assassina
Ruggiero: sargento-mestre da guarda de Mario Auditore

Nicolau Maquiavel: Assassino, filósofo e escritor, 1469-1527
Leonardo da Vinci: artista, cientista, escultor etc., 1452-1519
Antonio: Assassino
Fabio Orsini: Assassino
Bartolomeo d'Alviano: capitão italiano e Assassino, 1455-1515
Pantasilea Baglioni: esposa de Bartolomeo
Baldassare Castiglione: Assassino associado
Pietro Bembo: Assassino associado
Teodora: Assassina
Gilberto, Raposa, *La Volpe*: Assassino e líder da Guilda dos Ladrões
Benito: membro da Guilda dos Ladrões
Trimalchio: membro da Guilda dos Ladrões
Claudio: ladrão e filho de Trimalchio
Paganino: ladrão presente no saque a Monteriggioni

Madonna Solari: Madame do bordel e cúmplice dos Assassinos
Agnella: prostituta no Rosa in Fiore

Lucia: prostituta no Rosa in Fiore
Saraghina: prostituta no Rosa in Fiore
Margherita deghli Campi: aristocrata romana e simpatizante dos Assassinos
Jacopo: marinheiro
Camilla: prostituta de Nápoles
Filin: capitão da embarcação
Capitão Alberto: capitão do *Marea di Alba*
Acosta: médico em Valência
Conde de Lerin: conde espanhol, 1430-1508
Caterina Sforza: condessa de Forlì, filha de Galeazzo, 1463-1509
Lorenzo de Médici, “Lorenzo, o Magnífico”: governante italiano, 1449-1492
Piero Soderini: governador de Florença, 1450-1522
Américo Vespúcio: amigo e conselheiro de Soderini, 1454-1512

Rodrigo Bórgia: papa Alexandre VI, 1431-1503
Cesare Bórgia: filho de Rodrigo, 1476-1507
Lucrécia Bórgia: filha de Rodrigo, 1480-1519
Vannozza Cattanei: mãe de Cesare e Lucrécia Bórgia, 1442-1518
Giulia Farnese: amante de Rodrigo, 1474-1524
Princesse Charlotte d’Albret: esposa de Cesare, 1480-1514
Juan Bórgia: arcebispo de Monreale e banqueiro de Cesare, 1476-1497
Général Duc Octavien de Valois: general francês e aliado dos Bórgia
Micheletto da Corella: braço direito de Cesare
Luca: partidário de Micheletto
Agostino Chigi: banqueiro do papa Alexandre, 1466-1520
Luigi Torcelli: agente bancário de Cesare
Toffana: servo de Lucrécia
Gaspar Torella: médico pessoal de Cesare
Johann Burchard: mestre de cerimônias do papa Alexandre VI
Juan: guarda em La Mota

Egidio Troche: senador romano

Francesco Troche: irmão de Egidio e camareiro de Cesare

Michelangelo Buonarroti: artista, escultor etc., 1475-1564
Vinicio: contato de Maquiavel
Giuliano della Rovere: papa Júlio II, anteriormente cardeal de *San Pietro in Vincoli*, 1443-1513
Ascanio Sforza: cardeal, tio de Caterina, 1455-1505
Agniolo e Innocento: assistentes de Leonardo da Vinci

Pietro Benintendi: ator romano
Dottore Brunelleschi: médico romano
Georges d’Amboise: cardeal de Rouen, 1460-1510
Papa Pio III: antes cardeal Piccolomini, 1439-1503
Bruno: espião

Glossário de termos em italiano, francês, espanhol e latim

aiutateme!: ajude-me!
aiuto!: socorro!
albergo: hotel
altezza: alteza
altrettanto a lei: a você também
andiamo: vamos!
arrivederci: adeus
Assassini: Assassinos
ayúdenme!: Ajudem-me!

bastardo, bastardi: bastardo/os
bellissima: lindíssima
bene: bem, bom
bestiarii: gladiadores
brutissimo: muito horrível, feíssimo
buona fortuna: boa sorte
buona questa: ótima
buona sera: boa noite
buon giorno: bom dia

calma/*calmatevi*: acalme-se
campanile: campanário
campione: campeão
capisci?: entendeu?
capitano: capitão

caro padre: caro pai/padre
cazzo: pênis, merda
Che cosa fate qui?: O que você está fazendo aqui?
Che diavolo?: Que diabos?
cher ami: caro amigo
che tipo brutto: mas que bruto
Comè usciamo di qui?: Como saímos daqui?
condottieri: mercenários
con piacere: com prazer
consummatum est: está encerrado/terminado
contessa: condessa
Corri!: Corra!
Cosa diavolo aspetti?: O que diabos você está esperando?

déclarez-vous: declare-se
diavolo: diabo
dio mio: meu Deus
dio, *ti prego*, *salvaci*: Senhor, eu vos imploro, salve-nos
dottore: doutor

excellenza: excelência
el medico: o médico
eminenze: eminência

figlio di puttana: filho da puta
figlio mio: meu filho
Firenze: Florença
forze armate: forças armadas
fottere: fornicar
fotutto francese: malditos franceses
furbacchione: velho diabo malandro

gonfalon: estandarte
grazie, madonna: obrigado/obrigada, senhora

Halte-là!: Pare aí!

idioti: idiotas
Insieme per la vittoria!: Juntos pela vitória!
intesi: certamente, entendido

ipocrita: hipócrita

ladro: ladrão
lieta di conoscervi: prazer em conhecer você
luridi codardi: covardes imundos

ma certo: mas certamente
Ma che meraviglia!: Mas que maravilha!
madonna: minha senhora
madre: mãe
maestro: mestre
mais franchement, je m'en doute: mas francamente, eu duvido
malattia venerea: doença venérea
mausoleo: mausoléu
messere: senhor
mille grazie: mil obrigados
miracolo: milagre
mis piernas: minhas pernas
molte grazie: muito obrigado
molto bene: muito bem
momentino: um momento
morbus gallicus: doença francesa

nessun problema: sem problema
nos replegamos: recuar

onoratissima: honorabilíssimo
ora, mi scusi, ma: com licença

padrone: pai
palazzo: palácio
panpepati e *mielati*: pães de mel e pimenta
perdone, *colonnello*: desculpa, coronel
perdonatemi, *signore*: perdoe-me, senhor
perfetto: perfeito
pezzo di merda: pedaço de merda
piano nobile: andar principal de uma grande casa
piazze: praças
pollo ripieno: frango recheado
pranzo: almoço

puttana: prostituta

requiescat in pace: descanse em paz
rione: distrito
rocca: fortaleza

salve, messere: olá, senhor
sang maudit: sangue amaldiçoado
scorpioni: escorpiões
senatore: senador
sì: sim
signora: senhora
signore: senhor
Signoria: autoridade administrativa
Sul serio?: Sério?

tesora mia: meu tesouro
tesora, tesoro: querida, tesouro
Torna qui, maledetto cavallo!: Volte aqui, cavalo maldito!

un momento: um momento

va bene: tudo bem
vero: verdade
virtù: virtude
vittoria agli Assassini: vitória aos Assassinos
Volpe Addormentata: Raposa Adormecida

zio: tio

Agradecimentos

Agradecimentos especiais a:

Yves Guillemot
Jeffrey Yohalem
Corey May
Ethan Petty
Matt Turner
Jean Guesdon

E também a:

Alain Corre
Laurent Detoc
Sebastien Puel
Geoffroy Sardin
Sophie Ferre-Pidoux
Xavier Guilbert
Tommy François
Cecile Russeil
Christele Jalady
Departamento Jurídico da Ubisoft
Charlie Patterson
Chris Marcus
Eric Gallant
Maria Loreto
Guillaume Carmona

Assassin's Creed – Irmandade

- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6276
- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=6276
- http://www.skoob.com.br/livro/185132-irmandade
- http://www.sobrelivros.com.br/info-assassins-creed-oliver-bowden/
- http://www.garotaquele.com.br/2011/10/10/ renascenca-assassins-creed-1-oliver-bowden/
- http://conversadelivro.blogspot.com/2012/01/ assassins-creed-renascenca-oliver.html
- http://galerarecord.com.br/catalogo/catalogogalera_det.php?id=317
- http://veja.abril.com.br/livros_mais_vendidos/trechos/assassins-creed-renascenca.shtml
- http://www.techtudo.com.br/jogos/noticia/2012/03/divulgado-primeiro-trailer-de-assassins-creed-3.html
- http://pt-br.facebook.com/pages/Assassins-Creed-Irmandade/248966158453443